

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**Um estudo sobre o significado atribuído ao trabalho por  
detentos do Presídio Masculino de Florianópolis**

**Deise Maria do Nascimento**

**Florianópolis  
2000**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

UM ESTUDO SOBRE O SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AO TRABALHO  
POR DETENTOS DO PRESÍDIO MASCULINO DE FLORIANÓPOLIS

DEISE MARIA DO NASCIMENTO

Dissertação de mestrado  
apresentada ao programa de pós-  
graduação em psicologia como  
requisito parcial para obtenção do  
grau de Mestre em Psicologia.

Prof. Dr. Marcos Ribeiro Ferreira  
Orientador

Florianópolis  
2000

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado**

***UM ESTUDO SOBRE O SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AO TRABALHO POR  
DETENTOS DO PRESÍDIO MASCULINO DE FLORIANÓPOLIS***

***Deise Maria do Nascimento***

Dissertação defendida como requisito básico para obtenção de Grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de Concentração Psicologia e Sociedade e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:



Prof. Dr. José Carlos Zanelli  
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcos Ribeiro Ferreira (UFSC)  
Orientador



Prof. Dr. Luiz Carlos da Rocha (UNESP - Assis)



Prof. Dr. Kleber Prado Filho (UFSC)

**APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 03/07/2000.**

Quando, seu moço, nasceu meu rebento  
Não era o momento dele rebentar  
Já foi nascendo com cara de fome  
E eu não tinha nem nome pra lhe dar  
Como fui levando, não sei lhe explicar  
Fui assim levando ele a me levar  
E na sua meninice ele um dia me disse  
Que chegava lá  
Olha aí  
Olha aí  
Olha aí, aí o meu guri, olha aí  
Olha aí, é o meu guri  
E ele chega

Chega suado e veloz do batente  
E traz sempre um presente pra me encabular  
Tanta corrente de ouro, seu moço  
Que haja pescoço pra enfiar  
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro  
Chave, caderneta, terço e patuá  
Um lenço e uma penca de documentos  
Pra finalmente eu me identificar, olha aí  
Olha aí, aí o meu guri, olha aí  
Olha aí, é o meu guri  
E ele chega

Chega no morro com o carregamento  
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador  
Rezo até ele chegar cá no alto  
Essa onda de assaltos tá um horror  
Eu consolo ele, ele me consola  
Boto ele no colo pra ele me ninar  
De repente acordo, olho pro lado  
E o danado já foi trabalhar, olha aí  
Olha aí, aí o meu guri, olha aí  
Olha aí, é o meu guri  
E ele chega

Chega estampado, manchete, retrato  
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais  
Eu não entendo essa gente, seu moço  
Fazendo alvoroço demais  
O guri no mato, acho que tá rindo  
Acho que tá lindo de papo pro ar  
Desde o começo, eu não disse, seu moço  
Ele disse que chegava lá  
Olha aí, olha aí  
Olha aí, aí o meu guri, olha aí  
Olha aí, é o meu guri

Chico Buarque/1981

*Aos detentos do Presídio Masculino de Florianópolis*

## **Agradecimentos**

A minha família, especialmente aos meus pais Alfredo e Nair pelos ensinamentos que me deram, pelo apoio permanente e pelo amor incondicional.

Ao meu marido Douglas e meu filho Douglinhas por estarem sempre ao meu lado, mesmo quando o trabalho era o principal objeto de minha atenção. Nunca faltaram.

Ao Professor Doutor Marcos Ribeiro Ferreira, meu orientador, que desde início acreditou em mim, valorizou cada linha escrita e muito me ensinou.

Aos participantes da pesquisa pela disponibilidade e pelo interesse em contribuir com esse estudo.

As amigas Roseana da Silva e Michelle Vecchi, a primeira por dividir comigo as preocupações cotidianas em nosso trabalho no Presídio Masculino de Florianópolis. E a segunda pela disposição em aprender e ensinar.

Aos colegas da turma do mestrado, principalmente meus companheiros mais próximos: Márcio, Leila, Márcia, Michele, Maria Aparecida.

Ao professor Doutor José Gonçalves Medeiros pelo exemplo e a Professora Doutora Dulce Helena Soares Lucchiari pelo apoio.

Aos professores e funcionários do Programa de pós graduação em psicologia.

A Ana Brancher, pela revisão da dissertação e pelas sugestões.

## SUMÁRIO

Resumo	7
Abstract	8
<b>I. INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
É relevante para a psicologia desenvolver pesquisas sobre os presos e a prisão?	9
Quais as preocupações das ciências humanas sobre os presos e a prisão.	10
O problema de pesquisa	24
Eixos teóricos explicativos	26
Teoria da Rotulação – Howard S. Becker	27
A história da prisão – Michel Foucault	33
A realidade socialmente construída – Berger & Luckmann	44
<b>II. MÉTODO</b>	<b>53</b>
Pesquisa de Campo	53
Caracterização da Instituição	55
Participantes da pesquisa	57
Escolha dos participantes	57
Descrição dos participantes da pesquisa	58
Coleta, registro e análise dos dados	60
Coleta de dados	60
Análise dos dados	60
<b>III RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>63</b>
A percepção que o detento tem de si mesmo	64
Não sou ruim, posso mudar.	64
Preciso refazer minha vida.	65
Tenho planos para o futuro.	65
A mudança só depende de mim. Eu sou errado.	66
Tenho sentimentos.	68
A religião é importante para mim.	69
O papel da família no processo vivido pelo detento	70
Família: meu bem.	71
Família: meu mal.	73
O mundo do crime	75
O candidato.	75
Recrutamento e aprendizagem.	80
Aperfeiçoamento e desenvolvimento.	81
Realização pessoal e profissional.	82
A vida no crime ou como sobreviver nessa atividade.	83
O que é crime?	89
A prisão	90
A prisão é o lugar onde periodicamente nos encontramos.	90
A prisão como espaço de aprendizagem.	93
Esse tempo que não passa.	96
A sobrevivência na prisão.	97

Para quê serve a prisão.	100
A prisão como dificultadora da reabilitação.	103
O trabalho	105
A aprendizagem do trabalho.	105
Para quê serve o trabalho.	106
Trabalho e crime.	108
Trabalho e prisão.	110
Trabalhar no quê?	113
A relação de quem está fora com quem está dentro	114
O que pensa o outro lá de fora sobre nós que estamos aqui dentro.	114
IV. CONSIDERAÇÕES GERAIS	117
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
VI. ANEXOS	125
Anexo I - A prática psicológica numa unidade prisional.	126
Anexo II – Oficinas de convivência – o grupo na prisão.	131
Anexo III – Tabelas	134
Anexo IV – Roteiro para entrevista.	138
Anexo V – Os discursos.	140

## RESUMO

Nesta pesquisa procuramos trazer o debate do tema prisão e trabalho para o campo da psicologia. A questão prisional é muito séria e se constitui hoje num desafio à sociedade e às ciências. As ciências humanas vêm nos últimos anos empreendendo uma discussão sobre esse tema, assim a Psicologia não pode ficar à margem desse debate, pois corre o risco de tornar-se conivente com essa realidade cruel. Partindo de um quadro, no qual a prisão é compreendida como local que abriga pessoas pouco apreciadoras do trabalho, onde os detentos colocam o trabalho como um aspecto importante de suas vidas e que a lei penal elegeu o trabalho como caminho para a ressocialização, pesquisamos os significados atribuídos ao trabalho por reclusos do Presídio Masculino de Florianópolis. Com o objetivo de desvelar formas de trabalho que são significativas para a vida das pessoas e identificar se existe uma relevância do trabalho no processo de reinserção na perspectiva dos reclusos.

Para a coleta dos dados utilizamos entrevistas semi-estruturadas, foram entrevistados quinze reclusos do Presídio Masculino de Florianópolis, no período de abril à agosto de 1999, na sala do serviço de psicologia da unidade prisional. Através de análise de discurso estabelecemos um entendimento sobre as questões relevantes para os detentos no que se refere ao trabalho.

A partir do processo da análise de discurso foi possível compreender, que em seus relatos, os participantes remetem-se às suas histórias de vida, falam de si, se colocam como pessoas boas que cometeram erros mas que podem mudar. Ao falar da família evidenciam uma contradição, ora a família é boa, ora ela é má, pela família se vem para a prisão, por ela se quer sair da prisão. O mundo do crime é o seu modo de inclusão, através dele participam da sociedade, para os participantes da pesquisa o crime é percebido com um trabalho que lhes assegura sustento e um tipo de reconhecimento. Têm com a prisão uma relação ambivalente, é uma relação de vida e morte. As diferenças entre os que estão dentro da prisão e os que estão fora marcam o discurso dos entrevistados, relatam vivências com o preconceito e a desconfiança.

Ao final apresentamos algumas sugestões de pesquisas futuras para um melhor entendimento sobre a população prisional e suas necessidades, as quais, supõe-se, serão importantes para a prática psicológica nos estabelecimentos prisionais. Entendemos que esse trabalho alerta para a importância de deslocarmos nossa atenção para o conhecimento sobre crime, prisão, marginalidade e delinquência produzido por aqueles que estão diretamente ligados à essa realidade, isso não pode ser ignorado pela ciência. Também chama atenção para a condição que impõe a uma parcela cada vez maior da população de se constituir como sujeito através do trabalho ilegal e de atividades ditas marginais.

## ABSTRACT

In this research we try to bring about a debate about the theme incarceration and work, within the field of psychology. Incarceration is a very serious issue and is a challenge to society and the human sciences. These sciences have been recently engaged in discussing this theme, thus psychology could not remain outside of this debate, running the risk becoming collaborators of this cruel reality. From a perspective of prison as a place which houses people who do not wish to work, where inmates place work as an important aspect of their lives and that the penal laws have chosen work as a path of resocialization, we have researched the meaning attributed to the word work by inmates of the Males Presidium of Florianópolis. Our aim with this research is to find forms of work, which are meaningful to these people's lives and identify where there is relevance to work in the process of reinsertion of the inmates.

The data collecting system was a semi-structured interview involving fifteen inmates of the Males Presidium of Florianópolis, during April/August 1999, in the psychology services room of this penal unit. Through the process of speech analysis it was possible to understand, that in their statements, the participants recalling their life history, talk about and see themselves as good people who committed mistakes but people who can change. When talking about their families they are very contradicting, at times the families are good, at times they are bad, for the families they have come to prison and for the families they want to leave it. The crime world is their way of inclusion, this is their way of participating in society, for the research participants crime is perceived as a work that assures them sustenance and a certain kind of recognition. These inmates have a very ambivalent relationship with prison; it is a relationship of life or death. The difference between those who are inside prison and those who are outside is evident in their speeches relating their living with prejudice and suspicion.

At the end we present some suggestions for future research for a better understanding of the penal population and their needs, which we suppose will be very important for psychological work in penal institutions. We understand this work is an alert to the urgency of giving our attention to the cognition about crime, prison and delinquency produced by those who are directly connected to this reality, this cannot be ignored by the science. We also call attention to the condition that imposes a bigger and bigger parcel of the population of constituting themselves as subjects through work and activities called marginal.

## I. INTRODUÇÃO

### *É relevante para a psicologia desenvolver pesquisas sobre os presos e a prisão?*

Segundo dados do Humans Rights Watch (1998), o Brasil é o país que mais encarcera pessoas na América Latina. Está entre os onze países do mundo que mantêm mais de 100.000 pessoas encarceradas<sup>1</sup>, com uma população presa estimada em 170.000 pessoas, espalhadas por penitenciárias, presídios e delegacias, vivendo em condições inimagináveis e expostas a todo tipo de violência.

Diversas pesquisas e reportagens enfatizam o caráter perverso da pena de privação da liberdade e o quanto ela vem sendo utilizada no Brasil sem atingir resultados que justifiquem a sua utilização, pois a reincidência continua aumentando da mesma forma que a violência. O relatório "O Brasil atrás das grades" da Humans Rights Watch (1998) afirma que *"os problemas nas prisões no Brasil representam uma consequência lógica de duas décadas de elevadas taxas de criminalidade, aumento da pressão pública em favor do endurecimento contra o crime e a contínua negligência dos políticos"* (p. 4).

No relatório de 1998, a entidade denuncia contínuas violações dos direitos humanos das classes menos favorecidas e situa essa questão nos acontecimentos políticos ocorridos no Brasil desde o golpe militar de 1964, que culminou com a anistia em 1979 e com a transição democrática nos anos 80, período em que oponentes do regime autoritário, na sua maioria oriundos da classe média, não tolerariam mais abusos aos direitos humanos. A partir de então aqueles que sempre estiveram à margem na sociedade (suspeitos criminosos, sem terra, negros e pobres) passaram a ser novamente o alvo dos abusos do Estado. Os setores influentes e a classe média não se identificam com esse segmento marginal e passam a associar direitos humanos com defesa de bandidos. Por isso a violência praticada contra esses segmentos marginais, principalmente os presidiários, não sensibilizam a sociedade.

Nos últimos dez anos, segundo Lemgruber (1997), a população prisional cresceu significativamente em relação à população livre, evidenciando a falência do sistema prisão

---

<sup>1</sup> De acordo com o relatório do Humans Rights Watch (1998) os outros países são: Rússia, Estados Unidos, China, Índia, Irã, México, Ruanda, África do Sul, Tailândia e Ucrânia. Os três primeiros encarceram mais de um milhão de pessoas.

como inibidor da prática de delitos. Lemgruber (1997) também destaca que o custo de manutenção de uma pessoa na prisão é absurdo, ressaltando que atualmente no Rio de Janeiro custa R\$ 548,00, em Brasília R\$ 1200,00 e que a média nacional é de R\$ 360,00 por mês, resultando num sistema de controle caríssimo e ineficaz. O Brasil encarcera muito e encarcera mal.

O censo penitenciário nacional é o documento oficial do Ministério da Justiça sobre a população encarcerada no Brasil. Na versão mais atualizada (1995), informa que o número total de pessoas presas no país era, na época em que o censo foi realizado, de 148.760 pessoas, com uma taxa de encarceramento de 95,47 presos para cada 100.000 habitantes. Em relação à Santa Catarina o Censo informa que em 1995 o Estado tinha 3.521 pessoas presas com uma taxa de encarceramento de 72,80 presos para cada 100.000 habitantes. Dados de levantamento feito em janeiro de 1999 pela Diretoria de Administração penal, informam uma população de 3.640 pessoas presas, distribuídas em vinte quatro estabelecimentos prisionais. O custo de manutenção de uma pessoa presa em Santa Catarina, conforme censo penitenciário nacional (1995) é de R\$ 274,07 por mês.

A questão prisional é muito séria e se constitui hoje num desafio à sociedade e à ciência, pois os números evidenciam uma necessidade urgente de reavaliações das práticas prisionais e do modelo vigente. A psicologia não pode deixar de participar desse processo pois corre o risco de tornar-se conivente com essa realidade cruel, ou seja, contribuir para violações dos direitos humanos e contribuir para o aumento da violência.

### ***Quais as preocupações das ciências humanas sobre os presos e a prisão.***

As ciências sociais já há algum tempo vêm desenvolvendo estudos sobre a relação entre prisão e trabalho. Estes estudos enfatizam principalmente a ineficácia do "sistema-prisão", que contraditoriamente tem efeitos e conseqüências devastadores nos indivíduos e na sociedade.

O sociólogo J.R. Ramalho (1979), por exemplo, desenvolveu pesquisa na Casa de Detenção em São Paulo, onde procurou abordar o crime e a prisão na perspectiva do criminoso. O pesquisador, apesar de algumas limitações de pesquisa – que ele mesmo aponta ao afirmar que em momento algum foi lhe dada autonomia para manter com os presos uma relação independente da mediação de um funcionário do estabelecimento, além

da presença em todas as entrevistas do chefe de expediente da Casa de Detenção – conseguiu desenvolver um trabalho exaustivo sobre o assunto, abordando uma ampla gama de temas que estão presentes nas prisões.

Ramalho apontou regras que regem o funcionamento interno da cadeia, que são seguidas por todos. Mesmo por aqueles que não fazem parte do mundo do crime mas na cadeia fazem parte da massa. As "leis da massa" são leis que normatizam todo e qualquer modo de proceder dentro da cadeia. O autor identificou alguns padrões de conduta na prisão, dentre eles a do "malandro" que é do mundo do crime e tem uma conduta admirada pelos demais detentos e a do "juiz do xadrez", normalmente o preso mais antigo na cela, responsável pela organização da cela e quem ensina aos outros as leis da cadeia.

Ao relacionar mundo do crime e trabalho, o autor indica que este é percebido como a via de retorno à legitimidade, como possibilidade teórica de recuperação. O trabalho representa liberdade, legitimação aos olhos da sociedade, e o meio de reconectar-se ao mundo dos livres; de acordo com Ramalho (1979), o trabalho está associado à família que é outra via de recuperação e um forte laço para o seu retorno à sociedade. Ramalho aponta que para aqueles que fizeram a opção pelo crime, a família é identificada como um dos elementos que propiciam a introdução no crime, pela miséria e pela falta de uma estrutura.

Na perspectiva proposta por Ramalho, os entrevistados teriam a compreensão de que alguns dos detentos são trabalhadores e podem recuperar-se. Outros detentos já fizeram sua opção pelo mundo do crime; são aqueles que os entrevistados consideram irrecuperáveis, que escolheram o crime como profissão, estão continuamente indo e vindo para a cadeia; são os criminosos "natos", que têm uma trajetória no crime e portanto se distanciaram do mundo do trabalho.

Conforme Ramalho, o trabalho prisional é um tipo de prêmio, diferencia os presos, significa o afastamento do convívio em massa. Mas os presos que trabalham, por ter maior liberdade de circulação e por estarem mais próximos do corpo administrativo, podem ajudar àqueles que permanecem "lá dentro".

Todos os presos desejam trabalhar, pois isto lhes traz alguns benefícios e confortos. Eles podem se comunicar com mais facilidade com o mundo externo, acessar com mais rapidez, através dos funcionários adequados, seus processos e conseqüentemente acelerar

os benefícios da lei. O preso que trabalha tem maior poder de troca com os demais, por exemplo, oferecer um alimento melhor em troca de cigarros.

Em relação à avaliação da experiência na cadeia, o autor revela que seus entrevistados a percebem como o local que os preparou e os recuperou; a experiência da cadeia os tornou aptos para enfrentar a vida, para valorizar a família, o trabalho e a liberdade. O preso assume a idéia de que a lição foi aprendida, mas ela está associada a idéia de convencer a si mesmo e aos outros de que mudou e que já pode viver em liberdade.

A pesquisa de Ramalho apresenta um panorama das prisões no Brasil, onde a maioria de seus moradores é recrutada entre a população pobre. População esta que vem acumulando vivências de exclusão, na medida em que é alijada do processo educacional e do mundo do trabalho. O texto de Ramalho desvela aspectos importantes sobre a prisão e a lógica que a mantém, bem como sobre a produção da delinquência.

Em outra pesquisa que exemplifica o esforço das ciências sociais no estudo da relação prisão-trabalho, o psicólogo L.C. Rocha (1984) expõe os mecanismos que levam uma parcela da população a encontrar no crime os meios de sobrevivência e de sentido para a vida. Ele aponta um verdadeiro processo de criminalização da população pobre. As pessoas pobres são sempre revistadas, agredidas, humilhadas, são sempre colocadas na posição de suspeitas, são chamadas de criminosas mesmo sem terem cometido qualquer crime. Segundo Rocha, muitas pessoas diante dessa situação acabam concordando com a lógica de um sistema social excludor: já que dizem que eles têm os atributos para o crime, chegam a apanhar por isso, então pelos menos vão ganhar alguma coisa com essa situação. A continuidade no crime é assegurada pela perseguição imposta pelo aparelho policial jurídico que dificultará e na maioria das vezes impedirá a possibilidade de reinserção social. Rocha (1984) aborda também o papel da ciência e das pesquisas em criminologia que, ao identificar os fatores causadores de criminalidade, criam munição para o sistema punitivo, pois estes fatores tornam-se estigmas e identificam aqueles que devem ser alvo de suspeita. Conseqüentemente as pessoas pobres têm suas características de vestimenta, gestos e hábitos vinculados a sinais de crime, criminalidade e criminoso. São apontadas como inerentes aos indivíduos as características ligadas ao processo de criminalização. O autor faz uma revisão bibliográfica do conhecimento produzido sobre criminologia a partir

do século XVIII e paralelamente busca o saber criminológico produzido por aqueles que estão dentro das prisões que é continuamente negado. Rocha propõe a criminologia crítica como forma de se estudar a criminalidade, pois segundo o autor, a criminologia crítica considera que os fatores associados à transgressão, bem como os processos de criação de regras são socialmente produzidos e condicionados às bases materiais; entende que os processos de criação do crime estão associados ao modelo econômico capitalista; a base teórica da criminologia crítica é o materialismo histórico e seu método o dialético; é uma teoria comprometida em esclarecer os interesses e contra quem se dirige o controle social exercido pelo sistema de justiça; a produção teórica da criminologia crítica está voltada para as mudanças e está comprometida com a questão de que as diferenças humanas não se constituam em fatores para criminalização; principalmente, a criminologia crítica explicita seu projeto, revela sua utopia se comprometendo a produzir conhecimento com e para a população oprimida.

A socióloga M.M. Castro (1984), e colaboradores realizaram pesquisa sobre a perspectiva de vida e trabalho dos egressos do sistema penitenciário de São Paulo. Estes pesquisadores estudaram a influência que a prisão exerce sobre a projeção de futuro, das oportunidades de sobrevivência frente a condições sociais adversas a que são submetidos e que confirmam a perspectiva de vida dos egressos. Os autores relatam os sentimentos de inferioridade e de desigualdade social experimentado pelos egressos. É na saída da prisão que eles experimentam o peso da sua condição de ex-presidiário. Na busca de trabalho, na retomada de laços sociais e afetivos (e não são casos isolados), a história se repete cada vez que alguém sai da prisão. Contraditoriamente o encontro da liberdade se constitui em drama e humilhação. Os egressos penitenciários dividem o mundo em "eu", que é aquele que esteve preso e vivenciou as práticas punitivas e agora vai ao mundo "deles" (que é a sociedade e suas instituições, composta por aqueles que cumprem seus papéis e ditam as regras), usufruir do que a sociedade tem de bom. Só que o "eu" que sai da prisão está marcado por uma categoria intermediária, os agentes da lei, percebidos como desprovidos de moralidade. Essa categoria intermediária, a polícia e os que cuidam do presídio, são os detentores da violência moral; diante deles é preciso ser submisso, mas sem se submeter para poder sobreviver ao cerco constante. É a partir dessa realidade mediada pelos agentes da lei que os egressos medem o que fizeram e a punição que sofreram. As suas experiências

com as práticas punitivas e coercitivas não são percebidas como experiências de classe mas tão somente como vivência individual, que eles só podem compartilhar com seus iguais, ou seja, com aqueles que já vivenciaram as práticas punitivas.

Em outro estudo o sociólogo A. L. Paixão (1985) examinou o que ele chamou de a "saga organizacional" da Penitenciária agrícola de Neves/MG. Nesse estudo o autor descreve o processo para a consolidação de uma política penal que pretendia a efetiva recuperação de presos por meio da implementação de um regime progressivo de tratamento, proporcionando uma retomada de contato gradativo com a sociedade, onde pretendia-se quebrar os efeitos da prisionização. O autor identificou fatores que favoreceram a implantação daquela política e analisou também a crise que não livrou aquela instituição dos "surto de violência coletiva", com o desmoronamento das ações que sustentavam a prática da recuperação e com a deterioração dos objetivos se iniciando de fora para dentro, através dos órgãos diretivos que desvirtuaram os objetivos do estabelecimento prisional. O autor demonstra que por melhor que sejam as intenções, o modelo de privação de liberdade vai sempre acabar produzindo a delinquência e não vai dar conta da reinserção.

Seguindo essa preocupação dos pesquisadores com o binômio prisão-trabalho, Capeller (1985) analisou o conceito de ressocialização, presente no discurso jurídico. Ressaltou que *"o discurso jurídico sobre a ressocialização, oculta e procura tornar cada vez mais nebulosa a idéia do castigo, procura opacizar a violência legítima do Estado"*. Destaca que esse discurso nasce com a reforma penitenciária, onde ocorre o abandono do termo castigo e o substitui pelo termo "humanização". Esta última seria o retreinamento dos indivíduos, tornando-os dóceis, através da disciplina, do trabalho e do isolamento.

Concluiu que o conceito de ressocialização está em desajuste com a realidade brasileira, pois no quadro atual não há emprego nem para os que não cumprem pena; então, como reinseri-los ao sistema produtivo? Ainda mais se não há profissionalização nas penitenciárias e presídios. A autora finaliza apontando que o sistema penal brasileiro atinge aqueles que "sobram", que não encontram espaço no sistema produtivo.

Adorno e Bordini (1985) retrataram a relevância da atividade ocupacional de detentos num artigo em que analisaram a estimativa de reincidência criminal e a porcentagem de condenados no Estado de São Paulo. Considerando as variáveis

"ocupação" e "natureza do primeiro delito", concluíram que a reincidência entre os homens é mais acentuada nos estratos de menor qualificação técnica da estrutura ocupacional. Isto se repete em relação às mulheres, embora em menor escala. Identificaram também que há uma maior reincidência entre os autores de furto, roubo, uso e tráfico de entorpecentes. Estes elementos se repetem no que se refere ao maior número de condenação, ou seja, a porcentagem de condenações é maior entre os pertencentes aos estratos de menor qualificação ocupacional e também entre os praticantes de crimes contra o patrimônio e tráfico de entorpecentes.

Zaluar (1990) adotou uma perspectiva diferente ao examinar a relação do preso com o trabalho, onde sublinha a ideologia de que pobre para ser considerado cidadão tem que trabalhar, e que o trabalho tem conotação positiva quando contribui para a provisão da família; caso contrário ele é visto como penoso e escravizador. Outro aspecto examinado por Zaluar é que a maioria dos trabalhos oferecidos aos reclusos constitui-se de tarefas que são culturalmente atribuídas às mulheres (tecer, costurar, e outros trabalhos manuais), chocando-se com seus ideais masculinizantes. A autora vê este fator como um dos motivos pelo qual a maioria dos reclusos se recusa a trabalhar no estabelecimento prisional, e afirma que a maioria das pessoas presas no Rio de Janeiro trabalhavam antes da prisão. Todavia, contraditoriamente, só a uma parcela muito pequena da população carcerária são oferecidas possibilidades de trabalho na prisão. Concluiu que os objetivos de ressocialização só serão contemplados se houver mais investimentos em educação, preservação dos vínculos familiares, formação profissional e *"sobretudo oportunidade para se reiniciar no mundo do trabalho, única saída que os pobres têm para deixar o mundo do crime"*. (p. 74).

Os fatores psicossociais identificados nas histórias de vida de 62 presidiários em Campinas/SP, foram objeto de estudo de Cabral (1990). Nesse estudo, a pesquisadora destaca a situação sócio – econômica dessas pessoas (considerada como desemprego, má distribuição de renda), apontando que diante dessa situação alguns presos reagem com conformismo e alienação e outros se revoltam, buscando o que consideram ter direito, mesmo por meio violência. Outro fator identificado no estudo é a desestruturação precoce dos lares, onde os pais aparecem com deformações de caráter, são agressivos e violentos, usuários de álcool. As famílias são numerosas e não têm condições de dar um mínimo

conforto e educação a todos os seus membros. Por último a autora refere um fator que chamou de complexo abandono-abandonado, segundo o qual aquele que sofre abandono comete crimes, é ciumento e tem baixa tolerância à frustração. Esses fatores aparecem com mais frequência entre as detentas.

Os modelos correcionais norte-americanos que oscilam entre tratamento e punição, os quais não têm dado conta do controle da criminalidade, são objeto de estudo de Byrne e Brewster (1993). Estes autores examinam a proposta de John Dilulio que, em 1991, na obra "No escape – the future of american corrections", fez previsões sobre o futuro da justiça criminal nos Estados Unidos. Quatro "previsões" de Dilulio foram examinadas por Byrne e Brewster: que no ano 2000, os Estados Unidos teriam 4 milhões de encarcerados; que seria preciso construir mais prisões; que mesmo assim haveria superlotação pelo aumento da demanda; e que deveriam desde então começar a avaliar e identificar programas que poderiam de fato ter um efeito na redução da reincidência. Dilulio também identificou três programas alternativos que poderiam, se implantados, barrar as previsões que ele estava fazendo para o sistema correcional dos Estados Unidos. O autor propunha a prisão domiciliar com monitoramento eletrônico, a prestação de serviços comunitários e programas de supervisão intensiva. Byrne e Brewster, baseados nos estudos de J. Dilulio, sugerem que os administradores de políticas públicas de correção devem ter sempre em mente os quatro fatores básicos das sanções: punição/retribuição, inibição da criminalidade, reabilitação e controle, para tentarem obter êxito com suas políticas de correção. Os autores propõem sanções intermediárias combinando punição, tratamento, redefinição de estratégias de penalidades, buscando o conceito de comunidades de orientação dos anos 60/70, como comunidades de aproximação, direcionando os problemas e as necessidades dos presidiários e de suas vítimas dentro de uma mesma área. Por último sugerem que todas as políticas públicas de correção devem escapar dos extremos, como a ligação entre punição e ódio momentâneo, ou de reforma e amor ao próximo.

O que leva alguém a escolher um caminho que leva à morte ou a prisão? Será sina? Destino? Perguntas como essa levaram a antropóloga Alba Zaluar (1994) a uma pesquisa realizada com os moradores da Cidade de Deus, bairro pobre da cidade do Rio de Janeiro, onde desenvolveu uma série de idéias sobre crime, violência, pobreza e prisão. Ao abordar a questão das razões da opção pelo crime, Zaluar afirma que a organização da sociedade

gera desemprego e empurra trabalhadores desempregados e suas famílias para condições sub-humanas de sobrevivência. Essa situação faz com que crianças abandonem a escola e saiam às ruas para trabalhar. Sem qualquer qualificação profissional e despreparadas para as situações que vão enfrentar, procuram contribuir com o orçamento doméstico. Longe de casa, expostas à violência das ruas, encontram a opção de se tornarem bandidas. Desenvolvem uma visão negativa do trabalho, que está associado à escravidão e humilhação. A aversão pelo trabalho que humilha, explora e oprime leva os jovens a encontrar no crime o seu espaço social. Mesmo aqueles que buscavam no trabalho seu modo de inserção, ao defrontarem-se com circunstâncias adversas, tais como ser preso para averiguação, sofrer torturas e espancamentos por parte da polícia, tropeçar com um bandido de outro território, brigas por causa de namoro, os conduzem para o crime. Os jovens pobres estão sujeitos a tantas situações geradoras de insatisfação e revolta que o crime parece a saída para se fazer justiça individual e social.

Em seu relatório Zaluar (1994) aborda a relação da população com os bandidos, identificados como aqueles que carregam o estigma e uma arma. Constata que a relação da população com a polícia seguramente é mais hostil do que com os bandidos; as histórias relacionadas com a polícia falam sempre de repressão, medo e revolta. Os jovens pobres dos conjuntos populares são o alvo preferencial da polícia, geralmente eles são negros e estão pobremente vestidos. Ao falar do jovem, a autora relata que estes são recrutados para o crime ainda muito novos, na faixa dos 10 anos e que provavelmente aos 25 anos já estarão mortos. Essa idade coincide com o ingresso no mundo do trabalho onde surgem as dificuldades (que incluem pouca qualificação), fazendo com que se dirijam cedo para atividades informais. Com isto, não dispõem de tempo para se qualificarem e estudarem. Além de tudo isso, os jovens também sofrem preconceito por morarem em lugares considerados pobres e perigosos.

Em resumo, a sua condição de pobre os impede de obterem trabalho. Dessa maneira esses jovens só podem contar com seus iguais e daí para o crime a distância não é muito grande. As suas próprias dificuldades, associadas com as dificuldades que vêm seus pais passarem, desenvolvem no jovem uma visão negativa do trabalho, ao mesmo tempo em que vêm no comércio de drogas um meio de ganhar dinheiro mais facilmente.

Zaluar (1994) também trata de uma ética que há entre bandidos e moradores, pois

a polícia é vista como desprovida de moral. O bandido é visto de diversas maneiras, ora ele é um herói que protege, vinga e ajuda a comunidade, ora ele é o monstro que leva outros jovens para o crime. O bandido também é aquele que gosta de dinheiro fácil e não quer saber de trabalhar, tem maus hábitos. O conflito está justamente entre os que se colocam como moralmente superiores porque trabalham e aqueles que associam trabalho com escravidão. Segundo Zaluar (1994) *"o que antes era dito como sina, como consequência das condições de vida pobre, ou como circunstância trágica na vida de qualquer um ('ninguém é bandido porque quer') desaparece para dar espaço à liberdade de escolha individual, o que diferencia moralmente os pobres entre os que gostam de trabalhar e os que não gostam, entre os trabalhadores e os vagabundos."* (p. 23).

Conforme a autora, a escolha da carreira de criminoso é percebida pelos bandidos como um ato de vontade, de autonomia, é uma questão "de cabeça". Quem tem cabeça forte é dono da situação, quem tem cabeça fraca é teleguiado. Assimilam o discurso propalado nas publicações jurídicas que entrar ou sair do crime é uma questão de vontade.

Zaluar (1994) também desenvolveu uma crítica àqueles que colocam no infrator as razões de seus atos. Segundo a autora, a prisão é somente o local propício para a semente ruim geminar. A história do indivíduo que comete crime é negada, só o rótulo prevalece e é a partir desse rótulo que ele é julgado, avaliado e excluído. É despojado de humanidade, portanto sua "morte" não provoca culpa, não é gente, é coisa ruim. Ele é parte do lado mal da sociedade, o lado dos pobres, dos negros e mestiços, dos despossuídos. Essa lógica é difundida e ele (o pobre, desnutrido, mestiço) se identifica com ela e passa a praticar os atos que dizem que é capaz de fazer, pois ele é uma coisa errada, que não deu certo. Nas prisões eles são misturados e naquele ambiente, por questões de sobrevivência se aliam ao crime; daí o papel perverso da prisão ao alimentar e reciclar a violência. Os trabalhadores pobres são o principal alvo dessa lógica, seus locais de moradia são objeto de ataque da polícia e do crime organizado, estão duplamente oprimidos pelo medo de serem confundidos com marginais e pelo medo de verem seus filhos seduzidos pelo mundo do crime.

Segundo Zaluar (1994) aquelas pessoas que convivem cotidianamente com os chamados bandidos, afirmam que há uma diferenciação importante entre eles. Há os que roubam por necessidade, para se manter, há os que agem sozinhos; ambos não sofrem uma condenação severa da comunidade. Mas a opção pelo crime não se explica exclusivamente

pela pobreza e pela necessidade. Membros do mundo do crime apontam a dinâmica e as atrações que este exerce em termos de um cálculo racional ( se "compensa"), ou em termos de valores de um *ethos* masculino; além do desejo de ganhar dinheiro e ficar rico. Em relação à proteção que os bandidos dão aos demais moradores, a autora afirma que aquela se concentra na defesa da vizinhança e do território de ataque de outros bandidos, ladrões, estupradores. Os protetores são vistos pela população como um bom bandido, um protetor, mas não como um herói.

Zaluar (1994) diferencia ainda trabalhadores – compreendidos aqui como os assalariados, que fazem parte do mercado formal de trabalho e aqueles que exercem atividades autônomas consideradas legais – e bandidos segundo o seu padrão de consumo: a autora afirma que trabalhadores são parcimoniosos e disciplinados nos gastos. Com gastos que na maioria das vezes objetivam o bem estar familiar, os trabalhadores colocam seu salário nas mãos da esposa para que ela o administre. Já com os bandidos acontece o contrário, eles esbanjam, ostentam, gastam em orgias, carros, festas, bebidas, buscam o prazer imediato, usufruem ao máximo de tudo que o dinheiro pode comprar.

Em pesquisa realizada por Rocha (1994), evidencia-se a atenção para a impressão que a prisão causa nos que estão do lado de fora, dando a entender que ela abriga os piores seres, que ali estão guardados monstros capazes dos atos mais atrozes. Porém as prisões brasileiras e mundiais de modo geral, abrigam na sua grande maioria jovens pobres, que começaram a trabalhar antes dos 14 anos e cumprem pena por delitos contra a propriedade, que são de pequena monta. A grande monstruosidade da prisão, afirma Rocha, "*está em recrutar suas vítimas sempre dentre a população pobre e discriminada*". Uma análise superficial pode conduzir a idéia de que não há algo sistemático nesse aprisionamento e que errar é humano. Para comprovar a sua tese de que a prisão desde sua invenção tem por objetivo o aprisionamento da população pobre, Rocha procede um resgate histórico das prisões européias e suas finalidades desde o século XVI; identifica que o objetivo, a partir de um dado momento, foi o aprisionamento sistemático da população pobre, pois se já está amplamente comprovado que a prisão fracassou desde sua criação, não conseguindo inibir a prática de delitos, conclui-se então que a finalidade divulgada não é a finalidade final. O autor também afirma que ao lado da consolidação das prisões se estabelece o crime moderno (contra a propriedade e os bens), a justiça moderna (estatal e pública, mas que

funciona através de cargos especialistas) e o perfil dos suspeitos (pobres, limitados no acesso à bens e à justiça). O autor demonstra a maneira como, ao longo dos séculos, o aprisionamento dos pobres foi se consolidando como a principal função da prisão.

Rocha (1994) realiza um desmascaramento da teoria da degenerescência de Morel (1857), o qual afirma que as degenerações são desvios do homem normal, são hereditárias, transmitidas às gerações futuras, cujos portadores vão se deteriorando progressivamente até o desaparecimento. Rocha demonstra a perversidade de tal teoria, que aponta seu dedo estigmatizador para ascendentes e descendentes, afirmando que ela não tem bases científicas, mas que foi convenientemente aceita para explicar a miséria européia, e orientou as políticas de higiene mental em diversas partes do mundo. O pesquisador denomina de "a fabricação da degeneração", o que ocorria nas unidades fabris nesse período, pois com o surgimento das fábricas no século XVIII, acentuaram-se as práticas que exploravam, torturavam, deformavam e matavam crianças, utilizadas como mão de obra barata nas fábricas e ali mantidas como prisioneiras até a exaustão ou a morte. As conseqüências desse massacre não serão atribuídas às fábricas e seus responsáveis mas à degeneração que herdaram de seus ascendentes. Rocha (1994) também identifica o processo de construção em que os pobres são considerados perigosos, porque não têm nada a perder; a partir daí criam-se os territórios perigosos, reservado as pessoas pobres, procede-se uma ampliação dos crimes, onde muitas atividades das pessoas pobres foram enquadradas como crimes, criam-se os agentes de controle, a polícia sanitária e de costumes que passam a controlar os hábitos da população pobre.

No século XIX, segundo o pesquisador, surgem as teorias criminológicas, das quais se destaca Lombroso, o qual baseou-se na teoria da degenerescência para produzir uma criminologia antropológica e seu "homem criminoso"; primeiramente propôs que o criminoso fosse um desvio atávico do homem normal, desenvolvendo uma etiologia do criminoso baseada na primitividade; sua segunda proposta baseava-se no conceito de loucura moral de Pritchard, que ganhou fôlego na psiquiatria forense com as terminologias de psicopatia, personalidade anti social. Por último, Lombroso, associou o homem delinqüente à epilepsia e seus crimes aos estados pré-epilépticos, sendo essa hipótese de Lombroso a responsável pelos anos de sofrimento e preconceito da qual foram vítimas os epilépticos.

O trabalho desenvolvido por Rocha concluiu que a prisão teve sua origem nas formas de aprisionamento de pobres e práticas de exclusão. Concluiu também que as ciências criminológicas têm quase nada de científicas e muito de estigmatização e exclusão, isto é, se confrontadas com os elementos da ciência, não se sustentam. As concepções desse saber preconceituoso, de anormalidades hereditárias, defeitos orgânicos insanáveis podem ser pensadas como uma representação das funções básicas da prisão: sujeição e exclusão.

Estudos desenvolvidos na África e nos Estados Unidos concentram suas análises na eficácia dos programas de treinamento vocacional e na compreensão de seus objetivos. Considerando que a prisão trabalha com os objetivos de punição, custódia e reabilitação, objetivos contraditórios que podem gerar confusão nos prisioneiros em relação às metas do programa de treinamento vocacional, Uche e Harries-Jenkins (1994) desenvolveram pesquisa em seis prisões na Nigéria, envolvendo 203 prisioneiros e 24 instrutores. Seu objetivo foi o de verificar com o quê os prisioneiros e instrutores relacionam os objetivos do treinamento vocacional, se com punição, custódia ou reabilitação. Eles partem da hipótese de que se os detentos percebem como punição, mostram resistência ao programa; se eles percebem como custódia, necessitam ser motivados para a tarefa e se o percebem como reabilitação respondem com interesse e motivação. Seus resultados demonstraram que a maioria dos presos relacionam o treinamento com o objetivo de reabilitação e rejeitam a relação com a punição. Da mesma forma os instrutores, na sua maioria relacionam o programa de treinamento com a reabilitação e rejeitam a relação com a punição. Os autores concluíram que o ambiente prisional contribui para esses resultados, isto é, se a prisão tem uma atmosfera de punição, os treinamentos serão compreendidos como tal. A aprendizagem de habilidades requer interesse dos prisioneiros, já que ao perceberem o treinamento como reabilitação, o sucesso pode ser assegurado ou pelo menos a falta deste não pode ser atribuída aos presos. Os autores propõem que os treinamentos devam ensinar habilidades que possibilitem oportunidades para trabalho remunerado, emprego próprio e também conhecimentos empresariais aos presos para que estes possam iniciar um pequeno negócio após sua soltura.

D' Alessio e Stolzenberg (1995) , num estudo longitudinal (1986-1992), investigaram a relação entre os índices de desemprego e os índices de encarceramento no

período, nos Estados Unidos . Seu referencial de análise é a teoria de Rusche e Kirchheimer segundo a qual o encarceramento está diretamente associado com desemprego, independentemente de mudanças nos índices de crimes. O objetivo dos autores foi melhorar e estender as pesquisas com dados longitudinais sobre o tema desemprego e encarceramento. Conforme os autores, Rusche e Kirchheimer sugerem que as condições econômicas deterioradas e com elevação do desemprego levam juizes a perceberem o desemprego como potencialmente volátil; alguns promotores sugerem que os juizes respondam a isso com aumento do encarceramento por má conduta e crimes, para reduzir as possibilidades de conflitos sociais. No estudo, a variável dependente é encarceramento por má conduta e crimes; as variáveis independentes são índice de desemprego e índice de prisões. Os resultados demonstraram que índices de desemprego não se relacionam com encarceramento por má conduta e crimes. Os autores sugerem que as teses de Rusche e Kirchheimer deveriam ser ampliadas incluindo fatores ideológicos, políticos e religiosos junto com fatores econômicos na explicação de políticas e práticas penais. E concluem que seus dados não refutam a teoria marxista mas apenas uma versão simplista dessa teoria nas teses de Rusche e Kirchheimer.

Segundo Craig e Rogers (1993) a grande maioria das prisões dos Estados Unidos possuem programas educacionais e de treinamento vocacional, mas são pouco conhecidos os seus efeitos na reabilitação. Os poucos estudos sobre o tema evidenciam que não se tem um efeito apreciável na redução da reincidência. As práticas prisionais demonstram que os programas diminuem as doenças e as tensões nas prisões e que presos participantes de treinamentos obtém empregos, portanto reduzem as pressões que levam à reincidência. São opiniões não infundadas, mas não há dados consistentes que as amparem; há casos de sucesso individual e não há dados empíricos que demonstrem a diminuição da reincidência entre aqueles que participam dos treinamentos. Considerando estes elementos Craig e Rogers investigaram quais são as intenções daqueles que operam os programas e daqueles que participam deles. Esses autores crêem que tais programas podem servir a diferentes propósitos e não apenas aos arrogantes objetivos de adaptar presos para o papel produtivo na sociedade dos cidadãos cumpridores das leis, para desse modo reduzir a reincidência e eliminar o estilo de vida criminoso. Acreditam que haja uma diferença entre o que pensam observadores externos e o que pensam presidiários e funcionários da prisão. Assemelha-se

a um caso conhecido como "máximo equívoco possível". O estudo foi realizado numa prisão dos Estados Unidos de segurança média, com participantes do curso para barbeiro. Durante o período em que o curso foi implantado (1987/1991), pesquisaram 59 participantes, com entrevistas, consulta à arquivos dos que já haviam saído, com o instrutor, com o diretor de educação, com o diretor de saúde e tratamento e com o diretor da prisão.

Os resultados quantitativos demonstraram que 13,5% obtiveram licença para trabalhar como barbeiros após a soltura. Os resultados qualitativos identificaram equívocos tais como: 1) o local de treinamento era considerado um lugar para descarregar tensões; 2) a média de permanência no curso era longa (de 8 meses) e alguns detentos admitiram buscar a reprovação no exame de licença para permanecer no curso; 3) trata-se de um porto seguro para os presos calmos; 4) no curso havia presos que já tinham o ofício de barbeiro quando estavam livres; 5) havia aqueles que recém iniciavam o cumprimento da pena; 6) para os administradores o curso de barbeiro eram um bom lugar para manter presos mais difíceis.

Estes programas diluem tensões, criam um ambiente mais suportável na prisão e podem também melhorar a auto estima dos prisioneiros. Segundo os pesquisadores os objetivos dos treinamentos não são definidos previamente, eles evoluem por acaso durante o desenvolvimento do programa; nesse casos o programa de treinamento para barbeiros estava em busca de seus objetivos.

A falta de objetivos traz significativas dificuldades de avaliação que podem conduzir para baixar o moral dos funcionários e provocar um sentimento de desamparo e incapacidade. Os presos mais motivados perdiam com isso, pois procuravam atividades significativas com algum tipo de renda e poderiam ter expectativas para melhorar se lá houvesse um esforço para um uso relevante do treinamento e material interessante. Este é um casos que evidencia porque as pesquisas não podem descobrir efeito nos tratamentos. Não há na instituição indícios dos feitos do programa na disciplina, não registram se há indicações para trabalho ou transferências. Assim os resultados do máximo equívoco possível são claros.

A partir dos estudos acima analisados nos parece que a produção de conhecimento desenvolvida sobre a prisão sempre vai estar aquém de suas reais conseqüências na sociedade e principalmente nas pessoas que lá estão. Há também diferenças observadas nos

estudos desenvolvidos no Brasil sobre prisão e trabalho e os desenvolvidos em outros países. No Brasil percebemos uma preocupação em estudar o modelo correcional, desvelar suas mazelas, suas artimanhas de segregação e humilhação. Em outros países percebemos uma preocupação em como tornar o modelo útil à sociedade, com programas de permanência na prisão que procuram analisar e sanar as suas falhas.

Os aspectos mais relevantes identificados na revisão das pesquisas realizadas sobre o tema da prisão e trabalho incluem uma preocupação dos pesquisadores com o tipo de população que ocupa as prisões, de onde provêm, quais os mecanismos os impele para uma condição marginal. As pesquisas também se preocupam em enfatizar as conseqüências deletérias da prisão no homem e na sociedade, identificando que não existe um modelo ideal de prisão, pois qualquer modelo fatalmente irá se deteriorar. Os estudos se apresentam como favoráveis aos detentos, destacando a sua condição de vítima de um sistema perverso.

### *O problema de pesquisa.*

Em virtude de sua atuação profissional (desde 1993)<sup>2</sup>, a pesquisadora entrevista reclusos e os acompanha durante sua permanência no estabelecimento prisional. Aspectos das atividades ali desenvolvidas foram apresentados em dois eventos: I Seminário Nacional de Psicologia e Direitos Humanos (Brasília, 1998) e III Congresso Ibero-americano de Psicologia Jurídica (São Paulo, 1999)<sup>3</sup>.

Ao longo da atividade profissional foi possível à pesquisadora entrevistar centenas de detentos e identificar no seu discurso uma preocupação particular com a questão do trabalho. O tema do trabalho para os presidiários surgia no cotidiano das atividades profissionais da pesquisadora, ora pela falta, e essa falta era o motivo para o encarceramento, ora como a única saída para o detento mudar de vida. Porém não ficava claro a quem exatamente os detentos se referiam, se pretendiam uma ocupação para passar o tempo na prisão, se uma profissionalização, ou se um meio de sustento naquele período da vida. Dessas constatações decorreram algumas indagações acerca do papel do trabalho na sociedade ocidental contemporânea.

Nessa sociedade o trabalho é compreendido como central e constitutivo dos

---

<sup>2</sup> A pesquisadora é funcionária do estabelecimento prisional pesquisado, exercendo a função de psicóloga.

sujeitos. Só pertence efetivamente a essa sociedade quem está inserido no mercado de trabalho reconhecido por ela. Nesse contexto surge um questionamento: aqueles que estão dentro das prisões não fazem parte dessa sociedade regida pelo trabalho ou o trabalho deles não é compreendido como tal, nem por eles mesmos?

Tomando esse tipo de indagação, foi iniciada uma revisão da literatura sobre o tema. A pesquisa bibliográfica empreendida confrontou a pesquisadora com uma outra questão: os psicólogos têm desenvolvido pouca pesquisa sobre a população encarcerada, assim com também são poucas as pesquisas que tomam os agentes da custódia como objetos de investigação científica, especialmente se comparada com as demais ciências humanas. De certo modo isso é surpreendente, pois a Psicologia é uma profissão que mantém compromissos com o atendimento ao homem preso, já que a legislação de execução penal atribui ao psicólogo e ao psiquiatra a função de elaborar laudos e pareceres a respeito da "evolução" dos detentos em relação ao que ele virtualmente possa vir a fazer se posto em liberdade. Os psicólogos têm uma participação relevante no estabelecimentos de possibilidades de futuro destas pessoas, no entanto, realizam poucas pesquisas, não refletem, permanecem alienados do tema.

Nessa perspectiva, um dos objetivos desta pesquisa é o de trazer essa discussão para o campo da Psicologia. Pretendemos uma contribuição tanto para a Psicologia quanto para o tema da reinserção social de detentos. Para a Psicologia porque coloca em pauta um assunto que pode desafiá-la a enfrentar um dos graves problemas sociais vividos no país. É também uma contribuição para o tema da reinserção social porque parte de alguns pressupostos da Psicologia social (Lane, 1987) para a compreensão do sujeito. Tomando a concepção de sujeito histórico e social, o próprio detento pode ser visto de um modo que potencialize suas possibilidades de ação, isto é, a visão de que os sujeitos presos estão permanentemente em construção, que não são meros objetos que reagem a estímulos e de que a delinquência não é parte da sua natureza, permite colocar sob outra ótica as suas possibilidades de reinserção.

Considerando esse tipo de reflexão buscamos nesta pesquisa investigar os processos de apropriação do significado do trabalho para reclusos. Pretendemos compreender qual o real papel do psicólogo numa unidade prisional e contribuir para

---

<sup>3</sup> Ver anexos I e II. (p. 126/131)

diferentes debates acerca da ressocialização dos reclusos, seus trabalhos, além da produção de significados, causas e conseqüências do encarceramento.

O seguinte problema de pesquisa expressa a principal preocupação formulada: "qual o significado do trabalho em reclusos do Presídio Masculino de Florianópolis?"

A busca de enfrentar esse problema de pesquisa conjuga-se com os objetivos a serem atingidos:

- a) identificar se existe uma relevância do trabalho no processo de reinserção na sociedade, na perspectiva do recluso;
- b) identificar meios utilizados pelos detentos para garantir a sua sobrevivência e a de sua família;
- c) desvelar formas de trabalho que dão sentido a vida das pessoas entrevistadas;
- d) discutir a dinâmica de vida dos reclusos na tensão exclusão/reinserção social;

A resposta a estas questões será de grande importância para intervenções no campo da Psicologia que visem a reinserção e retomada da vida por parte de egressos penitenciários. Se for verdadeira a hipótese de que os psicólogos têm restringido sua ação e têm limitado a compreensão à concepção de reinserção social, colocando no "trabalho", todo o investimento pessoal e institucional de ambos os segmentos dessa relação, essa pesquisa poderá contribuir para uma redefinição do papel do psicólogo nos estabelecimentos prisionais.

### *Eixos teóricos explicativos*

As informações sobre o referencial teórico serão apresentadas em três eixos para a compreensão do objeto em estudo. Essa escolha se deu pelo fato de que diferentes teorias conseguem dar conta da compreensão da experiência do delito e da vida na prisão. Nesse sentido foram eleitas as reflexões desenvolvidas por Michel Foucault, por compreender que seus escritos são bastante abrangentes ao discutirem sociedade de caráter disciplinar e o modelo de prisão por ela produzidos. Enfatizamos que Michel Foucault, foi utilizado como uma referência histórica e não como contribuição metodológica. Para a compreensão do desvio, do delito como ocupação, como uma carreira e como isso se constrói, será apresentada a teoria da rotulação, desenvolvida por Howard Becker como eixo explicativo. Por ultimo serão apresentadas algumas das idéias desenvolvidas por Peter L.

Berger & Thomas Luckmann, para o entendimento sobre a realidade socialmente construída.

### *Teoria da rotulação – Howard Becker*

Compreender a sociedade como algo feito pelas pessoas, que estas fazem as ações em grupo, implica num outro olhar sobre o estudo do crime. Deslocando o problema da pessoa do criminoso, é possível parar de centrar as perguntas no indivíduo, na tentativa de encontrar nele um tipo de deformação, de erro. É possível passar a procurar entender a organização das interações naquela esfera da vida (Becker, 1977). Ao compreender o crime como uma ação coletiva, Howard Becker desenvolve a teoria da rotulação, a qual não procura debater por que as pessoas ingressam no crime, mas procura abordar por que determinados atos são rotulados de desviantes e seus praticantes são rotulados de marginais. Quais processos sociais definem algumas ações como boas e outras como ruins e quais as conseqüências destas distinções. Numa abordagem interacionista do desvio, é preciso deixar claro que alguém teve que fazer a rotulação. As regras podem ser formalizadas em leis ou ser informais, sua imposição pode estar a cargo de grupos especializados (policial/judiciário), ou pode ser tarefa da coletividade. Num processo histórico regras podem morrer, novas vão surgindo e algumas depois de um certo tempo de esquecimento são resgatadas de acordo com as necessidades e conveniências de uma época.

Segundo Becker (1977), os grupos sociais fazem as regras, procuram enquadrar todas as pessoas, pretendem fazer com que todos sigam estas regras e aqueles que se desviam são rotulados de marginais (estão nas margens dos limites estabelecidos). Porém aquele que é rotulado pode não perceber assim, pode não concordar com as regras daquele grupo e olhar para aquele grupo que o julga, considerando-o marginal e desviante no seu referencial. A severidade em se punir um desviante está diretamente ligada ao grau de identificação que temos com ele, da mesma forma que a aceitação do desviante pela punição está ligada ao grau de identificação que ele tem com os aplicadores da norma. Aqui cabe um destaque: há nos mecanismos de divulgação dos atos criminosos, uma tentativa de desumanizar os praticantes como que para tornar aceitável as formas de punição e os

equivocos dos impositores<sup>4</sup>. Talvez, para desmoralizar os movimentos que lutam contra a violação dos direitos humanos dos mesmos.

A ciência trabalha com a premissa de que o problema está no desviante, que há neles características, tais como uma doença, uma deformação de caráter, falta de uma estrutura familiar, que o impulsionam para o delito, se alinhando com os valores dos grupos que fazem o julgamento.

Becker (1977) afirma que há uma série de definições do que seja desvio. A definição estatística considera desvio tudo aquilo que foge da média. A definição médica, o considera como algo patológico, existe uma doença e para muitos essa doença é mental estando sua fonte dentro do indivíduo. A sociologia se utiliza do modelo médico para definir desvio na sociedade, pergunta quais processos estão conduzindo para a instabilidade ou desorganização social; a sociologia analisa o que é funcional e o que é disfuncional, identifica e rotula os processos como desviantes. Mas o quê deve ser considerado desviante e quem deve ser rotulado é uma questão política e não apenas funcional; por exemplo a pobreza é uma processo de desorganização da sociedade, mas são os pobres que são rotulados como marginais. Outra abordagem sociológica coloca o desvio como um fracasso em obedecer as regras.

Becker (1977) salienta que na sociedade existem muitos grupos sociais e as pessoas pertencem a diversos grupos. Elas podem quebrar as regras de uns ao aceitar as regras de outro, aquele que é marginal num grupo pode ser o centro de um outro grupo. É certo que existem muitas regras que são comuns a muitos grupos, mas não podemos crer no consenso sobre um certo e errado valendo para todos os grupos. Para definir desvio Becker (1977) parte do pressuposto de que o desvio é criado pela sociedade, mas não se refere à situação social do desviante ou aos fatores sociais que levam à ação:

*"Quero dizer, mais do que isso, que os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como marginais e desviantes. Deste ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um 'transgressor'. O desviante é alguém a quem aquele rótulo foi aplicado com sucesso; comportamento desviante é o comportamento que as pessoas rotulam como tal" (p. 60).*

---

<sup>4</sup> Esta afirmativa nos remete a fatos recentes ocorridos no Brasil - o massacre do Carandirú (São Paulo- 1992), e o massacre da Candelária (Rio de Janeiro - 1993).

Nessa perspectiva o desvio é uma consequência das regras criadas, é a resposta dos demais aos atos de um membro do grupo. Portanto os desviantes não são uma categoria homogênea, não há um traço comum entre eles, logo não podemos buscar em suas histórias de vida ou em suas personalidades os elementos que os homogeneizam e assim explicar o desvio. O que estas pessoas têm em comum é o rótulo e a experiência da rotulação.

Para Becker (1977) o importante são os processos que levam indivíduos a serem considerados desviantes e suas reações a isso. Se um grupo social não apontar aquele ato como desviante, ele não vai ser considerado como tal e seu autor não será rotulado de marginal. O grau de reação varia enormemente, muitas vezes aqueles encarregados da imposição da norma investem de forma maciça contra certos grupos, chamando a atenção para o desvio, como por exemplo em determinadas épocas vemos pressão contra prostitutas, moradores de rua, homossexuais. A imprensa também aumenta a pressão sobre certos grupos ao veicular muitas notícias sobre determinado desvio, encetando um movimento contra os desviantes. As regras também são aplicadas de forma mais severa com as classe pobres e essa rigidez é percebida até mesmo quando membros de diversas classes são pegos no mesmo ato; assim os mais pobres tendem a ser mais severamente punidos, bem como os negros. Em resumo, o desvio é o produto de um processo que envolve respostas de outras pessoas ao comportamento, vale dizer que um ato desviante depende do que outras pessoas fazem em relação à ele. Conforme Becker (1977): "*(...) o desvio não é uma qualidade que exista no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aqueles que respondem a ela*" (p. 64).

As sociedades modernas são organizações complexas, com profundas diferenças sociais, étnicas, ocupacionais e culturais, e comportam uma infinidade de regras que não são na maioria das vezes compartilhadas por todos, de maneira que os comportamentos decorrentes recebem entendimentos diferenciados. Aquele que comete crimes, e é considerado um delinqüente, um marginal num determinado grupo social, pode ter suas atitudes compreendidas como corretas e aceitas dentro de outro grupo. O julgamento de um grupo ao comportamento de membros de outros grupos pressupõe um tentativa de enquadramento forçado, e nos parece que no sistema penal essa é uma prática corrente entre os técnicos. Essa compreensão do comportamento como correto pode resultar numa insatisfação com o julgamento a que é submetido, realizado a partir de regras com as quais

o desviante não concorda, com as quais ele não colabora e crê que seus aplicadores é que são marginais. O debate da imposição de regras é um debate do poder, onde um determinado grupo tenta impor suas regras a outro, principalmente impulsionado por poder político e econômico; as regras são aplicadas sem o consentimento e contra a vontade do outro, onde alguns grupos detém armas e poder para impor suas regras aos demais.

Há aqueles que se conformam e obedecem as regras, são aqueles que têm um comportamento de conformidade. Existem os que são chamados de desviantes puros, pois desobedecem as regras e se percebem como desviantes. Mas há aqueles que são os falsamente acusados, são os forjados, os agredidos furtivamente, aqueles que são pressionados pelos grupos encarregados da imposição das regras. E por último aquilo que Becker (1977) chama de desvio secreto, onde se encaixam os que cometem atos impróprios mas ou não são notados ou não há reação.

Becker (1977) afirma que há um movimento seqüencial no desvio, ninguém chega a ser um desviante identificado e rotulado sem passar por algumas etapas, e estas etapas podem ser semelhantes entre desviantes e não desviantes, de modo que a questão é o momento da rotulação e conseqüente estigmatização. Estigma aqui compreendido segundo a definição de Goffman (1980) como um traço que se impõe à atenção e afasta aqueles que o estigmatizado encontra, destruindo a possibilidade de atenção de outros atributos seus. Onde o desviante passa a ser percebido e julgado pelo seu desvio.

A seqüência de comportamentos que levam ao desvio nos remete à noção de carreira no seu sentido ocupacional. Há uma seqüência de atos que até certo ponto são realizados pela maioria das pessoas, porém as pessoas "normais" se comprometem com as regras sociais do grupo dominante, vão desenvolver uma série de compromissos com as normas e instituições convencionais e modos de evitar o impacto das regras. Segundo Sykes e Matza (conforme citado por Becker, 1977), os delinqüentes sentem forte impulso para seguir as normas e constróem toda uma justificativa para seus atos, tais como não se considerarem danosos para a sociedade; os ditos "normais" cometem tanto ou mais atos infracionais e são hipócritas ao julgar os desviantes; afirmam sua fidelidade ao grupo de pertencimento.

Há uma compreensão de que algumas pessoas organizam suas vidas em torno de um comportamento desviante e o adotam como estilo de vida, pois existem motivações no

desvio que são socialmente aprendidas no convívio com desviantes mais experientes, os quais vão revelando situações prazerosas e agradáveis. O indivíduo aprende a participar de um grupo organizado em torno da atividade desviante. O ponto mais crucial dessa construção é o momento em que é apanhado no ato desviante e é rotulado como tal, pois isso coloca o indivíduo num outro patamar. Ele agora tem um traço de pertencimento, cometeu um crime e foi identificado como criminoso. A partir daí é o rótulo que vai identificá-lo, dado que os impositores partem do princípio de que "se cometeu um crime, cometerá outros" ou já cometeu outros tantos anteriormente; daí decorre a pressão dos impositores das normas.

Esse mecanismo de reduzir o indivíduo ao seu rótulo é, segundo Becker (1977) uma profecia auto realizável, "(...) *coloca em movimento vários mecanismos que conspiram para moldar o indivíduo segundo a imagem que as pessoas têm dele*" (p.80). A pessoa é levada para atividades ilícitas devido a exclusão decorrente do rótulo. Continua Becker (1977): "*O comportamento é uma consequência da reação pública ao desvio mais do que uma consequência das qualidades inerentes do ato desviante.*" (p.81).

Não necessariamente quem é pego num ato desviante caminha para um desvio maior. Mesmo a prisão não implica no ingresso definitivo na delinquência; a entrada definitiva se dá quando o desviante se dirige a grupo de desviantes organizados. Essa clareza de sua condição provoca um forte impacto no indivíduo, pois compartilhar um rótulo cria laços fortes entre os indivíduos, eles se percebem com as mesmas visões de mundo e como lidar com elas; isso solidifica uma identidade desviante. A maioria dos grupos desviantes tem o que Becker (1977) chama de "racionália", uma ideologia que fornece aos indivíduos razões plausíveis para continuarem na linha de atividades que iniciaram. O grupo desviante também ensina a lidar com os problemas, apropriando-se do conhecimento dos mais velhos e experientes.

Conforme Becker (1977), alguém faz e impõe as regras e alguém tem primeiramente a iniciativa de rotular e punir. Em seguida os criadores de regras buscam adeptos que compartilhem da opinião de que aquele ato é infracional, chamam a atenção para a infração. Tanto a iniciativa quando o alarde decorrem de um interesse pessoal no caso. Nos grandes centros essa iniciativa é de profissionais especializados (policiais).

Existem pessoas e organizações na sociedade que procuram reformar tudo o que

vêm. Becker (1977) os chama de empresários morais e coloca que muitos deles se acreditam capazes de melhorar o mundo com suas regras, procuram enquadrar todos num mesmo padrão; consideram os seus atos corretos e que os outros serão felizes por adequarem-se as regras propostas por eles, empresários morais. Por exemplo, os heterossexuais acreditam que os homossexuais sofrem e são infelizes por sua condição e tentam enquadrá-los no modelo "normal" (heterossexual). Da mesma forma achamos que ladrões e traficantes são infelizes, corroídos pela culpa e que só serão realmente felizes se conseguirem um trabalho honesto.

Os empresários morais deduzem o que é bom para o outro e aquilo que o outro pensa não é levado em conta. Muitas vezes esses reformadores se amparam na opinião de especialistas como psiquiatras e psicólogos, que, em muitas situações, falam o que é bom para os outros, como os desviantes deveriam ser tratados e o que é normal. O sucesso da empreitada do reformador é completo quando uma regra traz junto com ela um grupo de desviantes, que demandará medidas governamentais e funcionários para a imposição da norma, uma força policial cujo papel é impor a regra não se importando com o seu conteúdo. Novas regras asseguram empregos para policiais, juizes, promotores, advogados, agentes penitenciários, médicos, psicólogos, assistentes sociais e uma rede extensa de pessoas que sobrevivem do desvio e dos desviantes. O impositor deve justificar a sua existência que se concretiza com os desviantes mas também deve fazer diminuir a violação da regra senão não estará fazendo seu trabalho de forma correta. Ele tem a função ambígua de combater e fomentar a violação das regras, cultiva uma visão pessimista do ser humano e duvida das possibilidades de mudança. No caso dos presidiários, se houvesse a "ressocialização" um grande número de pessoas ficaria sem suas ocupações, por isso o duplo papel de combater e alimentar a criminalidade que a polícia e os agentes da reforma têm. Os impositores criam marginais e desviantes de forma seletiva, controlam a aplicação das sanções e se a pessoa vai ser rotulada ou não vai depender de algumas questões que são alheias ao seu comportamento. Há momentos em que os impositores precisam justificar sua existência e são mais rígidos, havendo casos em que o transgressor tem uma posição de maior poder. Essa seletividade cria um confronto entre o reformador e o impositor, pois o primeiro crê que o mal deve ser combatido em todos os momentos e em qualquer indivíduo; o segundo avalia as situações. Há casos em que o empresário moral se volta

contra o impositor, pois entende que o impositor não está investindo contra toda a transgressão como era o seu objetivo inicial, mas investe de forma seletiva contra alguns transgressores.

Em resumo, a teoria da rotulação nos coloca que desvios são delitos publicamente rotulados, alguém deve criar as regras que definem o ato como desviante. Essa regra deve ser imediatamente aplicada a pessoas particulares e os transgressores imediatamente descobertos, identificados, presos julgados e conseqüentemente vistos como diferentes e estigmatizados. Becker (1977) propõe uma preocupação científica maior, não com aqueles que quebram as regras, mas com aqueles que as fazem e as impõem.

### ***A história da prisão - Michel Foucault***

Michel Foucault na sua crítica aos valores da modernidade, procura desvelar como as verdades foram sendo construídas e a qual modelo de sociedade estão servindo, desenvolvendo uma análise exaustiva dos sistemas punitivos. Em nossa pesquisa utilizaremos uma parte dessas análises para introduzir a discussão da história da prisão e de que maneira ela se consolidou como principal modelo punitivo da atualidade.

Conforme Foucault (1977) as pressões pelo fim dos suplícios, dos espetáculos públicos de punição no século XVIII, a insistência no abrandamento das penas, objetivavam, segundo os propositores da reforma, a preservação do homem que há no criminoso e essa humanidade seria a medida da punição. Esse pedido de abrandamento das penas com o fim dos suplícios e a humanidade como medida dos castigos, estão inseridos num processo histórico que também inclui o recrudescimento dos crimes de sangue (corpo) e o aumento dos crimes de fraudes (bens), o surgimento de uma polícia mais eficiente e o aumento das riquezas. Os reformadores se aproveitaram dessas mudanças conjunturais para criticar o poder judiciário e pedir as reformas. Conforme Foucault (1977): "*A má economia do poder e não tanto a fraqueza ou a crueldade é o que ressalta da crítica dos reformadores.*" (p. 74). A reforma propõe uma nova economia do poder de castigar, objetiva assegurar uma melhor distribuição desse poder, sugere que ele seja repartido de maneira homogênea e contínua, atingindo até o mais fino grão do corpo social. Os reformadores queriam não punir menos, mas punir melhor.

Havia nessa época, na Europa, uma margem de tolerância às ilegalidades de todas as classes sociais, ou seja, cada classe tinha sua cota de ilegalidades que faziam parte do jogo político e econômico. Por alguma razão certas ilegalidades nunca eram punidas; as ilegalidades das diversas classes guardavam algumas relações entre si: de concorrência, de rivalidade, de apoio, de conflito de interesses, de cumplicidades. Porém em meados do século XVIII, com o aumento das riquezas, a ilegalidade das classes populares que era tida como uma ilegalidade de direito passa a ser considerada uma ilegalidade de bens, e passa a se desenvolver um conflito entre os proprietários que já não admitiam a invasão e o uso de coisas de suas propriedades. Ocorre o que Foucault (1977) identificou como a crise da ilegalidade; nenhum movimento naquele período conseguiu restabelecer a convivência tolerada de outrora. Com a posse da terra pela burguesia, a ilegalidade (de direito) tolerada das pessoas tomarem para si coisas das propriedades (usar o pasto, catar lenha), vai se tornar objeto de perseguição e será considerada prática criminosa (ilegalidade de bens), enfurecendo a burguesia. É a necessidade de punir com rigor e sempre as ilegalidades de bens o que motiva os reformadores, que vão propor uma nova economia e uma nova tecnologia no poder de punir.

Suas propostas se originam no contrato social onde a sociedade, ao acatar as regras, acata também as punições; quem comete um crime, comete contra toda a sociedade, torna-se um inimigo público, um traidor, um monstro, um anormal, e sobre ele devem recair os rigores da punição. Essa reforma, salvo algumas pequenas diferenças, consistia numa nova definição de crime onde este não teria mais nenhuma relação com falta moral ou religiosa; por seu lado a lei penal deveria representar o que é útil para a sociedade, definir crime como algo que danifica a sociedade, um dano social; então aquele que pratica crime – o criminoso – é aquele que perturba, que danifica, é um inimigo da sociedade. Portanto a lei penal deveria permitir a reparação dessa perturbação causada e mais, impedir que outras perturbações incomodassem o corpo social. Mas as punições deveriam ter um limite, e esse limite seria a sensibilidade do homem razoável que formula as leis e não comete crimes (Foucault, 1977).

Os reformadores defendiam a idéia de que a pena deve visar a prevenção, inibir o autor e outros de cometerem o crime. A representação da pena deve ser maximizada e não a realidade corporal. A pena deve trazer mais desvantagens do que as vantagens que o

crime poderá trazer. Causando temor nos que não cometeram o crime mais do que no culpado, todos devem conhecer e entender as leis e saber das desvantagens de se cometer um crime. Para os reformadores todo ser humano é inocente até que se prove o contrário e todas as infrações devem ser qualificadas e classificadas (código penal).

Os reformadores já têm uma preocupação com a individualização das penas de acordo com cada criminoso; aí começa a se esboçar uma modulação que não se refere a aplicação da pena, mas refere-se ao próprio infrator, sua natureza, sua história de vida. É nesse ponto que o saber psicológico mais tarde, iria se instalar. Também nesse momento surge a idéia de reincidência, que torna-se um qualificativo do delinqüente e implica no agravamento da pena. Segundo Foucault (1977), "*(...) através da reincidência, não se visa o autor de um ato definido pela lei, mas o sujeito delinqüente, uma certa vontade que manifesta seu caráter intrinsecamente criminoso*" (p. 91).

Com a justificativa da humanização das penas o poder de punir não atinge mais o corpo do criminoso com os suplícios, mas sua alma. Para os idealizadores da reforma, crime e castigo devem estar interligados: ao se pensar no crime, imediatamente deve se fazer uma associação com o castigo. O que é considerado crime é uma produção da sociedade mas os reformadores propunham que a associação de crime e castigo fosse tal que parecesse natural, que o medo do castigo desviasse do crime. A relação entre crime e castigo deveria se tornar tão natural que lhe tiraria todo o caráter arbitrário. É o poder se imiscuindo e se mascarando sob a força da natureza. Como se a reação ao crime fosse uma reação da natureza e nada tivesse de poder humano.

Destas premissas decorreram algumas punições que seriam aplicadas aos perturbadores: a primeira era de que o infrator, considerado inimigo do corpo social, deveria ser expulso, banido; a segunda punição seria o banimento social, com a exposição pública à humilhação e ao desprezo; a terceira seria a reparação dos danos, através de trabalhos forçados e por último a pena de Talião, (olho por olho, dente por dente), onde o autor sofre o mesmo dano que cometeu.(Foucault, 1996).

Essa nova tecnologia das penas proposta pelos reformadores deveria: "*(...) diminuir o desejo que torna o crime atraente, aumentar o interesse que torna a pena temível; inverter a relação das intensidades, fazer que a representação da pena e de suas desvantagens seja mais viva que a do crime com seus prazeres.*" (p. 95/96),

correspondendo a mecânica das forças. A pena não deveria ser infinita, teria que ter um fim, da mesma maneira que seria aplicada de forma progressiva. Ir se atenuando na medida em que produz efeitos. A execução da pena deveria ser pública e o corpo do condenado, objeto de apropriação coletiva e útil. A punição pública serviria para reforçar a ligação entre crime e castigo. As pessoas saberiam do crime e veriam a imediata aplicação do castigo. Com esses mecanismos os reformadores pretendiam também desmistificar os malfeitores para desvalorizar seus atos ousados.

As propostas, apresentadas pelos legisladores do século XVIII e entre eles Beccaria, na prática sofreram uma série de distorções; todas as punições previstas caíram no esquecimento; o sistema de penalidade adotado pelas sociedades industriais foi o único pouco discutido pelos juristas: a prisão. Ela foi prevista só para delitos que atentassem contra a liberdade de terceiros e os abusos de liberdade; inclusive a privação de liberdade foi muito criticada pelos reformadores pois, segundo eles, a falta de liberdade não surte efeito no público, não cobre todas as penalidades no modelo analógico crime/castigo, é inútil e até nociva à sociedade, é cara, é um exercício de tirania e foi associada ao arbítrio do Antigo Regime, onde o rei e uns poucos juizes detinham o poder de punir. Mas a partir do século XIX a prisão se consolidou como a única forma de punição, seus muros altos, soturnos, sombrios, são a expressão material e simbólica do poder de punir. A prisão se espalhou pela Europa e América.

Segundo Foucault (1977) a supremacia das prisões como forma única de punição se deve a algumas semelhanças entre as propostas dos reformadores e as grandes casas de recolhimento de pobres e arruaceiros do século XVI, como o mais antigo desses modelos, o Rasphuis de Amsterdan, que inspirou os demais. Conforme o autor o Rasphuis de Amsterdan : *"historicamente, faz a ligação entre a teoria, característica do século XVI, de uma transformação pedagógica e espiritual dos indivíduos por um exercício contínuo, e as técnicas penitenciárias imaginadas na segunda metade do século XVIII"* (p.108)

Vem assim, dos grandes estabelecimentos de recolhimento do século XVI os princípios que regem as prisões no século XVIII. Casas que se utilizam da pedagogia do trabalho penal para os mais refratários, com objetivo de reduzir o número de processos, ressarcir os prejudicados, formar novos operários, desenvolver o gosto pelo trabalho, proporcionar condições econômicas para sobrevivência dos detentos, assegurar

possibilidades do recluso melhorar suas condições após a soltura. Nesse perfil se destaca a cadeia de Gand, localizada na região de Flandres, atual Bélgica.

A penitenciária de Gloucester, na Europa, também se destaca, com isolamento total para os prisioneiros considerados perigosos e para os demais trabalho em comum com isolamento noturno. Nos Estados Unidos surge o modelo Filadélfico, considerado o mais importante, adota alguns aspectos das cadeias de Gand e Gloucester, mas inova em outros. Conforme Foucault o modelo filadélfico se destaca pela não publicidade na execução da pena, esta transcorre em segredo, os muros altos são os representativos da pena. O cumprimento da pena se dá no interior da prisão com isolamento total em relação à população externa. Durante a execução da pena no modelo Filadélfico, os agentes da execução produzem um saber sobre o prisioneiro, através de relatórios, de uma série de informações úteis sobre as transformações do indivíduo sujeito à pena. Durante o período de cumprimento da pena, os condenados são observados em todas as suas ações, cada gesto seu é avaliado por inspetores que de posse das informações promovem uma redistribuição dos prisioneiros, menos em função dos seus crimes e mais em função de suas disposições.

O modelo de Auburn, que polemiza com o modelo Filadélfico, propõe celas individuais, mas há trabalho e refeições coletivas, porém no mais absoluto silêncio. Segundo adeptos desse modelo, ele é uma repetição da própria sociedade. O trabalho prisional nesse período não é nem adição nem corretivo, ele necessariamente deve acompanhar a pena; este trabalho deve cansar o corpo, levá-lo a exaustão para não haver tempo ou disposição para outras coisas. Conforme Foucault (1977). Nesse período, o trabalho penal deveria, além de exaurir o prisioneiro, incutir-lhe hábitos de ordem e obediência.

*"O trabalho penal deve ser concebido como sendo por si mesmo uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade. (...) Se, nos fim das contas, o trabalho da prisão tem um efeito econômico, é produzindo indivíduos mecanizados segundo as normas gerais de uma sociedade industrial."(p. 216)*

Implanta-se o trabalho penal associado ao isolamento possibilitando o encontro do recluso consigo mesmo, com sua consciência e evitando promiscuidade e associações futuras. E mais se os prisioneiros não vivessem do seu próprio trabalho, teriam que viver do trabalho de outros, que de alguma forma repetiria o comportamento que a prisão pretendia

transformar.

Para Foucault (1977) os reformatórios e os reformadores têm pontos de convergência: o retorno temporal da punição; se pune o crime para poder transformar a pessoa do culpado, (se pune o ladrão não para acabar com o furto, mas para transformar a pessoa do ladrão); o castigo traz sempre uma técnica corretiva; procurar a singularização das penas, sua duração, sua natureza, e sua intensidade adequadas ao indivíduo.

As diferenças entre os estabelecimentos penitenciários do século XVIII e as propostas dos reformadores estão na tecnologia das penas: os reformadores falam em representação, já nos reformatórios a aplicação da pena é no corpo, no tempo, no gesto, na atividade, também atingindo a alma. Os instrumentos dos reformatórios não são mais jogos de representação, mas formas de coerção, exercícios exaustivamente repetidos, meditação, silêncio, trabalho, bons hábitos. Com essa nova tecnologia do poder, é o sujeito obediente e não o sujeito do direito que se objetiva na prisão, o sujeito dócil, submisso às regras e aos ordenamentos, o sujeito útil. Outra diferença é que a privação da liberdade é um castigo que não pode se compartilhar com o corpo social, posto que a punição nos reformatórios é exercida por um agente específico, na qual terceiros não podem interferir, há todo um segredo em torno desse processo. Esse novo modelo se configura tão despótico e arbitrário quanto o Antigo Regime que centraliza o poder de punir nas mãos de poucos, os quais os reformadores tanto combateram.

Foucault (1996) refere-se a "sociedade disciplinar" para referir-se à sociedade moderna marcada pela reforma do sistema judiciário penal no final do século XVIII e início do século XIX; destaca a necessidade de recolocar no lugar algumas questões fundamentais nas sociedades regidas pela disciplina. Começa com o novo entendimento do corpo agora compreendido como um instrumento que deve ser submetido, manipulado e controlado. Conforme Foucault (1977), *"É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado."* (pg. 126). Ressalta que o método que permite a transformação de corpos rebeldes e desajeitados em corpos dóceis e submissos é a disciplina, a repetição e que, para ser eficaz, a disciplina pressupõe uma determinada organização espacial: *"(...) a disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar"*.(p. 130). O autor faz uma analogia entre colégios, quartéis, fábricas

e prisões como espaços de controle, exame e disciplina. Nestes locais há uma rotina, com horários pré estabelecidos e um controle sobre as atividades desenvolvidas pelos indivíduos. A vigilância é o recurso para se garantir a disciplina, o adestramento dos corpos e o controle absoluto sobre estes.

A sociedade disciplinar também se compõe de um sistema de regras e de sanções para os que transgridem a norma. A penalidade disciplinar atinge os desvios e as diferenças sempre numa perspectiva corretiva que funciona num esquema de gratificação-sanção. Ela objetiva medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor, as capacidades, o nível e a natureza dos indivíduos. Conforme Foucault (1977):

*" Fazer funcionar, através dessa medida «valorizadora», a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal.(...)A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza" (p. 163).*

A norma jurídica, ao contrário, não pode diferenciar os indivíduos, não pode hierarquizar, pois funciona num sistema de leis escritas; não pode homogeneizar, não pode realizar a partilha das condenações, mas a sociedade disciplinar produziu a penalidade da norma, inventou um novo funcionamento. Segundo Foucault (1977) o modelo jurídico antropológico que conhecemos tem sua origem nessa nova técnica disciplinar que faz funcionar esses mecanismos das sanções normalizadoras.

Desde o século XVIII o poder da norma, vai se unir a outros poderes. O normal se estabelece como princípio de tudo: da educação, da saúde, do trabalho, da produção industrial. Junto com vigilância, a regulamentação é um dos instrumentos da sociedade disciplinar. É a era do normal, de quem está dentro da norma. A norma homogeneiza e individualiza, permitindo medir os desvios, fixar especificidades, determinar níveis. Para consolidar os propósitos da norma, se associa o exame como o terceiro pilar dessa sociedade, dado que no exame a superposição do poder e do saber assume todo o seu brilho visível. Quem tem o poder desenvolve um saber sobre o objeto. No exame o poder não é visível, o objeto do saber-poder é que deve ser visível em toda a sua extensão, constantemente. O exame acumula registros, relatórios, documentos sobre os objetos. Transforma o indivíduo num objeto descritível, e essa descrição vira instrumento do

poder.

É no século XIX que vão se aplicar todas as tecnologias da sociedade disciplinar (vigilância, norma e exame) nos espaços de exclusão. Desenvolve-se o Panóptico, ou seja o modelo arquitetônico da sociedade disciplinar; que assegura a aplicação da sanção normalizadora, o exame e a vigilância mesmo quando esta não está lá; segundo Foucault (1977):

*"O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, (...) elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar."(p. 177).*

Nesta construção o ocupante da cela é visto mas não vê, é analisado, examinado, é sempre objeto, nunca é sujeito. O efeito mais desconcertante do Panóptico, conforme Foucault (1977) é o de " (...) induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação;" (p. 177/178). O Panóptico é o laboratório do poder na sociedade da vigilância e do exame.

Em suma, a sociedade disciplinar se caracteriza pela disciplina do corpo; há todo um investimento para se ter corpos dóceis e submissos; é identificada pelo panóptismo da vigilância e do exame, e a prisão surge nessa intersecção que vai do poder de punir ao poder de vigiar. Segundo Foucault (1977):

*"A forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constitui fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notas, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza." (p. 207)*

Ao saber jurídico associam-se outros saberes como o da vigilância e o da correção, traduzidos nos dias de hoje por segurança e ressocialização. Entre estes saberes paralelos, o saber psicológico ocupa lugar de destaque desde o início; ligam-se a ele o saber psiquiátrico

e o saber criminológico com objetivos de, através do exame, prever comportamentos e propor correções. É o que Foucault chama de "ortopedia social", é o tempo do controle, onde o corpo supliciado dá lugar ao corpo reformado, e a alma é o objeto de intervenção. A prisão chega aos nossos dias como a mais óbvia das punições, a mais identificada com o modelo econômico político vigente. Ela priva da liberdade numa sociedade onde a liberdade é um coletivo. Ao pagar a pena com seu tempo o condenado está reparando seu dano à sociedade. E finalmente, a prisão é um aparelho eficaz de transformação dos indivíduos. É o espaço da transformação, da reforma do indivíduo, que será devolvido modificado para a sociedade. A privação da liberdade pressupõe uma recodificação da existência. O indivíduo é encarcerado para passar por um processo de transformação através do trabalho, que o retira da ociosidade funesta que o levou ao crime. E o isolamento possibilita ao indivíduo, na mais completa solidão, consigo mesmo refletir sobre seus erros e defeitos, inevitavelmente sentir remorso e se transformar. Foucault (1977) procede uma análise da semelhança da prisão com outros aparelhos de controle sociais:

*"Mas a obriedade da prisão se fundamenta também em seu papel, suposto ou exigido, de aparelho para transformar os indivíduos. Como não seria a prisão imediatamente aceita, pois se só o que ela faz, ao encarcerar, ao retrainar, ao tornar dócil, é reproduzir, podendo sempre acentuá-los um pouco, todos os mecanismos que encontramos no corpo social?" (p. 208).*

Na atualidade, o modelo para cumprimento de pena adotado na maioria dos países, inclusive o Brasil<sup>5</sup>, é o progressivo: a pena começa num determinado regime e, de acordo com o lapso temporal e a "conduta" do apenado, vai progredindo. Via de regra inicia-se no regime fechado, progride para o semi aberto e posteriormente, o aberto; em casos de penas iguais ou superiores a dois anos há o livramento condicional. Segundo Foucault (1977) um sistema similar já era aplicado em Genebra desde 1825. Nesse modelo progressivo há o que se chama de princípio de individualização da pena, onde cada recluso é examinado nas suas virtualidades, com objetivo de saber se o mesmo apresenta condições de passar a

---

<sup>5</sup> Lei de Execução Penal – Lei n.º 7.210 de 11-07-84. Art. 112 – "A pena privativa de liberdade será executada em forma progressiva, com a transferência para regime menos rigoroso, a ser determinada pelo juiz, quando o preso tiver cumprido ao menos um sexto de pena no regime anterior e seu mérito indicar a progressão. Parágrafo único. A decisão será motivada e precedida de parecer da Comissão técnica de classificação e do exame criminológico, quando necessário".

cumprir pena num regime mais ameno, se vai cometer novo delito, se é digno de confiança, se houve recuperação. Este exame é procedido pelos agentes da reclusão, em forma de exame das comissões técnicas de classificação, feito por observação direta ou através de documentos e registro (laudos, atestados, ficha carcerária). Segundo Foucault (1977) "(...) *todo aquele arbitrário que os códigos modernos retiraram do poder judiciário, vemo-lo se reconstituir, progressivamente, do lado do poder que gere e controla a punição. Soberania sábia do guardião:...*" (p. 220).

O sistema penitenciário chama para si a autonomia na execução da pena, porém essa execução não refere-se somente à privação da liberdade; estende-se também à pessoa do apenado. É o sistema penitenciário que fornece ao judiciário as informações sobre a utilidade do castigo e até que ponto a prisão está cumprindo seu papel de "realizar transformações no indivíduo". Para produzir esse saber sobre o recluso o sistema carcerário lança mão de três grandes esquemas, identificados por Foucault (1977) como sendo :

*"(...) o esquema político- moral do isolamento individual e da hierarquia; o modelo econômico da força aplicada a um trabalho obrigatório; o modelo técnico-médico da cura e da normalização. A cela, a oficina, o hospital. A margem pela qual a prisão excede a detenção é preenchida de fato por técnicas de tipo disciplinar. E esse suplemento disciplinar em relação ao jurídico, é a isso, em suma, que se chama o «penitenciário»."* (p. 221).

O penitenciário é construído pela necessidade dos agentes da punição desenvolverem um saber sobre o recluso e se estende além da pena; é o conjunto dos direitos perdidos com o direito de ir e vir, a perda da privacidade, uma individualização que contraditoriamente massifica; é a avaliação milimétrica de cada ato, cada palavra, tudo o que se faz ou o que não se faz é parte da execução da pena. Esse exame minucioso, esse controle exacerbado é o cerne da ortopedia social: produzir um saber sobre "quem é esse indivíduo", "do que ele é capaz", "como torná-lo dócil e útil à sociedade", seja como trabalhador ou delinqüente, pois a sociedade disciplinar moderna comporta e precisa de ambos. Como aliado e parte do penitenciário, temos o biográfico, que põe em destaque a figura do delinqüente; o saber produzido no exame identifica o infrator, mais que o ato em si, produz toda uma biografia que "faz existir o criminoso antes e depois do crime", e aí a psicologia, a psiquiatria, a criminologia e o serviço social emprestam o seu conhecimento científico para a formação do conceito de periculosidade. Cria-se uma rede lógica de conhecimento da qual o delinqüente não escapa; só resta a ele, devido à sua história de

vida, seu temperamento, seus instintos etc., o mundo do crime ou, quando muito, pequenas atividades "laborativas" no sentido arendtiano do termo<sup>6</sup>. Esse diagnóstico da prisão sobre os prisioneiros, vai acompanhá-los pelo resto da vida, nos momentos em que estão fora da prisão e, principalmente, naqueles em que estão dentro da prisão. Segundo Foucault (1977):

*"Nesse novo saber importa qualificar «cientificamente» o ato enquanto delito e principalmente o indivíduo enquanto delinqüente. Surge a possibilidade de uma criminologia. O correlativo da justiça penal é o próprio infrator, mas o do aparelho penitenciário é outra pessoa; é o delinqüente, unidade biográfica, núcleo de «periculosidade», representante de um tipo de anomalia. E se é verdade que à detenção privativa de liberdade que o direito definiu a prisão acrescentou o «suplemento» do penitenciário, este por sua vez introduziu um personagem a mais, que se meteu entre aquele que a lei condena e aquela que executa essa lei. Onde desapareceu o corpo marcado, recortado, queimado, aniquilado do supliciado, apareceu o corpo do prisioneiro, acompanhado pela individualidade do «delinqüente», pela pequena alma do criminoso, que o próprio aparelho do castigo fabricou como ponto de aplicação do poder de punir e como objeto do que ainda hoje se chama a ciência penitenciária. Dizem que a prisão fabrica delinqüentes; é verdade que ela leva de novo, quase fatalmente, diante dos tribunais aqueles que lhe foram confiados. Mas ela os fabrica no outro sentido de que ela introduziu no jogo da lei e da infração, do juiz e do infrator, do condenado e do carrasco, a realidade incorpórea da delinqüência que os liga uns aos outros e, há um século e meio, os pega todos juntos na mesma armadilha" (p.225/226).*

A prisão não nasce no código dos reformadores, ela nasce nos mecanismos de poder da sociedade disciplinar. Ao produzir a delinquência ela produz um mecanismo de manutenção, pois ela não corrige, chama continuamente os mesmos. Produz aos poucos uma população marginalizada. Uma população identificada e controlada. A prisão possibilita a circunscrição dessa população, facilita o controle após a soltura, e possibilita a organização de um meio delinquente, fechado em si mesmo e de fácil controle. A prisão acarreta uma série de dificuldades de reinserção, praticamente obrigando ex-presidiários à continuidade no crime, ou na delação. Segundo Foucault:

*"(...) (polícia-prisão-delinquencia) se apóiam uns sobre os outros e formam um circuito que nunca é interrompido. A vigilância policial fornece à prisão os infratores que esta transforma em delinqüentes, alvos e auxiliaries dos controles policiais que regularmente mandam alguns deles de volta à prisão." (p. 248).*

---

<sup>6</sup> HANNAH ARENDT faz uma distinção entre trabalho e labor onde labor tem uma conotação de dor e atribulação. Labor jamais designa o produto final, ao contrário de trabalho do qual deriva o nome do próprio produto. O emprego das duas palavras como sinônimos é um grande engano da modernidade.

No sistema penitenciário não há nada mais atual do que o arcabouço produzido nos séculos XVIII e XIX e que continua a ser constantemente reproduzido e atualizado, isto é a vigilância, a sanção normalizadora e o exame que procuram corrigir indivíduos "anormais" para que se tornem dóceis e úteis à sociedade. Todavia tudo que a prisão consegue é violar e produzir delinquência.

***A realidade socialmente construída - Peter L. Berger & Thomas Luckmann.***

Partindo do pressuposto que a realidade é socialmente construída, Berger e Luckmann (1985) desenvolvem na perspectiva construcionista uma crítica à compreensão de que o conhecimento é só o teórico e defendem o conhecimento do senso comum, aquele conhecimento que as pessoas têm da realidade e que é construído na interação entre as pessoas. Os autores afirmam que é esse conhecimento que produz os significados que permitem a compreensão do mundo. Requerem para a sociologia do conhecimento a tarefa de compreender como a realidade é socialmente construída e como a atividade, o fazer humano produz o mundo de coisas. Para um melhor entendimento de suas propostas, os autores apresentam suas idéias em três segmentos: como se dá o conhecimento na vida cotidiana, a sociedade como realidade objetiva e a sociedade como realidade subjetiva.

Conforme Berger & Luckmann (1985), a compreensão dos fundamentos do conhecimento na vida cotidiana configura-se como importante pois o modo de vida cotidiana. "*(...)se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles.*" (p. 36). O mundo consiste de diversas realidades mas a realidade predominante é a realidade da vida cotidiana, é a realidade objetivada, que está organizada em torno do aqui e agora, e é através da linguagem que essa realidade está continuamente se objetivando.

Existem zonas de realidade que não são acessíveis á todos, não são do interesse de todos; a acessibilidade está ligada ao interesse e a utilidade. A realidade da vida cotidiana apresenta-se como um mundo intersubjetivo, um mundo que é compartilhado entre as pessoas; as coisas que alteram essa realidade são compreendidas como de outro mundo, de outra realidade. O caráter intersubjetivo confere á realidade da vida cotidiana uma característica de interação, onde as coisas são realizadas face à face, na presença do outro,

onde um é apreendido pelo outro; a subjetividade de um torna-se acessível ao outro. Nas interações face à face não cabem padrões rígidos pois um reage às atitudes do outro permitindo alterações nos padrões, e as vezes as impressões que se têm sobre o outro são alteradas pelas ações dele.

Quando não há a presença do outro na interação, a apreensão é feita só pelos esquemas tipificadores. Esses esquemas são definidos por Berger e Lukman (1985):

*" A realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como "lidamos" como eles nos encontramos face a face. Assim apreendo o outro como "homem", "europeu", "comprador", "tipo jovial", etc. Todas essas tipificações afetam continuamente minha interação com o outro(...)" (p. 49)*

No casos de apreensão por esquemas tipificadores , na ausência do outro a rigidez nos padrões é mais viável ( por exemplo em relação aos presidiários, a sociedade, na sua maioria, tem padrões de hostilidade que dificilmente serão modificados pois a interação não se dá face à face, para que seja possível a alteração desses padrões).

Mesmo sem padrões rígidos, a interação face à face já é padronizada na rotina da vida cotidiana por esquemas tipificadores, sendo estabelecido o modo como apreendemos o outro que só se modifica quando surge um problema e altera a tipificação; os esquemas são recíprocos pois na maioria das vezes esta apreensão se dá por esquemas típicos, conhecidos por todos daquele grupo.

A tipificação é anônima quando o envolvimento com o outro não é íntimo. O anonimato cresce na medida em que passa de relações diretas para relações indiretas. A estrutura social é a soma dessas tipificações e é elemento essencial da realidade da vida cotidiana.

O ser humano não estabelece relações somente com seus contemporâneos e conhecidos, estabelece também com seus predecessores e sucessores. Mantém relações com os que já passaram através de tipificações anônimas; com os que estão por vir, a relação se dá por tipificações mais anônimas ainda. Porém o anonimato não impede que predecessores e sucessores tenham participação decisiva na realidade da vida cotidiana.

A expressividade humana é passível de objetivação, que assim manifesta-se em coisas produzidas pelo homem e que está à disposição dos outros homens. Por meio das objetivações da expressividade é possível o acesso à subjetividade do outro. Os humanos

estão em constantes contatos com objetos que traduzem as intenções subjetivas de outros homens, pela produção e pelo uso que fazem desses objetos. Além dos objetos os homens têm acesso a subjetividade uns dos outros através dos sinais.

A produção de sinais e significados é um caso especial de objetivação produzidas pelo homem e partilhada com outros homens. Os signos são objetivamente acessíveis e expressam as intenções subjetivas imediatas. No conjunto de sinais, a linguagem se apresenta como particularmente importante na sociedade humana. A transmissão de significados e experiências muito depois destas terem acontecido só é possível pela linguagem, que tipifica a experiência e passa a ter sentido e significados para as outras pessoas. A linguagem vai além da realidade cotidiana, ela acessa outras esferas para a vida cotidiana, como o sonho. É o que chamamos de linguagem simbólica. Assim as experiências podem ser objetivadas, conservadas e acumuladas, porém de forma seletiva, pois acumulamos aquilo que nos diz respeito, que nos interessa. Essa acumulação se constitui no conhecimento da vida cotidiana, que temos e sabemos que as outras pessoas também têm; nas relações com o outro esse conhecimento é continuamente resgatado e afeta as interações.

A praticidade da vida cotidiana se utiliza do conhecimento limitado à rotina cotidiana, de maneira que grande parte do conhecimento consiste em receitas para atender às necessidades e problemas cotidianos. Não conhecemos tudo, conhecemos o que precisamos e o que nos interessa, o que nós é familiar. Através dos esquemas tipificadores a sociedade se constitui como realidade objetiva e essa objetividade é construída pelo que Berger e Luckman (1985) chamam de institucionalização.

O ser humano faz-se homem na relação com seu ambiente. Esse ambiente é natural e humano, pois o ser humano se relaciona com o ambiente natural, com as coisas da natureza, mas também se relaciona com uma organização social e cultural, mediada para ele através de seus outros significativos; por exemplo o desenvolvimento do bebê depende de mecanismos sociais. É possível afirmar que o homem constrói sua própria natureza, ele produz a si mesmo. Da mesma maneira os aspectos subjetivos vão se construindo nessa relação com o mundo, pois a produção do humano é sempre um conjunto social. Segundo Berger e Luckmann (1985): "*Os homens em conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas forças sócio-culturais e psicológicas*" (p. 75).

A ordem social é uma progressiva produção humana, no curso contínuo de sua exteriorização. A ordem social é um produto exclusivo da atividade humana. A exteriorização é uma necessidade humana; é impossível conceber o homem numa esfera fechada de interioridade serena, quieta. O organismo humano necessita de um ambiente estável para sua conduta, por isso ele criou a ordem social. Para a compreensão dessa necessidade de uma ordem social além das constantes biológicas, os autores propõem uma teoria da institucionalização.

Todas as ações humanas tornam-se hábitos e os hábitos restringem as opções, poupando-nos do desgaste da escolha. As tipificações tornam-se hábitos e se institucionalizam em esquemas que são sempre partilhados. As institucionalizações são construídas num processo histórico, não são criações instantâneas, são sempre produtos históricos, são partilhadas. As instituições por si só controlam e estabelecem previamente modos de conduta. Esse aspecto controlador das instituições existe antes da existência de qualquer tipo de sanção que controle a conduta, é característica da instituição ser controladora de condutas. Todo segmento humano institucionalizado é um segmento submetido ao controle social, as institucionalizações mal sucedidas pedem sanções complementares para o caso de violação.

Com a institucionalização as ações do outro são predizíveis, o que poupa o desgaste psicológico de tentar prever o que o outro vai fazer. Como as instituições são produções históricas, uma produção de muitos indivíduos, são transmitidas às gerações futuras; a transmissão da realidade institucionalizada cria nas gerações futuras que não participaram da criação dos esquemas e da institucionalização, a impressão de que a realidade é dada, é natural, assim também o mundo e as coisas que o compõem. Isso reforça a idéia de realidade. O mundo institucional é experimentado como realidade objetiva, as instituições são facticidades históricas, antecedem ao indivíduo e se mantêm além dele, resistem às suas tentativas de mudar essas instituições. É como mundo objetivo que as formações sociais podem ser transmitidas às gerações futuras.

Os autores afirmam que a objetividade do mundo institucional é uma objetividade construída pelo homem. A relação das pessoas com o mundo produzido é uma relação dialética, onde um atua sobre o outro reciprocamente. *"A exteriorização e a objetivação são momentos de um processo dialético contínuo. O terceiro momento desse processo é a*

*interiorização (pela qual o mundo social objetivo é reintroduzido na consciência no curso da socialização)." (p. 87)*

Por ser histórico, o mundo social é interiorizado pelas gerações futuras de forma diferente e precisa de uma série de explicações legitimadoras, dado que as gerações futuras precisam ser convencidas de que as coisas são assim. Tudo que é passado às gerações futuras aparece como tradição e não como memória biográfica. As gerações futura não têm acesso aos significados originais das instituições, então é preciso interpretar esses significados através de fórmulas legitimadoras. Nesse processo de transmissão e legitimação vão criando-se os mecanismos de controle social, pois é mais provável que haja desvios porque é mais fácil o indivíduo se desviar de programas que foram feitos por outros para ele do que os feitos por ele.

As manifestações de transgressão exigem o estabelecimento de sanções pois o mundo institucionalizado pressupõe aceitação e pretende ter autoridade sobre os indivíduos, independente das significações subjetivas que possam ter. As condutas institucionalizadas se tornam tanto mais predizíveis e controladas, quanto mais naturalizadas. O acervo de conhecimentos produzidos, objetivados e institucionalizados se constitui no conhecimento que fornece as regras de conduta institucionalmente adequada. Esse conhecimento relativo à ordem institucional é chamado pelos de autores de "conhecimento pré-teórico". Esse conhecimento é o corpo de verdades sobre a realidade, qualquer desvio é tomado como um afastamento da realidade verdadeira e pode ser designado como doença mental, depravação moral ou ignorância. Esse conhecimento construído media as interiorizações das estruturas objetivadas do mundo. Para Berger e Luckman (1985) "(...) *o conhecimento sobre a sociedade é uma realização no duplo sentido da palavra, no sentido de apreender a realidade social objetivada e no sentido de produzir continuamente essa sociedade*" (p. 94).

As experiências humanas que ficam retidas na consciência são sedimentadas, consolidam-se como coisas reconhecíveis e capazes de serem lembradas. Existem biografias intersubjetivas quando vários indivíduos incorporam um acervo de conhecimento; essa sedimentação só poder chamada de social se tem uma conjunto de sinais que a objetivam, quando existe a possibilidade de transmissão dessa objetivação. Novamente a linguagem aparece como o conjunto de sinais mais potente para a objetivação

e transmissão das experiências. Na transmissão, os significados podem ser reinterpretados sem prejuízo para as instituições. A transmissão de uma instituição baseia-se no reconhecimento da importância dessa instituição para a solução permanente de problemas permanentes de uma coletividade. Os significados institucionalizados devem ser freqüentemente lembrados aos indivíduos, nem que para isso seja necessário o uso de meios violentos e coercitivos. Esses significados institucionalizados são concebidos como conhecimento e como tal são transmitidos.

Outra característica das instituições é que elas incorporam as experiências dos indivíduos através dos papéis, que conforme Berger e Luckmann (1985),

*" São um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele" (p. 103)*

Os papéis representam a ordem institucional e representam uma completa necessidade institucional de conduta. De acordo com o papel que representa, o indivíduo é introduzido em áreas específicas do conhecimento socialmente objetivado, tanto no sentido cognoscível quanto no sentido do conhecimento de normas, valores e até emoções. Isso implica na distribuição social do conhecimento.

Um terceiro segmento proposto por Berger e Luckmann, refere-se à sociedade como realidade subjetiva, para a explicação do processo de interiorização do mundo social pelos indivíduos. A interiorização da sociedade se dá em dois momentos: na socialização primária e na socialização secundária. Nesse processo de interiorização, que pode ser descrito como a apreensão ou interpretação imediata de acontecimentos objetivos como dotado de sentido, a interiorização é primeiro passo do homem para a compreensão do seu semelhante e da apreensão do mundo como realidade dotada de sentido. O indivíduo compreende que não só vive no mesmo mundo do outro como participa das singularidades do outro, assumindo um mundo em que o outro já vive. Segundo Berger e Luckmann (1985) *"Em qualquer caso, na forma complexa de interiorização, não somente 'compreendo' os processos subjetivos momentâneos do outro mas 'compreendo' o mundo em que vive e esse mundo torna-se meu próprio"*(p. 174):

A socialização primária é a primeira experiência social do indivíduo, o mundo lhe é acessado a partir de sua localização na estrutura social objetiva ( a família) e suas

disposições individuais; o indivíduo vai interiorizando o mundo a partir dos valores de seus outros significativos, da forma que esses outros significam o mundo. A interiorização ocorre além dos processo cognitivos e a identificação com outros significativos precisa da emoção. No processo identificatório a relação dialética com as coisas da sociedade se dá no plano individual. Ele não somente absorve papéis e atitudes como também assume o mundo do outro.

Berger e Luckman (1985) afirmam que a socialização secundária é a interiorização de submundos institucionais ou baseados em instituições; a emoção que tinha importante papel no processo de socialização primária, na secundária é dispensável. Nesse momento ocorre a distribuição social do conhecimento, não de um conhecimento universal, mas de um conhecimento especial. É a aquisição de conhecimentos específicos dentro de uma linguagem específica, com a interiorização de significados que delimitam e interpretam condutas de uma determinada fronteira institucional. A socialização secundária supõe que houve uma socialização primária, e vai trabalhar com um mundo que foi interiorizado numa personalidade já formada. Por exemplo, uma criança recebe uma socialização de seus outros significativos a partir da classe pobre; a socialização secundária vai considerar essa socialização precedente para a circunscrição, compreensão e interpretação do mundo institucionalizado.

Como a socialização não é completa e processos podem ser destruídos, a sociedade desenvolve alguns mecanismo sde defesa da realidade subjetiva, assim como a realidade objetiva procede com a legitimação. As realidades interiorizadas na socialização secundária podem ser destruídas com mais facilidades e com menos traumas, mas a realidade interiorizada na socialização primária é apreendida como inevitável. Assim é mais fácil ocorrerem modificações na socialização secundária de que na primária, apesar de que as experiências marginais estão sempre ameaçando a interiorização primária. Os outros significativos são elementos importantes na conservação da realidade subjetiva e o veículo para a conservação é o dialogo, que mantém modifica e reconstrói sua realidade subjetiva.

Em relação aos aspectos estruturais do processo de socialização, Berger e Luckmann (1985) afirmam que uma socialização bem sucedida é aquela na qual há um elevado grau de simetria entre a realidade objetiva e a subjetiva. Isto é possível em sociedades bastante simples, em relação à divisão de trabalho e mínima distribuição de

conhecimento, não acarreta problemas de identidade, todo mundo sabe quem é quem naquela organização. Uma socialização mal sucedida é aquela em que o grau de simetria é baixo, pode ocorrer por exemplo no caso de membros estigmatizado, tais como o aleijado, o bastardo, o idiota. Mas se os grupos marginais iniciam um outro processo de socialização próprio, onde o estigma ganha um outro significado, a socialização imperfeita num determinado mundo pode ser a socialização perfeita de outro; quem é marginal num mundo pode ser o centro de um outro mundo.

Em sociedades mais complexas, a socialização mal sucedida pode resultar em que diferentes outros significativos mediatizem diferentes realidades objetivas ( o mesmo mundo em realidades diferentes), ou a mediação de mundos discordantes pelos outros significativos ( cada um ter um tipo de mundo). Outra possibilidade é de que aquilo que foi interiorizado na socialização primária ( eu sou uma coisa) se apresente em discordância com a socialização secundária.

No entendimentos dos processos que envolvem o crime, a prisão e o trabalho, há um diálogo possível entre Becker e Foucault e de ambos com Berger e Lukmann,. Estes teóricos têm pontos de discussão que são convergentes, partem do pressuposto que a realidade é histórica e socialmente construída.

O interessante é que H. Becker procura mostrar como a questão do desvio é produzida, deixando claro que não quer discutir por que as pessoas cometem crimes, mas sim como os crimes são construções sociais. De acordo com o interesse/conveniência de grupos majoritários, criam-se regras que por sua vez vão identificar como desviantes todos aqueles que burlam essas regras. Esse processo se inicia com o grupo interessado identificando na sociedade uma determinada situação ou comportamento que "precisa ser modificada ou proibida"; esse grupo, através dos que se assumem como reformadores ou empresários morais, vai procurar atrair a atenção de outros que acabam por concordar com o grupo inicial, isso tudo num processo perfeitamente inserido e lógico na organização social. Posteriormente esses processos são institucionalizados e se tornam condutas institucionalizadas, que são predizíveis e mais controladas, dando toda a impressão de que são naturais, que são coisas que estão ali desde que o mundo é mundo, como afirmam Berger e Luckman. Ao tratar da produção do desvio H. Becker identifica os mecanismos na sociedade que produzem primeiro as regras, e ao produzi-las já estão produzindo os

desviantes, os quais são identificados e rotulados com tal.

Michel Foucault, no esforço de apresentar a maneira pela qual as verdades foram sendo produzidas, vai inferindo através dos acontecimentos históricos como a produção do desvio se dá. Ele situa no século XVII, com a posse da terra pela burguesia, as ilegalidades toleradas dos camponeses que passaram a ser consideradas práticas criminosas e seus autores perseguidos e castigados; essa transformação leva os reformadores a proporem todas as mudanças nas técnicas de punir que culminaram com o nascimento da prisão, tal como a conhecemos e esse modelo continua até hoje produzindo delinquência.

Outro ponto de discussão entre os autores refere-se a questão da profecia que se auto realiza apontada por Becker e o controle sobre os indivíduos que M. Foucault analisa. Para Becker o indivíduo identificado como criminoso vai ser reconhecido pelo rótulo, ele vai ser reduzido ao rótulo. Para os impositores de regras, o indivíduo rotulado como desviante provavelmente já havia cometido outros crimes e poderá no futuro voltar a cometer crimes. Assim como para Foucault o controle é exercido sobre aquilo que o indivíduo poderá vir a fazer, é considerado em termos de suas virtualidades.

Berger e Luckmann afirmam que o mundo institucionalizado não permite transgressões. As transgressões exigem sanções pois o mundo institucionalizado pressupõe a aceitação da autoridade e o desvio acontece porque as pessoas têm dificuldades em aceitar uma regra que não foi produzida por elas. Mas o mundo institucionalizado não leva em conta as significações subjetivas ou o sentido que o indivíduo está dando. Becker considera que existem tantas regras quanto os grupos que compõem a sociedade e que portanto alguns grupos vão dar significados e sentidos diferentes, o que é desvio num grupo é meio de aceitação em outro grupo. O mundo institucionalizado é o mundo do grupo majoritário que impõe a sua verdade.

## II. MÉTODO

### *Pesquisa de Campo.*

Nesta pesquisa buscamos investigar o significado do trabalho em detentos de uma unidade prisional em Santa Catarina. A natureza do problema nos levou a optar por técnicas de coleta e análise de dados do tipo qualitativa. A sociedade contemporânea nos apresenta problemas cada vez mais complexos e mais urgentes e que precisam também de respostas complexas e urgentes. Cabe a ciência e ao pesquisador envolver-se nessa problemática e produzir conhecimento sobre essa realidade.

Por muito tempo o discurso científico, legitimou a discriminação, a opressão, priorizando o saber de uma minoria; em nome da neutralidade, da imutabilidade, do verificacionismo, de uma fotografia da realidade. A ciência se manteve a margem de fenômenos sociais mais objetivos, tais como: pobreza, violência, racismo, migração; como nos coloca Rey ao falar do isolamento da realidade que a ciência tradicional se impôs:

*" Al desvincular el conocimiento de su objeto, la realidad se desestimaba como parte de la producción teórica, lo que conducía a una separación radical entre realidad y conocimiento con consecuencias que pueden llegar a generar posiciones reaccionarias en la investigación social, al quedar excluidos de ella fenómenos sociales tan objetivos como la pobreza, el racismo, los desbalances del mundo de hoy, la marginalidad etc;".( 1997: 162).*

Partimos de pressupostos de que os fundamentos epistemológicos da ciência psicológica devem falar da vida verdadeiro do sujeito humano, falar do que as pessoas fazem, de como elas são, o que as faz sofrer, o que as faz feliz; pensando a produção de conhecimento do homem concreto, numa relação dinâmica com a realidade a ser investigada, segundo Japiassu (1977), comentando Politzer:

*" Para Politzer , a psicologia interessando-se pelo homem concreto, pelo homem vivendo um drama humano, deve ter por objeto o comportamento humano. Mas o comportamento enquanto ele se relaciona com os acontecimentos no interior dos quais se desenrola a vida humana, e com o indivíduo enquanto é o sujeito dessa vida. Em suma o objeto da psicologia é o comportamento que tem um sentido humano". (1977:132).*

O pesquisador é parte da realidade pesquisada, ele não pode "sair dela" para pesquisar; numa relação com o outro sempre estão envolvidas subjetividades de ambos, são momentos de intersubjetividades, que num movimento dialético vai gerar significações. Chamamos nosso processo de qualitativo na perspectiva de Rey (1997) que entende o conhecimento como uma construção, e propõem a filosofia da produção do conhecimento, onde o conhecimento não se escassa no momento descritivo pois novos conhecimentos são gerados no processo de pesquisa; destaca que o diálogo com o outro é permanente, não busca a generalização, mas constrói conhecimento ao nível da singularidade. o conhecimento produzido deve conter o geral e o singular. Rey assinala:

*" La epistemologia que proponemos la denominamos epistemología cualitativa, donde lo cualitativo caracteriza el proceso de producción de conocimiento, pero no se define por el uso exclusivo de métodos cualitativos.(...) se orienta más a legitimar el aspecto procesal de la construcción del conocimiento" (...) los métodos son considerados em su aspecto social, como momentos constituidos en una relación humana, dentro de la cuala comunicación que define la relación entre el investigador y el investigado (1997:11)*

Nesta pesquisa nos pautamos, conforme proposição de Assmann (1998) , onde o pesquisador deve fazer um filme da realidade e não apenas tirar uma fotografia, falar de homens inseridos na dinâmica social, compreender a realidade através da ciência, levando sempre em conta as determinações histórico sociais daqueles que a produzem. Procuramos lançar um olhar sobre o problema da exclusão, do crime, da prisão, sob a perspectiva do sujeito que comete crimes e sua relação com o trabalho, como essa relação foi construída.

Os dados foram colhidos através de entrevista, com um roteiro que serviu de norteador das perguntas. Foram reunidos depoimentos sobre experiências vividas pelos participantes no que se refere a trabalho, mundo do crime, cotidiano da prisão. Nestes depoimentos o colóquio era dirigido pela pesquisadora, que procurou manter os entrevistados falando sobre o tema proposto. Os dados foram analisados por técnica de análise de discurso, conforme proposta por Bardin, pois essa técnica oscila do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Segundo a autora *"(...) por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar"*.

### Caracterização da Instituição.

Em Florianópolis há um complexo prisional, localizado no bairro Agrônômica. Este complexo é composto de cinco unidades prisionais. Entre estas unidades está o presídio masculino de Florianópolis, estabelecimento onde se deu a pesquisa. O objetivo dessa unidade é abrigar presos provisórios, ou seja, autuados em flagrante delito, com mandado de prisão preventiva, condenados com sentença em grau de recurso ou em trânsito para outras Comarcas. Devido ao problema da superlotação das penitenciárias estaduais, o estabelecimento mantém também pessoas presas já condenadas com sentença transitada em julgado.

O estabelecimento contava na época da coleta com uma população de 244 reclusos do sexo masculino, com idade entre 18 e 65 anos.

A estrutura física do estabelecimentos é composta de um prédio retangular, dividido em cinco galerias e três pátios de sol. As galerias são subdivididas em celas, perfazendo um total de 57 celas, com capacidade para acomodar 152 reclusos. Existe também um prédio anexo que abriga os setores administrativo e penal, uma enfermaria para pronto atendimento, uma sala de atendimento à família e uma sala de revista dos visitantes.

A distribuição dos reclusos nas galerias não segue qualquer critério de periculosidade ou reincidência, eles são colocados nas galerias conforme a disponibilidade de vagas. Porém, há um grupo de reclusos que é separado dos demais: devido a natureza do delito são colocados em uma galeria conhecida como "seguro" todos aqueles que praticaram delitos contra a liberdade sexual (estupro, atentado violento ao pudor), aqueles cujo delito causou repercussão na comunidade (seqüestro, homicídios violentos, delitos envolvendo crianças), e por último aqueles de conduta questionada no mundo do crime (delatores).

O corpo funcional do estabelecimento é composto por um administrador, vinte três agentes prisionais (responsáveis pela abertura das celas e trânsito dos reclusos dentro do estabelecimento), três motoristas, dois funcionários administrativos, uma assistente social, uma psicóloga, duas professoras, um técnico de enfermagem e seis estagiários do curso de Direito.

Desde março de 1996 funciona no presídio uma escola, com quarenta alunos em processo de alfabetização e preparação para o exame de 1º e 2º grau. Desde outubro de

1997 estão em atividades quatro oficinas de trabalho remunerado, resultado da parceria estabelecida entre a administração do presídio e empresas privadas interessadas, que organizaram espaços para este fim, são elas: oficina para confecção de papel artesanal, montagem de "mensageiros do vento"<sup>7</sup>, costura de sapato e oficina de tapeçaria (estas duas últimas funcionam dentro de uma galeria).

No Presídio Masculino de Florianópolis existem atividades laborativas que dependem de escolha dos candidatos por parte do administrador e funcionários e existem atividades que dependem da iniciativa e das condições do detento. Entre os trabalhos que dependem dos funcionários está: 1) ser regalia<sup>8</sup> interno (na galeria), responsável pela limpeza da galeria e do pátio, pela distribuição de alimentos, fazer o contato entre os detentos e os funcionários; normalmente são em número de quatro por galeria, em alguns casos sugeridos pelos regalias mais antigos (não remunerado); regalia externo: faz serviços de limpeza, cozinha e manutenção do prédio, são em número de onze e moram em celas separadas das galerias; são atividades não remuneradas. 2) ser admitido nas oficinas de reciclagem de papel, de mensageiros do vento, ou montagem de extensões. São atividades remuneradas. Entre as atividades que dependem da iniciativa e das condições do detento está: 1) participar da oficina de tapeçaria dentro da galeria; atividade com remuneração condicionada à venda. 2) participar da oficina de costura de sapato; com remuneração por produção; 3) fazer artesanatos diversos, também com remuneração condicionada à venda. Todas as atividades dão direito a remissão, isto é, 3 dias trabalhados, diminui um dia da pena.

A população do presídio é composta por homens com idades variando entre 18 e 65 anos, com a predominância de detentos com idades entre 18 e 35 anos. Em relação à escolaridade, a maioria dos detentos estudou algumas séries do primeiro grau, situando-se a maior parte deles com primeiro grau incompleto. Quanto a procedência, a maioria dos detentos são oriundos da região da Grande Florianópolis. Todavia há um número acentuado de detentos oriundos de outros Estados. Em relação a situação civil e número de filhos, há uma predominância de reclusos amasiados e com um ou nenhum filho. Quanto às ocupações informadas no ingresso à unidade, a maioria exercia atividades na construção civil,

---

<sup>7</sup> Artefatos de metal, bambú ou madeira, montados manualmente e utilizados como enfeite.

<sup>8</sup> A expressão regalia carrega um duplo significado, é um prêmio e também é o nome dado a função descrita acima, que o detento exerce no presídio.

seguidos pela prestação de serviços. Quanto à natureza do delito a maioria dos detentos foram identificados como primários ( primeira prisão) e estavam recolhidos por crime de tráfico de drogas, conforme artigo 12 do código penal, seguido daqueles recolhidos por roubo, conforma artigo 157 do código penal. Entre os reincidentes ( já estiveram presos outras vezes no estabelecimento), o predomínio é do crime de furto ( artigo 155 do código penal), seguido do tráfico de drogas.<sup>9</sup>

### ***Participantes da pesquisa.***

#### Escolha dos participantes:

Os participantes da pesquisa foram 15 reclusos do Presídio Masculino de Florianópolis, entrevistados no período de abril a setembro de 1999.

A decisão pela forma de escolha dos participantes de uma pesquisa que envolve sujeitos heterogêneos (provenientes de diversas regiões do Estado de Santa Catarina e até de outros Estados, numa diversidade de idades, escolaridade e atividades exercidas), mas que também sofrem homogeneização ( pois compartilham o espaço carcerário, que tem como premissa massificar e afogar individualidades), constituiu-se numa tarefa difícil pois esta escolha configura-se como muito importante para o futuro da pesquisa. Outro fator de dificuldade referiu-se ao duplo papel da pesquisadora, que por fazer parte do quadro funcional do presídio pode ser significada como representante do poder, mas que parece ser sentida como um intermediário dos pontos de poder e também como depositário de confiança dos reclusos. Avaliando estes fatores e considerando a especificidade do local da pesquisa, optamos por uma seleção intencional dos participantes, em que a confiança entre entrevistador/entrevistado e a disposição para falar são fatores de suma importância.

O principal critério de inclusão dos reclusos no grupo de participantes foi o de serem pessoas que em algum momento procuraram por iniciativa própria o serviço de psicologia. Os reclusos caracterizados como reincidentes foram escolhidos porque todas as vezes que retornaram ao Estabelecimento, procuraram o serviço de psicologia para conversar sobre as causas de seu retorno e como foi sua estada em liberdade. Também os reclusos caracterizados como primários têm como característica em comum o fato de procurarem o serviço de psicologia para conversar sobre a vinda para a prisão e sobre a

---

<sup>9</sup> Ver descrição completa no anexo III (p. 134)

experiência da prisão. Essa similaridade entre eles se constituiu num critério de escolha , pois se configuravam como aqueles que poderiam contribuir de forma mais plena ao estudo. Para os participantes o serviço de psicologia já se constituía num espaço de escuta e já havia vínculo com a pesquisadora.

Descrição dos participantes da pesquisa:

Os 15 reclusos participantes da pesquisa serão identificados pelas letras do alfabeto, na caracterização que se segue:

**Entrevistado A.** – Tem 35 anos, é nascido em Florianópolis, cursou até a 3ª série do 1º grau, é amasiado, tem 10 filhos, é reincidente, está preso há aproximadamente 2 anos; acusado de tráfico de drogas e receptação, trabalha como regalia externo e na costura de sapato. Está condenado a 4 anos e 9 meses de reclusão em regime fechado.

**Entrevistado B.** – Tem 29 anos, é nascido em Florianópolis, cursou até a 7ª série do 1º grau, é amasiado, tem 2 filhos, é reincidente, está preso há 1 ano e 4 meses; acusado de furto, trabalha na confecção de artesanato (barcos). Está aguardando decisão judicial.

**Entrevistado C.** – Tem 32 anos, é nascido em Laguna , cursou até a 8ª série do 1º grau, é amasiado, tem 1 filho, é primário, está preso há 1 ano e um mês; acusado de homicídio, trabalha como regalia interno. Está aguardando decisão judicial.

**Entrevistado D.** – Tem 26 anos, é nascido em Brusque, cursou até a 4ª série primária do 1º grau, é amasiado, tem 4 filhos, é reincidente, está preso há 1 ano e 2 meses; acusado de receptação, trabalha como regalia externo . Está aguardando decisão judicial.

**Entrevistado E.** – Tem 22 anos, é nascido em Lages, é analfabeto, solteiro, tem 2 filhos, é reincidente, está preso há 1 ano e 3 meses; acusado de homicídio e furto. Não trabalha. Está condenado a um ano de reclusão em regime aberto e aguardando julgamento pelo homicídio.

**Entrevistado F.** – Tem 27 anos, é nascido em Corumbá - MS, tem 2º grau completo, é casado, tem 02 filhos, é reincidente, está preso há 2 anos e 10 meses; acusado de tráfico de drogas, trabalha na oficina de reciclagem de papel. Está condenado a quatro anos de reclusão em regime fechado.

**Entrevistado G.** – Tem 35 anos, é nascido em Imbituba , tem 2º grau completo, é amasiado, tem 2 filhos, é reincidente, está preso há 2 anos 5 meses e 17 dias; acusado de

roubo, trabalha na oficina de reciclagem de papel. Está condenado a 16 anos de reclusão em regime fechado.

**Entrevistado H.** – Tem 25 anos, é nascido em Porto Alegre - RS, cursou até a 5ª série do 1º grau, solteiro, sem filhos, é primário, está preso há 2 anos e 10 meses, acusado de roubo. Não trabalha. Está aguardando decisão judicial.

**Entrevistado I.** – Tem 47 anos, é nascido em Florianópolis, cursou o 1º grau completo; é separado, tem 6 filhos, é primário, está preso há 8 meses; acusado de tráfico de drogas, trabalha na oficina de reciclagem de papel. Está aguardando decisão judicial.

**Entrevistado J.** – Tem 19 anos, é nascido em Florianópolis, cursou até a 5ª série do 1º grau, solteiro, não tem filhos, é primário, está preso há 6 meses; acusado de estelionato, não trabalha. Está aguardando decisão judicial.

**Entrevistado K.** – Tem 25 anos, é nascido em São José, cursou até a 6ª série do 1º grau, é amasiado, tem 2 filhos, é reincidente, está preso há 5 meses; acusado de furto, trabalha na costura de sapato. Está aguardando decisão judicial.

**Entrevistado L.** – Tem 28 anos, é nascido em Florianópolis, é analfabeto, solteiro, tem um filho, é reincidente, está preso há 1 ano; acusado de furto, trabalha na regalia interna. Condenado a 01 e 2 meses de reclusão em regime fechado, está aguardando decisão judicial em outro processo

**Entrevistado M.** – Tem 31 anos, é nascido em Palhoça, cursou até a 6ª série do 1º grau, é amasiado, tem dois filhos, é primário, está preso há 1 ano; acusado de tráfico de drogas, não trabalha. Está condenado a 3 anos de reclusão em regime fechado.

**Entrevistado N.** - Tem 33 anos, é nascido no Rio de Janeiro – RJ, cursou até a 7ª série do 1º grau, solteiro, tem um filho, é reincidente, está preso há 3 anos; acusado de homicídio, trabalha na oficina de reciclagem de papel. Está condenado a 13 anos de reclusão em regime fechado.

**Entrevistado O.** - Tem 28 anos, é nascido em Caçador, cursou até a 3ª série do 1º grau; é casado; tem um filho, é reincidente, está preso há 6 meses; acusado de furto. Não trabalha. Está aguardando decisão judicial.

### ***Coleta , registro e análise dos dados.***

#### Coleta de dados:

Os dados foram obtidos através de entrevistas com roteiro, semi estruturada , e privilegiando o depoimento do entrevistado<sup>10</sup>, realizadas no período de abril a setembro de 1999 na sala de atendimento do serviço de psicologia do Presídio Masculino de Florianópolis, em horários definidos de acordo com a disponibilidade da sala e da entrevistadora. Por determinação da instituição os entrevistados estiveram algemados durante a entrevista , com as mãos para frente. Durante a entrevista permaneceram na sala de atendimento apenas a entrevistadora e o entrevistado. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, inclusive com o máximo de preservação para manifestações dos entrevistados, como choro, risos, gestos explicativos e silêncios.

#### Análise dos dados:

Os dados coletados nas entrevistas com os reclusos foram organizados e interpretados através da técnica da análise de discurso, com o objetivo de aproveitar ao máximo o discurso trazido pelo entrevistado. Procuramos "desmontar" as entrevistas diversas vezes para buscar os significados e sentidos implícitos do discurso recolhido.

Cada entrevista foi escutada várias vezes, transcrita e lida várias vezes, perfazendo um total de pelo menos cinco visões globais de seu conteúdo. Conforme iam sendo identificados possíveis núcleos temáticos, eles iam sendo transformados em hipótese de trabalho para nova verificação frente ao conjunto de entrevistas específicas.

A seguir passou-se ao que foi denominado "banco de análise", onde a entrevista era desmontada de acordo com o tema presente ou emergente na fala. Esse banco de análise foi se ampliando na medida em que se avançava no tratamento das entrevistas e chegou, ao final do processo, ao seguinte formato:

1. Aprendizagem do trabalho: quando se refere às suas primeiras experiências com o trabalho, a idade que começou, com quem aprendeu, o que aprendeu.
2. As escolhas ou a falta delas: as escolhas que fez ao longo de sua trajetória em relação a trabalho, família, vida na prisão e mundo do crime.
3. A família: a família aparecendo como definidor ou desencadeador de uma situação.

---

<sup>10</sup> Ver anexo IV (p. 138).

Elemento carregado de contradição.

4. "Como eu sou": falando de como é, como se sente, quando aparece como protagonista da ação, falando do seu mundo.
5. "Como o outro é": quando o entrevistado se remete ao outro para colocar um ponto de vista ou uma situação, quando sua fala refere-se ao que o outro pensa ou sente.
6. A que grupo se reporta: a quem se refere quando fala de si, qual o grupo cuja opinião é importante.
7. O mundo do crime: como começou no mundo do crime, com quem e quando começou, para que serve o crime para ele, meios que se utiliza para transitar no mundo do crime.
8. O que é trabalho: os sentidos e significados do trabalho, dentro e fora da prisão, para que serve o trabalho para ele.
9. Prisão: relação de vida e morte, a aprendizagem na prisão, vivências e relacionamentos na prisão, o sentido e o significado da prisão, modos que se utiliza para sobreviver na prisão.
10. Conformismo: a aceitação de uma realidade da qual não gosta, naturalização de sua condição.
11. Modos de sobreviver na exclusão: mecanismos que utiliza para sobreviver, por estar excluído de condições econômicas e/ou sociais de existência.
12. Responsabilidade pela situação: grupos a quem atribui responsabilidade pela situação em que se colocou ou que se encontra.
13. Distinção entre crime e trabalho: elementos que utiliza para diferenciar o delito do trabalho.
14. Perspectivas pós cadeia: o que planeja para quando sair da cadeia, o que espera encontrar.
15. Laços criados na prisão: encontros e desencontros na cadeia, o afeto que se estabelece.
16. A contextualização dos motivos: toda a trajetória explicativa que o levou ao delito.
17. Motivos para ingresso no mundo do crime: situações de vida e de contexto que podem ser entendidas como motivos ou facilitadores para o crime.
19. Religiosidade: a religião como fonte mudança, de alívio e tábua de salvação.

A seguir buscou-se a reconstituição do discurso de cada entrevistado. Nessa reconstituição foi evidenciado aquilo que parecia mais se destacar na análise do discurso

desse entrevistado. A retomada da visão de conjunto das entrevistas a partir da reconstituição do discurso de cada entrevistado, permitiu a definição dos núcleos temáticos que atravessavam os diversos depoimentos: a visão do detento sobre si mesmo, o papel da família no processo vivido pelo detento, sua relação com o mundo do crime, sobre a vida na prisão, sobre o trabalho e sobre a visão que os outros têm a seu respeito.

### **III. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesta seção são apresentados os resultados e as discussões obtidos nas quinze entrevistas realizadas. Os resultados são apresentados em seis núcleos temáticos que foram sendo construídos à partir das falas dos entrevistados, onde eles contam fatos de suas vidas, emitem opiniões sobre a realidade em que estão inseridos. Estes núcleos abordarão temas como a auto imagem, onde os entrevistados falam de si, como são, o que pretendem; falam de sua relação com a família, sobre a aprendizagem do trabalho, o mundo do crime, a vida na prisão, seu relacionamento com a sociedade, o que acham que as pessoas pensam sobre eles. Na apresentação dos temas são feitas citações de fragmentos de falas dos entrevistados para exemplificar o assunto tratado.<sup>11</sup> No decorrer deste estudo foi possível verificar e confirmar alguns dados obtidos e já discutidos em outras pesquisas.

Um primeiro ponto de discussão está relacionado com as possíveis interferências nos resultados, decorrentes do fato que a pesquisadora trabalha na unidade pesquisada. Falar da prisão estando dentro dela apresenta uma vantagem e uma desvantagem: quando o pesquisador é de fora, ele consegue definir com mais clareza seu papel como daquele que não tem uma função específica dentro da instituição e portanto consegue fazer uma leitura diferenciada dos papéis de cada um; mas ele tem a desvantagem de quem não detém os códigos da instituição. Esta pesquisa tem o mérito de entrevistar pessoas que já conseguem separar o papel da pesquisadora do papel de polícia, com a vantagem de que a pesquisadora detém os códigos de funcionamento da instituição.

O lugar ocupado pela pesquisadora na unidade prisional com certeza influenciou numa primeira análise os resultados, pois o fato de exercer as funções de psicóloga no estabelecimento lhe confere um certo poder, não só o poder do exame formal, que não se inclui em sua prática, mas do exame do cotidiano, que é o poder de olhar e destacar A de B naquele universo. A percepção desse poder transparece nos relatos. Mas também está presente nos relatos e se reflete nos resultados, um propósito: aquele que todos têm quando falam com alguém sobre si, sobre suas coisas e esse projeto pessoal aparece em cada participante. O propósito que é possível identificar em todos os participantes da

---

<sup>11</sup> Ressalta-se que as falas inseridas são exemplos e fazem parte de discursos que estão no anexo IV (p. 140), junto com outros discursos sobre o mesmo tema.

pesquisa, seja de forma direta ou não, se traduz da seguinte maneira: "Você que nos conhece, diga aos outros que não somos maus".

### **A PERCEPÇÃO QUE O DETENTO TEM DE SI.**

Nesta seção são apresentados depoimentos sobre as idéias que os participantes têm a seu respeito, sua auto imagem, sua religiosidade, suas perspectivas de futuro. A maneira como se vê esse homem que está na prisão. Nessa descrição de si, os entrevistados reproduzem um fenômeno que é esperado no procedimento de entrevista, e identificado por Rcoha (1994). Os entrevistados procuram responder a algumas questões tentando corresponder as expectativas do entrevistador, e também procuram corresponder a uma imagem que se tem sobre eles e contempladas nos manuais de criminologia.

#### ***Não sou ruim posso mudar.***

Os entrevistados referem percepções sobre si mesmos. Uma percepção que se destaca é a de que se consideram pessoas boas. Relatam qualidades positivas percebidas por eles e pelas pessoas de suas relações, tais como: responsabilidade, esforço, humildade, simpatia, honestidade, correção, presteza e inteligência.

Outra forma de reforçarem a percepção de que são pessoas boas, é quando referem-se aos seus relacionamentos, pois afirmam que se relacionam com pessoas de bem. Entre essas pessoas de bem identificam juizes e funcionários da justiça.

Afirmam que são pessoas que cometeram erros mas que têm todas as possibilidades de mudar, principalmente por causa das qualidades que reconhecem em si e por não se considerarem pessoas ruins.

Os entrevistados quando falam de si dizem que não são cem por cento bons ou maus, que são pessoas que já cometeram atos que são considerado ruins, mas também já fizeram e continuam fazendo coisas boas. Observe-se a afirmativa de K. que se percebe como uma pessoa boa, com qualidades e com possibilidades de atitudes que ele considera boas; da mesma forma, no outro fragmento, H. afirma que não se considera um bandido, pois não fez uma opção pelo crime e sustenta possibilidade de mudanças nos seus sentimentos:

*"...eu so uma pessoa muito boa de coração, muito bom, educado, inteligente, não é porque to na sua presença, eu tive uma educação muito boa, e eu cai na vida do crime de certo jeito assim, dos 20 prá cá...eu não era, não era, essa vida não era prá mim... (K. 25 anos)*

*"Tipo eu so bandido, eu não so bandido, bandido é o cara que vai pá cadeia, sai pa rua, volta, sai, volta de novo, insiste no crime, então eu so um (pausa) na minha vida. Eu so um acusado, posso se um criminoso, mais eu bandido eu não so, né. Porque eu tenho certeza que eu vô, que eu já to regenerado, e não preciso se regenerá, eu não so reincidente, mas eu vo sai regenerado da cadeia, e continuo sendo, não tenho ódio de policia, não tenho ódio de, de ninguém, porque eu não so inocente, mas também não so um bandido." (H. 25 anos).*

### ***Preciso refazer minha vida.***

A idéia de mudança significa para os entrevistados abandonar o crime, estabelecer novos referenciais, afastando-se de pessoas e situações que eles consideram identificadas com o crime. Entre as situações que, segundo eles, são identificadas com o crime, destaca-se o uso de drogas e locais de consumo. Referem a vontade de resgatar relacionamentos rompidos ou prejudicados, com familiares e pessoas que consideram distanciadas do mundo do crime, ou seja pretendem refazer um trajeto, mudando algumas de suas ações.

Ao falar de mudança, os entrevistados referem uma necessidade de provar para si e para outros que houve uma mudança durante sua permanência na prisão. Ele quer se convencer de que aprendeu a lição imposta pela sociedade. Ele também quer convencer a sociedade que já pode conviver fora da prisão. Repare-se na fala de E. ao referir-se à essa questão:

*"E eu tô esperando minha vez pá mim mostrá agora como eu mereço né, aí eu quero vê se eu quero, eu vô sai do mundo do crime, vô voltá a trabalha nem que seja prá ganhá 100 real por mês, mas tá bom..." (E. 22 anos.)*

### ***Tenho planos para o futuro***

Os entrevistados afirmam terem planos para o futuro, para serem realizados quando voltarem a transitar nas ruas. Estabelecem metas para serem atingidas, objetivando uma mudança de vida. Consideram o trabalho como o meio de obter crédito e respeitabilidade na sociedade, então a busca de um trabalho aparece como seu plano principal. Além da

aceitação social através do trabalho, pretendem através deste obter meios para sustentar e amparar seus familiares.

Também organizam estratégias para se manterem afastados do mundo do crime. Suas estratégias incluem ficar a maior parte do tempo próximo da família e ficar longe das drogas. Nas perspectivas de futuro, o grupo familiar também aparece como o principal empregador. Os entrevistados afirmam que suas possibilidades de trabalho, na maioria das vezes estão amparadas em promessas feitas por parentes e amigos, e em ocupações autônomas.

*A mudança só depende de mim. Eu sou o errado.*

Ao falar de seu envolvimento com o mundo do crime, os entrevistados referem-se a si mesmos como errados. Referem que se o erro está neles, a decisão de mudar é só deles. Afirmam que independente das situações que os conduziram ao crime, eles estão errados pois optaram pelo crime.

Uma maneira de falar desse erro é se colocarem como se tivessem um defeito. Essa idéia de defeito aparece quando falam que muitas pessoas têm uma natureza voltada para o mundo do crime. Ao falar dessa índole má, dizem que as pessoas carregam dentro de si o bem e o mal, e são as circunstâncias que fazem aflorar o bem ou o mal. Inclusive alguns entrevistados afirmam que a ida para a prisão não tem qualquer influência nas suas opções. Relatam que se envolver com o mundo do crime tem a ver com a natureza da pessoa. Referem um dom, um destino para o crime que vai se manifestar em qualquer lugar. Afirmam que existem pessoas que têm uma natureza ruim, que só se satisfazem fazendo o mal e vendo o fracasso dos outros.

*"Não, eu acredito que não, o que é, é e ninguém muda, eu penso assim, se você, você é destinado pra aquilo ali, você tem uma meta, então você vai seguir a sua meta, cada um tem a sua meta de seguir né, então eu acho que na cadeia não se aprende. Não, não é a escola, pode até influenciar em algumas coisas, mas que é escola não, o que você aprende lá fora, você aprende aqui dentro e aprende em qualquer lugar." (I. 47 anos.).*

Os entrevistados afirmam que sair do crime e mudar de vida é uma decisão pessoal. Essa decisão significa, para os entrevistados, que o detento tem que ter uma vontade pessoal de mudar. Também significa dizer que se tiver força de vontade e interesse ele vai

mudar, mas se ele não quiser nada que se faça vai surtir efeito. Em resumo, abandonar o crime e buscar uma alternativa ocupacional aceitável socialmente é uma escolha pessoal, que só depende dele.

Os entrevistados quando falam de si, afirmam-se como pessoas boas, que passam pelos mesmos dilemas e têm os mesmos desejos que as outras pessoas, aquelas que segundo eles não cometem erros. Procuram salientar seus propósitos de mudança de vida, sobre o que pretendem fazer e como podem mudar. Afirmam que a busca de um trabalho e aproximação com a família são os componentes principais dessa mudança, pois o trabalho lhes dará a respeitabilidade necessária para serem aceitos novamente e a aproximação com os familiares, significa resgatar uma dívida, refazer laços rompidos, ter um suporte emocional e social para tentar a reinserção. Na pesquisa realizada por Ramalho (1979), também identifica-se a necessidade que os detentos têm de priorizar alguns valores para se habilitar ao retorno à sociedade tais como a família, o trabalho e os estudos. Outro aspecto que identificamos em nossos resultados e se coadunam com os resultados obtidos por Ramalho, referem-se à responsabilização pessoal pela sua condição e à idéia de que a mudança depende de uma vontade e uma escolha pessoal. Observamos em nossos resultados elementos onde os entrevistados afirmam a mudança como algo que depende da pessoa, é uma escolha pessoal. A forma como a prisão está organizada consegue fazer com que a pessoa assuma para si toda a responsabilidade de sua condição de desviante e também desenvolva a crença de que cabe exclusivamente a ela a mudança. Os entrevistados afirmam que tudo é da vontade da pessoa, que se não houver essa vontade, a melhor cadeia não vai obter resultados e só por vontade própria se abandona o crime. Porque o crime é como um vício, gostar do dinheiro fácil é um vício, como se houvesse uma motivação interna que o praticante de crimes não pode controlar, pois a idéia de vício dá a conotação de que não lhe resta outra coisa senão curvar-se a essa deformidade, a essa fatalidade. Nossos dados corroboram os resultados obtidos por Zaluar (1994) nos quais seus entrevistados afirmam que se cria um hábito, um vício de ganhar dinheiro rápido e fácil.

Conforme Becker (1977) e Rocha (1994), essa responsabilização individual não se dá por acaso, pois o conhecimento científico produzido sobre desvio e desviantes, na maioria das vezes, colocam o problema no indivíduo. Segundo estes autores, a ciência

trabalha com o pressuposto que existem características na pessoa que a levam a cometer atos desviantes.

### ***Tenho sentimentos.***

Os relatos sobre sentimentos fazem parte da percepção de que são pessoas boas, que sofrem e se alegram com os fatos de suas vidas. Colocam-se como pessoas que têm coração, sofrem e choram. Referem alguns sentimentos, tais como: culpa, tristeza, revolta, medo, vergonha. Esses sentimentos perpassam as suas vivências, são sentimentos que vão dar significado e sentido ao discurso do crime, do trabalho, da mudança.

Afirmam que sentem culpa principalmente em relação à atos que atingiram pessoas as quais, conforme colocam, não mereciam ser atingidas. Relatam sentimentos de culpa e arrependimento pelo mal causado à pessoas próximas, que confiavam neles, sentimentos ligados a uma falta pessoal em relação à uma pessoa companheira. A fala de J. dá bem a dimensão do sofrimento ao se dar conta que atingiu uma pessoa que confiava nele e lhe queria bem:

*"eu tinha uma amiga lá, minha melhor amiga que eu tive, só que eu errei com ela também,(pausa) com ela que eu não devia ter errado, eu errei. Eu usei o cartão dela, eu me arrependi, só que ela não, ela não chamo a polícia prá mim nada, ah. chorei, chorei um monte." (J. 19anos.).*

Outra forma de falar de arrependimento e culpa é quando colocam em si todo o peso de seus atos. Ao assumirem a culpa por seus atos e se arreponderem deles, justificam todo o sofrimento que passam na prisão. Afirmam que o sofrimento e as privações são a penitência para aplacar essa culpa. Afirmam que é uma penitência pelo sofrimento causado aos entes queridos e também por terem sido maus e fracos.

Um sentimento que os entrevistados referem com muita frequência é o medo. Afirmam que esse sentimento é uma forma de proteção, quase uma força vital para assegurar a sobrevivência nas ruas. Referem o medo de serem usados ou enganados, de modo que todas as relações estabelecidas são avaliadas a partir desse sentimento. Referem também o medo do futuro, quando saírem da prisão, principalmente o medo do estigma e da forma como acreditam serão tratados após a soltura.

*"...Quando eu vi que eu tava perto de alguém, que aquela pessoa queria se aproxima demais de mim né, eu ficava com medo daquela pessoa usá o meu ponto*

fraco como uma arma contra mim, então é...é o meu medo né....Isso é o meu medo, que amanhã ou depois eu to trabalhando lá fora e acontece a mesma coisa e eu não sabe, porque naquela época eu subi soltá meu veneno na, naquele material, mas de repente eu tenho medo de eu não agüenta mais uma paulada dessa e vir fazer uma besteira né...O medo vai me mantê na rua..." (A. 35 anos)

Afirmam que a discriminação e o estigma, que os apontam como alguém repugnante, indigno de confiança e de respeito, incapaz de ser um elemento útil à sociedade, geram revolta, vergonha e humilhação que muitas vezes impulsionam novos delitos. Consideram que esses sentimentos gerados pelo estigma alimentam a violência num circulo vicioso, num movimento de vingança. Os entrevistados referem que principalmente a revolta decorrente da discriminação os leva para o caminho que consideram ser mais fácil, o caminho do crime. O entendimento de que praticar crime é mais fácil do que se resignar e continuar buscando um trabalho faz parte do discurso dominante, aqui apropriado pelo entrevistado:

"...ela disse., "ó, ex presidiário nós não pegamo não", ela bem assim "por mim eu até aceitava, mas a dona ela discrimina ex presidiário", aonde eu só baixei minha cabeça e aquilo fico guardado na mente e sai né, cabeça baixa, logo chegô outro cidadão e arrumo serviço né, no mesmo local. Olha geralmente me deu uma revolta muito grande né, na hora, me deu vontade até de tira minha própria vida, porque eu fiquei com muita vergonha, ser discriminado, tinha muita gente ali, só tive que baixa minha cabeça e sai quieto, um monte de gente fico me olhando, aonde eu peguei disse, não, não é por aí que eu vô desisti, mas logo tem a opção mais fácil né que é o mundo do crime, é geralmente a gente já corre po mundo do crime né, geralmente bate uma porta que a gente procuro, ninguém deu, ah é capaz de comete um delito por ali mesmo, as vezes de repente até na próxima, a mesma pessoa que negou serviço, ela é a vitima". (E., 22 anos).

### ***A religião é importante para mim.***

Ao falarem da sua religiosidade, os entrevistados a identificam como fonte de mudança individual e interna. Afirmam que a crença e o envolvimento com uma religião é um meio de aliviar a sua condição de presidiário. Referem que a religião é uma tábua de salvação, algo a que podem se apegar e encontrar esperanças para o futuro. Os entrevistados falam de sua fé e o que ela representa nas suas vidas. A religião e seus adeptos são uma referência para a saída, um meio para se reintegrar ao mundo externo. Afirmam que na sua fé está a origem da sua mudança, pois conseguem diminuir o

sofrimento causado pelo aprisionamento. Afirmam que conhecer Deus dentro da prisão é um meio de aliviar o sofrimento e também de possibilidade de explicação para o passado, o presente e o futuro:

*"...Estou, graças a Deus estou....que mais uma vez eu friso que eu conheci o Islã, hoje eu sou muçulmano, então, dentro daquilo que eu acredito, nada acontece sem que Deus queira, se hoje aconteceu tudo isso na minha vida é porque Deus quer, se acontece algo errado, que venha a me prejudica é porque Deus quer, que no momento pode ser errado para mim, pode ser um erro mas no futuro eu não sei. Deus sabe, pode ser um bem maior no futuro" (G. 35 anos.).*

*"...eu me lembro... do Jonas, Deus falou prá ele, 'Jonas vai livre prega' né, aí ele 'tá senhor, vou' né, 'vai lá, vai prega' e Jonas pensou que podia engana Deus, ele se escondeu, Deus mandou ele livre, ele vai prá outra cidade, vai prá outro lugar, e através dele aconteceu muita coisa, então prá senhora vê que dentro do peixe, dentro do peixe ele se arrependeu né, ele se arrependeu porque poxa, Deus mandou ele i prum lugar, mandou ele lá leva a palavra dele e eu não fui, agora eu to aqui preso, dentro do corpo do peixe e ali ele se arrependeu e Deus olhou, Deus sabia que ele ia se arrepende né, então ali naquele momento ali ele se arrependeu, orou, o peixe lançou ele fora e ele foi lá faze isso pá Deus, prega a palavra dele... Então a coisa que...então aquele negócio....e aconteceu, aconteceu isso aqui comigo. Se eu saí da cadeia, chega lá fora prega o evangelho, faze isso e aquilo... quando aconteceu isso, e hoje poxa, cai dentro do... bem dize do dentro do, do peixe, me arrependi agora Deus tá me lançando prá fora né, tá me lançando prá fora e hoje totalmente coração liberto, liberto de tudo pá pode levá a palavra de Deus né, (N. 33 anos.)*

A religião é um elemento muito contundente para reforçar a idéia de que a pessoa deve ir em busca de elementos para solidificar a mudança. A aproximação com cultos religiosos no estabelecimento prisional aparece como a construção de um caminho para sair do crime, pois a religião oferece referenciais que se antagonizam com as referencias do crime. A religião tem um conteúdo explicativo da responsabilidade pessoal, onde o detento divide essa responsabilidade com a vontade de Deus, aceita o castigo imposto pelos seus pecados e se transforma. A religião é um problema novo para o estudo das prisões e deve ser pesquisado, pois não encontramos em estudos anteriores a religião como uma categoria importante para ser estudada no tema do crime e da prisão.

## **O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO VIVIDO PELO DETENTO**

Nesta seção são apresentados os relatos sobre o papel da família no processo vivido

pelo detento. O que se destaca é que a família para o presidiário tem um significado muito forte, todavia os relatos trazem uma contradição: ora a família é boa, ora a família é má, por ela se vem para a prisão, por ela se quer sair da prisão. A família é o bem mais precioso, a sua tábua de salvação, mas também é dura em seu julgamento e ausente em momentos cruciais de sua vida.

***Família: meu bem.***

Os entrevistados afirmam que o ato de cometer um crime, ou ingressar no mundo do crime, muitas vezes é motivado pelo grupo familiar. Referem que as necessidades emergenciais de sustento de seus familiares muitas vezes foi o motivo que os levou a cometerem os delitos. Destacam o papel preponderante da família ao colocarem que suas ações tinham por objetivo prover-lhes o sustento e o acesso a bens de consumo. Os entrevistados referem a necessidade de sustentar a família, dar-lhes uma vida mais tranqüila, digna e podendo usufruir de conforto, como um motivo de sua ida para o crime. A responsabilidade com a esposa e os filhos, a noção de que cabe a eles procurarem o sustento de sua família é muitas vezes mais mobilizador do que a preocupação e o medo de serem presos. Observe-se no relato de A:

"Ah! não dá nada, que hoje é o seguinte, to aqui mesmo, o importante é eu corre atrás e arruma um dinheiro prá minha família, pá, se eu caí amanhã em cana, eles vão te um dinheirinho prá comê, prá bebê, pá se movimentá e se ela não quisé mais vivê é o seguinte, mais pelo menos ele deixa um dinheirinho, então essa é a tendência". (A. 35 anos).

Outro aspecto que destaca essa função de provedor, aparece nos relatos daqueles que constituíram família ainda na adolescência e tiveram que assumir as funções de responsáveis pelo sustento do grupo familiar. Afirmam que a preocupação com as necessidades dos membros se apresenta como uma razão para a ida ao crime e novamente a compreensão de que cabe a ele prover o sustento da mulher e dos filhos é motivo para não medir conseqüências e cumprir com sua obrigação, como fica muito evidente na fala de A.:

"... tava com 13 anos quando me juntei com ela. E com 14 anos eu fui pai, aí, daí eu já não tinha mais inocência mesmo né, aí já tava já tinha virado um homezinho, com corpo de criança pequena mais com idéia de gente adulta, daí eu

tinha a obrigação de sustentá a minha família, né, tinha uma família. Então eu comecei a roubá. Aí eu caí na vida do crime...(A. 35 anos).

No relato do entrevistado F. ressalta-se a dimensão da emergência da situação funcionando como o mote do ato. F relata que seu irmão teve uma doença grave que exigia medicamentos caros e um tratamento que ia além das posses da família, que dispôs de tudo que possuía mas não conseguia custear o tratamento do rapaz. O modo de salvar o irmão mais novo, que se apresentou ao seu pai, foi o ingresso no crime através do transporte de drogas. F relata que seu pai foi buscar ajuda com pessoas que tinham possibilidades e que a ajuda disponível foi a proposta para transportar drogas. A emergência do tratamento do filho não o fez pensar duas vezes. Com esse trabalho, seu pai obteve os rendimentos que possibilitaram o tratamento urgente e de qualidade que seu irmão necessitava e que não estava disponível na rede pública de saúde:

"...então meu irmão na época começou a tomar 8 tipo de remédio por dia... e era muito caro, todos ele são muito caro até hoje. E meu pai perdeu tudo o que tinha, ele tava desempregado e foi pedir ajuda pros patrão dele..., aí meu pai, na época antes dele ir preso, chegou prá ele, explicou a situação, ele falou: "ó, por ti eu não posso fazer nada, a única coisa que eu posso por ti é arruma cocaína, prá levar por Rio de Janeiro, tu faz a viagem, tu ganha tantos, tantos dólares", era 1000 ou 2000 dólares por viagem..." (F. 27 anos).

Os entrevistados também falam de suas famílias associando-os à um sentimento de culpa, pois eles se colocam no lugar daquele que envergonha e causa sofrimentos à família. A culpa é mais forte quando falam da ida da família à prisão nos dias de visita; afirmam que seus familiares passam por humilhações e situações vexatórias na hora da revista e sentem-se culpados por isso. Também referem que o desejo de estar com o grupo familiar, ocupando o seu lugar de filho, de marido e de pai, é o principal motivo para pensar em sair do mundo do crime e procurar trabalho. Afirmam que em reconhecimento ao sacrifício e às qualidades da família ele vai procurar mudar. K. ilustra bem essa culpa e essa necessidade de cumprir com seu papel perante a família:

"...pô eu adoro minha família, minha mãe principalmente, já fiz ela sofrer muito, fiz ela sofrer e eu to sofrendo, que eu não quero isso e procurei essa vida, não era certo. eu não quero, eu quero se um homem, não quero mais se um moleque, tenho dois filho que eu amo, certo, não tava dando valor prá eles, eles dando valor prá mim e eu não dando valor prá eles, não tava certo....a R. nunca me abandonou, minha mulher mas, já que pô, vamos e venhamos, até prá ela que é uma mãe de família, a senhora vê que, porra, acho que ela já passô demais né, pá tá vindo

*direto sempre não." (K., 25 anos).*

Os entrevistados descrevem seus familiares como pessoas boas. Afirmam que são pessoas que trabalham e que são respeitadas na comunidade. Dizem que seus familiares são muito diferentes deles. Enfatizam o lado bom e honesto da família que procurou sempre lhes ensinar coisas boas, como o respeito e o valor do trabalho. J. relata que sua família sempre procurou lhe dar uma educação adequada, destacando o respeito aos mais velhos e a polidez no trato com as pessoas. J. afirma com muita satisfação que tem uma origem boa.

*"...eu graças a Deus, a minha vó me deu uma coisa que eu me orgulho que é...o respeito e a educação pelos outros né, a minha vó sempre fala: ó pessoa mais velha, não chama de tu, ela sempre falava né, ó pessoas mais velhas, nunca chame de tu, chame de senhora, de senhor, sempre com respeito né..(J., 19 anos).*

### ***Família: meu mal.***

A família é um elemento contraditório, ela é boa, acolhedora, correta, não merece sofrer, mas também ela é má nos discursos dos entrevistados. Esse conflito entre amor e ódio, se materializa na responsabilização da família pelo ingresso no crime. Referem essa responsabilidade quando a família é percebida como ausente ou omissa, principalmente no início, quando estão ingressando no crime. Referem também a falta de estrutura familiar, falando dos fatos com ressentimento, atribuindo à família a responsabilidade pela sua situação.

Os entrevistados atribuem à situações vividas com o grupo familiar na infância como responsáveis pela sua condição atual. Relatam que viveram situações traumatizantes associadas a violência, ao abandono, a indiferença e a rigidez. Relatam que seus pais tinham atitudes violentas para mantê-los afastados do crime. Essas atitudes, segundo os entrevistados, serviram para afastá-los da família. Os entrevistados afirmam que muitas vezes as exigências colocadas pela família iam além da capacidade deles. Relatam que muitas vezes não compreendiam a solicitação dos pais e agiam da maneira que julgavam ser correta.

*"Eu comecei, eu comecei a cometer por causa assim, a minha, a minha vó, eu não culpo ela por causa disso, ela queria o meu bem, mas eu não, já levei pro outro lado, que ela, ela dizia que eu tinha que levar todo dia um tanto de dinheiro prá casa né, todo dia eu tinha que levá, se não levasse, aí o esporro, até apanhava as vezes...trabalhava, trabalhei de engraxate na assembléia né, assembléia legislativa,*

*no fórum, aí eu, as vez eu não fazia dinheiro..."(J. 19 anos).*

*" aí a minha mãe ela mantinha eu dentro de casa porque ali onde nós morava era uma 'boca', lá em Barreiros tinha muito tráfico na época, então, a minha mãe com medo de eu mi movimentá com aquelas pessoa, ela amarrava meu pé na beira da cama, então eu tinha o espaço de só tomá conta da casa.. Aí, depois quando nois viemo aqui pro jardim Atlântico foi quando eu fugi, aí eu comecei já a rouba, é eu não compreendi ao meus pai..."( A. 35 ano).*

Um entrevistado refere-se à sua família como desestruturada, que não lhe deu o suporte necessário e não esteve presente quando precisou. Afirma que a falta de um grupo familiar coeso na infância concorreu para que ele se tornasse um adolescente e um adulto com problemas que o conduziram ao mundo do crime. Note-se o seu depoimento:

*"...mas eu acho que é problema de estrutura de família, se a família não é bem estruturada, como a minha não é, até hoje a minha família não é bem estruturada, a família da parte da mãe, pai né,... ainda assim o meu parte, a minha parte, a minha família mesmo, que botaram eu no mundo nunca foi bem estruturada, tivemos muitos problemas, aos 4 anos eu não tinha mais mãe né, meu pai prum lado, mãe pro outro, um irmão prum lado, um irmão pro outro, então eu acho que isso tudo, essa conjuntura de coisas, sem um ensinamento religioso, que eu acho primordial na vida da... qualquer pessoa, levaram prá que eu chegasse a um ponto da vida, que eu trabalhasse, roubasse e estudasse. (G. 35 anos).*

Ao destacar aspectos conflituosos da relação familiar, os entrevistados separam sua família de origem da família por eles constituída. Afirmam estabelecer relações com esposa e filhos diferentes daqueles que experimentaram com suas famílias de origem. Referem uma tentativa de tentar sanar os erros cometidos por seus pais que lhes trouxeram tantas conseqüências, e não repetir a sua história.

Outra maneira de falar sobre uma relação familiar prejudicada, está associada com o apoio que recebem durante o tempo de permanência na prisão. Afirmam que muitas vezes a família os abandona na prisão e não dá ouvidos aos seus pedidos de ajuda. A ajuda solicitada refere-se principalmente às visitas na prisão. Falam de uma família que os ama que quer o bem deles, que faz tudo para que eles superem o tempo na prisão; mas também é uma família que os abandona, que não vai visitá-los porque acha que devem ser castigados e sofrer para aprender. Afirmam que muitas vezes a família opta por dar-lhes um castigo, deixando-os sózinhos na prisão para sentirem a dimensão de seus atos. Observe-se o relato de K:

"...minha mãe me ama, me adora, gosta muito, tanto é que ela não vem aqui e eu sei porque?, porque ela não vai aguentá me vê aqui dentro, minha mãe vai se desespera, vai pôr advogado prá me tira , ela falô prá minha mulher que não vem porque ela não vai aguentá, vai botá advogado, me tira daqui, mas ela qué que eu pague, ela qué que eu pague, minha mãe é muito honesta..."(K. 25 anos).

O papel desenvolvido pela família é preponderante em todas as etapas. Os resultados deste estudo demonstram que alguns pais por temerem o contato do filho com o crime, o mantinham preso à casa, em atitudes mais violentas para inibi-los; alguns detentos inclusive relatam que hoje seus pais sentem-se culpados, como se tivessem falhado na educação de seus filhos, sentem-se inferiores porque são pobres e ignorantes, portanto não souberam compreender as demandas do seu filho. Novamente aqui o discurso é de trazer para si ou para a família toda responsabilidade pela situação vivida. Este discurso é reforçado em todas as instâncias de julgamento: na polícia, na justiça e na sociedade em geral difunde-se a idéia de que famílias numerosas, de favelas, mães relapsas, pais alcoólatras, são culpados pelo triste destino de seus filhos presidiários. Zaluar, em relação ao papel da família, também identifica o dilema das mãe de famílias pobres que vivem nos espaços perigosos, afirmando que elas sofrem duplamente: temem que seus filhos sejam confundidos com criminosos e que acabem indo para a cadeia por engano e temem que seus filhos sejam seduzidos pelos bandidos, pelo mundo do crime. Esse duplo temor leva muitas mães a cometerem excessos em nome da preservação de seus filhos.

## **O MUNDO DO CRIME**

Neste bloco serão apresentados depoimentos que tratam das experiências dos entrevistados no mundo do crime. A linguagem de apresentação dos resultados dessa seção se aproximará da linguagem da psicologia organizacional. Serão apresentadas as características dos candidatos; a forma de recrutamento e treinamento em serviço; o aperfeiçoamento e desenvolvimento na atividade; a realização profissional; os benefícios e garantias.

### ***O candidato.***

Os dados de pesquisa evidenciam que os candidatos ao ingresso no mundo do crime apresentam algumas pré condições que os habilitam. Essas pré condições identificadas nos relatos referem-se à dificuldades de sobrevivência, à necessidades emergenciais e de consumo, revolta com as condições sociais, insatisfação com as relações de trabalho, experiências novas, evolução de atividades rotuladas como menos desviantes.

Os entrevistados destacam as dificuldades de sobrevivência como o principal motivo para o seu ingresso no crime. Essas dificuldades são relatadas como um despreparo pessoal para o mercado formal de trabalho, tais como pouca escolarização e falta de qualificação profissional. Afirmam que essas barreiras os impelem para atividades ocupacionais que são consideradas ilegais. Mas essas atividades são consideradas por eles como opções de sobrevivência.

Afirmam que associado à necessidades emergenciais de sobrevivência, à exclusão das possibilidades de escolarização e profissionalização, existe o desejo de consumo e de conforto. Afirmam que ao lado do seu papel de provedores, ou seja, daqueles que têm por obrigação atender as emergências familiares, juntam-se as apelações do consumo que lhes coloca necessidades.

*"...a maioria das vezes era por por necessidade mesmo né, por falta de comida, essas coisa é qui levava eu a praticá, tamém, né a necessidade era muito grande, eu me sentia assim tipo encurralado né, duas crianças, uma esposa, sem lugar prá mora sem nada prá cumê, certo!, e eu queria ter o que...uma família tem".  
(B. 29 anos)*

Também aparece como uma pré condição a insatisfação com as relações de trabalho. Os entrevistados relatam que os motivos de seu ingresso no crime está associado à insatisfação com as relações de trabalho. Percebem a exploração no mundo do trabalho e rompem com ele. Afirmam que percebem essa exploração quando vêem o empregador ganhar muito dinheiro com o trabalho deles.

Os entrevistados afirmam que as primeiras incursões no mundo do crime são realizadas ainda quando são muito jovens, e se inserem no processo de socialização, no contato com o mundo. Esse contato com o mundo acontece muitas vezes quando vão para o mercado de trabalho, muito jovens, exercer atividades de vendas ambulantes ou prestação de serviços (engraxates), nas ruas. Esse é um aspecto que chama a atenção pois há casos em que o ingresso no crime coincide com o ingresso no mundo do trabalho, inclusive no

mesmo local onde se iniciam no mundo do trabalho. Para muitos dos entrevistados são acontecimentos concomitantes.

*"Eu entrei a partir dos 13 anos. Eu, prá falar bem a verdade, eu comecei a roubar coisas simples (pausa), eu trabalhava, estudava e (pausa) comecei a fuma maconha aos 12 anos, aos 13 anos eu me vi envolvidos com roubo... com 13 anos eu trabalhava...com 13 anos eu roubava, só que os trabalhos que eu tinha, era esses trabalho, sai vendendo picolé, eu vendia...uma banana, vendendo salgadinho, era esse tipo de trabalho..., engraxava, vendia amendoim, me virava no meu dia a dia," (G. 35 anos).*

Os entrevistados identificam alguns ambientes como propício ao ingresso no crime. Entre esses ambientes destacam as ruas, os prostíbulo, as favelas, os morros e vilas como locais onde o crime faz parte da vida de seus moradores. Referem esses ambientes como facilitadores porque são espaços de gente pobre, de assalariados. Também afirmam que são ambientes onde as drogas têm fácil trânsito. Segundo os entrevistados, os habitantes desses locais cedo se expõem a drogas e a relações que favorecem a prática do crime. Outro motivo que os entrevistados colocam é que são também espaços desserviados onde os jovens não encontram outras possibilidades de escolha; os pais saem para o trabalho, como todos evidenciaram em seus relatos seus pais são trabalhadores e honestos, e eles vão cedo para as ruas do centro da cidade e para as drogas. As descrições de L., I. e G. sobre seu envolvimento com o crime e as drogas ilustram essa realidade:

*"...prá mim é triste né, prá mim é triste por causa da droga...que, que faz me levar no fundo, fundo do poço, quase morri né dona D. Ai comecei fumar maconha, caí no crime né no morro, amiguinho....bastante amigo.(L. 28 anos).*

*"É que eu fui criado né, num... eu fui criado vamos dizê assim, numa área que não era muito propícia né, é eu fui criado bem dizê em casas de meretrício né, que o meu pai tinha, tinha boate e eu fui criado mais no meio delas né, então a gente vai convivendo e vai vendo aquilo ali né, num meio mais fácil também...(I. 47 anos).*

*"... na rua você toma contato com outras pessoas também que já tinha índole de rouba e (pausa), não to dizendo que eles sejam culpados, não é isso, que eu sei, mas é dito e sabido como o meio né, influencia um pouco, não que influencie totalmente, influencie um pouco."(G. 35 anos).*

Para os entrevistados o mundo do crime é uma opção plausível de trabalho para as pessoas pobres. Afirmam que pode ser a alternativa de trabalho para que essas pessoas possam suprir suas necessidades e usufruir da sociedade de consumo. Relatam que é uma

alternativa , porque as pessoas pobres, que vivem em territórios de pobreza, têm pouca ou nenhuma qualificação para outras atividades.

*"Ah! escolhe, muitos escolhe, principalmente quem mora na periferia, é a vida pobre né, o dinheiro fácil. Ah... muita gente tem inveja, tipo, po, o playboizinho da cidade anda bem vestido com tênis, tênis Nike, tênis de 200 real, eu ando de conga, de pé descalço. Ai eles opta pelo crime (pausa), quem mora numa favela, entra mais cedo no mundo da droga que quem mora na cidade né, então a , o mundo do crime não escolhe idade, simplesmente, a 1ª oportunidade que aparece prá ele, eles acham que é bom, mas não é bom, quando querem sair já é tarde, quando vê já tão.....já tão trancado" (H., 25 anos).*

Outro tipo de candidato ao ingresso no mundo do crime é aquele que pratica alguns atos que são considerados ilegais, mas que são rotulados como menos desviantes. Algumas atividades ilícitas são melhor aceitas do que outras. Algumas pessoas que praticam essas atividades acabam buscando atividades que são menos aceitas. Os entrevistados afirmam que antes de, por exemplo, ingressar no tráfico de drogas, faziam contrabando de bebidas. Destaque-se que ele já está nessa atividade por questões de sobrevivência e por dificuldade de se inserir no mercado formal.

O modelo econômico vigente no Brasil impõe às classes menos favorecidas uma possibilidade de existência degradante. As pessoas pobres se vêem impedidas de ter acesso aos meios básicos de sobrevivência. Esse modelo perverso se reflete nos resultados que obtivemos em nossa pesquisa , quando os entrevistados falam de seu ingresso no crime, das condições que os habilitaram à candidatos ao mundo do trabalho/crime. Nas entrevistas, os participantes afirmam que seus crimes estavam ligados à necessidade de manter a família, proporcionar-lhe conforto e a premência de cumprir com seu papel de mantenedor. Esses elementos confirmam as conclusões da pesquisa de Rocha (1984) que considera o modelo político econômico explorador, impelindo um número expressivos de pessoas para o trabalho ilegal no qual encontram os meios para um existência digna, obtendo para os seus familiares aquilo que eles têm direito a ter.

Em relação às necessidades familiares e situações emergenciais trazidas como motivos para a prática de delito, podemos analisar à luz da teoria de H. Becker (1977) que os desviantes sentem-se impelidos a obedecer as leis , e se utilizam de justificativas consideradas válidas para eles mas que não são compreendidas como tal pelo sistema policial-jurídico. Os controles sociais internos e externos podem ser neutralizados,

sacrificando-se as demandas de um grupo maior em favor das demandas de um grupo menor, como a família por exemplo. Pela família, ou por aqueles que são caros aos detentos, todos os atos são justificados. Rejeitam-se algumas normas para poder acatar outra considerada de um valor maior. O tráfico de drogas se justifica para dar atendimento médico e salvar a vida de alguém querido.

Os resultados obtidos demonstram que a maioria dos participantes da pesquisa ingressou no mundo do crime muito jovem, por necessidade e essas experiências iniciaram-se nas ruas, quando estavam trabalhando para ajudar a família ou suprir suas necessidades. Ingressar no mercado de trabalho muito cedo, em atividades informais, que para muitos não são consideradas trabalho, levam prematuramente crianças a viver experiências para as quais muitas vezes não estão preparadas. Nas ruas as crianças fazem suas primeiras incursões no mundo do crime. Nossos dados confirmam os resultados obtidos por Zaluar (1994) ao afirmar que nas ruas, longe dos olhos das mães, tendo que lutar por seu espaço e por sobrevivência, muitas crianças começam sua entrada no mundo do crime.

Ao relatar as primeiras incursões no mundo do crime, alguns entrevistados referem essas primeiras situações como experimentação e tentativas na maioria das vezes propostas por outros e não relatando aos pais ou responsáveis. Por isso nessas experiências iniciais, os "candidatos ao mundo do crime" ficam no aguardo do resultado: se der certo continuam, se der errado, provavelmente alguns param e outros prosseguem tentando. Em relação a esse ato inicial, Becker (1977) afirma que a marca do início de uma carreira desviante se caracteriza pela realização de um ato não conformista que quebre um determinado conjunto de regras; segundo o autor, esse ato surge de motivações socialmente aprendidas, como se envolver em atividades perigosas, excitantes, em aventuras. Nessas experimentações se iniciam muitas carreiras e se o desviante é identificado e rotulado, esse rótulo vai se sobrepor a todos os seus atos.

Além das dificuldades financeiras, os participantes da pesquisa apontam outros elementos como motivo de seu ingresso no crime. Indicam a ausência de instituições (família, religião) que lhes possibilitasse uma formação segura; isso os colocou em situações, percebidas como antagônicas, na qual trabalham e roubam ao mesmo tempo. Zaluar(1994) afirma que sem a formação da escola e da religião que lhes passe a ética do

trabalho, os jovens pobres aprendem os valores do machismo, onde a submissão é a negação da masculinidade; vão buscar então seus heróis a partir desse modelo de homem, que não se submete, e encontram esse modelo nas quadrilhas que vão em busca daquilo que querem.

### ***Recrutamento e aprendizagem.***

Os entrevistados relatam situações em que o recrutamento para o mundo do crime ocorre de forma organizada, através de quadrilhas. Relatam também situações em que se iniciaram sózinhos, exercendo a atividade isoladamente. O recrutamento para o crime, em alguns casos, ocorre de forma organizada através de grupos mais experientes. Esse grupos iniciam o novato dando-lhes algumas funções. Essas funções, via de regra, incluem atividades de vigilância, entrega de mercadorias e pesquisa da área.

Os entrevistados que se iniciaram em grupos organizados referem um processo gradativo de aprendizagem. Esse processo possibilitou a compreensão da atividade em toda a sua extensão. Afirmam que iniciaram com as atividades de vigilância e por méritos próprios, tais como presteza e responsabilidade, atingiram postos de chefia. Referem as vantagens em fazer parte de um grupo organizado, que consistem em se nortear por uma referência, representada pelos chefes, e por empreender atos mais ousados. Note-se a fala de N. ao relatar sua experiência.

*"Eu entrei no mundo do crime quando eu tinha a idade de 13 anos...me envolvi ca, cá malandrage, conheci os bandido, os chefe, que comandava tudo, e dali... comecei me envolve, comecei sendo vigia, depois dali comecei aa.....a..trabalha na boca, trabalhava de vapor... vapor é que vende maconha, é vapor, trabalhei de vapor, de vapor fui levando mais na resposta, fui levando mais na resposta, fiquei sendo chefe de segurança da boca, depois eu virei gerente, fui sendo gerente geral da favela...foi quando eu comecei comandá boca de fumo, virei chefe da boca de fumo, comandando 3 favela, e assim o pessoal, eu levava ali no mesmo ritmo que o meu padrinho levava né, o meu padrinho era o Silvio Maldição né" (N. 33 anos).*

Um entrevistado relata sua iniciação e seu desenvolvimento no crime, onde por méritos próprios, conseguiu um dos mais altos postos da organização. Não conseguimos identificar esse modo de funcionamento nos entrevistados que se iniciaram em Santa Catarina. O entrevistado em questão teve sua carreira toda no Rio de Janeiro. Porém um

único dado nos dá uma idéia da organização do empreendimento criminoso em Santa Catarina: é que o dono da droga aqui é chamado de "patrão". Zaluar (1994) relata que no Rio Janeiro, cidade onde desenvolveu sua pesquisa, o crime funciona nos moldes de uma empresa, onde o iniciante, a partir de seus méritos tem ascensão na carreira ou não. Segundo a autora o crime/empresa surgiu com o tráfico de drogas e com a diversificação interna dessa atividade, onde há uma relação entre patrões e empregados.

### *Aperfeiçoamento e desenvolvimento.*

Para os entrevistados a prisão é um espaço privilegiado de recrutamento e aprendizagem, aperfeiçoamento e desenvolvimento no crime. Uma aprendizagem muito evidente é aquela que se refere a chamada "faculdade do crime". Referem a prisão como um espaço reservado ao aperfeiçoamento no mundo do crime. Afirmam que as pessoas chegam à prisão pouco habilitadas para o crime, ("chegam amadoras", "primárias"), e ali se preparam para atuar de forma profissional no mundo do crime. Repare-se no relato de K.:

*"... aí que eles botam coisa na cabeça, e essa pessoa que é primário que já tá um pouquinho na vida do crime, por usa droga ele já tá no crime, então... aí se empolga i acha que aquilo que eles tão dizendo vai deixa ela mais...(pausa) eles vão botando coisa na tua cabeça, eles não botá assim "ó cara, deixa ...", não, eles conversa contigo assim como se fosse um padre, como se fosse uma professora, e rindo, conversando cá senhora, aí a senhora se incentiva: a é, é. hã, hã...é tal." (K. 25 anos).*

Os entrevistados afirmam que a aprendizagem e o aperfeiçoamento se dão principalmente no convívio com os mais experientes e famosos. Os que detém mais conhecimento sobre a atividade funcionam como instrutores. Muitos afirmam que na convivência diária na prisão, vão buscando conhecimento em diversas áreas. Aprendem um pouco de cada aspecto das atividades e quando saem vão por em prática o aprendido. Os entrevistados afirmam que além de aprenderem, também estabelecem novos contatos na prisão. Esses novos contatos vão servir de referência após a soltura, na busca de trabalho.

*"É fácil, é mesma coisa, tipo ó, qué vê ó, eu saí daqui eu vô dizê assim: pô preciso de dois cupincha prá assalta, ou senão, preciso de um patrão prá trafica falo com fulano aqui falo beltrano ali ah! eu quero, eu quero uns dois bom assaltante prá assaltá banco, pronto vô ali, falo com o M. Pô eu quero um traficante bom, quero um local onde eu possa pegá uns quilo de cocaína, ou uns quilo de maconha, falo com o P. ou falo com o E., ou falo com os outro aqui da*

*regalia. Já prá arrumar um emprego é difícil, é impossível. (A., 35 anos).*

Outro local que aparece como um espaço de aprendizagem é o abrigo de crianças e adolescentes autores de infração penal. Num único relato o a aprendizagem de ambos, trabalho e crime, se dá num mesmo ambiente, uma instituição pública. O., ao falar de seu local de aprendizagem e aperfeiçoamento no mundo do crime, relata que durante sua permanência na FUCABEM, aprendeu um ofício, o qual considera sua profissão e que nesse mesmo local aprendeu a roubar com mais eficiência; destaca que é um lugar de poucas chances de mudança, trazendo para a discussão a função e a utilidade dessas instituições:

*"...a Fucabem é o começo da aprendizagem, que a gente aprende rouba, o que faz, o que não faz....Fucabem de recupera, ela não recupera, ela se torna pior, a mesma coisa que uma cadeia, uma cadeia tem muitas pessoas que entra com o roubo de um toca-fitas, sai matando, sai assaltando, sai fazendo mil e uma coisa....Eu comecei trabalha na Fucabem..., daí eu comecei trabalha na marcenaria e serralheria né, daí que eu passei para mecânica, tudo na Fucabem." (O. 28 anos).*

#### ***A realização pessoal e profissional.***

Para os entrevistados, o ingresso no crime aparece como uma forma de atender as necessidades de manutenção da família. Referem que conseguir dar conforto e satisfazer as necessidades familiares é o objetivo buscado com a atividade criminosa. Ao atingir esse objetivo, ou seja, ver a si e a sua família com suas necessidades satisfeitas e usufruindo de conforto material é motivo de satisfação pessoal.

*"...mas aí a vida do crime ela dá mais dinheiro (pausa) .dá e tu vive mais (pausa) sabe tem aquele...risco. Eu...eu vô dizê, eu vivia mais era prá mim comprá um terreno...comprá uma casa e mantê os meus filhos( pausa) nunca faltava nada (pausa) isso aí nunca...remédio...nada nunca....nunca me faltou nada, nada...". (M. 30 anos).*

A escolha pelo crime significa para os entrevistados também uma satisfação profissional. Essa satisfação aparece também como aquilo que ele sabe fazer, aquilo em que é habilidoso e portanto se dá muito bem. Relatam que no crime sentem-se respeitados e valorizados. A vida do crime lhes permite viver e experimentar situações que de outra

maneira não experimentariam. Afirmam que através do crime conseguem viabilizar seus talentos e obter êxito.

*"...aí na hora que eu cheguei lá...um monte de compra ele: pô seu danadinho, seu danadinho, tu consegue mesmo, tu é esperto, tu consegue mesmo, aí começô a passá a mão na minha cabeça e... ô tu consegue mesmo, tu consegue mesmo, aí, aí depois ali só fazê toda vida né, depois daquele...do primeiro, aí se aviciei e nunca mais quis pará (risos). (J. 19 anos.)*

Também relatam que podem usufruir das coisas boas da vida, do conforto e do prazer. Ao falar de sua estada no crime, os entrevistados falam que nessa atividade conseguem se sentir vivos, donos de um espaço. Afirmam que dessa maneira ocupam um espaço na sociedade. Referem um confronto em razão das grandes diferenças entre as classes, a injustiça social e a indiferença da sociedade diante das diferenças e das necessidades de muitos.

*"...a em prol de alguma coisa eu faria... do, da minha família, de mim mesmo né, porque na época eu não tinha família, eu fazia por mim mesmo. Que eu nunca tive infância, então eu achava que eu teria que ter tudo, então onde que eu comecei a roubar, a traficar, a pratica delitos né, homicídio, tudo isso, né. Então tudo isso era prá mim, me senti assim vivo, dizê assim: "não pô, eu tenho capacidade de tê aquilo," né, que na época a gente olhava assim via assim os filhinho de papai de bicicleta, não mas eu tenho capacidade de tê aquilo , ou por bem ou por mal eu tenho, então nois roubava. (A. 35 anos).*

### ***A vida no crime ou como sobreviver nessa atividade.***

Viver no crime segundo os entrevistados é tarefa muito difícil. Os relatos destacam a facilidade com que pode se ingressar no crime, porém suportar e manter-se na vida do crime exige o desenvolvimento de estratégias e mecanismos de sobrevivência. Os entrevistados relatam que um aspecto importante é saber a hora de entrar e principalmente a hora de sair, o que é muito difícil de avaliar.

Afirmam que é preciso medir o envolvimento com a tarefa e administrar corretamente os ganhos. Referem que se a pessoa não tiver equilíbrio, começar a usar drogas e gastar em farras, a tendência é se expor muito. A exposição em demasia é muito arriscada pois chama a atenção da polícia e dos concorrentes. F. nos fala da ambivalência que é o trânsito no crime, colocando que o crime é uma atividade para pessoas equilibradas

e parcimoniosas nos gastos, e que existe uma preocupação constante com dinheiro, com a polícia e com os clientes:

*"...o desgaste é muito grande, as pessoas que, por isso que a maioria das, das pessoas que mexe com tráfico tendem a, a tem que, quando tem uma personalidade fraca, tende a se viciado, a se vicia na própria cocaína, entende? e, eu, de antemão que o vício maior não é você chera na cocaína é você trafica cocaína, que é muito difícil você deixar de traficar cocaína, é muito difícil. Porque é muito fácil, muito fácil lidá com cocaína se você tivé uma cabeça boa, se não usá cocaína, ou se não, não gasta dinheiro com putaria, com mulher, é muito fácil vive do tráfico. (F. 27 anos).*

Para Zaluar( 1994) há uma diferença na forma como o trabalhador e o criminoso lidam com o dinheiro. O trabalhador na maioria das vezes é comedido em seus gastos, procura destinar seu salário para a casa e a família; já o criminoso esbanja, ostenta, gasta muito principalmente em farras, carros, bebidas, desperdiça com facilidade. Essa afirmação é contradita pelos nossos dados, na medida que os entrevistados afirmam que a vida do crime, principalmente o tráfico de drogas, é fácil se a pessoa for parcimoniosa nos gastos, não usar drogas e não gastar dinheiro em farra. E nossos entrevistados se utilizam da lógica do trabalho para viver no crime, ou seja recomendam que se trate dos lucros do crime da mesma forma como se lida com o salário ao final do mês, pois só assim é possível se dar bem nesse negócio.

Além do equilíbrio, os entrevistados relatam que há outros meios de sobreviver na atividade delituosa. Um dos meios que eles referem é o de estabelecer uma relacionamento amistoso e honesto com seus pares. Afirmam também que é preciso desenvolver mecanismos que afastem o aparelho policial. Alguns relatam que optaram por manter uma boa aparência, visto que há um estereótipo do marginal. O estereótipo se baseia nas vestes que não condizem com o convencional pela sociedade, tornando aqueles com vestes e aparência em desacordo um suspeito em potencial. Os entrevistados, conhecedores dessa realidade desenvolvem suas estratégia. Como pode ser visto na fala abaixo.

*" Não, eu me cuidava, eu não andava relento não, eu me produzia, me arrumava , eu mudava de visual, e todo mundo gostava de mim, quanto delegado como comissário, que eu trabalhava perto da, da repartição ali da carteira de, de identidade ali da civil, ali tem muito civil, civil eu conhecia eles tudo...bem alinhado, nunca andei (pausa) mal não (pausa) e eu tenho presença... (M. 31 anos).*

Com relação ao fato de que a população pobre é perseguida pela polícia, já está tão

evidente para todos que alguns entrevistados colocam que para não serem incomodados no seu trabalho, eliminaram os sinais exteriores que provocam suspeita, procuram andar alinhados e bem produzidos no que se refere à aparência física e às roupas. Esse dado corrobora as afirmações de Rocha (1984) e Zaluar (1994) , quanto ao processo de criminalização ao qual estão expostas as pessoas pobres, continuamente presas para averiguação, principalmente as que apresentam os sinais exteriores de perigo: jovens, negros, pobremente vestidos. Configura-se, desse modo, a pobreza como um dos fatores da criminalidade e ao invés de ser combatida, se transforma num estigma a partir do qual todos os pobres são considerados potencialmente criminosos.

Para os entrevistados, construir uma trajetória honesta no crime significa respeito, aceitação e longevidade na atividade. Afirmam que o respeito se reflete nas vezes em que estão presos. Ser honesto, ter caráter, ser homem, ter uma conduta correta é fundamental para uma carreira longa no crime e tranqüilidade na cadeia. Referem que ter um comportamento ético no crime significa respeitar a comunidade, ajudar as famílias, não iniciar trabalhador no crime, não dar calote, não entregar os companheiros quando for preso. Uma conduta pautada nestes princípios faz com que sempre tenham bons negócios e a confiança de seu grupo.

*" tinha toda uma, até, não é uma filosofia, não é isso, prá não usa essa palavra, uma filosofia de vida, que é o seguinte, era que nem irmãos, pessoal era que nem irmãos, vivia nas quadrilhas, coisa muito, muito mesmo, não existia aquela coisa de mexe com minha família, ou mexe com a dele, no bairro não se mexia, mulher casada se respeita, então era cobrado de você uma, uma, uma conduta que muitas pessoas na época acho que até não tinha na época, a maioria podia ter, mas muitos não tinham, que era de total respeito ao seu bairro, total respeito às mulheres casadas, as filhas, aos filhos, a não mexe no seu bairro, cuida do bairro seu prá não ser roubado....., então era tudo, " (G. 35 anos).*

os participantes destacam como relevantes para os membros do mundo do crime a relação amistosa, de respeito, que há entre eles e a comunidade. Afirmam que o bairro onde moram deve ser protegido da ação de ladrões e estupradores. Referem seu bairro como território sagrado, ali não se rouba, não se deixa os outros roubarem, é lugar de gente boa. É necessário para a sobrevivência no crime estabelecer uma aliança com os moradores do bairro, principalmente para que se protejam de grupos de outros bairros e da polícia. Em seus estudos, Zaluar (1994) encontra dados semelhantes e procura compreender a relação dos criminosos com os trabalhadores e demais membros da comunidade em que estão

inseridos. A pesquisadora afirma que a aliança entre eles se sustenta na proteção e segurança que os criminosos oferecem à população, espantando ladrões, estupradores e arruaceiros, e por sua vez os trabalhadores não interferem nas atividades deles. Zaluar (1994) sustenta também que há um sentido de localidade nessa aliança, onde os "nossos bandidos" são bons, respeitam família, respeitam os trabalhadores.

Os resultados de nosso estudo apontam para uma mudança nessa relação entre membros do mundo do crime e comunidade, pois os entrevistados falam desse convívio amistoso com um toque saudosista, afirmando que hoje em dia não há mais essa aliança e então a população acaba entregando os criminosos à polícia. Segundo eles, atualmente a população tem muito medo dos bandidos, pois hoje eles agem com muita violência para conseguir o silêncio dos moradores do bairro.

Outra forma de transitar no crime é, conforme dizem os entrevistados, fazer corretamente as tarefas, causar uma boa impressão nos mais graduados, principalmente nunca se apropriar de dinheiro dos outros ou desviar mercadoria. Estes são aspectos que contribuem para a tranquilidade no crime, pois afirmam que qualquer deslize pode trazer conseqüências drásticas, visto que as decisões e julgamentos no crime são rápidas e radicais. N. coloca sua experiência em relação às responsabilidades exigidas no mundo do crime e destaca como se morre por muito pouco:

*"...é porque as veiz... a pessoa vai levando mais na...cada veiz que a pessoa vai levando na resposta, que a pessoa...o cara assim, o cara tá no tráfico de drogas né, aí pô, ele fala não 'vo leva na resposta que eu vo cresce de cargo né', então ele começa leva mais na resposta ali, tudo certinho, aí dali o cara vê que ele tá levando mesmo na resposta, que não tá dando volta, não tá fazendo nada, sempre ali certinho, aí o cara começa a enxerga ele, e ali ele começa, sobe de cargo, cuida do que tem que chega certo... na boca, porque geralmente, geralmente dona Deise quando ...assim, que tá faltando dinheiro na boca, as veiz tá faltando um monte de dinheiro na boca, a pessoa até perde a vida sabia, por causa disso tudo, porque o cara pensa que tá dando volta. Eu vi muito amigo, eu vi muito amigo perde a vida assim...é tem que ser certo, então tem que leva a sério, certo, perdi muito companheiro, jovem de 13 ano morrendo porque deu volta, as veis por causa de um camudo, de uma cocaína, a pessoa perdendo a vida de bobeira, ali tudo por causa da cocaína, da droga." (N., 33 anos).*

Os entrevistados afirmam que as posturas consideradas corretas, associadas a coragem, ousadia e firmeza, criam um nome no crime. Referem que a fama e o *status* decorrentes proporcionam prazer e satisfação por um trabalho bem feito, por uma carreira

de sucesso e de repercussão. Relatam que a fama é construída. Nessa construção a polícia e a imprensa também contribuem, na medida em que valorizam o fato e principalmente procedem a uma perseguição, impedindo todas as possibilidades de mudança de seu alvo:

*"Então a polícia, ela mesmo fez isso, quando nós era ladrão, 'ah com a ficha de fulano é o seguinte, roubou isso, isso, isso', mas não tinha roubado nem a metade. Quantas vezes nós tava em cana assim vinha a PM, mas era, num era um, dois, era 15 20, vinha conhecer a quadrilha do M.. Chegava lá tava eu, magrinho, rengo, M. mais magro do que eu, o outro, o outro, então eles tiravam uma. Então que dize, nosso nome começou a surgir assim ó. Então que dize eles fizeram eu, como eles fizeram, eu comecei a gostar daquilo. (A., 35 anos).*

Para os entrevistados o sistema de justiça, onde inclui-se a polícia e o judiciário, contribui para a fama da pessoa no crime e também prejudica as tentativas de saída do mundo do crime. Segundo os entrevistado esse sistema não leva em consideração os motivos e a pessoa do criminoso. Afirmam que o sistema de justiça e a polícia exercem muita pressão. Essa pressão fica mais acentuada, conforme dizem os entrevistados, quando a pessoa sai da prisão. Afirmam que partir da primeira vez que a pessoa é detida, nunca mais tem sossego. Segundos os entrevistados a pressão é tanta que a tendência é praticar outros crimes.

*"...a justiça nossa as vezes pega no pé de uma pessoa, enquanto não vê aquela pessoa destruída ela, ela não descansa né....é uma pressão é... pa cai de novo, como a gente diz na, na, né na vida do..., de rua, do tráfico é..., pô tem polícia que não pode olha prá sua cara, que botá num paredão, e botá uma peteca de branca dentro do bolso prá dizê que é tua. Ah! eu sinto direto, não fizeram um forjado comigo, mas isso tudo que tão fazendo comigo aí é perseguição, isso aí é a maior perseguição...". (I. 47 anos).*

Em nossa pesquisa um dado que nos parece relevante refere-se a perseguição constante que aquelas pessoas que já estiveram presas uma vez sofrem por parte da polícia. Esse assédio, muitas vezes constrangedor, é apontado como um dos motivos que impede os egressos penitenciários de buscar outras formas de sobrevivência, pois a perseguição é tanta que impele as pessoas para atividades desviantes. Tanto Rocha (1984) quanto Zaluar (1994), encontram dados semelhantes. Os pesquisadores afirmam que a população pobre e os egressos sofrem tanta perseguição, que ficam meio reféns dessa situação e dificilmente escapam da reincidência.

O papel definidor da polícia e do judiciário na manutenção das carreiras desviantes, ao exercerem uma perseguição implacável impedindo mudanças, também é abordado por

Becker (1977). Este autor considera que os agentes de repressão e a imprensa têm papel preponderante na perseguição a determinados tipos de desviantes e muitas vezes essas perseguições são movidas por interesses pessoais na imposição de uma regra. Outro motivo para a perseguição ou excesso na divulgação do ato e do indivíduo, se dá para justificar a existência do aparato de imposição das regras, que trabalham de modo antagônico, combatendo os transgressores e fomentando o desvio para justificar sua presença e manterem seus empregos.

É nessa perseguição que se constrói a noção de territórios e indivíduos perigosos. A polícia e a imprensa produzem esse sujeito perigoso, inclusive para justificarem seus métodos e a sua existência. Os territórios perigosos são sempre locais de gente pobre, por conseguinte os moradores desses locais são os tais perigosos. A partir daí toda a sociedade passa a se relacionar com esses grupos através dos esquemas tipificadores e processos de institucionalização (Berger & Luckmann, 1966/1985) tratando os sinais externos de pobreza e as pessoas moradoras dos ditos territórios perigosos, como pessoas perigosas e ameaçadoras. E as pessoas que vivem nesses lugares passam a compreender o seu ambiente como propício à prática do crime.

Quanto à essa relação com a população pobre e a perseguição empreendida contra eles, Becker (1977) propõe que há uma relação de poder e dominação, com finalidade de controle na criação de regras; os impositores impõe as regras e criam marginais de forma seletiva, sendo mais rígidos com as classes pobres e com negros. Um ato praticado por um pobre ou por um negro, ou na maioria das vezes, ambos, tende a ser tratado como desviante com mais frequência de que o mesmo ato praticado por alguém da classe média ou branco, na maioria das vezes ambos. Então é passível de entendimento de que a sociedade veja os jovens pobres com mais facilidade de escolher o crime como opção ocupacional do que outros jovens.

Para Foucault (1977), essa perseguição empreendida contra os ex detentos está diretamente ligada ao papel da prisão na produção da delinquência. Ao identificá-los através do ingresso na prisão, os circunscreve em territórios controláveis, então seguidamente eles fazem o caminho de volta à prisão, ou então viram colaboradores da polícia para a identificação de outros infratores.

Para os entrevistados os relacionamentos que se desenvolvem no crime se revestem

de muita importância. Afirmam que é nesses relacionamentos que encontram apoio e afeto. Referem que para quem está na rua sozinho, sem casa para morar, sem ninguém para lhes dar atenção e valorizar seus atos, encontram no crime o afeto, a aceitação e o respeito necessários. Para os entrevistados, uma pessoa pode fazer muitas coisas ruins, mas o fato dela ser boa ou má é relativo, vai depender de quem está falando, pois no crime as pessoas fazem coisas ruins mas elas são capazes de gestos de carinho e de respeito:

*"Só depois é que eu fui..., eu fui morá... eu tava morando na rua aí um..., aí um, esse um..., ele foi como...eu não sei...prá...pros otros ele pode ser bandido...(tosse). pros otros ele pode ser bandido, mas prá mim ele não é bandido, esse, esse, o cara que eu fui morá com ele, esse, a senhora sabe né.. que ela tá presa, e ele tá lá na máxima, por causa que ele tinha, acho que dois latrocínio, aí... pros otros ele pode ser, mas prá mim ele vai ser o pai que eu não tive, por causa que ele qui, qui...apesar de eu ter feito a., de eu ter errado, mas ele que, que me botou lá.. pá mora junto com ele lá na casa dele né, eu não tinha nem onde dormi..." (J. 19 anos).*

### **O que é crime?**

A definição de que crime é qualquer ato condenável de consequências funestas ou desagradáveis que suscite a reação da sociedade, digno de repreensão ou castigo, não é uma definição com a qual todos concordam; os entrevistados relatam que pode haver diferentes entendimentos para essa questão. Referem uma compreensão diferenciada do que é crime, não concordando com seus julgadores e entendendo que pelos seus valores são inocentes e não criminosos. Em seus relatos, os entrevistados percebem o traficante como um comerciante, que tem sua mercadoria e aqueles que estão interessados vão em busca.

*"Vai comprá droga quem qué, não é obrigado, ninguém...ninguém exige, ninguém exige dá pessoa usá droga ou comprá droga. Eu não me vejo fazendo uma maldade, eu fico na minha e vem comprá quem eu quero né...quem qué, né...É um comerciante vamos dizê assim, porque ele não chama ninguém prá vendê, não machuca ninguém, tá lá, eu vejo assim, eu acho que prá mim nao é crime, criminoso é aquele que mata..." (I., 47 anos).*

Os entrevistados também relatam uma diferença entre o que julgam ser a prática de um crime e a prática de crime que é considerada pelo sistema de justiça; para alguns o fato de não estar praticando nenhum ato ilícito no momento da apreensão se caracteriza como injustiça, gera revolta e descrença no sistema, o que por sua vez alimenta a reincidência

pois o estigma adquirido com a prisão impede mudanças.

*"A primeira vez não era prá mim ter ido prá cadeia, a primeira cadeia que me tornou se assim desse jeito que eu, que eu fui né.... fiquei revoltado, fiquei revoltado porque uma que eu perdi meu irmão, meu irmão que eu amava muito, e outra que a minha dignidade foi e não era prá eu ter ido preso a primeira vez.. Aí depois saí com uma fama ruim, saí, perdi tudo praticamente o que eu tinha, o suor que eu tinha trabalhado também, aí eu resolvi volta pro mundo do crime de novo, aí aprontei bastante, dessa vez vim prá cadeia, por exemplo, porque tinha motivo mesmo, não vim pá cadeia inocente, não. (D. 26 anos).*

Quanto à esse aspecto identificado no estudo de uma definição diferente de crime, trazida pelos entrevistados, na qual o criminoso não se vê fazendo algo tão errado e afirma que seu ato não é um crime. Becker (1977) considera que os pontos de vista das pessoas com comportamento desviante se colocam provavelmente como diferentes das pessoas que os condenam. O que o desviante pensa sobre uma determinada coisa, por exemplo o tráfico de drogas, é diferente do que pensam os seu julgadores. Para o desviante o tráfico de drogas é como um tipo de comércio onde as pessoas vêm comprar se querem; já os julgadores colocam como crime. Becker (1977) também afirma que dar outro entendimento ou definição para a atividade desviante faz parte das técnicas de neutralização para justificar os atos; nesse caso o desviante questiona se houve dano ou prejuízo a alguém com seu ato.

## **A PRISÃO**

Nesta seção são apresentados os relatos sobre a vida na prisão, onde os entrevistados falam dos encontros, visto que percebem a prisão como um local de encontros; do que aprendem e do que ensinam; de como usam o tempo; de como fazem para sobreviver naquele espaço e da função da prisão.

***A prisão é o lugar onde periodicamente nos encontramos.***

Para os entrevistados a prisão é um local de encontro. Referem que as pessoas que fazem parte do mundo do crime, se envolvem com muitas pessoas no exercício de suas atividades. Afirmam que esses relacionamentos podem ter bons ou maus resultados.

Relatam que as conseqüências dos relacionamentos estabelecidos no mundo do crime vão se refletir quando as pessoas se encontram no ambiente prisional.

Segundo os entrevistados, o espaço prisional pode ser um lugar de bons encontros. Um tipo de bom encontro que relatam é aquele em que encontram antigos companheiros de atividade. Afirmam que é um bom encontro porque relembram o passado, conversam sobre suas proezas, se vangloriam perante os mais novos. Observe-se na fala de A. a importância desses bons encontros:

*"Então quando nos se encontrava na cadeia nós se sentavam por exemplo cheguei na cadeia agora, M. já tava aí, aí quando entrava eu entrava pelo portão, pá fulano chega aí, chega aí pronto já me sentava no lado já ia fumar minha maconha... aí começa aquele assim né, porra tive lá em tal lugar vi a tua ex mulher, num sei o que e pa pa pa e fulano mandou um abraço prá ti, pô, num sabia que tava em cana, é como é começa aquilo ali, parece assim que fazia 10 ano que num te via..." (A. 35 anos).*

Os entrevistados afirmam que o espaço prisional também pode ser um lugar de maus encontros. Referem que existem pessoas que não sabem se conduzir no mundo do crime e quando estão na prisão são feitos os acertos. Relatam que esses acertos geralmente comportam situações de violência e envolvem agressão física. Para os entrevistados, a maioria dos episódios de violência que ocorrem na prisão, entre os detentos, são conseqüências de diferenças do tempo em que estavam em liberdade.

*"...Isso é seqüência da rua, violência é seqüência da rua, as vez é um problema da rua que vem se esbarra dentro da cadeia, as vez não tem nada a vê com a cadeia, é mais da rua né, problemas que vai se esbarra dentro da cadeia, geralmente nunca é a confusão, nunca é feito, é muito difícil né, a confusão dentro da cadeia, a confusão que há dentro da cadeia já é uma confusão que vem da rua né, então já é uns desacerto lá da rua que as vezes se esbarra por dentro dos corredores da cadeia, é onde que acontece isso... isso acontece né, isso acontece, é como se dizem na gíria do malandro é, tem muitos que são jaguara né, é aquilo que eu falei pra senhora, o homem tem que ter caráter e tem que se honesto até no mundo do crime.." (I. 47 anos).*

Essa característica da prisão, trazida pelos entrevistados, de que ela é um local de encontro; fatalmente, todos que estão no mundo do crime vão se encontrar na prisão. Em muitos casos esse encontro é bom, mas em algumas situações o espaço prisional se constitui num espaço de acerto de contas, onde as diferenças da rua são tiradas. Os entrevistados afirmam que os episódios de violência que ocorrem na prisão, são na maioria das vezes motivados por esses acertos, numa referência à ética do mundo do crime,

confirmando a necessidade de uma conduta no crime pautada na ética prescrita pelo grupo de iguais. Esse dado se diferencia dos resultados apresentados por Castro (1984); em pesquisa realizada com egressos penitenciários, a autora afirma que a violência nas prisões é decorrente do convívio compulsório, da revolta por estar aprisionado, vingando-se nos companheiros mais fracos.

Os entrevistados relatam um tipo de encontro que acontece na prisão e que é muito específico. É o encontro a partir dos relacionamentos desenvolvidos com o pessoal que trabalha na prisão, agentes prisionais, administrador e técnicos. Referem essas experiências como ambíguas, que oscilam entre confiança e desconfiança. Os entrevistados afirmam que existem bons e maus relacionamentos com esse pessoal. Alguns entrevistados relatam experiências positivas, mas que lhes soam estranhas pois são pessoas que estão em campos opostos, portanto não deveriam ter afinidades. Os entrevistados também relatam encontros negativos entre funcionários e detentos. Esses relacionamentos, segundo eles, se caracterizam pelo confronto.

*"Geralmente, geralmente no dia a dia, tem que tá tomando decisões sim. Decisões, se eu vou, se vo brigá ou não vô briga, decisões se eu vô atura ou não vô aturá alguma coisa do agente prisional, prá não i pro castigo, porque o agente prisional as vez vem de casa, vem com os problemas dele particular, todo mundo tem, só qui...tinha que sabe separa as coisa né, é difícil separa, mas ele vem descarrega em você, você já tem os seus, aí você tem que tomá a decisão agora ali né, no curto espaço de momento: de aturá aquilo ou revidá aquilo..." (G. 35 anos).*

*"Teve várias situações que eu vi até pessoas da carceragem tudo, senti mesmo prá pessoa ir embora. Um sentimento que não deveria existir, né, a pessoa tá indo embora. Foi o caso que aconteceu com o A.. quando eu falei que ia prá Curitiba. "Não pelo amor de Deus", Foi o caso que aconteceu com a C. do Presídio Feminino, ali quando ela foi embora ela chegou na cozinha pra minha mãe e falou: " Dona S., eu não achei nunca na minha vida, que existia pessoas como a senhora dentro do Presídio, não achei, sinceramente". Chorou, se despediu da minha mãe." (F. 27 ano).*

Sobre o relacionamento com os funcionários da prisão Castro (1984) afirma que há uma categoria mediadora entre os que estão dentro e os que estão fora da prisão; essa categoria é constituída pela polícia, pelo judiciário e pelos que cuidam dos presídios. Na fala das pessoas pesquisadas por Castro, essa categoria é identificada como desprovidas de moral, detentores da violência imoral, diante deles é preciso ser submisso sem se submeter para poder sobreviver ao cerco constante. Contraditoriamente, nossos dados evidenciam

alguns relacionamentos muito positivos entre estas duas partes, os detentos e os funcionários da prisão, inclusive relatados como algo inusitado, pois os entrevistados percebem que é um relacionamento atípico, devido a diferenças de papéis que cada um tem na relação. Essa diferença encontrada pode ter sido influenciada pelo fato da pesquisadora ser funcionária da prisão, porém não tira o valor do que foi constatado, visto que estamos o tempo todo considerando esse duplo papel.

### ***A prisão como espaço de aprendizagem.***

Para os entrevistados a prisão é fonte de aprendizagem. Afirmam que a convivência é o principal facilitador de aprendizagem. Referem a prisão como um local que possibilita a aprendizagem, o aperfeiçoamento e novos contatos no mundo do crime, mas também é um lugar onde aprendem a se relacionar com pessoas muito diferentes entre si; afirmam ainda que na prisão aprendem novas formas de comportamento, para poderem se adaptar à realidade da prisão.

Segundo os entrevistados, uma aprendizagem muito evidente é aquela que se refere ao que chamam de "faculdade do crime". Referem a prisão como um espaço reservado ao aperfeiçoamento no mundo do crime. Afirmam que as pessoas chegam à prisão pouco habilitadas para o crime e ali aprendem métodos para atuar de forma mais profissional no mundo do crime. Relatam que as pessoas recebem ensinamentos de diferentes habilidades, cada um ensina um pouco do que sabe. Os entrevistados afirmam que além da aprendizagem e do aperfeiçoamento, a prisão é um local para se estabelecer novos contatos e referenciais. Esses contatos podem ser utilizados no futuro. Conforme os entrevistados, esses novos referenciais incluem: endereços, telefones, meios de transportes, que serão possíveis conexões após a soltura. Relatam que esses contatos são importantes principalmente quando após a soltura sentem o peso do estigma de ex-presidiário, mais acentuado na busca por trabalho.

*"...se faz uma micha de algema né, então faze uma coisa que eu nunca na rua imaginei, nunca que eu ia sabe na rua, uma micha de carro, aprende, aprende a faze, não tem.... aprende a esconde uma droga (risos), como entrá uma droga pá dentro da cadeia, ce aprende, tudo cê aprende, é incrível, aqui é uma faculdade, é, na realidade é uma faculdade do crime...(H. 25 anos).*

*"Porque é o convívio, o que é eu vo pá dentro da galeria, a chego ali, o*

*tamo lá jogando já conheço dois ladrãozinho que nem eu, pô ma dai já começa outro. "aquele velho lá é o bicho", aquele velho é lá de Mato Grosso aquele lá é traficante, ele é do bom, ó o fulano lá é assaltante, o bicho pega pesado. Ah, amanhã depois tamo lá conversando com o velhinho, tamo lá conversando, tê tê tê como é que é, como é que é lá como é que não é como é que é isso, como é que é aquilo, a senhora vai e tira um pouquinho daqui, um pouquinho dali, um pouquinho de lá, e quando a senhora vê já tá com uma escola na cabeça." (A. 35 anos)*

Em relação à aprendizagem na prisão, os participantes da pesquisa referem-se a mistura feita dentro das unidades carcerárias, onde convivem sem distinção, primários e reincidentes; pessoas sem condenação conviverem com outras com longas sentenças. Os entrevistados classificam essa situação como muito ruim. Esse convívio sem critérios facilita e promove um aprendizado e um compromisso entre os envolvidos que vai contribuir para o aumento da criminalidade, para fazer da prisão um local privilegiado de recrutamento ao crime. Zaluar (1994) denomina essa situação de absurdo penal, concluindo que a prisão é um excelente centro de recrutamento, formação e aperfeiçoamento no crime. Ramalho (1979) também apresenta a prisão com uma "faculdade do crime"; segundo ele, o encarceramento possibilita o aprendizado no mundo do crime, tendo uma função oposta a qual oficialmente se propõe. Ao invés de recuperar, aproxima mais a pessoa do mundo do crime. Foucault (1977) afirma que os defensores da prisão do século XVIII mantinham o indivíduo em isolamento justamente para evitar a promiscuidade e associações futuras. Para Becker (1977), o convívio com desviantes mais experientes na prisão não é necessariamente algo ruim, pois nesse contato os desviantes trocam experiências e os iniciantes têm noção dos prazeres que podem ter. O vocabulário utilizado para expor os motivos para os desvios são aprendidos com outros desviantes, nos seus espaços de encontro. Podemos compreender que a forma de abordagem sedutora feita nas prisões, e que transparece na fala dos nossos entrevistados, é justamente a tentativa de mostrar o lado agradável da atividade. Essa troca de experiência estimula a formação de grupos, de subculturas desviantes e solidifica uma identidade desviante; o desviante não está mais sozinho, pertence a um grupo, pode compartilhar algo com seus iguais: o desvio.

Será a prisão uma fábrica ou uma estufa? É na prisão, nas relações estabelecidas naquele ambiente, que se fabricam os criminosos? Ou é uma estufa onde as sementes ruins vão germinar? Para os entrevistados o que acontece na realidade, é que um jovem infrator

preso por um delito simples, convive e conhece pessoas na prisão, aprende coisas. Ao sair da prisão, sai com o rótulo de delinqüente e o estigma de ex-presidiário; o rótulo e o estigma o excluem do convívio socialmente aceito como o certo; não sendo mais aceito, se volta para os referenciais da prisão, do crime e esse envolvimento aprofundado vai lhe impedir todas as saídas. Daí a sociedade vai dizer: "era uma fruta ruim mesmo, só faltava ir para a prisão para virar bandido, resolve o seu problema e não quer saber de mais nada". Daí para a frente cabe à polícia fazer o seu papel. Os que estão na prisão assimilam esse discurso, de que algumas pessoas têm uma tendência, um lado fraco que vai desabrochar na prisão, tal qual as plantas em solo fértil. Zaluar (1994) faz uma crítica a essa idéia de que a prisão é o local ideal para a semente ruim germinar. Segundo ela constrói-se uma subcultura criminosa e a sociedade não permite que o desviante retorne para o convívio social; então essa subcultura criminosa vai dar suporte ao egresso e barrar todas as saídas do mundo do crime.

Segundo os entrevistados, o convívio compulsório é também fonte de aprendizagem para formas de se relacionar. Referem que a principal forma de se relacionar que aprenderam na prisão é o respeito pelo outro. Afirmam que o respeito pelo outro inclui o respeito à sua privacidade, a qual na prisão, corresponde aos momentos que ele está em sua cama, com a cortina fechada. Relatam também que o respeito aos pertences do outro é fundamental para uma convivência tranqüila. Referem que nada que pertença ao outro pode ser utilizado sem prévia autorização.

*"...é o respeito pelo ser humano. Isso a gente tem que aprender, porque só convive homem com homem, então né o respeito tem que ser muito grande porque se não houver o respeito há problema né, então é uma coisa que se admira muito dentro da cadeia, é o respeito de um pelo outro, é uma coisa que se aprende muito dentro da cadeia. (I. 47 anos).*

Além de novas habilidades para o mundo do crime e o respeito na convivência, os entrevistados relatam que a experiência da prisão lhes ensinou coisas que acreditam, de outra maneira ou em outro lugar não teriam oportunidade de experimentar. Afirmam que as vivências na prisão são tão contundentes que, após sua saída, são pessoas capazes de enfrentar a maioria dos obstáculos. Referem que são capazes de enfrentar muitas adversidades porque se tornaram mais calmos e tolerantes. Afirmam que viver na prisão obriga a pessoa a mobilizar todas as suas energias para poder sobreviver. Para os

entrevistados, na prisão a pessoa aprende a se controlar. Note-se a fala de G.

*"Você tem que sabe lida com todas as situações, tem que sabe lida com as coisas, você aprende a lida com as coisas, situações difíceis, menos difíceis, situações tensas, menos tensas. Com a vida lá fora também tem situações mais difíceis, menos difíceis, mais tensas, menos tensas, você aprende a lida com percas, então você sabe direito a dosar suas perdas, você começa aprende a lida com elas, então, isso tanto é dentro da cadeia, como na rua, você tem que sabe lidá... ajuda até você se controla, se você é um fumante, você não tem cigarro você tem que, tem que, si não tem... tá no castigo dentro da cadeia, você não pode fuma, que o cigarro não entra no castigo, você tem que se controla, então tá te ajudando a controla o vício, tá te ensinando, se você pode controla esse vício durante 30 dias no castigo, você pode controla ele o resto da sua vida, pode se livra dele." (G. 35 anos).*

Os resultados evidenciam que o viver coletivo ensina o respeito (às normas), a tolerância (à provocação e às diferenças), o controle (dos vícios e das necessidades). Essa aprendizagem que aparece nos resultados se coaduna com a crítica proposta por Foucault (1977) aos objetivos da prisão na sociedade disciplinar, que é corrigir, com intenção de obter o sujeito obediente, o sujeito dócil, submisso às regras e aos ordenamentos, o sujeito útil.

### ***Esse tempo que não passa.***

Conforme afirmam os entrevistados, o tempo na prisão demora muito a passar. Referem que uma das estratégias para tornar a prisão mais suportável é preencher o tempo no que for possível. Afirmam que o tempo na cadeia tem que ser ocupado, não pode ser inútil, senão o aprisionamento fica mais penoso. Referem o uso de diversos meios para preencher o tempo, como por exemplo: jogar, trabalhar, escrever, dormir. Relatam que é preciso perder a noção do tempo, pois o tempo é excessivo e poucas são as formas de ocupá-lo. Relatam que a falta de atividades para ocupar o tempo é um dos principais problemas da prisão, e causa muita insatisfação.

*"É o meu, o meu dia a dia dentro da cadeia é trabalhando é me movimentando, é fazendo alguma coisa prá preenche o vazio né, um vazio né, se fica parado fica aquela monotonia, então não, não gosto de fica assim.. Só a noite que nós joguemo um dominózinho, senão uma canastra, durante o dia nos gostemo disso, durante o dia é só mais é rindo mesmo. (Risos) é o meu melhor lazer. É ri. Ri de qualquer coisa, é a gente paga, às vezes tá aquela monotonia, é o seguinte acha alguma coisa engraçada, ou tá pegando no pé um do outro, é... aí passa o*

tempo...." (A. 35 anos).

"... você tá direto 24 horas numa cela, não tem o que fazê, é só oiá pá parede, ou assisti ou escuta rádio. (O. 25 anos).

Os entrevistados também avaliam o tempo segundo o seu significado na vida das pessoas. Afirmam que essa avaliação refere-se às transformações das coisas na prisão e no mundo externo enquanto eles estão presos. Afirmam ainda que o tempo na prisão é um tempo de acumular energia para um outro tempo que virá; essa energia acumulada será útil para conduzir a vida quando voltarem a transitar lá fora.

"...você tem que analisa, o tempo aqui ...eu hoje eu vejo assim, o camelo (risos)prá atravessa o deserto ele se abastece de água né...ele fica 6 meses até sem toma água, então a prisão pode ser, pode ser! não to dizendo que seja, pode ser prá algumas pessoas, uma fonte de energia prá atravessa o deserto da vida lá fora..." (G. 35 anos).

#### ***A sobrevivência na prisão.***

Para os entrevistados o espaço prisional é complexo e demanda diferentes formas de sobrevivência. Afirmam que é um espaço complexo porque abriga diferentes pessoas, reunidas ali por diferentes situações e que são obrigadas a conviver da forma mais amistosa possível. Os entrevistados relatam que é preciso aprender e seguir algumas regras para sobreviver à prisão e todas as transformações que ela provoca. Segundo eles, existem regras básicas de sobrevivência numa cadeia. Essas regras incluem falar o menos possível, não ver muito e não ouvir nada; além disso, quando os novos ingressam na prisão, são imediatamente alertados sobre a observância das regras. Afirmam que aqueles que seguem esses preceitos vivem bem dentro da prisão. Na prática, segundo os entrevistados, sobreviver na prisão é uma espécie de jogo.

"Tem que te, sempre tem a, o, a lei da cadeia, a lei da cadeia existe né, lei da cadeia se chama, que se você vê alguma coisa errada, não sabe, não viu, é mudo, cego e surdo...boca fechada, esses sobrevivem dentro da cadeia, quem fala demais se atrapalha. (O. 28 anos).

"Ah, eu, eu tento, tento fazo o que, o que...tem umas normas da lei na cadeia né, tento, tento segui essas normas prá não...prá tentá não sai fora da linha né. ...ah., eles já tinham me dito né, e eu ...a gente é obrigado a fazer prá não, como diz o ditado prá não pisá né, (risos)." (J. 19 anos).

Para os entrevistados, outra regra de convivência é aquela que diz que os detentos devem ajudar uns aos outros. Um tipo de ajuda bastante comum é a divisão de tudo que possuem, principalmente alimentos e cigarros. Afirmam que todos estão numa mesma situação e portanto cabe a eles minimizar essa situação.

*"...reparti quando tem sobrando, um pão, um....qualquer coisa que seja né, fruta, é isso que acho que é o principal no dia dia né, humildade, quando tivé alguma coisa que possa reparti é ótimo, né..." (D. 26 anos)*

Além das regras de sobrevivência, os entrevistados afirmam que existem mecanismos de funcionamento no dia a dia da cadeia; esse funcionamento é sustentado por normas que fixas. A norma mais evidente refere-se ao posto ocupado pelos mais velhos e os mais antigos no mundo do crime. Segundo os entrevistados, aos mais velhos cabe tomar as decisões e definir o funcionamento da galeria; em cada cela também é o mais velho que é responsável pela ordem e por orientar os mais jovens. Referem como função do mais velho na cela explicar as normas aos que vão ingressando. Conforme dizem os entrevistados, os mais novos na prisão e no crime, devem obedecer as regras e aprender corretamente os procedimentos de convivência.

*"É sempre e ó mais velho no barraco que, que mantém né, que fala, é o primeiro que fala e o último que dá a opinião sobre o que é e o que não é errado no cubículo... limpeza, isso e aquilo, quem faz a limpeza, quem não faz... se a gente tá num local desse, sempre tem que te um que deve, deve, deve mantê organizado a limpeza no barraco, senão o cara vai mora num chiqueiro, acho que nós não samo porco, não samo nada... todo mundo respeita." (O. 28 anos).*

Os resultados evidenciam uma hierarquia de mando nos cubículos, que coloca no morador mais antigo a responsabilidade pela organização na cela. Os entrevistados também fazem referências à lei da cadeia, que vale para todos, os mais velhos e os mais novos e que é ensinada para cada um que ingressa na prisão. A lei da cadeia tem três princípios básicos: não ver, não ouvir e não falar. Esse dado demonstra que há disseminação dessa lei, referida por Ramalho (1979), que pesquisou em São Paulo e a denomina de lei da massa; também Paixão (1985), que pesquisou em Minas Gerais, considera essa lei como mais do que uma estratégia de sobrevivência: é o código que institucionaliza a cultura dos fortes.

Para os entrevistados, a submissão às normas da prisão é fator de muito sofrimento. Esse sofrimento, decorre da pressão exercida pelas normas internas (dos presos) e externas (do estabelecimento). Afirmam que é doloroso, pois muitas vezes são corrigidos de forma

violenta, tanto por outros presos quanto pelos agentes carcerários. Também dizem que o relacionamento fica muito difícil quando discordam do grupo majoritário; referem a existência de uma hierarquia interna que organiza todo o funcionamento da prisão. Conforme os entrevistados, alguns estão no final dessa hierarquia, daí são esnobados e rejeitados. Afirmam que algumas vezes são obrigados a fazer serviços domésticos para outros, o que resulta em sofrimento e humilhação; alguns impõem a outros atividades que consideram desagradáveis e humilhantes, e os que se submetem o fazem por medo. Note-se as falas abaixo:

*"Porque vamo dizê assim, se eu for prá dentro da galeria, eu vo faze o que, vo faze uma quadrilha. Vo escolhe 5 ou 6 cabeça e nois vamo comanda ela, então nois respeitemo nois 5, o resto, vai se submisso, né, pessoas inocente desses novato que chega agora, como é que diz é, os novatos. Os novatos a gente vái tira prá bom, é volte e meia vai levá eles lá limpá o cubículo, toma um monte de tapa, né, um jeito de se solta a neurose, ou de quere ensina né," (A. 35 anos).*

*"... as vezes eu nem saio de dentro do cubículo, fico dentro do cubículo, não tô acostumado com isso ali, não to, mas o que eu posso faze, as vez um me pede prá lava um... uma camisa, só não vo lava a zorba do cara, eles pedem eu lavo porque, porque vem chuta a gente " que que há rapaz, tá pensando o que", são pessoas bandida, como diz, bandido não existe não senhora, não existe, é pessoas que tem...sei lá." (K. 25 anos).*

Os entrevistados afirmam também que existem pessoas que já têm muita experiência de prisão e desenvolvem mecanismos peculiares de sobrevivência, inclusive contrariando algumas regras básicas e estabelecendo regras próprias. No relato de F. destaca-se esse aspecto; ele procura manter uma postura de independência, justamente para mostrar que não tem medo e não tem nada à esconder de ninguém, portanto não precisa bajular ninguém e nem se humilhar:

*"Prá ficar bem aqui dentro? É, eu sou muito sincero, o que eu tenho prá falar eu falo prá pessoa mesmo, entende? Se uma pessoas chega me pedi alguma coisa, dependendo da pessoa eu digo que tem e digo que não vou dá, se eu acho que a pessoa merece eu dou. E, isso aí constrói é, e um certo, um certo, proteção, se a pessoa sabe, tem pessoas que nunca me pedem nada porque sabem que eu não vou dar, e eu não vou mentir que não tenho, eu vou dizer que tenho e que não vou dar...To conseguindo conviver bem dessa forma porque você demonstra que você não teme nada errado, você não tem nada errado, porque, é no mundo que nós vivemos ali dentro se você adula muitos as pessoas, se você se desfaz de algumas coisas que você tem prá dar pra essas pessoas, ela acha que você tá devendo alguma coisa, que você tem alguma coisa errada...." (F. 27 anos).*

Os nossos resultados demonstram que na prisão as pessoas não são todas iguais. Acreditar que há um nivelamento, que todos os homens são iguais, é uma crença errônea e que só existe do portão para fora. Existem alguns elementos que definem o lugar social ocupado pelo recluso, especificamente em relação a natureza e gravidade do delito. Os participantes da pesquisa deixam claro que os de maior prestígio e poder exercem a liderança, estão no topo da hierarquia. E aqueles que estão na posição mais inferior, exercem atividades domésticas no cubículo, dependem sobremaneira dos líderes. Alguns pesquisadores aprofundaram os estudos sobre a organização social da prisão. Paixão (1985), usa o termo cunhado por Sykes: "sociedade dos cativos", e identifica que a coesão da sociedade dos cativos vai depender da adesão à lei da cadeia, lei que orienta comportamentos individuais e assegura compromissos coletivos. Esse estudo é corroborado por nossos resultados, que a prisão não é só humilhante pela ação dos agentes externos, mas ela também é degradante na medida em que submete pessoas frágeis à força de outros.

### ***Para quê serve a prisão.***

Para os entrevistados a prisão tem algumas utilidades e significados. Afirmam que ela é um mal necessário. Alguns entrevistados afirmam que ela é ruim em qualquer circunstância. Há entrevistados que dizem que ela é uma alternativa de sobrevivência para as pessoas muito pobres e desassistidas. A prisão é ruim em todos os sentidos, mas apresenta um caráter contraditório, ela tem um sentido de vida e morte nos relatos.

Conforme dizem os entrevistados, a cadeia serve para consertar as pessoas erradas. Referem que esse conserto se processa pela possibilidade de reflexão que impõe à pessoa. Afirmam que estando presa e sofrendo a pessoa tem condições de perceber seus erros e se transformar; pois através do castigo e do sofrimento causado pelo aprisionamento é que se processa a mudança. Alguns entrevistados vão além, afirmando que o sofrimento deve ser intenso, pois se assim não for, não haverá mudança alguma. Referem que aqueles que não sofrem com a prisão, acabam se acostumando à ela e não vão sentir a diferença entre estar dentro ou fora da prisão.

*"Se a gente vem prá cadeia, a família vem, traz compra, não deixa falta nada, a pessoa se sente...a vontade, não a vontade porque tá preso, mas não falta nada, tem o apoio da família, tem amor com a mulher, na cadeia tem conjugal, tem tudo, comida dá boa, então quer dizê, a pessoa vem presa, só fica pensando "ai,*

*não vejo a hora de eu sair, prá continuá de novo", não, então a gente ganha um desprezozinho, prá mim tá sendo ótimo, ótimo, ótimo, uma terapia mesmo., Então quer dize, eu venho prá cadeia, eu to na rua eu to aprontando, mas eu não tenho aquele grande medo, qui se eu voltá prá cadeia, minha mulhezinha vai tá lá...(K. 25 anos).*

Conforme o relato dos entrevistados, a prisão tem um caráter ambíguo, pois afirmam que esse mal todo seria para o seu bem. Referem a prisão como um local de privações, de humilhações e sofrimentos, mas que é necessária. Os entrevistados afirmam que se não estivessem presos provavelmente já estariam mortos nas ruas. Observe-se o depoimento abaixo.

*"...então prá mim tá sendo bom, eu tenho certeza, qui pode ser...até uma benção de Deus, se eu tivesse na rua, eu podia tá morto, podia tá...não sei o que teria sido de mim, aconteceu, to bem graças a Deus, de saúde ..."(K.25 anos).*

O objetivo da prisão como capaz de transformar pessoas erradas identificado pelos entrevistados, aproxima-se do que Michel Foucault (1977) identificou como sendo o propósito preconizado pelos reformadores, no século XVIII. Estes reformadores, como vimos anteriormente, pretendiam que a prisão realizasse uma reforma nos indivíduos. Acolhesse pessoas com "falhas" e "deformidades", e através de seus métodos procedesse uma mudança; afirmavam que a prisão era um espaço de transformação, onde o indivíduo após ser submetido à disciplina e ao controle seria devolvido à sociedade modificado.

Alguns entrevistados afirmam que a prisão é nociva e muito negativa para os seus moradores. Os aspectos nocivos que eles destacam referem-se ao afastamento da família, o isolamento social e a solidão. Afirmam que a pena de privação da liberdade é ruim porque afeta os desejos e as necessidades mais básicos das pessoas, como por exemplo, escolher o que deseja comer ou beber. Afirmam também que afeta suas funções mais complexas, como o papel de provedor e de responsável pela educação e proteção dos filhos. Os entrevistados classificam como desmoralizante uma pessoa não participar da vida social e da família. A fala de B. ilustra essa percepção:

*"A prisão é ruim em qualquer sentido; ela é ruim porque é...uma parte psicologicamente é se, a pessoa se torna privada de tudo né, bem dize quase tudo né, porque olha lá prá fora lá, qué tomá um refrigerante, mas é o maior trabalho aqui prá tomá uma refrigerante, se toma refrigerante mas é uma vez por semana né, e fica isolada, isolada do que tá acontecendo, do que se passa lá fora e familiares, assim, assim pá ficá sabendo é só quando chega a visita que aí transmite: "ó ele foi soltá pipa e corto o pé" e aí fica sabendo que o filho foi solta*

*pipa, corto o pé, aí já fica naquela ali, crista caída, de tá aqui dentro preso, não pode fazer nada, porque se tivesse lá junto, tava junto com o filho, então não teria acontecido aquilo, então se sente, a pessoa se sente, assim como se diz (pausa) é um inútil, por uma parte um inútil né, por não pude tá lá fora ajudando quem ele gosta né". (B. 29 anos).*

Contraditoriamente, os entrevistados referem a prisão como um espaço útil para pessoas muito pobres e dessassistidas. Dizem que para aquelas pessoas que não têm nada e ninguém, a cadeia é uma alternativa de sobrevivência. Referem a prisão como a solução para problemas de solidão para aqueles que romperam os vínculos familiares. Afirmam que é um meio de sobrevivência para aqueles que vivem em extrema pobreza. Segundo os entrevistados, a prisão, para algumas pessoas, pode ser a saída para o desemprego, o abandono e a falta de um teto. Os entrevistados argumentam que a prisão é um local onde as pessoas podem comer, dormir, e estar protegidas de alguma forma. Afirmam que para o outro a prisão pode ser boa, pois o outro não tem família, não tem casa, não tem nada.

*"Vo fala sério, a maioria não gosta, mas tem gente que já gosta, Porque que gosta? gosta porque não tem família na rua, não tem família né, pá cuidá deles aí o, o destino deles é aqui, é andá na rua e dá rua pá cadeia, talvez até goste mais de ficá aqui dentro, que é mais tratado que na rua, eu acho, na minha opinião.....porque tem pessoas qui não tem família pá dizê: "meu, como é que tas passando, tas bem, tas mal" tem pessoas, então eu acho assim que, acho que a família deles, deles é aqui, que aqui eles são bem tratado, tomam banho tudo na hora certa, almoça, não tem preocupação de nada, é a maioria gosta...." (M. 31 anos).*

Os nossos entrevistados também compreendem que a prisão pode ser um bom lugar para quem não tem família, não tem casa, não tem emprego; acreditam que para essas pessoas tão desamparadas a prisão é um ambiente para lhes fornecer os meios básicos de vida (alimentação, moradia e vestuário), além de possibilitar relacionamentos de amizade. Esses dados corroboram a discussão estabelecida por Foucault (1977), sobre a origem das prisões; segundo ele as prisões nascem seguindo o modelo dos grandes estabelecimentos de recolhimento de pobres do século XVI, os adeptos dessa idéia consideravam o confinamento perfeitamente adequado para miseráveis, sem casa, sem trabalho, sem comida; as prisões poderiam lhes desenvolver o gosto pelo trabalho. Também Rocha (1994) defende a tese de que a prisão desde seu nascimento, tem por objetivo o aprisionamento de pobres; e observa-se que esse objetivo produziu uma subjetividade de

que para as pessoas pobres e desamparadas a prisão se constitui num local adequado. Constatamos assim que a idéia de que para quem não tem nada a prisão é boa, é bastante antiga mas também é perversamente atual.

### *A prisão como dificultadora da reabilitação.*

Para os entrevistados, a população da prisão é muito heterogênea. Afirmam que num mesmo ambiente convivem pessoas com diferentes histórias, diferentes modos de pensar, diferentes graus de envolvimento com o mundo do crime. Afirmam que essa heterogeneidade é composta de pessoas com problemas pessoais e familiares, pessoas sem estrutura material, de muitos trabalhadores, de pessoas pobres e indefesas. Segundo eles, há na prisão também pessoas muito ruins, muito revoltadas, que só desejam o mal dos outros. Mas na prisão, conforme relatam os entrevistados, existem pessoas boas, inteligentes, pessoas que só foram conquistar algo na vida que não deram certo. Desconsiderando todas as diferenças, afirmam os entrevistados, o sistema prisional amontoa as pessoas, e ali são tratados como uma coisa só. Para os entrevistados, essa mistura promovida pela instituição dificulta muito a reabilitação. Afirmam que a pessoa presa fica desamparada, tendo que decidir sozinha sobre o que fazer diante das pressões que sofre no seu dia a dia. Para os entrevistados, essa mistura facilita a aprendizagem e o aperfeiçoamento no mundo do crime.

*"Tem muitos ali qui, qui não tem amor a vida, não tem ninguém por eles não senhora. Tem uns que se marca, eles metem, como eles dizem, o espeto na gente í cortam de cima em baixo, mas tem muita gente boa de coração aqui dentro. (K. 25 anos).*

*"... a gente se envolve com muitas pessoas de diversos lugares, de diversos artigos. Porque a cadeia nesse Estado principalmente, eles não...eles divide, preso cum preso, artigo cum artigo, primário cum primário, eles botam tudo junto. Então é reincidente cum preso que nunca teve numa cadeia, tão, o que que acontece, o que que ele vai aprende? ele vai aprende alguma coisa de ruim ele vai aprende, coisas de boa na cadeia é poucas coisas que tu aprende, então prá ti aprende coisa boa na cadeia tu tem que te consciência de que tu não é do crime, consciência, agora se tu boto na cabeça que tu é do crime, só vai aprende coisa ruim, só coisa ruim, e aprende porque eu já aprendi muita coisa ruim." (H. 25 anos).*

Os entrevistados procuram deixar bem claro que há muitas diferenças entre eles e isso deve ser levado em conta. Nos parece que eles querem que essas diferenças individuais

existentes entre eles se acentue no momento da soltura, como critério para a saída e para a aceitação no seu retorno à sociedade. Isso porque quando saem novamente ficam todos iguais, para a sociedade os crimes não têm diferenciação, têm a mesma dimensão, e expressidário é tudo a mesma coisa. Isso é percebido como prejudicial nas tentativas de reinserção. No convívio cotidiano, os detentos entendem que é importante que sejam tratados como iguais, pois fortalece a lei da cadeia. Paixão (1985) também compreende dessa maneira ao afirmar que o código da cadeia pede um tratamento igualitário, qualquer diferenciação é problemática. Os presos percebem que há uma diferenciação entre eles e justamente essa diferença é a base da sociedade dos cativos mas mesmo assim essas diferenças são negadas e a organização da prisão demanda um tratamento de igualdade.

Os entrevistados afirmam que alguns dos motivos para continuar no crime após sua passagem pela prisão, são conseqüências da própria prisão pois esta não fornece preparo para os egressos e ainda os estigmatiza (sua função principal). Segundo os entrevistados, o sistema prisional não oferece o mínimo amparo para quem está saindo e também impõe uma convivência que só favorece a continuidade no crime, não proporcionando condições a todos que ali estão de buscarem novos caminhos. O egresso vai em busca de algo mas o que encontra são seus antigos referenciais, e é neles que vai buscar guarida.

Para os entrevistados, a passagem pela prisão prejudica todas as possibilidades de reinserção no mercado de trabalho. Os entrevistados sabem que na maioria das vezes sua família não terá condições de ampará-los e vão buscar nas suas referências no crime a continuidade na atividade, principalmente porque a emergência no sustento familiar vai decidir por eles.

*"...Aí po, vo desce pro centro ai tem tomado cafezinho, desço pro centro qual é o grau de estudo? Ah. 3º ano primário, que que sabe faze? ah. não sei faze isso, não sei faze aquilo. Até eu acha um serviço que eu queira, ou que venha né, ou servente ou pedreiro. Ate eu acha um serviço desse, a pedra já tem corrido né, a pedra já tem corrido, a necessidade já tá apertando né, então qué dize, a mulher vai começar a cobrar, porque é o automático, as criança" ah. porque não tem comida, que não tem isso, não tem aquilo, tu não vai arruma um serviço", Não vai faze nada pela hora do Brasil. Então quer dize o que que acontece: ah já vo arruma já, para aí daqui a meia hora já trago dinheiro, já trago comida, já trago tudo...(A. 35 anos).*

Alguns entrevistados evidenciam uma compreensão do sistema prisional. Referem entendimento do funcionamento e da manutenção desse sistema. Estes entrevistados

conseguem captar os mecanismos da organização da sociedade e da ordem prisional ao falar da forma como operam e para que servem. Segundo eles é um sistema que cria delinquentes, não oferece condições de mudança :

*"É esse o sistema, o nosso sistema mesmo, ele obriga nós se assim. É o brigão, é o fujão, porque nós não temos uma estrutura. Não temos a estrutura definida assim, pô, ó, como agora eu tô quase dois anos aqui dentro. Eu tô numa, eu tô, eu tô, pá ir pá rua, mas só tem uma porta aberta, né. Eu acho que, o que merecia mesmo era te um tipo assim dum grupo, esperando já, não tem, nem que fosse prá trabalha de jardineiro, ou pedreiro, ou qualquer coisa, mas que a pessoa saísse da cadeia já saísse com alguma coisa né, que não adianta nós... (A. 35 anos).*

A situação carcerária no Brasil é uma das condições mais degradantes à qual se pode submeter um ser humano. As prisões brasileiras são espaços de recrutamento e aprendizagem para o crime. Os nossos resultados confirmam que, para os entrevistados, a vivência da prisão é muito ruim; constitui-se num espaço de muitas privações, de humilhação, de violência. É nesse espaço de exclusão que o rótulo vai se institucionalizar. Depois da prisão, vai ser para sempre o ex-presidiário.

## **O TRABALHO**

Para os entrevistados, o trabalho é muito importante e tem significados relevantes. Entre os significados que atribuem ao trabalho, está a sua função de propiciar a sobrevivência própria e dos familiares. Os entrevistados relatam que algumas vezes experimentaram satisfação com o trabalho. Afirmam que essa satisfação está associada a idéia de estar aprendendo algo, estar sendo valorizado e vêem o trabalho como algo que os aproxima dos familiares.

### ***A aprendizagem do trabalho.***

Os entrevistados afirmam que começaram a trabalhar muito cedo. Referem o ingresso no mundo do trabalho com idades variando entre 7 e 14 anos. Conforme relatam, começaram exercendo atividades autônomas tais como: ajudante de pedreiro, vendedor ambulante e lavrador. Relatam que o ingresso no trabalho foi feito através dos familiares, alguns desde criança ajudavam o pai em obras ou na lavoura, ou então saíam para vender doces e salgados preparados pela mãe e pelas irmãs. Ao falarem de suas experiências com o

trabalho, os entrevistados afirmam que são pessoas empenhadas e esforçadas e atribuem seu caráter trabalhador ao incentivo e esforço dos seus pais.

*Eu, na faixa deeee 12 prá 13 anos...eu comecei carregando tijolo, cimento, concreto, tálba, ajudando meu pai ...ai comecei logo em seguida fui aprendendo a profissão, a profissão do meu pai né de...armador... a família já tinha um dom pá pá serviço né, então eu já tinha um conhecimento. Era tudo olhado no projeto na planta aí era só tira e corta, ninguém ensinou o mais era tudo de cabeça memo né, de cabeça e pelo papel né, pela planta. (B. 29 anos).*

*"...eu quando tinha, quando eu vinha da escola, com 8/9 anos, o pai, já botava capiná varge e.. milho, ele coloco, trabalhei desde novinho na roça..." (D. 26 anos).*

É tão relevante a importância dos pais na aprendizagem do trabalho, que um entrevistado afirma que herdou geneticamente o gosto por determinada atividade. Refere como algo que está no sangue, do qual não pode escapar. Afirma que sua ligação com o trabalho é tão intensa que se ficar muito tempo afastado, fica doente.

*" meu pai sempre foi motorista...motorista né, é tá no sangue né, tá no sangue, a que corre no sangue mesmo é motorista, isso é indiscutível né!, so obrigado a pegá porque tá no sangue, i eu fico doente se eu não pega né, é fico doente..." (I. 47 anos).*

Para alguns entrevistados o ingresso no mundo do trabalho coincide com o ingresso no mundo do crime. Essa coincidência se dá em duas dimensões: em relação à idade e ao local. Afirmam que no mesmo local (a rua) onde exerciam suas atividades laborativas, realizaram suas primeiras experiências no mundo do crime:

*"Com 13 anos eu trabalhava, com 13 anos eu roubava, só que os trabalhos que eu tinha, era esses trabalho, sai vendendo picolé, eu vendia...uma banana, vendendo salgadinho, era esse tipo de trabalho, engraxava, vendia amendoim, me virava no meu dia a dia. Aos 15 anos eu fui cobrador de ônibus, da R., aí nessa época eu trabalhei uns 6 meses." (G. 35 anos).*

### ***Para quê serve o trabalho.***

Para os entrevistados, o trabalho serve para a sobrevivência. Afirmam que procuram fazer algo para suprir suas necessidades. As necessidades que referem como mais importantes e que são aqueles que os impelem para o trabalho são as necessidades de alimentação, vestuário e moradia.

O trabalho, na fala dos entrevistados, tem diversas utilidades. Uma utilidade que consideram importante refere-se ao fato de que ele serve para construir coisas úteis. Afirmam que poder utilizar algo que a pessoa construiu é muito significativo.

Os entrevistados relatam que além de construir algo, propiciar a manutenção sua e da família, o trabalho também dá dignidade. Quando falam em dignidade os entrevistados referem-se à respeitabilidade e à valorização decorrentes da condição de trabalhador; referem também a tranquilidade para transitar sem se preocupar com a polícia.

*"Já fiz de tudo nessa idade que foi preciso já né pá safa a fome e pá não passa frio, já fiz pior e melhor né. A se de repente a gente precisa prá se alimentá tem que trabalha, então tem que corre atrás, se qué se vesti bem tem que trabalha, então tem de trabalha mesmo. Olha em serviço prá mim eu nunca temi né, qualquer serviço é serviço... A gente é obrigatório a ter um trabalho prá se mantê né, pá comê e te a honra de, pelo serviço né, a gente pode ganha, onde põe o nosso sustento, o alimento (pausa), a honra de chega num comércio e comprá, póde comprá um crediário, fiado, sempre te a ficha limpa né, eu era, o serviço prá mim olha, sem o serviço eu acho que a pessoa não sobrevive no mundo, qualquer um tem uma matéria de atividade prá trabalha né (E. 22 anos).*

*"Trabalho é pa mantê a família, é pá ficá tranqüilo lá fora pá, pá pode andá, pode caminha assim, não ter que tá se cuidando da policia, eu acho isso né..." (O. 28 anos).*

Mas alguns também referem o trabalho como uma vivência insuportável. Relatam que em suas experiências com o trabalho, mais precisamente com as relações de trabalho, sentiram-se muito explorados. Afirmam que essas relações são desiguais e que foram muito explorados e desvalorizados. Referem um afastamento do trabalho por conta dessas relações insatisfatórias.

*"Só que (pausa) a maioria não, não me valorizo, não valorizô o meu serviço e eu vi que tava trabalhando demais, enchendo o bolso pros outros e não tava ganhando nada, tava pô trabalhando como se fosse um escravo aí eu digo não, vô pará, vô ficá em casa, eu era solteiro ainda na época e, se pintava um biscate, capiná ou qualquer coisa aí eu me meto, caso contrário eu não ia trabalhá, a não ser se eles me aumentassem meu serviço né, que eu produzia muito e ganhava pouco...." (B. 29 anos).*

Para os entrevistados o trabalho não é para todos. Relatam alguns motivos para se manterem à margem do mundo do trabalho. Referem que são excluídos do trabalho pela falta de escolaridade, pela idade, pelo despreparo profissional. Alguns entrevistados afirmam que se afastaram do trabalho após a prisão pelo medo da discriminação. Os

entrevistados relatam seus motivos de afastamento do trabalho como falhas pessoais, trazendo para si o peso da responsabilidade pelo seus despreparo e seus erros:

*"... eu não tive também oportunidade de estudá prá ter um bom emprego, eu acho que deve ser difícil trabalha de empregado algum dia, eu to acostumado a ganha um poco mais de dinheiro, vô trabalha aonde sem estudo? meu negócio é continua com ferro velho mesmo né" (D. 26 anos).*

*"...porque eu não subê lê, num sube escreve, ter mais estudos.....isso aí um dia eu...eu não di importância quando era jovem. Falta. Falta de estudo, da profissão, de ter uma profissão, boa. (L. 28 anos).*

### **Trabalho e crime.**

Para os entrevistados, crime e trabalho são coisas antagônicas: estar dentro de um significa estar fora do outro. Em seus relatos procuram destacar as diferenças que existem entre trabalho e crime . Afirmam que essas diferenças ficam muito evidentes em relação às conseqüências do crime : prisão. Mas identificam semelhanças, principalmente em relação à utilidade de ambos. Segundo os entrevistados, os ganhos tanto no trabalho quanto no crime servem para o sustento próprio e da família.

*"...Se vê com a calma que eu tenho hoje, sim, dava prá você pensa que eu vivi 4 anos daquilo, vivi 4 anos daquilo, e não, eu não encaro como profissão, como é que você vai encara como profissão uma coisa que você sabe que vai te traze prá cadeia, isso não pode ser profissão, então você tá muito errado, eu vou, se olhar do ponto de vista financeira como você vivia, sim é uma profissão, um meio de vida, mas não é profissão". (G. 35 anos).*

*"...Não, não é uma profissão. Eu acho que é um, é um meio de eu consegui mantê a minha família, e mais, e de ganha dinheiro fácil, profissão eu não acho, eu acho que não é profissão. Só que eu adianto prá qualquer pessoa que ache que traficá é fácil, não é fácil, é muito mais trabalho que qualquer outro trabalho que a pessoa vai desenvolvendo,. (F. 29 anos).*

Para os entrevistados o crime é uma maneira errada, mas rápida e fácil de ganhar dinheiro para se obter bens de consumo. Relatam que, ao contrário, o trabalho é a maneira certa, difícil e lenta de se ganhar dinheiro para a sobrevivência. Afirmam que os ganhos obtidos com o crime parecem carregar uma maldição. Essa idéia de maldição, para eles, é porque é um dinheiro que não rende, vem fácil e vai fácil. Referem que os ganhos com o crime não são valorizados por isso são gastos de forma descontrolada. Já, segundo os

entrevistados, o dinheiro obtido com trabalho é um dinheiro sofrido, suado, difícil, por isso rende mais:

*"... porque vem fácil e vai fácil, aquele ditado: , o dinheiro que não é, que não é trabalhado sempre acontece, veio fácil, vai fácil, e o dinheiro que a gente ganha com o suor da gente, se ganha 100 real, é difícil gasta ele, e o dinheiro que vem fácil, a gente não sabe no que gastá, gasta em qualquer coisa.(O. 28 anos).*

Estar no crime é estar fora do trabalho, fora do trabalho honesto e legal. Em pesquisa desenvolvida por Ramalho (1979) e Zaluar (1994) identificamos que o mundo do crime é o negativo do mundo do trabalho honesto, pois dele se afasta quem faz sua opção pelo crime. Nossos dados concordam com as propostas de Ramalho e Zaluar , mas não corroboramos a idéia de opção apresentada por aquela autora, nossos entrevistados colocam que só alguém por exemplo com sérios problemas mentais, faria uma escolha pelo sofrimento. Eles colocam que a escolha pelo crime como ocupação é uma alternativa financeira e que exige das pessoas muito mais do que qualquer trabalho. Ou seja, os entrevistados estão falando que não havia um leque de opções profissionais e eles se decidiram pelo mundo do crime. A entrada e permanência no crime se apresentou como uma alternativa de sobrevivência e solução dos problemas imediatos, mas que exige responsabilidade e muito empenho. Salientam as diferenças nas conseqüências: é um trabalho que leva para a prisão, e esse é o aspecto negativo. Os relatos que referem-se a busca do crime como forma de obter o próprio sustento, participar da sociedade de consumo e sobreviver corroboram as conclusões de Rocha (1984), onde o autor afirma que dadas as condições políticas e econômicas existentes no Brasil, é perfeitamente compreensível que uma parcela significativa da população, fugindo da indigência e da degradação, busque no trabalho ilegal, sentido para suas vidas.

Mas os entrevistados afirmam que viver no crime não é fácil. Referem que é uma atividade que "dá mais trabalho" do que qualquer trabalho que se possa imaginar. Segundo os entrevistados, viver do crime gera muitas preocupações. Afirmam que existe uma preocupação constante com a mercadoria, com os empregados, com os clientes, com os pagamentos. Além dessas preocupações, comuns a muitas empresas, referem uma preocupação a mais: com a polícia. Dizem preocupar-se com a sua possível prisão e com a prisão de clientes que podem denunciá-los à policia. Note-se a fala de F.

*"... Só que eu adianto prá qualqué pessoa que ache que traficá é fácil, não é*

fácil, é muito mais trabalho que qualquer outro trabalho que a pessoa vai desenvolvendo, porque você vai tá 24 horas pensando que você tem tantos kilos de cocaína, que você tem que cuidá, que ninguém vai te rouba. Que fulano, ciclano, beltrano tem um dinheiro pra te deve, que você tá devendo a maior fortuna pra quem você pego a cocaína, que você tem que pagá, e que aquilo ali não pode pará. E se alguém deixa de pagá, você tem que desdobrá, e você tá correndo o risco 24 hs. de sê preso também, de alguém que você entregou a cocaína se preso e te entregá." (F. 27 anos).

### **Trabalho e prisão.**

Segundo os participantes da pesquisa ter trabalho na prisão é muito bom. Referem que o trabalho na prisão tem muitos aspectos positivos. Um dos aspectos que fica evidente, segundo os entrevistados, refere-se ao bem estar da pessoa. Afirmam que as pessoas que trabalham na prisão ficam mais calmas, se tornam mais tranqüilas. Os entrevistados identificam a atividade laborativa na prisão como uma terapia. Afirmam que trabalhar baixa a ansiedade, alivia as tensões e melhora a auto estima. Afirmam também que as pessoas que têm oportunidade para trabalhar enquanto estão presas, sentem-se valorizadas.

"O trabalho na prisão é fundamental. É fundamental porque é uma terapia, uma terapia, o preso se ocupa, enquanto o preso tá ocupado, não...não acontece nada de errado..." (B. 29 anos).

Principalmente, os entrevistados afirmam que o trabalho é o meio fundamental para passar o tempo; a pessoa quando está trabalhando mantém a mente ocupada, o corpo fica cansado e não sente o peso do tempo na prisão. Os entrevistados relatam que trabalham dia e noite para passar o tempo, reservando poucas horas para o lazer, que inclui jogos de dominó, baralho e futebol.

"Na prisão é... pá passa o tempo, pá refleti mais. Quando você vê o tempo já passou. É pa se ocupa, ocupa mais o tempo né, que você vive parado.....só fica pensado besteira, se você tá mexendo com alguma coisa tua cabeça não tá com pensamento lá fora, é só dedicando aquilo ali, o serviço". (M. 31 anos).

Para os entrevistados, um outro aspecto positivo do trabalho prisional está associado ao convívio. Relatam que o trabalho poupa a pessoa do dia a dia da galeria. Referem que passar o dia fora da galeria (para os que estão em oficinas remuneradas), facilita o convívio pois evita as pressões da convivência diária; também consideram que o trabalho prisional serve para que as pessoas aprendam alguma coisa e criem o hábito de trabalhar; ele serve

para a pessoa se habituar à rotina e aprender a viver com salário. Também destacam como positiva a possibilidade de manutenção das pessoas que o trabalho propicia. É positivo porque evita humilhações e constrangimentos para a obtenção de produtos básicos que necessitam no seu dia a dia (cigarro, material de higiene pessoal). Afirmam que também pode ser um auxílio financeiro à família, assegurando o seu papel de mantenedor.

*"É uma terapia a mais né, você passa o seu dia trabalhando, então que dizê, a mente trabalha de outro sentido né, não fica dentro da galeria maquinando coisas ruins né, então você distrai a sua mente com, com trabalho, com conversas mais sadias né, que a Sra. sabe qui num grupo de, de trabalho sempre as conversas são mais sadias né do que dentro de uma galeria né, então fica tudo bem mais fácil né, é os caminhos ficam mais abertos, as portas se abrem melhor né, então é mais um, como se diz, um voto de confiança ao preso, um trabalho dentro da cadeia." (I. 47 anos)*

*"é uma atividade boa po, pos prisional né qui dali, dali ele ajuda a familia lá fora, e se mantém aqui dentro né..." (E. 22 anos)*

*"...trabalhando honesto em cima no fio eu até, até economizei um poquinho mais de dinheiro, porque eu sei, sei que foi suado né, mas aqui dentro o trabalho eu acho que vai ajudar assim ó, tá aqui dentro trabalhando, acostuma ganhá aquele dinheirinho né, e se virando, acho que na rua tamém vai te que faze isso." (D. 26 anos).*

Segundo os entrevistados, trabalhar na prisão identifica o grau de confiança que o administrador e os demais funcionários têm em relação à pessoa. Referem o trabalho prisional como um prêmio àqueles que se adaptam às normas do estabelecimento. Nessa adaptação os entrevistados incluem não brigar e ser cortês com os funcionários. Relatam que o trabalho na prisão é uma forma de controle e manipulação do detento e do cotidiano da prisão. Essa manipulação, segundo os entrevistados, ocorre porque aqueles que estão trabalhando procuram ter uma conduta adequada, sem brigas, sem fugas, sem drogas, para não perderem o privilégio do trabalho. Referem o trabalho como um inibidor do mau comportamento e um sinalizador de bom comportamento.

*"Acho, acho muito importante, porque o trabalho na prisão é muito bom., porque tem pessoas as veiz, né dona D., que não tem uma oportunidade lá na rua né, aí vem pá prisão, aí começa... assim que ele tá...levando direitinho a cadeia, não tá aprontando, então ele vai te uma oportunidade, assim como eu tive uma oportunidade de trabalha..." (N. 33 anos).*

*"Por causa que daí ele começa a trabalhar e começa a ter medo de, de*

*perde aquele servicinho. Então a senhora pode fazer uma pesquisa assim, dentro da, dessas oficinas nossa que nós temos aqui, e a senhora pergunta pra eles assim, que que você acha do serviço, tu que sai desse serviço? no que eles vão dizer: não, não, não, é que eu necessito desse dinheirinho, é que eu necessito daquilo ali, e isso vai dar bom a remissão, então. O serviço ele é um tipo dum refúgio do medo, né porque se a senhora tiver trabalhando, a senhora tem que ter medo, " (A. 35 anos).*

O trabalho prisional é referido pelos nossos entrevistados como positivo, porque acalma, passa o tempo, mantém a mente ocupada, alivia ansiedades e tensões, ou seja, como afirma Foucault (1977), é uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido, em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade. Salienta-se que por trás de seu caráter positivo o trabalho prisional é uma forma de manipulação da população carcerária, na medida em que é oferecido a alguns poucos privilegiados, é um prêmio que os afasta do cotidiano da prisão, os diferencia do conjunto e se constitui na meta de todo preso de bom comportamento, que depois de obter a sua vaga não pode ter um único deslize, pois poderá perder o privilégio e poderá voltar a conviver com a massa, além do que ficará o tempo todo servindo de exemplo negativo. Nossos dados confirmam as afirmações de Ramalho (1979) e também reforçam os estudos de Craig e Rogers (1993), que identificam diferenças entre os objetivos dos que operam os programas de treinamento e os participantes dos programas.

Para os entrevistados, o trabalho prisional, da forma como é atualmente apresentado, não tem continuidade e muitas vezes não tem valor fora da prisão. Afirmam que a sociedade e o sistema jurídico cobram que o detento deve trabalhar na prisão; mas, quando eles saem não encontram trabalho e são identificados como pessoas que não gostam de trabalhar:

*"...então é, só falta duas coisas: apoio e serviço. Mas não só aqui dentro né, não é só aqui, ah. eu puxei 10 anos, como eu puxei aquela vez lá, puxei 8 anos trabalhando direto, desde o 1º dia que eu entrei na cadeia trabalhando, trabalhando, trabalhando. Ai saí da cadeia não tem mais serviço então qual é a tendência é voltar a delinquir... tenho a profissão de estofador, tenho esse serviço do sapateiro, mas é um serviço que dentro da cadeia tem futuro, mas lá na rua ninguém sabe, né o que que vai ser." (A. 35 anos).*

Os entrevistados salientam que o trabalho prisional é de suma importância, principalmente para passar o tempo. Mas o trabalho desenvolvido na prisão não tem utilidade na soltura e também sofre uma quebra, pois é exigido do detento enquanto cumpre

pena, que organize formas de se ocupar, preferencialmente com atividades úteis que resultem em renda; todavia quando o detento sai se depara com a realidade de sua condição. É colocado à margem do processo produtivo e não tem acesso ao trabalho. Adorno (1985) confirma em suas pesquisas, o dado de que o aprendizado profissional na prisão sofre uma quebra com a soltura, não sendo útil para o egresso na vida lá fora. Cappeler (1985), ao discutir o conceito de ressocialização coloca esse conceito em desajuste com a realidade brasileira, a qual não oferece oportunidades de emprego sequer para quem nunca esteve preso, menos ainda para quem sai das penitenciárias.

### ***Trabalhar no quê?***

Para os entrevistados, as possibilidades de trabalho para quem sai da prisão são inexistentes. Os entrevistados afirmam que as chances de trabalho após a prisão se limitam à trabalhos autônomos ou com os familiares. Alguns reincidentes falam de suas experiências e ressaltam que é muito difícil se inserir no mercado formal de trabalho. Essa dificuldade refere-se principalmente ao estigma de ex-presidiário.

Para os empregadores, os egressos do sistema prisional são pessoas que não são dignas de confiança. Diante dessas dificuldades, os entrevistados afirmam que uma das opções é esconder a condição de ex-presidiário para transitar na sociedade, sem ser objeto de preconceito e discriminação na busca por trabalho. Conforme os entrevistados, a outra opção que se apresenta é a continuidade no mundo do crime como forma de se reabilitarem financeiramente.

*"Fiquei 1 ano e 4 meses na rua. Por conta própria, só por conta própria, nós trabalhamos com roupa, vendendo roupa né, e inventando essas coisas assim de autônomo né, coisinhas do Paraguai, e sobrevivendo." (I. 47 anos).*

*"Eu no caso foi assim, eu saí da cadeia em I. e aprontei um monte, fiquei um ano fazendo trambique, aí voltei ao normal, a te o que eu tinha antes... Eu continuei no ferro velho, mas daí eu já tava comprando peças novas, com nota né, eu dei aquela pegada assim, eu me alevantei, eu parei, me estabilizei e parei né, parei com medo de voltá prá cadeia que eu sei que a cadeia é uma solidão danada, e eu parei, mas não adiantô mais, vim prá cadeia do mesmo jeito." (D. 26 anos).*

Os entrevistados relatam que o estigma de ex-presidiário é muito forte na sociedade, é sinal de discriminação e desconfiança. Afirmam que ao serem identificados como ex-presidiários passam por uma série de dificuldades principalmente em relação ao

trabalho. Referem que as possibilidades de emprego para alguém que saiu da prisão são muito prejudicadas. A impossibilidade de serem aceitas no mercado formal de trabalho por causa do estigma ocasionado pelo encarceramento, obriga pessoas que muitas vezes gostariam de buscar novas atividades a permanecerem no crime:

*"...se a gente é atrás de emprego, eu dizê que é uma carta de emprego prá leva pro Juiz, se tá em condicional ou um sistema assim, é difícil quem dá uma carta de emprego, eles pensam que vão roba, que vão apronta ali dentro, alguma coisa eles pensam, a dificuldade é essa que nós vivemo....as vez tem que menti..."(O. 28 anos)*

*"...trabalhei durante 4 anos, bem certos, eu não queria mais voltá para o crime, mas eu perdi trabalho em cima de trabalho por causa que eu era ex-presidiário...o que me levou a ter que cometer crimes...(G. 35 anos)*

O estigma de ex-presidiário ganha contornos intransponíveis nas relações de trabalho, onde cada tentativa é uma humilhação e confronto com o preconceito. Confirmando as conclusões de Castro (1984) de que o egresso penitenciário, embora juridicamente livre, é na sua vida diária juridicamente desigual dada a impossibilidade de adquirir sequer o direito de participar da troca e da realização do contrato de trabalho.

### **A RELAÇÃO DE QUEM ESTÁ FORA COM QUEM ESTÁ DENTRO**

Neste bloco apresentamos os relatos que referem-se às experiências e percepções que as pessoas que vivem na prisão têm sobre os que estão fora dela, depoimentos sobre as regras e os valores do mundo lá fora e as relações dos detentos com estas regras e valores. Quais marcas a prisão e o crime deixam que assustam tanto os de fora.

#### ***O que pensa o outro lá de fora sobre nós, que estamos aqui dentro.***

Para os entrevistados, há um conflito entre o que eles são e o que as pessoas que estão fora pensam que eles são. Afirmam que aqueles que estão do lado de fora não compreendem o modo de ser deles (os detentos). Os entrevistados afirmam que os que estão fora acham que os detentos são pessoas imprestáveis, são cruéis, são devassos e promíscuos. Segundo os entrevistados, se as pessoas de fora se dispusessem a conhecer melhor quem está na prisão, provavelmente iriam mudar de opinião. Afirmam que as pessoas deveriam ver como eles vivem e também saber quais motivos os conduziram ao

crime. Para os entrevistados fica evidente que aquilo que os de fora pensam não é aquilo que realmente é. Observe-se a fala de F. e L.

*"Eu acho que, eu acho não, eu tenho certeza, acho que, até o próprio ser humano age assim. Os que tão lá fora se sentem melhor que os que tão aqui dentro, muito melhor. " Ah eles erraram, tanto é que tão pagando", entende. E, a maioria das pessoas pensam que o que tem aqui dentro é só pessoas que não prestam. Muitos se engana, muitos se engana, e se engana erradamente porque... depois que a pessoa passa a conhecer o, a realidade de algumas das pessoas que tem aqui dentro, que você..." (F. 27 anos).*

*"...Eu acho que eles pensam que é o bicho. Assim né, homem com homem transando, aquelas barbarias que eles pensam, que diz que aqui no fim aqui é o fim de um homem.... Outra forma, não é aquele clima que eles pensam na rua, 'lá é o terror, seu eu entrar lá vão me matar' Não é nada disso." (L. 28 anos).*

Outra maneira de os entrevistados perceberem as diferenças entre os que estão dentro e os que estão fora, é através do sistema de justiça. Os entrevistados afirmam que as regras e os valores dos que estão fora não se compatibilizam com as regras e os valores dos que estão dentro. Dizem que o julgamento jurídico, moral e social a que são submetidos se sustentam nas regras da sociedade que os vê como pessoas erradas. Os entrevistados referem o julgamento da sociedade como excessivamente rígido com eles. Afirmam que a sociedade deveria proceder uma reforma de suas leis e regras pois da forma como as leis vêm sendo aplicadas não estão obtendo êxito. Se o objetivo de suas regras é adequar as pessoas que diferem a elas, não estão conseguindo:

*"Aí aconteceu um crime e prá sociedade ele é muito bárbaro né, envolveu a morte de um médico: ah! porque teu crime é é bárbaro, teu crime é muito perigoso.... Porque eu já vejo que todo mundo, muita gente com chance, a justiça ela dá, dá chance mesmo prá quem, pra quem tem dinheiro, pobre mesmo é poucos que tem chance, é pouco. Eu acredito que no futuro vai te que mudá, vai se mudado, né, e não adianta eles criá crimes hediondo, percebe, porque não vai recuperá ninguém, não vai recuperá" (H. 25 anos).*

Os entrevistados afirmam que a sua situação é responsabilidade da sociedade por sua indiferença diante das necessidades das pessoas e por sua rejeição aos egressos, não lhes permitindo uma possibilidade de mudança. Afirmam que os egressos da prisão ficam sem saída. Relatam que só podem continuar no crime, pois é o espaço que eles têm na sociedade; a sociedade, devido ao estigma, não aceita que seja outro o lugar do ex-presidiário.

*"...as coisas começaram a apertar, eu fui até a R. ela me cedeu uma vez uma, uma cesta básica, a senhora pode perguntar prá ela, a L. também, uma vez me cedeu, que eu não queria voltá ao crime, chego um ponto que eu me cansei, não é, não vê hora de escape, que é coisa que é sua de direito, você quer trabalhar, você não qué mais nada, você começa a pedi, aí comecei te um desajuste, comecei usa droga, conversei com eles, tudo bem, vamos lá, um lance lá..., eu cansei, pô, não querem um cara que trabalhe, eles querem um cara que róbe, então vô rouba". (G. 35 anos).*

Os entrevistados também evidenciam a compreensão de que a sociedade nunca vai perdoar aos membros do mundo do crime; mesmo que eles cumpram sua pena, paguem sua dívida, a sociedade vai sempre sentir-se lesada:

*"É o lado da ah. mais porque eu paguei minha dívida com a sociedade, não tu pago com o juiz prá o promotor, mas pá sociedade a senhora nunca vai paga, fica esse coisa né, fica um peso grande, porque todo mundo vai cobra da senhora..". (A. 35 anos).*

Os entrevistados apontam que são muito grandes as dificuldades para arrumar emprego para quem sai da prisão; sobre isso Becker (1977) afirma que , para receber o rótulo, a pessoa precisa cometer um único ato, isso basta, mas o rótulo demanda uma série de conotações. Há uma compreensão de que se a pessoa cometeu um crime provavelmente cometerá outros, sempre será identificada pelo seu ato desviante; também haverá a pressuposição de que se ela cometeu aquele ato, provavelmente já teria cometido outros anteriormente. Em resumo, a partir da rotulação fica muito difícil da pessoa escapar, a sociedade só consegue vê-la pelo seu perfil desviante. A identificação como desviante se sobrepõe às outras identificações da pessoa; Becker (1977) vai mais além, considerando que a identificação de desviante é a identificação de controle. Conclui que o rótulo produz uma profecia que se auto realiza, pois vários mecanismos sociais conspiram para moldar o indivíduo segundo o que as pessoas pensam sobre ele.

Os relatos são marcados por sentidos e significados produzidos nas suas relações com o mundo do crime, com a prisão, com o trabalho com o mundo externo. Fatos, pessoas, momentos são trazidos para dar significado às coisas, ao mundo, à vida. O que perpassa a fala dos entrevistados é a idéia de que não são bons, mas também não são maus. Na família, no crime, na prisão, no trabalho, na vida, fazem coisas certas e coisas erradas, coisas boas e más. São humanos.

#### **IV. CONSIDERAÇÕES GERAIS**

Os estudos anteriores realizados por outros pesquisadores do tema, na sua maioria, antagonizam trabalho e crime. Mas os resultados obtidos em nossa pesquisa deixam antever que o crime se constitui no trabalho, na ocupação dos entrevistados. Nossa afirmativa se sustenta na utilidade que o trabalho e o crime tem para os participantes que se coaduna com o significado do trabalho na sociedade, além da realização pessoal experimentada com a consecução de seus objetivos. Através de suas atividades os detentos conseguem prover o sustento próprio e dos seus familiares; encontram na atividade criminosa a maneira de se humanizarem, se constituírem como sujeitos e de obterem reconhecimento na sociedade. Os detentos compreendem que o trabalho é uma categoria fundamental de inserção na sociedade. Compreendem que todos devem produzir o próprio sustento, pois isso é condição básica para estar inserido e poder participar da sociedade de consumo. Inclusive os detentos participantes de nossos estudos não se põem à margem da sociedade, ao contrário querem e fazem parte dela. Compreendemos que aqueles que têm o crime como ocupação não se constituem num grupo à parte e alternativo a essa sociedade de normas, mas para fazer parte desse modelo social eles buscam uma forma alternativa de inserção. O crime como trabalho.

Os resultados obtidos evidenciam que não há uma aversão ao trabalho formal, nem à disciplina e às exigências do mundo do trabalho. O que se pode concluir é que os detentos procuram uma ocupação para a qual são considerados mais aptos. Essa conclusão de que são mais aptos não é deles, é do modelo social que atribui às pessoas pobres, com pouca escolarização e pouca qualificação profissional, um perfil adequado para o mundo do crime. Na verdade a forma como a sociedade se organizou é que criou essa possibilidade. Inclusive os entrevistados afirmam que o mundo do trabalho/crime é tão ou mais difícil do que o mundo do trabalho formal e legal. É um trabalho que gera tensão e sofrimento, exige empenho habilidades específicas e um aprendizado constante.

Essa clareza do significado do crime e do trabalho interfere na subjetividade de cada um. Aqueles que compreendem o crime como uma opção profissional de sobrevivência, conseguem suportar com menos sofrimento e mais responsabilidade as consequências de sua atividade. Eles têm uma crítica consistente ao papel da polícia, da prisão, e também

conseguem perceber a hipocrisia da sociedade que os estigmatiza. Porém aqueles que se percebem como pessoas erradas, diferentes, como membros anômalos dessa sociedade, entram num conflito de culpa, ressentimentos e sofrimentos bastante acentuados. Aceitam a prisão e suas consequências como um castigo merecido, muitas vezes se revoltam e passam a praticar delitos mais graves, considerados hediondos.

O trabalho assume uma outra dimensão quando ele é exercido dentro da prisão. Na prisão o trabalho também assegura o sustento, mas tem um propósito superior à manutenção. O trabalho prisional serve principalmente para passar o tempo e aliviar o cotidiano prisional. Não é encarado como um momento de profissionalização ou de aprendizagem do trabalho. Aparece como uma troca entre a instituição e o detento, onde cada um faz a sua parte objetivando um convívio pacífico e amistoso. É percebido como positivo, mas deve ficar claro essa função do trabalho prisional.

Em relação à prisão, o nosso é mais um estudo a concluir que o modelo de confinamento e custódia é o modo mais perverso e cruel de se lidar com a questão do crime, dos criminosos e da criminalidade. Em todas as etapas percebe-se os detentos falando de si, de seus planos, de seus desejos, dos seus sentimentos, falando também das pessoas que lhes são importantes, da forma pela qual foram se construindo como sujeitos, até o momento em que aparece a prisão, que na maioria das vezes não lhes traz nada de bom ou positivo. É um modelo que provoca rupturas dos vínculos e produz culpabilizações individuais e artificiais. A experiência da prisão produz uma subjetividade desviante; muitas pessoas passam a acreditar que têm uma deformidade que as faz ser assim como são e a mudança vai depender só delas, da sua força de vontade. Como não conseguem mudar, consideram-se fracos e dessa maneira o sistema penal produz a delinquência, que será confirmada com o rótulo e o estigma decorrente; a reincidência vem reforçar esse perfil de incapacidade, de fracasso, impossibilidade de auto determinação e êxito, sempre num aspecto antropocêntrico.

Baseado nos resultados obtidos neste estudo, sugerimos que outras pesquisas devam ser desenvolvidas para investigar de forma mais aprofundada a hipótese de que o crime é uma ocupação, e assim como o crime diversas outras atividades, tidas como marginais, estão se desenvolvendo como reação ao modelo político e econômico excludente. Pesquisas também devem ser desenvolvidas em relação ao impacto causado pela presença

as impõem sejam objeto de uma maior preocupação científica. Nesse grupo incluem-se : carcereiros, policiais, juízes, promotores e demais agentes da imposição e da custódia.

As propostas de pesquisas futuras decorrentes dos resultados obtidos neste estudo, num primeiro momento podem parecer excessivamente práticas para fazerem parte de um trabalho acadêmico; contudo em Santa Catarina elas são necessidades urgentes, visto que poucos são os dados organizados para o desenvolvimento de pesquisas futuras de caráter estritamente teórico. A organização de dados sobre a população prisional em nosso Estado e sobre as propostas desenvolvidas por psicólogos nos estabelecimentos nos parecem antecipar questões teóricas; também compreendemos ser papel da academia propor intervenções práticas, a partir de um conhecimento produzido , para as questões cruciais da sociedade.

Entendemos como fundamental para a Psicologia desenvolver modelos de atendimento à população prisional, rever seus discursos sobre a prisão e desenvolver práticas que reavaliem as responsabilidades sobre o crime, a violência, a reincidência e a reinserção. Acreditamos ser papel da Psicologia promover com detentos, seus familiares e funcionários do estabelecimento uma reflexão sobre o funcionamento da sociedade e a maneira como estão inseridos nela. A atividade do psicólogo na unidade prisional deve ser pautada pela crítica e pela reflexão de sua ações, num *continuum*, onde cada ação passa por uma reflexão para, numa verdadeira *praxis*, trabalhar com os significados que as pessoas atribuem às suas atividades, principalmente como as pessoas percebem a sua estada e permanência no crime. Dessa maneira sempre adotar uma postura crítica em relação à instituição prisão.

do psicólogo em presídios e penitenciária de Santa Catarina. Faz-se necessário estudos que avaliem esse impacto na redução de mortes, estupros, agressões e outras situações de violência dentro das prisões. É também necessário desenvolver pesquisas sobre as atividades desenvolvidas pelos psicólogos nas prisões, quantos psicólogos estão envolvidos e as formas de inserção destes profissionais nos estabelecimentos prisionais. Enfim são prementes estudos que definam a prática psicológica nas instituições prisionais, e que tracem um perfil desses psicólogos.

Sugerimos ainda um levantamento de dados sobre a população prisional nos últimos anos em Santa Catarina. Uma pesquisa que identificasse tipos de crimes, tamanho das penas, índices de reincidência, procedência dos detentos, atividades laborativas desenvolvidas antes do ingresso e durante a permanência na prisão, motins, rebeliões, presença de psicólogos nos presídios e outros técnicos, etc.

Como ficou evidenciado nos resultados obtidos em nossa pesquisa, os reclusos, com objetivo de passar o tempo e diminuir o impacto do dia a dia na prisão, desenvolvem atividades laborativas artesanais, tais como confecção de artefatos em madeira, tapeçaria, artefatos em jornal; porém tanto reclusos quanto seus familiares têm muitos obstáculos para comercializar esse material e conseqüentemente dificuldades para manter a produção, devido aos custos para reposição do material de uso e aquisição de ferramentas adequadas para a confecção dos produtos. Baseados nesta realidade, propomos uma pesquisa de intervenção para debater formas de reação social organizadas que visem a reinserção de populações excluídas no processo de produção e da fruição dos resultados do seu trabalho, num modelo de economia solidária em parceria com outras entidades e organizações não governamentais, para fomentar experiências de viabilização econômica para detentos e seus familiares. Dessa maneira, propiciar a detentos e seus familiares meios para prover o próprio sustento, melhorar as condições de vida na prisão envolvendo detentos em atividades práticas, organizar uma cooperativa de produtos artesanais desenvolvidos na prisão.

Produzir conhecimento sobre a população presa é muito importante, inclusive para dar subsídios a modelos de prevenção ao ingresso no mundo no crime, porém existem grupos que contribuem para a manutenção desse modelo e que também não são suficientemente conhecidos e compreendidos. Propomos que aqueles que fazem as regras e

## V. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S.F. e BORDINI, E. B.T. 1985. Estimativa da reincidência criminal: variações segundo estratos ocupacionais e categorias criminais. *Temas IMESC*. São Paulo 2(1). p. 11-29.
- 
1986. "Homens persistentes, instituições obstinada: A reincidência na penitenciária de São Paulo". *Temas IMESC*. São Paulo (2). p.87-109.
- ANTUNES, R. 1997. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 4ª ed., Campinas: Cortez.
- ARENDT, H. 1989. *A Condição humana*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BAQUERO, R. 1998. "La categoria de trabajo en la teoria del desarrollo de Vigotsky". *Revista Psykhe*. v.7 n. 1. p. 45-54.
- BARDIN, L. 1977. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BECKER, H.S. 1977. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. 1985. *A construção social da realidade*. 6ª ed., Petrópolis: Vozes.
- BRASIL. 1984. Lei de Execução Penal. Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984. São Paulo: Atlas.
- BYRNE, J. and BREWSTER, M. 1993. "Choosing the future of american corrections: punishment or reform?". *Federal probation*. Wasghinton-DC. vol 57 no. 4. december. p. 3-9
- CABRAL, M.A.A. 1991. "Aspectos psicossociais mais relevantes de 62 histórias de vida de presidiários confinados em cárceres superpopulosos". *Jornal brasileiro de Psiquiatria*. 40(10) p. 515-520.
- CAPELLER, W. 1985. "O direito pelo avesso. análise do conceito de ressocialização". *Temas IMESC*. São Paulo 2(2). p.127-134.
- CASTILHO, E. W. V. de 1990. "A ineficiência do trabalho nos presídios brasileiros". *Revista da Escola do serviço penitenciário do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano I, nº 3. p.40-43.

- CASTRO, M.M.P., RESENDE, R.G. de A., ABREU, S.F.A de, CHACON, Y. de C.P. 1984. "Preso um dia, preso toda a vida: a condição de estigmatizado do egresso penitenciário." *Temas IMESC*. São Paulo 1 (2). p.101-117.
- CRAIG, D and ROGERS, R. 1993. "Vocational Training in prison: a case study of maximum feasible misunderstanding" *Journal of Offender Rehabilitation*. Binghamton, New York. vol. 20 (1/2), p. 1-20.
- D'ALESSIO, S.J. and STOLZENBERG, L. 1995. "Unemployment and the incarceration of pretrial defendant's". *American Sociological Review*. Indiana U. Fort Wayne. vol. 60. june p. 350 -359 .
- DEMO, P. 1995. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas.
- ENGELS, F. e MARX, K.1977. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais.
- FAERMAN, M. 1997. " Caldeirão do inferno". *Revista Problemas brasileiros*. 4-15.
- FOUCAULT, M. 1977. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 10ª ed., Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ 1996. *A verdade e as formas Jurídicas*.Rio de Janeiro: NAU.
- GOFFMAN, E. 1980. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 3º ed., Rio de Janeiro: Zahar editores.
- HOME PAGE. <http://www.hrw.org>. 1998. *O Brasil atrás das grades*. p. 1-26
- \_\_\_\_\_ [http:// www.mj.gov.br](http://www.mj.gov.br) 1995. *Censo penitenciário nacional* p. 1-6
- HULSMAN, L. & CELIS, J. B de 1993. *Penas perdidas – o sistema penal em questão*. Niterói: Luam editorial Ltda.
- JAPIASSU, H. 1977. *Introdução à Epistemologia da Psicologia*. Rio de Janeiro: Imago,
- LANE, S.M.T. 1985. "A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia" em S.M. T. LANE e W. CODO (orgs.) *O Homem em movimento*. Brasiliense: São Paulo.
- LANE, S.M.T. 1995. " Avanços da psicologia social na América Latina" em S.M. T. LANE e B.B. SAWAIA (orgs.) *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense: EDUC.
- LEAL, C.B. 1998. *Prisão: crepúsculo de uma era*. Belo Horizonte: Del Rey.
- LEMGRUBER, J. 1997. "Segurança não tem preço, cadeia tem custo". Home page <http://www.julita.lemgruber.nom.br>

- LOCKE, J. 1978. "Segundo tratado sobre o governo. Ensaio relativo à verdadeira origem, extensão e objetivo do governo civil". (E. J. Monteiro, Trad.) em *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril.
- MAGALHÃES, J.P. 1990. "Presos trabalham e produzem em Sobradinho". *Revista da Escola do serviço penitenciário do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano I, nº 2. 99-101.
- MARX, K. 1965. *O Capital*, Livro 1. v1 10ª ed., São Paulo: Difel
- MONTEIRO, M. 1992. "Sistema carcerário: problemas e soluções". *Cadernos do Terceiro Mundo*. 14-17.
- PAIXÃO, L. A. 1985. "Uma saga carcerária". *Temas IMESC*. São Paulo 2(2).
- POLITZER, G. 1976. *Crítica aos fundamentos da Psicologia II*, Lisboa: Ed. Presença.
- RAMALHO, J. R. 1983. *O Mundo do crime – A Ordem pelo avesso*. Rio de Janeiro: Graal.
- REY, F. G. 1997. *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad*, São Paulo: EDUC.
- RICHARDSON, R.J. 1985. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- ROCHA, L. C. da. 1984. *Vidas presas: uma tentativa de compreender a tragédia da criminalidade junto às suas personagens oprimidas*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em Psicologia – Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_ 1994. *A prisão dos pobres*. São Paulo, Tese de Doutorado em Psicologia – Universidade de São Paulo.
- SANTOS, A. de O. 1996. "A prática da educação em instituição penal: Um estudo sobre o significado da experiência escolar na Penitenciária de São Paulo". *Psicologia – Ciência e Profissão*. Ano 16, nº 01, Brasília.
- THOMPSON, A. 1980. *A questão penitenciária*. Rio de Janeiro: Forense.
- UCHE, G.N. & HARRIES-JENKINS, G. 1994. "Reconciling prison goals with inmates' perceived objectives of prison training: implications for effective prison vocational training". *International Journal of Lifelong Education*. vol. 13, no. 1 – january-february, p. 51-56.
- ZALUAR, A. 1990. "Prisão trabalho e cidadania: o censo penitenciário". *Revista da Escola do Serviço Penitenciário do Rio Grande do Sul*. ano I nº 5, Porto Alegre. 69-74.

ZALUAR, A. 1994. *Condominio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan Ed. UFRJ.

**VI. ANEXOS**

**Anexo I: A PRÁTICA PSICOLÓGICA NUMA UNIDADE PRISIONAL**

Trabalho apresentado no I Seminário Nacional de Psicologia e Direitos humanos.

Trabalho apresentado no III Congresso Ibero americano de psicologia jurídica.

## A PRÁTICA PSICOLÓGICA NUMA UNIDADE PRISIONAL

### **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a prática psicológica numa Unidade Prisional e suas consequências no perfil da instituição. Essa prática se diferencia no sentido que não desenvolve uma atividade pericial, comum no serviço psicológico dos estabelecimentos penais. A ênfase do serviço de psicologia do Presídio masculino de Florianópolis, que trabalha em conjunto com o serviço social e demais membros da equipe técnica, sempre foi pautada na reflexão do indivíduo preso em relação às demandas que determinam sua procura pelo serviço, que algumas vezes refletem as refrações sociais tais como: desemprego, educação, questões de saúde, direitos humanos, e em outras, as insatisfações e ou alterações decorrentes do encarceramento, tais como: conflitos familiares, conflitos de convivência, depressão, baixa de auto estima, ira e revolta, desespero, dependência química.

### **Introdução**

As populações carcerárias estão incluídas entre as populações mais vulneráveis às violações dos direitos humanos, com prisões superlotadas, internos desinformados, burocracia da justiça. Estes elementos favorecem as violações dos direitos humanos e o aparecimento de quadros patológicos e de sofrimento mental, e é esse quadro que determina a ação da equipe técnica do estabelecimento, atualmente formada por uma psicóloga, uma assistente social, uma professora, duas estagiárias de serviço social, uma estagiária do curso de direito e um técnico de enfermagem.

O serviço de psicologia do Presídio Masculino de Florianópolis foi instalado em dezembro/1988 com o ingresso da psicóloga Katia Fagundes, que teve uma atuação voltada para a intervenção nas situações de violação dos direitos humanos, denunciando maus tratos e mesmo com muitas dificuldades o serviço começou a ser gradativamente aceito e valorizado na Instituição; Em 1991 vieram, se juntar a ela, o psicólogo Luiz Fernando Córdova e a assistente social Dilma Juliano. Iniciamos nossas atividades em dezembro de 1993 com a assistente social Dilma que afastou-se em meados de 1994. Procuramos dar continuidade às atividades que vinham sendo desenvolvidas e fomos propondo outras, inclusive ampliação da equipe, visto que muitas demandas eram específicas do serviço

social, dos serviços de saúde e do setor jurídico. Com a vinda da assistente social Roseana da Silva e duas estagiárias de serviço social passamos a atuar como equipe.

**As ações profissionais desenvolvidas pelo serviço de psicologia incluem:**

**1. Entrevista Inicial:** Abordagem feita tanto pelo serviço de psicologia quanto pelo serviço social, essa entrevista é realizada em média cinco dias após o ingresso do indivíduo no presídio; colhem-se dados de identificação, saúde, dinâmica familiar, envolvimento com drogas, experiências com o trabalho, realizam-se orientações no sentido de informar-lhe qual o funcionamento do Estabelecimento, seus direitos, as regras, quais os serviços oferecidos, as formas de contato com os outros serviços, visitas familiares, cuidados com saúde, ênfase nas DSTS/AIDS. Abre-se um prontuário.

**2. Entrevista de orientação:** É o nome dado as entrevistas de acompanhamento do recluso durante sua estada no presídio, é um procedimento também feito pelo serviço social, o recluso solicita a entrevista através de um memorando que encaminha a um dos serviços, via de regra busca orientação quanto a sua saúde, sua família, sua situação jurídica, dificuldades de convívio, dificuldades de ordem pessoal, informações sobre trabalho. Quando a solicitação não é da competência do serviço, encaminhamos ao setor adequado. É nessa entrevista, quando há um vínculo de confiança e se estabelece um diálogo sobre a possibilidade de acompanhamento psicológico, quando há interesse da pessoa.

**3. Acompanhamento psicológico:** Este atendimento tem um caráter terapêutico mais específico, vai atender solicitações do sujeito nos seus aspectos mais subjetivos. Quanto ele se dispõem a tentar compreender e refletir junto com o psicólogo, suas relações com o mundo e com os demais. Este serviço também é proposto em casos de soropositividade para o HIV, casos de síndrome de abstinência e na fase que chamamos de saturação, que referem-se àquelas pessoas que tem diversas passagens pelo sistema e procuram compreender porque isso acontece (porque não conseguem viver lá fora), e aqueles que estão prestes a sair e se angustiam com a expectativa e com medo do retorno.

**4- Grupos de Convivência:** Há mais ou menos 02 anos o serviço de psicologia passou a desenvolver atividades em grupo, com o objetivo de promover a interação dos sujeitos, bem como estabelecer relações que possibilitem reflexões sobre a prisão e sobre aspectos referentes a dignidade, ética, auto estima, respeito por si e pelo outro, cidadania,

participação política, favorecendo a vida em comunidade. Atualmente este trabalho vem sendo desenvolvidos com 22 reclusos que trabalham nas oficinas.

**5. Atendimento familiar:** atividade desenvolvida através de encaminhamentos do serviço social, com objetivo de manutenção do vínculo familiar.

#### **Resultados identificados**

Nestes quase 10 anos que o serviço de psicologia vem ocupando um espaço dentro do presídio masculino de Florianópolis, podemos observar avanços significativos na dinâmica e no perfil da Instituição.

O presídio masculino de Florianópolis sempre foi definido pela comunidade como "um depósito", "um barril de pólvora", porque até recentemente era um lugar onde em média duzentas pessoas sem voz e sem vez ficavam diuturnamente ocioso, com violência interna e externa indiscriminada e muitas vezes acobertada e as vezes até incentivada, com rebeliões freqüente com intuito exclusivo de fugir ( as três últimas já pediam trabalho e melhoria nas condições de vida e serviram como ponto de partida para a administração trabalhar em outra direção, com objetivo de preparar um homem para fora da prisão e não para permanecer encarcerado.

Com muita determinação e aliado ao segmento técnico, o serviço de psicologia teve participação efetiva nestas transformações.

- Desde março de 1996, contamos com uma escola, que iniciou suas atividades embaixo de uma escada e hoje tem local próprio com 20 alunos em processo de alfabetização e de preparação para exame de 1º grau, e com dez alunos em preparação para exame de 2º grau.
- Desde outubro de 1997, contamos com 04 oficinas de trabalho remunerado, resultado da parceria estabelecida entre a administração do presídio e empresas privadas interessadas, que organizaram espaços para este fim: oficina para confecção de papel artesanal (o processo é artesanal), montagem de "mensageiros do vento", costura de sapato e oficina de tapeçaria (estas duas últimas funcionam dentro de uma galeria).
- De outubro de 1996 a março de 1997, o serviço participou na concretização de um informativo referente ao universo prisional, o jornal "Asas do cárcere", cuja idealização partiu de um recluso, ex-acadêmico da faculdade de jornalismo, este assumiu a elaboração, financiamento e divulgação do jornal. As publicações enfatizavam aspectos da realidade carcerária, inteirando reclusos sobre seus direitos e políticas afins,

oportunizava a manifestação de depoimentos, poesias, anedotas, histórias de vida etc. O jornal findou com a liberação de seu idealizador, pois a instituição não tinha recursos para mante-lo.

- E o dado mais significativo decorrente de uma prática psicológica interdisciplinar, comprometida com a transformação, está ligado a diminuição significativa da violência. Desde 1993, tivemos um único caso de morte violenta (suicídio), confrontando com dados de anos anteriores e de estabelecimentos similares em Santa Catarina, no mesmo período. Ver quadro abaixo:

**Mortes violentas ocorridas no período (1993/1998), em alguns estabelecimentos prisionais de Santa Catarina.**

Estabelecimento	até 1993	1994	1995	1996	1997	1º Sem./1998
Pres.Mas.Fpólis**	1	1	-	-	-	-
Pres. de Itajaí***	1	-	5	3	2	3
Pres. de Criciúma	-	-	-	-	5	-
Pres. de Blumenau	-	-	-	-	1	-
Penit. de Fpólis	5	-	2	1	1	1

\* Mantém serviço de psicologia desde 1986.

\*\* Mantém serviço de psicologia desde 1988.

\*\*\* Mantém serviço de psicologia desde 1997.

### Conclusão

Por princípio entendemos que a exclusão e o confinamento por si só consistem numa violação dos direitos humanos, no entanto o sistema prisional é uma realidade que está posta e desafia todas as ciências, e a psicologia não pode se furtar a essa discussão e a essa inserção, pois com sua omissão só estaria contribuindo para a elevação dos índices de criminalidade e para a violação dos direitos humanos.

O presídio masculino de Florianópolis, é uma unidade prisional nos moldes tradicionais, tendo como objetivos principais a segurança e a disciplina, o serviço de psicologia procura desenvolver suas atividades priorizando a redução dos efeitos do confinamento, a manutenção dos vínculos e a preservação dos direitos, com uma ação comprometida com a transformação, com conhecimento da conjuntura política e da sociedade e envolvimento entre os demais agentes.

**Anexo II: OFICINA DE CONVIVÊNCIA - O GRUPO NA PRISÃO**

Trabalho apresentado no III Congresso Ibero Americano de Psicologia  
Jurídica.

## OFICINA DE CONVIVÊNCIA - O GRUPO NA PRISÃO

Deise Maria do Nascimento e Michelle Vecchi

O setor de psicologia do Presídio masculino de Florianópolis focaliza sua atuação na abordagem psicossocial, seja no âmbito individual ou no grupal, numa postura de orientação e aconselhamento.

Denominamos a atividade a que se refere esse trabalho de oficina de convivência, visto que é desenvolvida com reclusos do regime fechado, que trabalham na oficina de reciclagem de papel (12) e na oficina Mensageiros do vento (18) e nosso espaço de atuação é o próprio espaço da oficina de trabalho. Durante duas horas por semana em cada oficina, nos reunimos com o grupo de pessoas que trabalha na respectiva oficina e a cada encontro são convidados em média outros três reclusos que residem na mesma galeria para participar das discussões, essa proposta partiu do grupo com o objetivo de multiplicar o debate e proporcionar esse exercício àqueles que permanecem a maior parte do tempo ociosos na parte interna. O grupo tem por objetivo discutir temas relativos ao papel da prisão na sociedade atual, acontecimentos externos que tem vinculação com a vida na prisão, dinâmica da instituição, drogas, AIDS, desemprego, reincidência, direitos humanos etc.

Teoricamente a prisão trás dois objetivos definidos: a punição e a ressocialização; porém todas as práticas desenvolvidas no contexto prisional enfatizam a punição, pois são práticas sustentadas na humilhação, na opressão e na violência. Os saberes que se associam ao saber jurídico para observar e examinar o autor de infração penal, buscam no encarcerado o bom comportamento, a aceitação das normas, a assimilação da "terapia prisional". Os saberes do exame referendam a naturalização da delinquência, negando no homem sua dimensão histórica e social que é constitutiva do psiquismo humano.

Concordamos que a prisão possui mecanismo contundente para o esfacelamento da identidade do indivíduo, pois há no comportamento do ingressante uma imediata submissão as regras tanto as escritas pelos regulamentos da prisão quanto as leis não escritas da parte interna, que são os valores culturais predominantes na prisão e que possibilitam o trânsito do recluso no ambiente prisional. Associam-se a estas regras, o julgamento moral ao qual é submetido, sendo identificado como "aquele que não merece o ar que respira.", é o "vagabundo", que não tem direitos e muito menos deveres. Porém algumas vezes eles gritam, quebram tudo, pois o ser humano necessita de espaço para preservar sua intimidade,

quando isto lhe é negado, retira-se o direito de viver consigo mesmo e em consequência a agressividade, própria do homem, se manifesta em violência. Eles gritam que são humanos, que sofrem, que podem ser felizes, que podem aprender e ensinar. É nessa demanda que se insere a atuação do psicólogo, com intervenções que procuram preservar a integridade emocional do sujeito, intervenções no cotidiano da instituição e intervenções que visem a retomada da vida em liberdade.

As oficinas de convivência tem por objetivo refletir em grupo sobre questões que inserem a prisão num contexto mais amplo, pois compreendemos que a problemática prisional ultrapassa os limites da unidade, procuramos também identificar modos de interferir no cotidiano do estabelecimento visando um melhor aproveitamento deste, procuramos promover vivências necessárias ao desenvolvimento do indivíduo, interpretando suas experiências anteriores à luz de sua vivência atual. A operacionalização dessa tarefa, os recursos utilizados para se trazer o tema à cena são os fatos veiculados pela imprensa, situações emergentes no cotidiano do estabelecimento, filmes comerciais e documentários, exposição dialogada. Nossa compreensão do trabalho de grupo nas instituições prisionais nos remete a definição de Bleger (1980) em que o trabalho com grupo nas instituições, em função da prevenção primária, não tende a cura, mas sim as possibilidades de desenvolvimento das capacidades e atitudes dos seres humanos.

A participação dos reclusos tem nos levado a observar uma maior preocupação com os novos ingressantes, com a reincidência, com os egressos, bem como uma melhor participação destes nas propostas de melhoria da vida na prisão, inclusive sentem-se mais responsáveis pela continuidade destas propostas.

A prisão deve fazer aparecer novos discursos, como refere-se Foucault (1985), como *"àqueles que vêm da prisão (...) o funcionamento mesmo da prisão, que possui suas estratégias, seus discursos não formulados, suas astúcias que finalmente não são de ninguém, mas que são no entanto vividas, assegurando o funcionamento e a permanência da instituição"*.(p. 130).

**Anexo III: TABELAS**

Tabelas descritivas da população do Presídio Masculino de Florianópolis à época da coleta dos dados.

As tabelas abaixo caracterizam, o total dos sujeitos de acordo com a idade, escolaridade, procedência, número de filhos, estado civil, profissão, natureza do delito, se reincidentes, se primário. Salientamos que os dados foram obtidos no prontuário do serviço de psicologia, em entrevistas realizados quando do ingresso de cada um.

**Tabela 1 – Distribuição dos reclusos quanto à idade:**

<b>GAL/IDADE</b>	<b>18 a 23</b>	<b>24 a 29</b>	<b>30 a 35</b>	<b>36 a 41</b>	<b>42 a 47</b>	<b>48 a 53</b>	<b>54 a 59</b>	<b>60 a 65</b>	<b>TOTAL</b>
<b>A</b>	12	6	9	3	0	0	1	0	31
<b>B</b>	19	19	10	7	5	2	1	0	63
<b>C</b>	8	14	10	11	2	3	0	0	48
<b>D</b>	10	10	9	10	3	2	0	0	44
<b>E</b>	17	22	11	5	2	1	0	0	58
<b>TOTAL</b>	66	71	49	36	12	8	2	0	244

**Tabela 2 – Distribuição dos reclusos quanto à escolaridade**

<b>GAL/ESC.</b>	<b>ANALF.</b>	<b>PRIM. INC.</b>	<b>PRIM. COM.</b>	<b>1ºGRAU INC.</b>	<b>1ºGRAU COM.</b>	<b>2ºGRAU INC.</b>	<b>2ºGRAU COM.</b>	<b>3º GR. INC.</b>	<b>3º GR. COMP.</b>	<b>TOTAL</b>
<b>A</b>	2	5	3	10	7	1	3	0	0	31
<b>B</b>	4	14	8	25	9	1	2	0	0	63
<b>C</b>	11	8	6	15	3	2	2	1	0	48
<b>D</b>	2	1	1	16	12	2	9	1	0	44
<b>E</b>	8	10	8	24	2	1	4	1	0	58
<b>TOTAL</b>	27	38	26	90	33	7	20	3	0	244

**Tabela 3 Distribuição dos reclusos quanto à sua procedência. Observação: a divisão regional, amparou-se na divisão comumente divulgada na imprensa.**

<b>GAL/PROC</b>	<b>Gde. Fpólis</b>	<b>V.doItajaí</b>	<b>Meio-Oeste</b>	<b>Oeste</b>	<b>Norte</b>	<b>Sul</b>	<b>Out. Estados</b>	<b>Estrang.</b>	<b>TOTAL</b>
<b>A</b>	18	1	0	2	0	4	6	0	31
<b>B</b>	36	1	2	3	1	3	16	1	63
<b>C</b>	25	3	8	2	3	1	6	0	48
<b>D</b>	18	2	4	1	0	2	16	1	44
<b>E</b>	24	4	6	5	1	1	17	0	58
<b>TOTAL</b>	121	11	20	13	5	11	61	2	244

**Tabela 4 Distribuição dos reclusos quanto ao número de filhos.**

<b>GAL/Nº FIL.</b>	<b>NENHUM</b>	<b>UM</b>	<b>DOIS</b>	<b>TRÊS</b>	<b>QUATRO</b>	<b>CINCO</b>	<b>MAIS de CINCO</b>	<b>TOTAL</b>
<b>A</b>	16	7	7	1	0	0	0	31
<b>B</b>	16	19	14	5	3	1	5	63
<b>C</b>	10	17	6	7	3	2	3	48
<b>D</b>	12	11	8	10	0	3	0	44
<b>E</b>	19	19	4	9	3	1	3	58
<b>TOTAL</b>	73	73	39	32	9	7	11	244

**Tabela 5 Distribuição dos reclusos quanto ao estado civil.**

<b>GAL/EST.CIVIL</b>	<b>CASADO</b>	<b>SOLTEIRO</b>	<b>AMASIADO</b>	<b>SEPARADO</b>	<b>TOTAL</b>
<b>A</b>	1	13	16	1	31
<b>B</b>	9	20	31	3	63
<b>C</b>	5	13	25	5	48
<b>D</b>	8	11	20	5	44
<b>E</b>	6	14	29	9	58
<b>TOTAL</b>	29	71	121	23	244

**Tabela 6 Distribuição dos reclusos quanto as ocupações informadas no ingresso. O agrupamento foi feito por área ocupacional.**

<b>PROFISSÕES/GAL.</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Construção civil</b>	12	21	19	10	20	82
<b>Comércio</b>	9	11	2	10	8	40
<b>Transporte</b>	2	5	4	6	5	22
<b>Alimentação</b>	1	8	3	1	3	16
<b>Mecânica</b>	0	3	3	3	4	13
<b>Segurança</b>	0	1	1	0	2	4
<b>Prest. serviços</b>	5	4	8	2	9	28
<b>Educação</b>	1	0	2	0	0	3
<b>Sem profissão</b>	0	0	0	0	4	4
<b>Agricultura</b>	0	2	0	3	0	5
<b>Outros</b>	1	8	6	9	3	27
<b>Total</b>	31	63	48	44	58	244

**Tabela 7 Distribuição dos reclusos quanto a natureza do delito, vinculada a primariedade (1º delito).**

Obs.: galeria(a-b-c-)tem 3 reclusos com 2 delitos cada galeria. (d) um recluso com 2 delitos e (E) dois reclusos com 02 delitos.

<b>GAL/DE L.</b>	<b>Tráfico</b>	<b>homi cídio</b>	<b>tent. hom.</b>	<b>furto</b>	<b>roubo</b>	<b>seques tro</b>	<b>estelio nato</b>	<b>receptação</b>	<b>estupro</b>	<b>porte ilegal</b>	<b>total</b>
<b>A</b>	6	5	0	4	4	0	1	0	0	2	22
<b>B</b>	22	2	1	5	11	0	5	1	0	1	48
<b>C</b>	4	6	1	0	3	3	0	0	14	1	32
<b>D</b>	28	6	0	0	4	0	0	0	0	0	38
<b>E</b>	15	2	1	3	12	0	3	1	0	2	39
<b>TOTAL</b>	75	21	3	12	34	3	9	2	14	6	179

**Tabela 8 – Distribuição de reclusos reincidentes - Observa-se que as tabelas 7 e 8 se completam – devem ser lidas no conjunto.**

<b>GAL/DEL.</b>	<b>porte ilegal</b>	<b>tráfico</b>	<b>homicídio</b>	<b>tent. hom.</b>	<b>furto</b>	<b>roubo</b>	<b>esteliona to</b>	<b>moeda falsa</b>	<b>TOTAL</b>
<b>A</b>	0	6	0	0	6	0	0	0	12
<b>B</b>	0	3	0	1	12	1	1	0	18
<b>C</b>	0	3	1	0	12	2	1	0	19
<b>D</b>	0	5	0	0	1	1	0	0	7
<b>E</b>	1	1	0	1	16	1	0	1	21
<b>TOTAL</b>	1	18	1	2	47	5	2	1	77

**Anexo IV: ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

## Roteiro para entrevista

### 1. Identificação

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade: \_\_\_\_\_ Procedência: \_\_\_\_\_  
 Estado civil: \_\_\_\_\_ nº de filhos: \_\_\_\_\_  
 Delito: \_\_\_\_\_ ( ) primário ( ) reincidente.  
 Local de nascimento dos pais: \_\_\_\_\_

### 2. Cotidiano na prisão:

Há quanto tempo você está preso?  
 Como você ocupa o seu dia? ( descreva ocupações, lazer, conversas, tomadas de decisão).  
 Como é sua integração com seu ambiente e seus companheiros? ( o que você faz para estar bem aqui dentro). Você se sente identificado com seu ambiente e com seus colegas.  
 O que você imagina que as pessoas lá fora digam sobre um dia na vida de uma pessoa presa?  
 Você acredita que todos que estão aqui acham a prisão ruim? Por quê?

### 3. Vida profissional

Com que idade você começou a trabalhar?  
 Quais foram as profissões que você já exerceu?(no que você já trabalhou).  
 Qual a que mais lhe agradou; e a que menos lhe agradou. Por quê?  
 Como você escolheu suas profissões?  
 ( Se reincidente)Entre suas entradas e saída da prisão você trabalha? Como consegue trabalho.  
 De que maneira você entrou no mundo do crime?  
 Você acha importante o trabalho na prisão? Por quê?  
 E fora dela?  
 Você observou alguma mudança no seu colega depois que ele começou a trabalhar?  
 Como seus familiares participavam de sua vida profissional fora da prisão?  
 Quais os tipos de dificuldades você encontrou na vida profissional, ou na procura de trabalho?  
 (Se reincidente) Foi discriminado na procura por trabalho?  
 Como a sua estada na prisão pode lhe ajudar num futuro trabalho?

**Anexo V: OS DISCURSOS**

## A PERCEÇÃO QUE O DETENTO TEM DE SI.

### *Não sou ruim posso mudar.*

"Isso não é vida senhora, eu sou um rapaz bom, eu sou um rapaz bom de coração, de tudo, de tudo, gosto de trabalha, só que pô, achava que a vida do crime era fácil, porque tu ia pegá um dinheiro, apesar que é um dinheiro fácil, mas pô, é um dinheiro suado das pessoas, pensando bem, é, totalmente errado, é totalmente errado ...eu sou uma pessoa muito boa de coração, muito bom educado, inteligente, não é porque to na sua presença, eu tive uma educação muito boa " (K. 25 anos).

"...No dia do meu aniversário, um dia eles fizeram uma festa prá mim tudo lá, eu disse, eu disse que ia faze aniversário né, " ah então nós vamo faze uma festa", até o diretor, tudo do Fórum...aí todo mundo, o juiz começo a apertá minha mão, me deu parabéns..." (J. 19 anos).

"Tipo eu so bandido, eu não so bandido, eu so um...na minha vida. Eu so um acusado, posso se um criminoso, mais eu bandido eu não so, né. Porque eu tenho certeza que eu vô, que eu já to regenerado, e não preciso se regenerá, eu não so reincidente, mas eu vo saí regenerado da cadeia, e continuo sendo, porque eu não so inocente, mas também não so um bandido." (H. 25 anos).

"Essa é uma primeira parte então, pessoalmente o meu, a 1ª parte era essa "bom vamo deixa o cara porque ele, ele tá mexendo com droga, mexe com ele não é bom, nem com os companheiros, pô, ele age correto ele, ele procura pelas coisas certas, mas não dá prá brinca com ele, vamo deixa ele", essa é uma 1ª parte da minha vida, que hoje aos 35 anos já não é mais assim, eu procuro não ser mais assim, tanto é que eu já perdi um pouco do meu espaço, já perdi um pouco daquele lado, já perdi, mas não me arrependo em nada, tô vivendo sobre um outro tipo de coisa, deixei de tá afrontando as coisas, procuro contorná-las com mais inteligência, mais calma, com mais sabedoria que Deus me deu." (. G 35 anos).

"Me considero livre, poxa é tão boa a pessoa se considerá livre, eu já não me vejo mais como....um presidiário, eu me...eu me...eu me vejo como um homem, pregador da palavra de Deus, de leva uma palavra amiga, as veiz vê um amigo desesperado, pode leva uma palavra amiga prá eles, mostrá prá eles....que nunca é tarde prá uma nova vida, que Deus mudou minha vida, pode mudá a deles tamém." (N. 33 anos).

"Como a sra. vê , eu to na cadeia, to inocente, prá mim eu to inocente, porque eu não fiz nada, eu tava trabalhando, então, e por aí afora, então quer dizê, eu me considero um cidadão comum e normal como qualquer um, apesar de ter uns erros da vida da gente qui, isso aí, ninguém é perfeito, mas eu procuro convivê ca sociedade da melhor maneira possível." (I. 47 anos).

"Sempre eu andei de cabeça erguida....não devo nada prá ninguém...nem um tostão não devo....pode corre a cidade....não devo nada, sempre fui bem recebido, sempre tinha amigo....eu so muito conhecido....se a senhora perguntá prá I. a senhora vai ve, sempre fui

bem recebido, tenho muito conhecimento." (M. 31 anos).

"Eu sou desse jeito mesmo tando errado traficando eu ago certo, é porque isso é da minha índole. Eu agindo certo traficando tudo mesmo assim eu tenho essa minha índole que as coisas tem que cê certa, embora, faça o que fazê as coisas tem que sê certa. Tem até uma brincadeira que fala que fala que as pessoas que tem tá certa, o cara traficando, mais no meu meio tem que sê certo, né. Se eu tivé dentro duma firma, como eu já trabalhei, também tem que sê certo." (F. 27 anos).

*Preciso refazer minha vida.*

"Uma coisa que eu sempre fui é consciente do que eu fiz, sei que um errado, sei o que que é errado que que é o certo, o certo é tu trabalhar, tu tê tua vida padrão, mas o errado é tu praticar o crime e isso e aquilo. Agora eu quero, agora eu quero conhece um outro lado. (A. 35 anos).

"Aí eu tava dizendo prá eles: "ó a minha vida sempre foi assim, assim, assim, mas hoje eu to querendo mudá, mas eu só tenho uma chance só..." O preço é eu reestruturar toda a minha vida. É de um semi analfabeto, que tá se...me conscientizá, pode escreve, pode passa tudo o que eu tenho dentro da cabeça po papel né...Aí tentá leva junto comigo, porque eu fui o começador de uma série de delitos dentro da minha família, eu sou consciente disso..." (A. 35 anos)

"E eu to esperando minha vez pá mim mostrá agora como eu mereço né, aí eu quero vê se eu quero, eu vô saí do mundo do crime, vô voltá a trabalha nem que seja prá ganhá 100 real por mês, mas tá bom..." (E. 22 anos).

"...saio, saio sim porque eu amo muito a minha família, saio, eu tenho tudo que eu quisé, tudo, tudo, tudo, tudo que eu quisé eu tenho, tudo, é só procurá a mãe, pedi mais uma...vai ser uma encrenca mas...eu sei que eu vo consegui (começou a chorar)...Isso não é vida senhora....(K. 25anos)

"...se aqui dentro eu to mudando muitas coisas que eu não queria, porque que na rua eu não vo para, só mi...o negócio é o seguinte, eu não me envolve com os elementos, passá por eles e consegui....nem conversá, porque se conversá, já puxa conversa de...não quero mais influencia com essas pessoas, eu não quero, tenho certeza que não, absoluta certeza. (K. 25 anos).

"... vo saí.....saí porque eu tenho.....eu tenho condições de arruma serviço, eu não so sujo na polícia, vo ser agora mas...tá pagando, já não devo mais nada prá ele, vo fica limpo de novo. Tenho meu crédito, tudo....tenho uma vida boa, pois a minha mulher... ela não recebe tão mal...vivemo bem. Eu tenho condições de arruma serviço, tranquilo eu tenho condições.. é isso que eu vo faze...eu vo parti prá frente, vo deixa essa vida de lado".(M. 31 anos)

### *Tenho planos para o futuro*

" Ah., eu logo saindo, por exemplo, agora eu já tinha , eu já consegui dois serviços...Esse meu irmão eu vo trabalha com obra, prédio...vo voltá prá construção, vo voltá prá construção. (B. 29 anos)

" Eu, mas uma vez volto a história do Islã, o irmão A., W., o A., várias pessoas que constantemente tão assistindo minha família, minha esposa, eu estou aqui mas eu sei que se eu precisa de um, de um médico pro meu filho, uma médica prá minha filha ou prá minha mulher, se for um caso sério realmente, eu telefoná prá eles, na mesma hora eles sai de onde tivé e vão lá, vão tomá alguma providência, uma assistência, se precisa de dinheiro pá, pá uma comida, eu sei que eles, mesmo eu tando preso, minha família vai ter, graças a Deus que não tenho precisado, graças a Deus, Deus tem suprido a necessidade , eu não tenho necessitado, mas o meu trabalho, se eu sair daqui, eu sei que eu tenho trabalho com os irmãos mesmo, pessoal dali " (G. 35anos)

"Vo trabalhar...minha vida já tá bolada, lá na rua eu vou trabalhar com a minha família, meu pai...eu vo trabalha com o meu pai, ou eles vão me dá um, uma banca de revista prá mim, e começa minha vida, ou eu vou pro Rio de Janeiro, morá com a minha irmã, cuida duma madeireira..." (H. 25 anos).

"A minha intenção é nem voltar pro tráfico né..., minha intenção agora é pega retornar, dá da pega de volta a minha loja, que tá com a minha 1ª mulher né, é dá uma sequência de volta ali porque ali também é um meio de sobrevivência...eu fiz uma mansão daquela loja então acho que dá prá mim sobrevive né, ainda mais agora que eu estou sózinho né, então dá prá mim sobrevive tranquilamente né. (I. 47 anos).

"...o seu L. qué me ajuda, eu falei pra ele que se eu conseguisse um trabalho , se eu conseguisse sustentá minha família, ele só ia me vê nesse lugar pra visita pessoas que eu tenho, que estão esperando um dia voltá aqui pra mostrá pras pessoas que é possível trabalhar e não voltá prá cá. Volta prá cá pa visita as pessoas pra mostrá, "ó to trabalhando", (F. 27 anos).

"...então aquele negócio, eu vo aproveita essa oportunidade, eu vo trabalha, vo trabalha, como eu falei eu pretendo ser um mini empresário pá pode ajudá meus companheiros que tá na cadeia, meus companheiro saí, eu pode , pode...se subé que eles tão saindo, pode pega eles e botá prá trabalha junto comigo que eu sei que aí eu to ajudando...um companheiro saindo dessa vida. Eu penso assim..." (N. 33 anos)

"...eu já falei prá N., nois tava conversando eu disse prá ela que eu vo faze de tudo prá faze meus documentos, quero ve se eu volto estudar, que eu quero estudar né...porque daí a senhora se acorda, mas a senhora se acorda desarmado né, como eu, to me acordando agora, não tenho estudo, sei lê, mas não sei escreve, né, então eu me acordei não muito tarde, também não muito cedo, né, pá vida né, agora eu tenho de fazê algo por mim eu montei meus planos, né, tenho que faze meus documentos pá ir estudar né, a N. também tá tentando "pô porque tu num falasse isso antes porque é o seguinte, eu já teria começado estudá" , eu disse, não não se tu não for estudar comigo eu não vo estudar" (A. 35 anos)

"...então hoje em dia aqui na cadeia o meu pensamento quando eu saí daqui é para, eu não pretendo mais fazê isso não, agora não sei meu pensamento na rua, não sei." (D. 26 anos).

*A mudança só depende de mim. Eu sou o errado.*

"...eu encaro que todo ladrão, dentro de si ele deve ter algo que tá mal resolvido, que ele se rebelou contra aquilo, dessa forma errada, errônea, contra o sistema todo que ele vê: pobreza, é... miséria, fome, drogas, família mal resolvida, uma série de coisas que levaram ele prá aquela forma dele viver, é levado, 95% dos casos é levado, as circunstância o levam a isso, e ele nem sabe porque ele foi levado, mas é, dentro dele mesmo, ele nem sabe." (G. 35 anos).

"eu creio que um pouco é falta de vontade dos preso também procurá serviço, porque eu acho que não é tão discriminado assim não, na minha opinião né, na minha opinião tem gente que puxa cadeia, e "ah...já sô ladrão mesmo então vô faze o seguinte, vo continua"...né...orque não tem quem não tá aqui que não precise, que a maioria é uma classe pobre né, não tem rico na cadeia, todos precisam de serviço.... agora tem pessoas que não pensam assim, tem pessoas que nem aqui na cadeia eles querem trabalhar, em uns que nem aqui eles querem trabalha, eles acham que serviço é, pá..., trabalho é..., trabalho é pá bobo, negócio é robá, traficá, isso que é importante, cherá." (D.26 anos).

"Não recupera, só recupera quem que se recuperado, quem não que se recuperado, , é uma escolha pessoal só quem que se recuperado, não adianta dize que a cadeia é modelo vai recupera o preso. No código penal, dá o benefício pá pessoa recuperá, não só vai se recuperado quem que se recuperado, se não que vai continua no mundo do crime."(H. 25 anos).

"Eu acho que quem não trabalhava lá fora não vai quere trabalha, jamais. Pode colocá a pessoa sentada num banco prá ficá de vigília que ela não vai quere trabalha. Não que eu seja erroneamente pensá assim porque tem coisas que a gente diz que é da índole da pessoa, existe na índole da pessoa, nunca cês vão consegui mudá, eu acho que o ser humano ninguém muda o que existe na índole dele." (F.27 anos).

"E tem o mais importante de todos eles, que é você quere. O Estado eu vejo assim, o Estado tem que fornece as condições necessárias, a pessoa tem, que quere e buscá....porque se a pessoa não buscá, o Estado...,pode fornece tudo que ele não vai, não vai resolve, mas o Estado fazendo principalmente a parte dele, mais tarde aquela pessoa não vai pode dizer: "não, eu não tive chance", porque daí já mudou a posição, o Estado forneceu....você não quis. Não pense que com isso que vocês vão ter que... o trabalho é bom é belo, é bem feito, vai ser 100% de aproveitamento, não existe isso, nem a vida é 100% , então vocês não pode ... você tem que sabe que de 100%... se você consegui 20% que largaram o crime, você tá conseguindo uma grande coisa, o item principal prá ter , queira, essa é a parte principal, queira, e desde que...alguém ajude (p), que tenha as pessoas interessadas" (G. 35 anos).

### *Tenho sentimentos*

"...Quando eu vi que eu tava perto de alguém, que aquela pessoa queria se aproxima demais de mim né, eu ficava com medo daquela pessoa usá o meu ponto fraco como uma arma contra mim, então é...é o meu medo né.... Isso é o meu medo, que amanhã ou depois eu to trabalhando lá fora e acontece a mesma coisa e eu não sabe, porque naquela época eu sube soltá meu veneno na, naquele material, mas de repente eu tenho medo de eu não agüenta mais uma paulada dessa e vir fazer uma besteira né...O medo vai me mantê na rua..." (A. 35 anos).

"...a que é a mesma coisa do que eu tá falando nesse gravador agora, tá gravado ali, ou a senhora quebra a fita ou quemá, né, caso contrário si guardá fica direto e aquilo ali fico gravado na minha cabeça né.... Não tem jeito porque foi um soco no olho que a minha mãe levo, eu vi a situação que ela fico, tamém, caída no chão, o olho roxo, (pausa) então foi isso aí, minha vida foi isso aí.(B. 29 anos)

"Então, eu posso me garanti assim, uma pessoa, to de bem com a vida, né. Não essa cadeia que vai me de..., me acabá comigo, vai destruí, não vai não, eu tenho muita esperança, tenho esperança de ir embora, eu tenho esperança de ficá mais um ano, tenho esperança de ficá 5 ano mais, então não é,...não tenho ódio de polícia, não tenho ódio de, de ninguém,( C. 26 anos)

"eu tinha uma amiga lá, minha melhor amiga que eu tive, só que eu errei com ela também,(pausa) com ela que eu não devia ter errado, eu errei. Eu usei o cartão dela, eu me arrependi, só que ela não, ela não chamo a polícia prá mim nada, ah. chorei, chorei um monte. " (J. 19anos).

"...ontem que po me deu arrependimento tão grande sabe dona D., tão grande, acho que as coisas que eu mais me arrependo mesmo é...foi dois rapaz né, era muito amigo meu, ai tive que arrancá a vida deles porque eles tramaram contra a minha vida: prá mim pode sobrevive tive que tirá a vida deles, senão tiravam a minha vida, desses dois crime eu me arrependo muito, muito mesmo porque...muito ruim uma pessoa arranca a vida da outra, antigamente eu não sabia que uma vida tinha tanto valor, hoje eu sei que uma vida tem muito valor mesmo, é tão bom a gente dá valor a uma vida, que eu pudesse voltá atrás, assim dona D., di....trazê aquelas pessoa de volta prá pedi perdão a eles sabe." (N. 33anos)

"Não, já me arrependi muitas vezes, mas dessa vez é profundamente, dessa vez me doeu o coração mesmo, não quero mais sofre (chorando), não quero." (K. 25 anos).

"...ah! a pessoa se sente humilhado né, se sente humilhado, se sente rebaixado né, eu acho assim né, penso assim né....né, queria que saísse daqui pudesse arruma um emprego bom e continua, continua trabalhando, não nessa vida, essa vida não é vida prá ninguém né. completamente errada.( O. 28 anos)

"...ela disse. "ó ex presidiário nós não pegamo não", ela bem assim "por mim eu até aceitava, mas a dona ela discrimina ex presidiário", aonde eu só baixei minha cabeça e

aquilo fico guardado na mente e sai né, cabeça baixa, logo chegô outro cidadão e arrumo serviço né, no mesmo local. Olha geralmente me deu uma revolta muito grande né, na hora, me deu vontade até de tira minha própria vida, porque eu fiquei com muita vergonha, ser discriminado, tinha muita gente ali, só tive que baixa minha cabeça e saí quieto, um monte de gente fico me olhando, aonde eu peguei disse, não, não é por aí que eu vô desisti, mas logo tem a opção mais fácil né que é o mundo do crime, é geralmente a gente já corre po mundo do crime né, geralmente bate uma porta que a gente procuro, ninguém deu, ah é capaz de comete um delito por ali mesmo, às vezes de repente até na próxima, a mesma pessoa que negou serviço, ela é a vitima". (E., 22 anos).

### *A religião é importante para mim.*

"...eu me encontrei com Deus aqui dentro, hoje graças a Deus foi aqui que eu me encontrei com Jesus Cristo. Aquele negócio, diz na palavra de Deus que... por mais que o homem erra, mas quando ele se arrepende do pecado Deus tá do lado dele, e foi aqui, foi nesse momento que eu me encontrei com Deus, quando eu me arrependi... dos meus pecados, e hoje eu sei qui eu so liberto, a minha vida agora é mais pá servi Jesus, pode levá a palavra aos jovem que se encontra na rua, nesse mundo de ilusão, pode levá palavra de vida, de fê, que Jesus...hoje eu ando...hoje eu tenho o verdadeiro amor de Cristo na minha vida, Jesus Cristo, hoje eu vejo assim dona D. a construção da casa né, a pessoa tem que faze o alicerço, faze tudo...a sapata né, pa pode fica alicerçado o alicerço, pá pode levanta uma casa né, então, então a senhora vê bem ,as veiz.... que a casa não tivé o alicerço, não tivé a sapata, a tendência dela é cai né, então, hoje eu....daquilo tudo eu ficava olhando, eu ficava....eu pensava assim: "pô, o homem sem Deus ele não é nada mesmo", pá ele ficá de pé ele tem que se alicerça né, ele tem que lutá né, ele tem que lutá por aquilo, luta e se alicerça diante de Deus, diante da palavra né." (N. 33 anos).

"...e principalmente Deus, Deus foi muito importante na minha vida, o Islã entrou na minha vida, foi muito importante, a partir desse momento que as coisas mudaram." (G. 35 anos).

"...Estou, graças a Deus estou....que mais uma vez eu friso que eu conheci o Islã, hoje eu sou muçulmano, então, dentro daquilo que eu acredito, nada acontece sem que Deus queira, se hoje aconteceu tudo isso na minha vida é porque Deus quer, se acontece algo errado, que venha a me prejudica é porque Deus quer, que no momento pode ser errado para mim, pode ser um erro mas no futuro eu não sei. Deus sabe, pode ser um bem maior no futuro" (G. 35 anos.).

"...eu me agarro muito a Deus à noite, as vezes todo mundo tá dormindo, deixo todo mundo dormi, me levanto, rezo, me, me apoio de joelho no canto dá, dá cadeia, assim do do...como é que se diz, do cubículo, fico orando e falando um monte com Deus, um monte de coisa que eu nunca fazia, então to bem, em paz, espirito calmo, me acordo bem , sorrindo do bom dia prá todo mundo...Vo dize prá senhora qui, roubo! eu tenho certeza que Deus não vai deixa mais eu fazê isso, droga muito menos, eu quero é...voltá pra minha mulhé i... Eu me apego muito com Deus, coisa que eu nunca fiz, quer dize, a mãe é católica, ela vai muito a igreja, reza muito, eu ia ca mãe mas, não tava nem aí, com igreja aqui dentro eu tô me apegando de um certo jeito que eu larguei a maconha...(K. 25 anos).

## PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO VIVIDO PELO DETENTO

### *Família: meu bem.*

"...E com 14 anos eu fui pai, aí, daí eu já não tinha mais inocência mesmo né, aí já tava já tinha virado um homezinho, com corpo de criança pequena mais com idéia de gente adulta, daí eu tinha a obrigação de sustentá a minha família, né... tinha uma família. Então eu comecei a roubá. Aí eu caí na vida do crime... Já tinha família já..."(A. 35 anos).

"...então meu irmão na época começou a tomar 8 tipo de remédio por dia que era Lasix, que era minipred, que era digoxina, que era complexo B, que era cloreto de potássio e mais uma sequência de remédio que eu não me lembro e era muito caro, todos ele são muito caro até hoje. E meu pai perdeu tudo o que tinha, ele tava desempregado e foi pedir ajuda pros patrão dele..., aí meu pai, na época antes dele ir preso, chegou prá ele, explicou a situação, ele falou: "ó, por ti eu não posso fazer nada, a única coisa que eu posso por ti é arruma cocaína, prá levar por Rio de Janeiro, tu faz a viagem, tu ganha tantos, tantos dólares", era 1000 ou 2000 dólares por viagem..." (F.27 anos).

" A situação tava muito difícil e aí a minha irmã, a minha mãe perguntou pra mim porque eu não traficava, eu falava pra ela: \_ "não mãe, eu não quero traficar" \_ "não, mais só por enquanto que tá uma situação difícil", foi onde que eu comecei a traficar, eu fiquei 2, 3 ano traficando, ganhei dinheiro, comprei as coisa aí eu fui preso..."(F. 27 anos).

"Eu vô dizê uma coisa aqui dentro, eu acho que eu sou prova, que trabalhando aqui dentro, ajudando a família aqui dentro, com esse pouco, lá fora ele pode trabalha, não que todos sustentam a família, porque eu não sustento a minha família com o dinheiro que eu ganho, eu continuo sustentando a minha família com o dinheiro do tráfico, eu não escondo isso de ninguém..."(F. 27 anos)

"porque, porque que eu to preso, eu vendia prá nós sobrevive... Eu...eu vô dizê, eu vivia mais era prá mim comprá um terreno...comprá uma casa e mantê os meus filhos.....nunca faltava nada.....isso aí nunca...remédio...nada nunca....nunca me faltou nada, nada...mulher faz 12 ano que ele tá junto comigo e nunca faltou... comprava, dava um negocio, mas...eu ia pará....até eu faze minha casa, ia pará entendeu...aí veio a acontece isso aí né..." ( M. 31 anos)

"...a maioria das vezes era por por necessidade mesmo né, por falta de comida, essas coisa é qui levava eu a praticá , tamém, né a necessidade era muito grande, eu me sentia assim tipo encurralado né, duas crianças, uma esposa, sem lugar prá mora sem nada prá cumê, certo!, e eu queria ter o que...uma família tem". ( B. 29 anos)

"...por exemplo quem já, quem já tem uma família já se preocupa mais né dotora, quem tem que levá o de comê prá dentro de casa né, a pessoa quando é casado ela já tem aquele....aquela responsabilidade né, é água , é luz, é...faze um negocinho dentro de casa, é as criança, é remédio, é as criança que fica doente, é a escola, então são várias coisas né, então tinha que corre atrás não podia fica parado..." (B. 29 anos).

"...eu dou graças a Deus a minha esposa tamém, não tem vício nenhum eeee...sempre me

ajudou, sempre mi (pausa) me deu uns conselho, sempre disse: ó, as crianças, assim, assim (pausa) não é por aí volta a trabalha", (B.29 anos)

"...tenho uma bela casa no Jardim Atlântico né, meu padrão de vida sempre foi um padrão de vida alto né, porque eu venho de uma família que o padrão é de média prá alta né, então eu sempre procurei mantê aquele nível de vida né, e tinha horas que não da prá você mantê aquele nível,..."(I. 47 anos)

... eu adoro minha família, minha mãe principalmente, já fiz ela sofre muito, fiz ela sofre e eu to sofrendo, que eu não quero isso e procurei essa vida, não era certo.... ,.... eu não quero, eu quero se um homem, não quero mais se um moleque, tenho dois filho que eu amo, certo, não tava dando valor prá eles.....a R. nunca me abandonou, minha mulher mas, já que pô, vamos e venhamos, até prá ela que é uma mãe de família, a senhora vê que, porra, acho que ela já passô demais né, pá tá vindo direto sempre não. (K. 25 anos)

"...comprei um ferro velho de ônibus e eu depois de um ano que eu tava trabalhando com o ferro velho de ônibus eu incomodei muito o pai e a mãe, né, que eu era o mais novo da minha casa e eles eram os mais grudado comigo né e eu com eles e eu incomodei muito o pai e a mãe e vendi....incomodava porque os vizinho falava "ó daqui a pouquinho teu filho vai preso", porque eles viam que eu tava fazendo coisa errada né, o pai e a mãe...."(D. 26 anos)

"...vô tira por mim, assim deve ser os outros tamém, eu gosto muito da minha família, eu sinto muita falta do meu pai, minha mãe, apesar de eu ter 26 anos, mas eu sinto muita falta deles, era muito grudado com eles.... eles afastam a família da gente né, a gente fica isolado num lugar, na madrugada, solidão, silêncio, eu acho que o que mais briga com o preso é a solidão né, o afastamento da família é o que mais faz sofrer né, no meu pensamento é esse...." (D. 26 anos).

"o sofrimento maior é eu não te confiado no meu pai, eu tive vários avisos, não, não segui, então vim pará aqui... "...mais eles me ajudam, porque eles acreditam em mim, confiam em mim, sabem que eu errei, to aqui, mais vo te todo o apoio na rua. Erra uma vez é normal, duas vez é burrice, se eu errá de novo, eu vo fica pelo abandono da família, fui bem avisado "Oh, tá aí, e se tu fica numa boa, tudo, nós vamo te ajudá" (H. 25 anos).

"...meus pais sempre eram contra do que eu fazia né, meu pai, minha mãe. Contra? é, de eu apronta né, de saí à noite, não te hora pá voltá prá casa, eles não sabiam onde que eu tava, onde que eu não tava; são contra né, mas são a favor de eu trabalhar né, são os primeiros a me ajudá, são os primeiro a participa né." (O. 28 anos)

"...eu graças a Deus, a minha vó me deu uma coisa que eu me orgulho que é...o respeito e a educação pelos outros né, a minha vó sempre fala: ó pessoa mais velha, não chama de tu, ela sempre falava né, ó pessoas mais velhas, nunca chame de tu, chame de senhora, de senhor, sempre com respeito né..(J. 19 anos)

"...poxa que quando eu tava na casa do meu pai, pô minha vida era deee...uma vida tranquila... antes dos 13 minha vida era totalmente tranquila, pô era alegre, feliz tinha tudo

na minha...eu tinha tudo, eu não precisava entrá pro crime, tinha tudo, meu pai pô...meu filho... ele me tratava muito legal sabe, ele me tratava assim pô: " oh. meu filho você tem que aprende, dá valor agora ao trabalho, hoje eu to fazendo isso tudo prá você, mais tarde isso tudo vai ficá prá você, não é prá mim" né, i dali eu ficava olhando né, aí.....tinha tudo, do bom e do melhor, do bom e do melhor, nunca faltou nada prá mim né ,eeeeeeee.....aí que aconteceu, foi quando aconteceu na minha vida, na vida do filho pródigo, eu saí da casa do meu pai, saí da casa do meu pai pá prová das coisas ruins, e aí deu no que deu."( N. 33 anos).

" O medo vai me mantê na rua, mais é aquele tal negócio, mais se eu tivé um apoio, porque se eu não tivé esse apoio eu não vo te medo. Ah.! não dá nada, que hoje é o seguinte, to aqui mesmo, o importante é eu corre atrás e arruma um dinheiro prá minha família, pá, se eu caí amanhã em cana, eles vão te um dinheirinho prá comê, prá bebê, pá se movimentá e se ela não quisé mais vivê é o seguinte, mais pelo menos ele deixa um dinheirinho, então essa é a tendência. Sempre foi assim comigo, da gata dizê assim pa mim, pô para com isso, vamo dá um tempinho, eu assim: "não que nada, não dá nada comigo, eu já conheço cadeia, cadeia eu sei como é que é, se não dá num lado dá no outro, então quer dizê eu quero vê é vocês", então esse é o medo. ". (A. 35 anos).

#### *Família: meu mal.*

" aí a minha mãe ela mantinha eu dentro de casa porque ali onde nós morava era uma 'boca', lá em Barreiros tinha muito tráfico na época, então, a minha mãe com medo de eu mi movimentá com aquelas pessoa, ela amarrava meu pé na beira da cama, então eu tinha o espaço de só tomá conta da casa.. Aí, depois quando nois viemo aqui pro jardim Atlântico foi quando eu fugi, aí eu comecei já a rouba, é eu não compreendi ao meus pai..."( A. 35 ano).

"...mas eu acho que é problema de estrutura de família, se a família não é bem estruturada, como a minha não é, até hoje a minha família não é bem estruturada, a família da parte da mãe, pai né, não a minha própria....ainda assim o meu parte, a minha parte, a minha família mesmo, que botaram eu no mundo nunca foi bem estruturada, tivemos muitos problemas, aos 4 anos eu não tinha mais mãe né, meu pai prum lado, mãe pro outro, um irmão prum lado, um irmão pro outro, então eu acho que isso tudo, essa conjuntura de coisas, sem um ensinamento religioso, que eu acho primordial na vida da.... qualquer pessoa, levaram prá que eu chegasse a um ponto da vida, que eu trabalhasse, roubasse e estudasse..." (G.35 anos.)

"o pai já tava morto e eu não posso culpa ele (p), minha mãe não parava em casa, eu ficava em casa sózinho o dia todo. ...até que comecei a me envolvê de novo com o tal de Roxo, que inclusive tá preso aqui, tal de roxinho, tá, aquele ali acabô com a minha vida, acabô com a minha vida, me envolvi mesmo num certo jeito assim,... o erro da pessoa que é uma drogada é por causa de influencia do traficante, não que a pessoa queira usá, mas existe aquilo ali, então a pessoa si influencia naquilo ali muito tempo, si...como se diz, eu vo dize prá senhora, si vicio, então a pessoa não tem culpa, quem tem culpa é o traficante." (K.25 anos)

"...minha mãe me ama, me adora, gosta muito, tanto é que ela não vem aqui e eu sei porque?, porque ela não vai aguentá me vê aqui dentro, minha mãe vai se desespera, vai pôr advogado prá me tira , ela falô prá minha mulher que não vem porque ela não vai aguentá, vai botá advogado, me tira daqui, mas ela qué que eu pague, ela qué que eu pague, minha mãe é muito honesta..."(K. 25 anos)

"...nois não tamo bem, não tamo bem, veio aí, conversamo, não tiramo conjugal, conversamo sentado, conversamos mesmo assim, como, como dois amigos entendeu, porque ela entende o meu lado, ela sabe.... se ela continua vim, falô a mais pura verdade, que eu acabei de dize prá senhora, se ela vim toda vida, eu vô me senti a vontade, não vô te medo da cadeia ." (K. 25 anos)

"...Olha, prá mim, prá mim, prá mim foi a minha mulher e meus filhos, é o que mais me faz falta na cadeia, e o apoio da mãe né, que no momento eu não tenho, eu to aí 4 meses sem visita né, compra também não recebo da rua, i o que é mais importante do que qualquer coisa numa cadeia, é uma visita, não tem sacola nenhuma que pague uma visita."(I. 47 anos)

"...Aí quando a minha mãe e meu pai souberam que eu tava nessa vida eles me espancavam né, e meus irmão me gritava: "Ah. seu ladrão, é tu tu não é meu irmão, tu é ladrão, tu é marginal, tu é maconheiro;".... Foi o que aconteceu comigo, de tanto eles me puni por uma coisa que eu não tinha nem começado a faze né, ..." (A. 35 anos)

"Mas quando meu pai era vivo, era na base da cinta: "ó, faz os deveres senão..." "ah não já tá pronto" aí ele ia olha, não tava pronto o cinto pegava, sandalhada na bunda, né, ele não batia no rosto, não batia em nada, mas isso vem gera uma revolta na gente...quando a gente cresce, vai crescendo revoltado, porque foi maltratado quando era pequeno né, então, né já vai crescendo com um trauma na cabeça né, daí vêm as briga com o pai, com a mãe, né o pai chega,... É o pai chegava bêbado em casa, a mãe fazia uma mesa coisa mais linda tudo de cumida, ele pegava os prato e tudo de cima da mesa e jogava pá, pá rua quebrava, então isso ali vai me deixando...outra vez foi um tio meu que deu um soco no olho da minha mãe...,então foi coisa assim..." (B. 29 anos).

"Acho que eu comecei pratica furto prá não depende da minha família, não quero depende da família, então, a ter o dinheiro dá, dá gente mesmo. ...porque não consegui um emprego, senão tinha largado já dessa vida há muito tempo né, essa vida não é, eu como eu não quero prá mim, eu não quero prá ninguém essa vida." (O. 28 anos)

" Eu comecei, eu comecei a comete por causa assim, a minha, a minha vó, eu não culpo ela por causa disso, ela queria o meu bem, mas eu não, já levei pro outro lado, que ela, ela dizia que eu tinha que leva todo dia um tanto de dinheiro prá casa né, todo dia eu tinha que levá, se não levasse, aí o esporro, até apanhava as vezes, aí eu não larguei os..., trabalhava, trabalhei de engraxate na assembléia né, assembléia legislativa, no fórum, aí eu, as vez eu não fazia dinheiro, ficava com medo de i prá casa, ficava com medo e eu ficava na rua, aí eu comecei a me ajuntá com os...pá mim não ficá sózinho comecei a me ajuntá com os guri da rua aí comecei aonde foi onde que eu comecei a... a fazê tudo isso..."(J. 19 anos).

## MUNDO DO CRIME

### *O candidato.*

"...a maioria das vezes era por por necessidade mesmo né, por falta de comida, essas coisa é qui levava eu a praticá , tamém, né a necessidade era muito grande, eu me sentia assim tipo encurralado né, duas crianças, uma esposa, sem lugar prá mora sem nada prá cumê, certo!, e eu queria ter o que...uma família tem". ( B. 29 anos)

"a maioria das vezes era por por necessidade mesmo né, por falta de comida, essas coisa é qui levava eu a praticá , tamém, né a necessidade era muito grande, eu me sentia assim tipo encurralado né, duas crianças, uma esposa, sem lugar prá mora sem nada prá cumê, certo!, e eu queria ter o que...uma família tem, (B. 29 anos).

".... É porque a gente..., porque eu ficava na rua né, porque eu já cheguei a....a morá na rua, aí eu ficava na rua, aí prá pode mesmo si mantê né, prá pode cume, prá pode... alguém se locomove de um lado pro outro, pegá um ônibus, é pá gente, a gente fazia isso pá pude si, si sobrevivê. ( J. 19 anos)

"... Eu...eu vô dizê, eu vivia mais era prá mim comprá um terreno...comprá uma casa e mantê os meus filhos.....nunca faltava nada.....isso aí nunca...remédio...nada nunca....nunca me faltou nada, nada...mulher faz 12 ano que ele tá junto comigo e não notou.. ( M. 31 anos).

"...então quando surgiu esse imposto que o presidente da república conseguiu igualar os preços, acabou o contrabando. As pessoas que mexiam com contrabando viraram a traficar, mexer com tráfico, tráfico, é, aumentou muito nessa época. Tanto é que hoje em dia a maioria das pessoas que mexiam com contrabando naquela época, tão traficando, entende. Você vê como uma transformação no governo muda as pessoas. Pode se que eu teje enganado, não sei se foi o, Fernando Collor de Mello que conseguiu isso aí, só sei que ele conseguiu, eu não sei ele passou o imposto de importação, eu sei que ele conseguiu isso, então aí ele acabou com essa daí,..." (F. 27 anos).

"meu pai era traficante e, não por escolha própria, porque determinada época da vida do meu pai, que ele era caminhoneiro, o meu irmão teve problema de coração, o R. o meu irmão nasceu em 1988, se não me falha a memória. O meu irmão nasceu com problema no coração, chamado insuficiência cardíaca e problema de pulmão também . Então, naquela época o Brasil não fazia transplante de coração, quem quisesse fazer transplante de coração tinha que ir nos Estados Unidos. Então saiu uma lei que quem quisesse fazer transplante de coração naquela época, tinha que ser feito no Brasil, que o governo não ia mais financiar nada, um centavo que fosse. E aí nós não podemo ir , então o dinheiro que tá travado se não me engano até hoje no Banco Itaú uma coisa assim, ou perdido por aí. Então, meu irmão se internou na Beneficência Portuguesa em São Paulo então meu irmão na época começou a tomar 8 tipo de remédio por dia e era muito caro, todos ele são muito caro até hoje. E meu pai perdeu tudo o que tinha, ele tava desempregado e foi pedir ajuda pros patrão dele, meu

pai, na época antes dele ir preso, chegou prá ele, explicou a situação, ele falou: "ó, por ti eu não posso fazer nada, a única coisa que eu posso por ti é arruma cocaína, prá levar por Rio de Janeiro, tu faz a viagem, tu ganha tantos, tantos dólares", era 1000 ou 2000 dólares por viagem. Aí nós viemo prá Santa Catarina, meu pai continuou no tráfico e a minha mãe lá no Mato Grosso. Então o médico disse que se ele morasse num clima úmido era melhor, minha mãe falou em mudá prá cá, entende, aí minha mãe mudou prá cá, meu pai largou mão do tráfico, por incrível que pareça ele começou a mexer com peixe, eu ajudei ele a mexer com peixe uma época. Vendemo peixe lá no Mato Grosso, Então o meu pai se acidentou e morreu, na, perto da cidade Ponta Grossa. , tentei com o comércio de peixe mas não deu certo. A situação tava muito difícil e aí a minha irmã, a minha mãe perguntou pra mim porque eu não traficava, eu falava pra ela: \_ "não mãe, eu não quero traficar" \_ "não, mais só por enquanto que tá uma situação difícil", foi onde que eu comecei a traficar..."(F., 27 anos).

"Eu já fui envolvido, tipo eu trabalhava como despachante né, então o que que eu fazia, eu tinha que fazê uns deslize, envolvia uma profissão aqui, uma profissão lá, como tudo que é departamento público existe...Eu já tava na fase crítica da minha vida, eu já tava me envolvendo com as drogas, com as amizades, as mulher, as mulheres que eu, que eu me envolvia já não eram meninas de família, né. então eu já tava numa fase crítica, mas mesmo assim não era criminoso." (H. 28 anos).

"prá mim é triste né, prá mim é triste por causa da droga. que faz me levar no fundo, fundo do poço, quase morri né dona Deise.....comecei fumar maconha, caí no crime né no morro, amiguinho.....bastante amigo. (L. 28 anos)

"fiquei meio pirado, vô dize prá senhora ,fiquei.....tenho que dize a verdade fiquei meio fora de si, porque a mulher morreu. Aí pesou, só queria saber da droga. Caí no mundo do crime, serviço assim, não queria sabe de nada, tinha meio pá trabalhar com o meus irmão, com o meu pai. , me chamavam pá trabalhar eu num ia. Tava perdido. (L. 28 anos)

"...continuei trabalhando, insistindo no serviço, mais aonde que, aonde comecei...fui despedido, eu entrei no mundo do crime de cabeça e corpo, tudo né. Porque aonde não só entrei no mundo do crime, mas entrei nas droga mais pesada né, daí eu comecei com droga, quere saí já a noite, aonde eu digo que entrei e não teve mais volta né. (E. 22 anos)

"Mas chegou um dia que eu num num tive como negá, a gata ficou doente, o menino também tava com bronquite, até hoje ele tem ainda problema, ele tem problema de asma, né. Aí eu sei que eu "ó tá limpo vambora". Aí eu saí do serviço na Sexta feira e fomo tudo. Aí fomo mete duas bronca aí, (meu Deus do céu, foi a pior besteira que eu já fiz na minha vida".(A. 35 anos)

" foi assim, trabalhei na roça e quando tinha 16 anos eu já assim, já bem crescidinho, o pai já não conseguia mais manda em mim, aí eu comprei um caminhão, comprei um caminhão á prestação e comecei a puxa madeira, e eu puxava madeira no inverno e capinava a roça de abacaxi, e no verão eu trabalhava com fruta até os 22 anos, e foi através desse caminhão que eu cheguei no ferro velho né, aí acabei me interessando e comprei, foi aí que eu comecei a minha vida. Até os 22 anos trabalhei na roça, plantava abacaxi, nós trabalhava

com madeira, aí o IBAMA bateu muito em cima de madeira, não consegui mais trabalha com madeira nativa, aí comprei um ferro velho de ônibus, um ferro velho de ônibus...e eu depois de um ano que eu tava trabalhando com o ferro velho de ônibus eu incomodei muito o pai e a mãe... aí pra para de incomoda o pai e a mãe eu vendi tudo e larguei, larguei tudo, mas deixei o ferro velho em meu nome, acaba de uns 8 meses o cara que comprou meu ferro velho, ele caiu preso, ele caiu preso não, e falô que o ferro velho era meu, porque continuava em meu nome, aí saiu a preventiva, fui preso e condenado 1 ano no artigo 180, mas tava parado e fui condenado, fui preso e condenado à um ano, (D. 26 anos).

"Na rua você toma contato com outras pessoas também que já tinha índole de rouba e....., não to dizendo que eles sejam culpados, não é isso, que eu sei, mas é dito e sabido como o meio né, influencia um pouco, não que influencie totalmente, influencie um pouco, , e muitos contatos na rua né..."(G. 35 anos)

"Já tinha sentido o gosto da rua, né, tomei a água da rua, a gente não, não retorna mais dentro de um lar. Aí eu sei que eu comecei a conviver assim, aí eu roubava aqui, dormia ali, aí eu sei que eu fugi de novo." (A. 35 anos).

"o motivo foi envolvimento com más elementos e me envolvi com drogas e aqui estou. depois que eu vim pro centro....por ter conhecido a maldita da droga, com 20 anos, 21 anos. (K. 25 anos)

"Aí eu comecei saí, aí eu morei com uma tia minha num, numa vila né, uma vila assim.....Lomba do Pinheiro, o nome da vila. Então lá tinha um monte, meus primos tudo, mas a minha família nunca foi drogada, mais a gente jogava bola, conversava, aí vem aquele negócio de experimentá, experimentá prá vê como é que é....fui morar com pai num bairro , bairro mais de classe média, aí me envolvi com uns amigos de classe média. Aí, indo pá praia, na droga, acabei conhecendo gente que conhecia traficante, aí gurias, moças que também usavam droga."(H. 25 anos)

"É que eu fui criado né, num... eu fui criado vamos dizê assim, numa área que não era muito propícia né, é eu fui criado bem dizê em casas de meretrício né, que o meu pai tinha, tinha boate e eu fui criado mais no meio delas né, então a gente vai convivendo e vai vendo aquilo ali né, num meio mais fácil também (I. 47 anos)

"Ah! escolhe, muitos escolhe, principalmente quem mora na periferia, é a vida pobre né, o dinheiro fácil. Ah.... muita gente tem inveja, tipo, po, o playboizinho da cidade anda bem vestido com tênis, tênis Nike, tênis de 200 real, eu ando de conga, de pé descalço. Aí eles opta pelo crime, eu acredito que opta pelo crime, nem todos, mas a maioria é incentivado a fome que anda no Brasil, a pobreza, a pobreza, ou....., quem mora numa favela, entra mais cedo no mundo da droga que quem mora na cidade né, então a , o mundo do crime não escolhe idade, simplesmente, a 1ª oportunidade que aparece prá ele, eles acham que é bom, mas não é bom, quando querem saí já é tarde, quando vê já tão.....já tão trancado" (H. 25 anos).

*Recrutamento e aprendizagem.*

" comecei a usar droga e parti pá vida do crime...Isso aconteceu quando eu já tinha uns 14 pá 15 anos de idade.(B. 29 anos).

"...Entrei roubando chocolate em mercado; tinha mais ou menos meus 12 anos... eu e mais colegas" (O. 28 anos)

"Eu entrei no mundo do crime quando eu tinha a idade de 13 anos ( N. 33 anos).

" Ah quando eu comecei a entra no mundo do crime foi a 1ª vez que robei e não contei pá ninguém né, e veio muito fácil o dinheiro...Ah eu tinha o quê? uns 12 anos, aonde eu robei não falei nada prá ninguém" ( E. 22 anos)

"Aí, depois quando nois viemo aqui pro jardim Atlântico foi quando eu fugi, aí eu comecei já a rouba. aí eu sei que a mãe, o juizado me levou de novo prá casa, daí a mãe me arrumo um serviço na O. de limpeza de vidro. Aí eu trabalhei... Eu tava com 10 ano, 10, 11 anos, aí trabalhei com limpeza de vidro, daí não deu certo, não deu certo porque eu não aguentava mais, não sei se era as perna que já não obedecia mais a família, né, já tinha sentido o gosto da rua, né, tomei a água da rua, a gente não, não retorna mais dentro de um lar. Aí eu sei que eu comecei a conviver assim, aí eu roubava aqui, dormia ali, aí eu sei que eu fugi de novo..."(A. 35 anos)

"...eu tinha meus 14 anos....comecei a rouba, comecei a rouba, comecei a....usa droga não usava, nem uso, graças a Deus, comecei a, a faze estelionato na, foi aonde que eu comecei a, a entende e a ter conhecimento do estelionato...foi por ai que começou né..."(J. 19 anos.)

"Eu entrei a partir dos 13 anos. Eu, prá falar bem a verdade, eu comecei a roubar coisas simples....., eu trabalhava, estudava e..... comecei a fuma maconha aos 12 anos, aos 13 anos eu me vi envolvidos com roubo... com 13 anos eu trabalhava...com 13 anos eu roubava, só que os trabalhos que eu tinha, era esses trabalho, saí vendendo picolé, eu vendia...uma banana, vendendo salgadinho, era esse tipo de trabalho..., engraxava, vendia amendoim, me virava no meu dia a dia," (G. 35 anos)

"...pela primeira vez eu tinha...(fica pensando) acho que eu tinha 20 anos, 20 anos é ...a juventude né, a juventude, na época a gente não pensa muito né, então tá naquilo ali e acha que tudo é festa, você que é vivê. Eu comecei fumá um baseado com 10 anos de idade. "( I. 47 anos)

"...aí eu caí no mundo do destino, né, do furto, e arromba casa...com 19, 20 anos. No furto, 19, 20 ano....depois que saí do quartel trabalhei até um ano de caminhão, de ajudante, depois saí, caí na vida do crime, conheci o...a cocaína, a maconha, o crak, aí me levou né, 92 eu tava preso (L. 28 anos)

" Com 22 anos, comecei comprá ônibus de São Paulo, comprava ônibus, trazia ônibus quente, buscava caminhão robado e montava né, , cortei bastante carro, cortei mais de 100 carro" (D. 26 anos).

"Trabalhando, trabalhando, no centro, eu tinha , comecei...há 2 anos atrás eu tinha uma banquinha de doce no terminal do Rita Maria ali, e vendia ali, e comecei conhecê, então...essas pessoas são ladrãozinhos, são, são pessoas influentes ali naquela área, eu tava trabalhando, tinha meu dinheiro honesto, mas, eles vinham, ofereciam um relógio, uma corrente, negócios assim, as vezes eu comprava, as vez não comprava e me conheci com eles... aí apareceu um garoto lá, me convidou prá sai, prá dá uma volta, prá i fuma maconha....aí fui fuma com o rapaz, nesse dia eu já fui preso, vai vendo, fui prá delegacia, deu inquérito, não deu nada, aí eu...(K.25 anos).

" Depois que eu sai do exercito eu me juntei com meu pai. Meu pai nessa época, meu pai já traficava, meu pai era traficante. ( F.27 anos)

" Eu aprendi sózinho, por causa que quando eu tava na rua, como eu tinha dito antes, eu...eu vi...comecei, eu comecei a fazer estelionato foi pegando no lixo os carbono, qui...os cartão de crédito né, agora não se encontra mais, agora não se encontra mais, mas antigamente sempre deixavam carbono, com o número do cartão no lixo, aí eu, como eu morava na rua, dormia perto, ali no ARS ali, aí eu ... mexia nos lixo lá e pegava os carbono, e ligava pá, pá P. e comprava a passagem de ônibus por telefone e dava aquele número né..." (J. 19 anos).

"...ensinaram claro, eu nunca tinha roubado...eles diziam assim: "ó Adriano, fica aqui, se queres fuma um baseadinho (meu negócio era baseadinho) queres fuma uma baseadinho, fica aqui, olha só como é que eu faço" e eu ficava olhando ele, ficava achando graça daquilo, eu olhava e achava graça, ai que eu disse: " eu vô tentá", e eu tentei, não fui preso, não aconteceu nada e fui, fui fazendo direto com ele..."(K. 25 anos)

"Eu entrei no mundo do crime quando eu tinha a idade de 13 anos, e dali... comecei me envolve, me envolvi ca, cá malandrage, conheci os bandido, os chefe, que comandava tudo, e dali... comecei me envolve, comecei sendo vigia, depois dali comecei aa.....a trabalha na boca, trabalhava de vapor...vapor é que vende maconha.... trabalhei de vapor, de vapor fui levando mais na responsa, fui levando mais na responsa, fiquei sendo chefe de segurança da boca, depois eu virei gerente, fui sendo gerente geral da favela. comandando três favela, e assim o pessoal, eu levava ali no mesmo ritmo que o meu padrinho levava né, o meu padrinho era o Silvio Maldição né, (N. 33 anos)

"...aí quando eu sai me defrontei com pessoal forte....., pessoal que era de outro estado, então travei um outro tipo de conhecimento....., daí comecei parti pro assalto, daí parti pra crime, com 15 anos, com 15 anos eu fazia parte de uma quadrilha, que eu era o mais jovem, eu era o mais jovem...assaltá supermercado, joalheria, banco, na época era isso aí, posto de gasolina,...é que eu tive um contato diferente, na época o crime em SC, que eu entrei no crime, era um crime muito... primitivo, banal, muito banal, era "o que que os cara faziam?" ah. pegavam ali, roubavam uma casa, assaltavam uma mansão, é era...pouco né...poucas coisas, e eu já como já consegui me enfiar naquele ambiente, comecei assalta joalheria, supermercados de grande porte, , posto de gasolina que diziam que tinha muito dinheiro, tinham pessoas que nos diziam, joalherias, então, o contato que eu tive foi diferente, bem diferente. (G. 35 anos).

### *Aperfeiçoamento e desenvolvimento.*

"É aí eu comecei a prática o furto, mas furto pequeno, coisa pequena e do pequeno eu fui, fui indo, fui indo, aprendendo com o outro e vindo prá cadeia, mas dá cadeia eu num..., não tirei nada como lição de furto, nada assim tá entendendo, foi tudo de mim mesmo,(B. 29 anos)

"Determinados tipos de pessoa formam um caráter, tanto dentro da galeria, da cadeia, da prisão, como fora. Então quem lá fora é uma pessoa, vai sê, vai tê aquela tendencia, prá sê a mesma pessoa. Então quem me conhece dentro da galeria, vai quere fazê negócio comigo, vai quere comprá cocaína, ou vai quere te relacioná, vai quere o meu endereço porque sabe que vai te dali uma coisa correta, uma coisa certa." (F. 27 anos).

### *A realização pessoal e profissional.*

" Eu, eu trabalhei na... em supermercado tamém, depois com....mesmo com...no crime eu tava trabalhando num supermercado né, trabalhava di....(risos) segurança, segurança é...é uma coisa incrível mesmo, só Deus mesmo. É porque...porque o cara me conhecia né, ele me conhecia "o cara é da pesada mesmo, vo botá ele como segurança, que ninguém né....vai vê ele e te respeito né ", eles( os possíveis ladrões): "ó fulano de tal né" "então vai te respeito e ninguém vai roba aqui né" eles pensavam assim né, mas não, a gente não, a gente não é nada sem Deus..."(N. 33 anos).

"Aí na hora que eu cheguei lá...um monte de compra ele: "pô seu danadinho, seu danadinho, tu consegue mesmo, tu é esperto, tu consegue mesmo, aí começô a passá a mão na minha cabeça e... ô tu consegue mesmo, tu consegue mesmo, aí, aí depois ali só fazê toda vida né, depois daquele...do primeiro, aí se aviciei e nunca mais quis pará (risos).... (J. 19 anos).

Que nem, que nem o meu...quando eu morava lá no Z. né, aí... todo mundo lá sabia que eu fazia isso, todo mundo sabe, só perguntá pelo F. do M., eu tinha um m. né....aí todo mundo já..."Ah. F. do m. mora lá". Aí todo mundo falava: "pô F., bá, queria ser você, como tu assim, fazê essas coisa, ter um carro...ah queria ser como tu assim, pá te bastante coisa, eles falavam (riso), eu andava sempre arrumado, sempre, sempre de tênis de marca, sempre roupa bem..., sempre bem arrumado de carro zero, carro novo, carro importado, sempre bem arrumado né, então...aí um dia cheguei lá cum...primeiro dia que eu comprei o m. né, aí cheguei lá, todo mundo: É o F.! É o F.! É o F.! já veio aquela multidão: Oh F.! oo...ali já começo né" (J. 19 anos).

"Parecia bom, aparecia meninas bonitas... tem tudo que a senhora quisé, tudo que a senhora quisé a senhora encontra na noite, no crime. (K. 25 anos).

"Depois que eu comecei na vida do crime, tudo bem, tive bastante festa, aproveitei bastante, é uma coisa que a vida do crime dá, o dinheiro, dá o conforto, tive bastante mulheres" (D. , 26 anos).

*.A vida no crime ou como sobreviver nessa atividade*

"Porque prá entra nessa vida dotora, a senhora só basta abri um portão e fim, tá na rua, mas agora é o guentá o da rua. Pa entrá nessa vida do crime é fácil, só chega lá no morro, ô, quero vende pó., ah toma; po to precisando de um cupincha pra ir rouba um toca fita ali embaixo que tá ali no maior boi, pô é rapidinho, vamo lá, vamo lá, vamo lá, cê só dá cobertura, pronto já vai um...(A.35 anos).

"...o desgaste é muito grande, as pessoas que, por isso que a maioria das, das pessoas que mexe com tráfico tendem a, a tem que, quando tem uma personalidade fraca, tende a se viciado, a se vicia na própria cocaína, entende? e, eu, de antemão que o vício maior não é você cherá na cocaína é você trafica cocaína, que é muito difícil você deixar de traficar cocaína, é muito difícil. Porque é muito fácil, muito fácil lidá com cocaína se você tivé uma cabeça boa, se não usá cocaína, ou se não, não gasta dinheiro com putaria, com mulher, é muito fácil vive do tráfico. (F. 27 anos).

"Não, o dinheiro geralmente eu, o que eu mexia eu procurava né ajuda mas de vez em quando eu guardava prá si mesmo quando fosse necessário mesmo...economizava, eu sabia que cedo ou mais tarde eu ia percisa dele, principalmente pá se alimentá né (E. 22 anos)

"...tem hora que você tem que chega e dizê, tem que pará, e tem que pará, porque não dá mais né. Na hora que seu nome tá rolando demais, você tem que pará, você é obrigado a pará, ou você para ou você vem prá cadeia, e o nome começa a rola né, então aonde que ou você pará ou você é preso." (I. 47anos).

"Não, eu me cuidava, eu não andava relento não, eu me produzia, me arrumava, eu mudava de visual, , que eu trabalhava perto da, da repartição ali da carteira de, de identidade ali da civil, ali tem muito civil, civil eu conhecia eles tudo...bem alinhado, nunca andei.....mal não....e eu tenho presença.... "(M. 31 anos).

"...eu já ia saí...mas daí eu...como é que se diz...cresci o olho demais....o olho, o olho muito maior.... que dá o passo maior do que a perna, quis ter outras coisas eee.....me dei mal.... "(M. 31 anos).

"Então era cobrado de você uma, uma, uma conduta que muitas pessoas na época acho que até não tinha na época, a maioria podia ter, mas muitos não tinham, que era de total respeito ao seu bairro, total respeito às mulheres casadas, as filhas, aos filhos, a não mexe no seu bairro, cuida do bairro seu prá não ser roubado..."( G. 35 anos)

"Então eu era, construí, um caráter muito bom, as pessoas me, me mandavam carga de cocaína razoável pra quem tava começando. Então eu saí da cadeia, eu consegui uma carga de cocaína, pra quem tava na cadeia, no valor de 30 mil real, o cara me mandou fiado sem eu dá um centavo prá ele, só pelas minhas informações, ele tirou informações a meu respeito, as pessoas que me conheciam falavam. " não a pessoa realmente é uma pessoa que vai te pagar, em hipótese alguma ele vai deixa de pagar...(F. 27 anos).

"então ele começa leva mais na resposta ali, tudo certinho, aí dali o cara vê que ele tá

levando mesmo na resposta, que não tá dando volta, não tá fazendo nada, sempre ali certinho... na boca quando ...assim, que tá faltando dinheiro na boca, as veiz tá faltando um monte de dinheiro na boca, a pessoa até perde a vida sabia, por causa disso tudo, porque o cara pensa que tá dando volta. Eu vi muito amigo, eu vi muito amigo perde a vida assim...perdi muito companheiro, jovem de 13 ano morrendo porque deu volta, as veis por causa de um canudo, de uma cocaína, a pessoa perdendo a vida de bobeira, ali tudo por causa da cocaína, da droga."(N 33 anos).

"sempre as pessoas que né que, a gente fazia uma, umas transação, sempre pediam né, prá gente voltá e que, nessa parte inclusive, na parte do tráfico tem que te honestidade né, muita honestidade, mais até do que, do que num, num num emprego, vamo se dizê, normal né, porque a sra. sabe que o tráfico é um troço de responsabilidade né, exige, envolve muita gente, então você tem que ser muito honesto, muito honesto... senão é problema, você tem que ser muito honesto! no tráfico você tem que ser muito honesto" (I. 47 anos)

"...é tem que ser certo, por isso que eles fala, a vida do crime fala , "você qué entra prá vida do crime, só sai morto" quando eles vinham quando eles vinham pro crime, o cara , "você correspondeu essa vida memo, então sabe que não pode sai mais, si sai morre" eu decidi, não, vo fica no crime né , então é assim, então tem que leva a sério, certo, e mais a ...as veiz dentro da favela mesmo...lá dentro da favela né, eu sei que eu vejo o cara , a pessoa, o traficante é ruim, não as veiz o cara, ele tá no lado errado da vida certa, porque ele , ele qué ajudá as pessoa, é o traficante, ele qué ajuda a pessoa, , né quantas vezes eu vi trabalhador desempregado pode..., pedi dinheiro pá pode faze compra pá família...até mesmo querendo entrá pá boca de fumo ii...não deixá, eu foi um."(N. 33 anos)

"porque você no tráfico você consegue, constrói dois tipo de caráter, tem aquela pessoa que compra e paga você, é muito bom, qualquer pessoa quer trabalhar contigo, e aqueles que compra e não paga, que embora consegue de vez em quando cocaína....As pessoas que querem ajudá quem sai da cadeia no tráfico é mais as pessoas que tão no meio do tráfico. (F. 27 anos).

"..só depois é que eu fui...,eu fui morá... eu tava morando na rua aí um..., aí um, esse um..., ele foi como...eu não sei...prá...pros otros ele pode ser bandido...(tosse), pros otros ele pode ser bandido, mas prá mim ele não é bandido, esse, esse, o cara que eu fui morá com ele, esse, a senhora sabe né.. que ela tá presa, e ele tá lá na máxima, por causa que ele tinha, acho que dois latrocínio, aí... pros otros ele pode ser , mas prá mim ele vai ser o pai que eu não tive, por causa que ele qui, qui...apesar de eu ter feito a..., de eu ter errado, mas ele que, que me botou lá.. pá mora junto com ele lá na casa dele né, eu não tinha nem onde dormi."( J. 19 anos).

"...é que nem o M., o M. é o seguinte, o M. ó, na época era eu o M., nois tinha nossa quadrilha, aí quando nois se separemo, o M. começou a assaltar, nois roubava carro, aí nois se separamos, a nossa... eu fui prum lado, ele foi pro outro, quando nós viemo se encontrar, o M. já tava assaltando banco...eu tava ainda continuando a assaltar, mas eu, meu negócio era assaltar doleiro né, assaltar casa lotérica, nunca assaltei banco porque eu não sou feroeste né tinha medo de mostra a cara, e então qué dizê, quando nois for, nois se encontrava na estrada: ah como é que tá tu, como é que tá, tô arrepiando, tá, ah eu também

to arrepiando "(A. 35 anos)

"Tinha toda uma, até, não é uma filosofia, não é isso, prá não usa essa palavra, uma filosofia de vida, que é o seguinte, era que nem irmãos, pessoal era que nem irmãos, vivia nas quadrilhas, coisa muito, muito mesmo, não existia aquela coisa de mexe com minha família, ou mexe com a dele, no bairro não se mexia, mulher casada se respeita, era de total respeito ao seu bairro, total respeito às mulheres casadas, as filhas, aos filhos, a não mexe no seu bairro, cuida do bairro seu prá não ser roubado." (G. 35 anos)

"...porque o morro é que nem uma comunidade, se tivé dez pessoas inteligentes no morro que saiba coordená o morro, ninguém prende ninguém no morro, basta sabe, tanto é que eu nunca fui preso onde eu moro, a polícia nunca me pegou no morro, e o morro que eu moro é uma rua só, cercô pega, mas nunca me pegaram, porque? por causa desse bom convívio com a comunidade, se precisasse compra um bujão de gás a gente ia...(G. 35 anos).

"...bem que eu nunca vendi na minha casa nada.....não vendia não. (M. 31 anos)

"Coisa que eu nunca fiz, de vender droga na frente do colégio, isso eu sou contra, eu sou contra, se qué, qué comprar droga sobe o morro. Mas na porta do colégio não, tanto que ali na frente do nosso morro, nós cansamo de pega gente de raquetada. (A. 35anos)

"Ajudava, ajudava quando a pessoa tava precisando, muitas vezes ia me procurá, ia na boca me procurá, eu dava dinheiro prá faze compra prá eles. remédio, eu mandava apanha no...na farmácia, era tudo pago direitinho, e daí em diante, então sempre levava assim...(N. 33 anos)

"...então é a hora que eu to caindo num ponto que eu não vo mais vende.....é...é tu arruma, tu arruma inimigo..." (M. 31 anos)

"Eu tenho, quem não os tem, ainda mais no crime, tenho os inimigos, tenho inimigos no lado da polícia, tenho inimigos no lado do crime, porque não, não se fecham no meu modo de pensar, no meu modo de agir, com as coisas que já foi feita no passado, " (G. 35 anos)

"...se for, se for prá ser preso, vai preso, se for prá acontecê, acontece, não adianta se apavora. porque si si...mesmo que for faze uma coisa, de certo na primeira, de certo na segunda, uma hora....uma hora vai, vai suja, não adianta, uma hora....não é sempre que vai da certo, não é sempre... porque, por mais que o crime saia perfeito, nunca...nunca é perfeito o crime, sempre a gente deixa um furo, por mais que tu faça certinho, e saiba tudo." (J. 19 anos).

"é muito violento, é incrível, as vez vinha os home tinha que corre, as vez quando não corria, tinha que trocá tiro com os home prá pode o que?, pode me livrá..., paz nenhuma,(N. 33 anos).

"e contaram, ficaram olhando prá min, contando, contando, como certo assim, "po, vamo ficar com esse dinheiro." E realmente já aconteceu isso, deles ficar com 1, 2, 3, conto meu

do bolso, cinco, tirá, vá embora, eu nunca reclamei, nunca reclamei deles ter pegado o meu dinheiro, a 1ª vez que eu fui reclamar eu tomei um pau, mas tomei um pau dotora, de ficar assim ó, da boca, né, nariz, tudo, tudo, tudo nocauteado. (A. 35 anos).

"...a justiça nossa as vezes pega no pé de uma pessoa, enquanto não vê aquela pessoa destruída ela, ela não descansa né...é uma pressão é... pa caí de novo, como a gente diz na, na, né na vida do..., de rua, do tráfico é..., pô tem polícia que não pode olha prá sua cara, que botá num paredão, e botá uma peteca de branca dentro do bolso prá dizê que é tua. Ah! eu sinto direto, não fizeram um forjado comigo, mas isso tudo que tão fazendo comigo aí é perseguição, isso aí é a maior perseguição...". (I. 47 anos)

" Uma é a nossa justiça, tem horas que ela é falha né, então é por aí o sistema né, o sistema é assim, fazê o que? A justiça até hoje, (pausa), só tenta me incrimina mas não consegue prova nada, essa é a verdade né. mas até hoje nunca conseguiram prova qui o que eles dizem é verdade né, eles conseguiram provar que sou usuário, mas consegui prová que eu sou um traficante, nunca conseguiram prová, que nunca me pegaram com nada, não nunca pegaram, então eu consegui prová prá eles que eu não sou traficante, mas infelizmente a justiça continua a me deixa preso, pois e agora, porque eles dizem que é crime, dizem que traficante é crime. " (I. 47 anos).

Mas é apesar de tudo dotora, eu sou culpado e a própria polícia é culpada porque não é só um culpado "por causa de que eu sou culpado? eu sou culpado porque eu cometi os crimes, mas, a polícia é culpada por ela te feito de eu um marginal.... saiu o jornal da, do DEIC, fazendo o índice dos traficantes de morro. Tava lá o meu nome, do T., né, do L., todo mundo, então qué dize, toda vida que a pessoa vai caí lá, "o ó, o traficante", mas traficante de que dotora? né nunca fui preso, eu nunca tinha sido condenado, minha primeira condena no 12 foi agora, mas toda vida que eu caí eu era traficante..... (A. 35 anos).

"Aí veio pô, tanta polícia pá me conhece, quando eles me via, eles dizia assim: "ó esse aí que é o J.", pensô... queria um cara todo fortão (riso), é...falá é... todo fortão, "o! um gurizão aí dando trabalho pá gente né", eu falei; não, não trabalho não, que dando trabalho, não dava trabalho pá ninguém, nunca tinha dado tiro em polícia, nada". Falô prá ele né, (N. 33 anos)

"Foi 4 anos que a polícia andou atrás de mim que nem louca atrás de mim e não me pegou, tanto é que com 4 anos, eles criaram um...., um monte de C., feriram um monte de C., e quando me prenderam: " não pode, passemos por tí", que eu andava sempre muito bem arrumado, sempre estudei, não parei de estudar, sempre gostei de estudar, então não parei (risos) ) porque eu acho que o ladrão burro ele não vai a lugar nenhum, ladrão burro, que não sabe nem ler nem escrever, ele tá mal, ainda mais hoje em dia, (G. 35 anos).

"então... hoje em dia eu procuro mostra um outro caminho àqueles que estão comigo, eu digo "ó aqui foi a minha vida até aqui, mas tem esse caminho", tem o caminho do bem e do mal, você pode escolher.... o crime não te traz nada, ele te traz muita dor." (G. 35 anos).

"Então a policia, ela mesmo fez isso, quando nós era ladrão, "ah com a ficha de fulano é o

seguinte, roubou isso, isso, isso", mas não tinha roubado nem a metade. Quantas vezes nós tava em cana assim vinha a PM, mas era, num era um, dois, era 15 20, vinha conhecer a quadrilha do M. Chegava lá tava eu, magrinho, rengo, M. mais magro do que eu, o outro, o outro, o outro, então eles tiravam uma. Então que dize, nosso nome começou a surgir assim ó. Então que dize eles fizeram eu, como eles fizeram, eu comecei a gostar daquilo. (A. 35 anos).

"Que por exemplo, se é um traficante, a polícia pega com dinheiro, a polícia toma o dinheiro, e vai vim prá cadeia, agora se é uma pessoa honesta, tá fumando uma droga, a polícia vai lá "mas porque?", "porque?"...(K. 25 anos).

### *O que é crime?*

"Então a melhor maneira que eu achava, sem prejudica...sem machuca o próximo, era o tráfico. Já machucá..., é aí já prejudica mais né, a parte humana, que eu respeito muito né, então quer dizer, vai compra droga quem que, não é obrigado, ninguém...ninguém exige, ninguém exige dá, dá pessoa usa droga ou compra droga. Eu não me vejo fazendo uma maldade, eu fico na minha e vem compra que eu quero né, quem que, né. Quem que compra, que dizê ninguém obriga ninguém a usa ou a comprá." (I. 47 anos).

"... porque eles dizem que é crime, dizem que traficante é crime, não tem nada a vê com o crime, eu não vejo assim, é...um comerciante vamos dizê assim, porque ele não chama ninguém prá vendê, não machuca ninguém, tá lá, eu vejo assim, eu acho que prá mim não é crime não, criminoso é aquele que mata né, i que prove ainda de que matô.", (I. 47 anos).

"A primeira vez não era prá mim ter ido prá cadeia, a primeira cadeia que me tornou se assim desse jeito que eu, que eu fui né... fiquei revoltado, fiquei revoltado porque uma que eu perdi meu irmão, meu irmão que eu amava muito, e outra que a minha dignidade foi e não era prá eu ter ido preso a primeira vez.. Aí depois saí com uma fama ruim, saí, perdi tudo praticamente o que eu tinha, o suor que eu tinha trabalhado tamém, aí eu resolvi volta pro mundo do crime de novo, aí aprontei bastante, dessa vez vim prá cadeia, por exemplo, porque tinha motivo mesmo, não vim pá cadeia inocente, não. (V. 26 anos)

## **A PRISÃO**

### *A prisão é o lugar onde periodicamente nos encontramos.*

"Então quando nos se encontrava na cadeia nós se sentavam por exemplo "cheguei na cadeia agora, M. já tava aí, aí quando entrava eu entrava pelo portão, pá fulano chega aí, chega aí pronto já me sentava no lado já ia fumar minha maconha, porque é o seguinte, aí começa aquele assim né, porra tive lá em tal lugar vi a tua ex mulher, num sei o que e pa pa pa e fulano mandou um abraço prá ti, pô, num sabia que tava em cana, é como é começa aquilo ali, parece assim que fazia 10 ano que num te via. Então todo dia tem papo é um pouco de mentira, é pouco. (A. 35 anos).

"Isso é seqüência da rua, violência é seqüência da rua, as vez é um problema da rua que vem se esbarra dentro da cadeia, as veiz não tem nada a vê com a cadeia, é mais da rua né,

problemas que vai se esbarra dentro da cadeia, geralmente nunca é a confusão, nunca é feito, é muito difícil né, a confusão dentro da cadeia, a confusão que há dentro da cadeia já é uma confusão que vem da rua né, então já é uns desacerto lá da rua que as vezes se esbarra por dentro dos corredores da cadeia, é onde que acontece isso...isso acontece né, isso acontece, é como se dizem na gíria do malandro é, tem muitos que são jaguara né, é aquilo que eu falei pra senhora, o homem tem que ter caráter e tem que se honesto." (I.47 anos).

"É num (não) agredindo a pessoa quando no chegá, né, é conversar, é tentar perguntar primeiro o que, que ele tem o que, que ele não tem, o que pode fazer. Aí assim a gente chega assim é que eu faço pra aborda um companheiro, ou qualquer pessoa né. É tenta evita de agredi ele ....."(A. 35 anos).

"se eu pude ajuda, eu ajudo; prejudicá, eu não vo prejudicá, mas eu ajudo no sentido assim. Chego um lá agora, brigô lá no outro lado, "ah mas o cara chegou machucado" , a primeira coisa que eu faço é arruma um mercúrio, um povidini, dá prá ele, uma pomada né, e olha lá a situação dele, vê que tá entrando agora," (B. 29 anos).

"Eu so um cara qui vo até, até a, até ele conversa, puxa papo com eles, sabe da onde que ele é o que aconteceu, o que não aconteceu, e assim...é...eu não deixo a pessoa me procura, eu vo a procura da pessoa, se eu vê que a pessoa já não vale também, já deixo de lado e fico na minha." (M. 31 anos).

"Eu , eu procuro respeitá eles, trata eles como...como amigo memo, mostrá prá eles que, que amigo existe, o verdadeiro amigo existe, na hora ruim na horas boa, não é porque a gente tá aqui dentro, que a gente não tem amigo, temo sim, amigo pá pode...sempre leva uma palavra amiga mesmo tando preso mais, ainda tem isso Porque eu conheço, pô tem muito jovem aqui, poxa...uma vez tava conversando com um, com um jovem: "Pô J., pô cara", conversando comigo, "pô eu queria tanto mudá cara, pô já to cansado...." eu olhei prá ele né, " mas como di mudá? tu pode mudá, eu mudei, Jesus... (N. 33 anos).

"Como por exemplo antes de quando eu vinha conversar com a senhora: "po a Dotora D. é polícia eu não vô lá, chegar falar com ela o que? Vô falar com ela e depois vai lá e vai dizê pro diretor, né, aí eu comecei a conhecer a senhora, né comecei conhecer e vê que a senhora é uma pessoa diferente, a senhora tenta fazer seu serviço né acima de tudo, mas a senhora também não pode fazê tudo (A. 35 anos).

"Tive várias situações que eu vi até pessoas da carceragem tudo, senti mesmo prá pessoa ir embora. Um sentimento que não deveria existir, né, a pessoa tá indo embora. Foi o caso que aconteceu com o A. quando eu falei que ia prá Curitiba. "Não pelo amor de Deus", Foi o caso que aconteceu com a C. do Presídio Feminino, ali quando ela foi embora ela chegou na cozinha pra minha mãe e falou: " Dona S., eu não achei nunca na minha vida, que existia pessoas como a senhora dentro do Presídio, não achei, sinceramente". Chorou, se despediu da minha mãe." (F.27 anos).

"A senhora deve se lembrar disso, comecei um tratamento com a dotora, houve a mudança minha da galeria A para galeria D que foi positivo nesse sentido, tive um auxílio muito

grande da dotora, que é a senhora, a Dra R. que é assistente social, o A.. muito me ajudou" (G. 35 anos).

"Porque o agente prisional as vez vem de casa, vem com os problemas dele particular, todo mundo tem, só qui...tinha que sabe separa as coisa né, é dificil separa, mas ele vem descarrega em você" (G. 35 anos).

"Ótimo, ótimo, professora excelente, psicologicamente ajuda a gente, as vez ela "ó vamos fecha o caderno, vamo conversa um pouco sobre a vida da gente" e acalma a gente, ela conversa muito ca gente, pessoa muito humana ela."(K. 26 anos).

"Pô, me ajudou muito, então agradeço muito, é muito amiga minha, gosto muito dela, pô a M., assim a M. ela, a M. a senhora, a dona R. prá mim vocês são muito especial, muito especial mesmo, porque eu me lembro quando eu cheguei na cadeia aqui, as pessoas qui me deram o maior valor, que acreditaram em mim foi vocês né, então foi uma coisa muito bonita, eu tenho vocês como minha família, eu tenho a senhora como minha família, a dona R., a M. poxa, é uma menina qui...ela não teve preconceito de vim aqui na cadeia, pode, pode vê que a gente... ela pode vê como que é a cadeia, pá vê como é que as pessoa tem, ela viu, ela viu como que era aqui a cadeia, que tem pessoas legal né."(N. 33 anos).

"Aqui os calceiros, eles etendem melhor a gente, eu pelos menos, eu sempre fui bem atendido por todos eles, não posso reclama de ninguém. Em Itajaí também nunca tive problema com calceiro, mas lá é mais rigido assim né, aqui já é bem melhor né, tem voces prá atende a gente, tem a dona R., tem a senhora e aqui é bem melhor prá isso.(D. 26 anos).

### *A prisão como espaço de aprendizagem*

"Eu quando eu cheguei na primeira vez na cadeia eu cheguei como roubo, eu cheguei como roubo, então eu sempre disse e vo torna a dize, a gente entra nessa cadeia como roubo e sai como professor. Porque é o convívio, o que é eu vo pá dentro da galeria, a chego ali, o tamo lá jogando já conheço dois ladrãozinho que nem eu, pô ma daí já começa outro. "aquele velho lá é o bicho", aquele velho é lá de Mato Grosso aquele lá é traficante, ele é do bom, ó o fulano lá é assaltante, o bicho pega pesado. Ah, amanhã depois tamo lá conversando com o velhinho, tamo lá conversando, tê tê tê como é que é, como é que é lá como é que não é como é que é isso, como é que é aquilo, a senhora vai e tira um pouquinho daqui, um pouquinho dali, um pouquinho de lá, e quando a senhora vê já tá com uma escola na cabeça." (A. 35 anos).

"O pessoal que tá lá dentro né, ele te ensina, a cadeia é uma escola né dona D. é aprendi muita coisa, aprendi a se , a fazê as coisa mais certo no caso né,(D. 26 anos).

"Aprende, aprende muito. Ah! eu aprendi muitas coisas ruim, muitas coisas boas, eu aprendi, eu aprendi, tipo, a pessoa se quize te maldade na cabeça ela tem muita chance, porque muita, a maioria é, a maioria é os preso, e as a administração é a minoria, os preso qué faze um mal eles faz, faiz, ele aprende, ele aprende a rouba, ele, a gente conversa com outro preso que fez, tipo o outro é um artigo 171, é um baita dum estelionatário, aí, puxa

uma cadeia contigo, ele te ensina todo o macete. Eu to preso, eu já aprendi tantas coisas, se eu quisé saí pá rua de repente eu voltá, pá um, um outro crime, posso tentá, mas provavelmente eu vou caí, porque todo mundo que é do crime um dia cai; ele vai aprende alguma coisa de ruim ele vai aprende, coisas de boa na cadeia é poucas coisas que tu aprende, então prá ti aprende coisa boa na cadeia tu tem que te consciência de que tu não é do crime, consciência, agora se tu boto na cabeça que tu é do crime, só vai aprende coisa ruim, só coisa ruim, e aprende porque eu já aprendi muita coisa ruim, cê aprende a faze chave de algema, micha de algema, aí, se quisé aprende até mixa cadeado, tudo, cê aprende na cadeia, eu vi faze, mas eu não sei, nunca tentei faze, mais eu já vi... aprende a esconde uma droga (risos), como entrá uma droga pá dentro da cadeia, ce aprende, tudo cê aprende, é incrível, aqui é uma faculdade, é, na realidade é uma faculdade do crime. " (H. 25 anos).

"Aqui dentro eu to parando e refletindo bem o que eu tava fazendo, prá depois saí na rua e botá os dois pé (bate com os pés no chão), entrá com pé direito, não sai pensando besteira como...seu eu quisé saí daqui e trafica...seu eu quisé sai daqui e vende um carro, coisa que eu nunca pensei fazê assim até na rua, eu nunca sube onde tinha, talvez até faria, mas...aqui se entra uma pessoa primária, humilde, que simplesmente caiu na cadeia porque se é um viciado e não tem culpa de usá, nunca roubou na vida, caiu por causa do cigarro dum maconha aqui dentro, vai saí um bandido, completinho, completinho, completinho, que é isso que a senhora vira, de mal a pior, , eles pegam a senhora, a senhora é o primário, mesmo é que eles zoam, aí que eles botam coisa na cabeça, e essa pessoa que é primário que já tá um pouquinho na vida do crime, por usa droga ele já tá no crime, então... aí se empolga i acha que aquilo que eles tão dizendo vai deixa ela mais...(p) por porta uma arma, por rouba, por mata, por assalta, eles vão botando coisa na tua cabeça, eles não botá assim "ó cara, deixa ...", não, eles conversa contigo assim como se fosse um padre, como se fosse uma professora, e rindo, conversando cá senhora, aí a senhora se incentiva: a é, é. hã, hã...é tal." (K. 25 anos).

"Mas dá cadeia eu num..., não tirei nada como lição de furto, nada assim tá entendendo, foi tudo de mim mesmo, não assim de tá parado, com um colega de cela e ele dize assim "o rapaz, para de furtá, arruma um revólver, vai assalta, esses negócio todo, digo "não, não, não é por aí, não gosto dessas coisas" (B. 29 anos).

"Não, eu acredito qui não, o que é, é e ninguém muda, eu penso assim, se você, você é destinado pra aquilo ali, você tem uma meta, então você vai segui a sua meta, cada um tem a sua meta de segui né, então eu acho que na cadeia não se aprende. Não, não é a escola, pode até influencia em algumas coisa, mas que é escola não, o que você aprende lá fora, você aprende aqui dentro e aprende em qualquer lugar." (I. 47 anos).

"ah! aprendi muitas coisas...a senhora..., é só se a senhora tivé ali dentro pá senhora sabe mesmo o que aprende de ruim ou vê, só vivendo, vivendo, que aqui é um ambiente, aqui onde que nós tamo, passo do portão prá lá é tudo diferente, muda completamente. A Fucabem é o começo da aprendizagem, que a gente aprende rouba, o que faz, o que não faz, como tem pessoas boas, como tem pessoas mal também lá dentro. Fucabem de recupera, ela não recupera , ela se torna pior, a mesma coisa que uma cadeia, uma cadeia tem muitas pessoas que entra com o roubo de um toca-fitas, sai matando, sai assaltando, sai fazendo mil e uma coisa." (O. 28 anos).

"Olha, olha aprendi algumas coisa, mais deu de aproveita alguma né, porque o local era ruim, principalmente, não, geralmente não mexe nas coisas que não é da gente né, aprende a respeita o que é dos outros." (E. 22 anos)

"O que pode ser útil prá mim lá fora? (pausa) ó, o que pode ajuda? o que pode ajuda? é o respeito pelo ser humano. Isso a gente tem que aprende, porque só convive homem com homem, então né o respeito tem que ser muito grande porque se não houver o respeito há problema né, então é uma coisa que se admira muito dentro da cadeia, é o respeito de um pelo outro, é uma coisa que se aprende muito dentro da cadeia.(I. 47 anos).

"... que aprende aqui é ser...a respeitá (pausa), que aqui se você não tem respeito...se você não tem aqui, você não tem lá fora. Respeito entre os amigos...pelos próprios colegas de cela, se faz lá uma brincadeira com um, coisa, mas até um limite né, uma brincadeira sadia, não uma brincadeira assim de... que o outro, que o outro sabe que o outro não gosta ele não vai faze né, então qui a....cadeia é uma escola, uma escola qui... , uma escola que a gente aprende algumas coisas, que a gente não sabia lá fora...(pausa), como a respeita as pessoas né, (J.19 anos).

"Experiência que a gente aprende dentro da cadeia. Uma experiência assim, convivê com as pessoas, convivê, sabê o que é errado, o que não é...em relação assim, em relação a tudo né, como aprende o que é ruim e o que é bom, que a cadeia não ensina só o ruim, ensina o bom, muitas coisas tem de bom...ah! eu aprendi muitas coisas né, aprendi a respeita desde o mais pequeno ao mais grande, não é porque uma pessoa é mais fraca que a gente não vai dá o respeito, eu acho que sempre tem que te o respeito. (O. 26 anos).

"eu tenho certeza que eu vou ser a mesma pessoa, talvez até mais melhor ainda, porque esse tempo que eu fiquei aqui eu aprendi muitas coisas, aprendi a enxergar muita coisa, que talvez até em 10 anos lá fora eu não ia enxergar" (C. 32 anos)

"Eu acho que depois dessa cadeia que eu tive agora, que eu sofri um monte né, sofri assim modo de dizê, né, sofri porque com saudade da minha família e tal, mas eu vô, essa cadeia me ensinô mais um monte de coisa, no caso né sê mais humilde, respeitá mais as pessoa." (D. 26 anos).

"...óia na rua eu era muito nervoso, eu me estorava por tudo, aqui dentro não, aqui dentro eu já sou mais calmo, já converso ca pessoa, é eu já converso, eu não vo já batendo ca pessoa, eu tento conversa o máximo possível.....cá pessoa, até minha mulher disse que eu ainda.....mudei, fiquei mais calmo, que ela disse: "ah esses dias brigasse comigo, só brigasse comigo, não xingaste tanto" (risos).(M. 31 anos).

"Você tem que sabe lida com todas as situações, tem que sabe lida com as coisas, você aprende a lida com as coisas, situações difíceis, menos difíceis, situações tensas, menos tensas. Com a vida lá fora também tem situações mais difíceis, menos difíceis, mais tensas, menos tensas, você aprende a lida com percas, então você sabe direito a dosar suas perdas, você começa aprende a lida com elas, então, isso tanto é dentro da cadeia, como na rua,

você tem que sabe lidá. Ah ajuda! ajuda até você se controla, se você é um fumante, você não tem cigarro você tem que, tem que, si não tem...tá no castigo dentro da cadeia, você não pode fuma, que o cigarro não entra no castigo, você tem que se controla, então tá te ajudando a controla o vício, tá te ensinando, se você pode controla esse vício durante 30 dias no castigo, você pode controla ele o resto da sua vida, pode se livra dele." (G. 35 anos).

"porque geralmente hoje em dia dona D. a gente vê qui...as cadeia lá no Rio, na cadeia do Rio, tem ummmm...tem oito cela que está né, então ali a gente vê o que? as pessoas que, que era traficante, ex traficantes, todos se convertendo, ali é o nosso espelho tamém, é o nosso espelho, a gente vê . Eles mudaram porque a gente não pode mudá né ( N. 33 anos).

### *Esse tempo que não passa.*

"É o meu, o meu dia a dia dentro da cadeia é trabalhando é me movimentando, é fazendo alguma coisa prá preenche o vazio né, um vazio né, se fica parado fica aquela monotonia, então não, não gosto de fica assim.. Só a noite que nós joguemo um dominózinho, senão uma canastra, durante o dia nos gostemo disso, durante o dia é só mais é rindo mesmo. (Risos) é o meu melhor lazer. É ri. Ri de qualquer coisa, é a gente paga, às vezes tá aquela monotonia, é o seguinte acha alguma coisa engraçada, ou tá pegando no pé um do outro, é... aí passa o tempo...." (A. 35 anos).

"Eu já pago cadeia já desde 89. Vai fazê (pausa) vai faze 10 anos. Hoje, hoje em dia né, nessa cadeia que eu to pagando de 1 ano e 4 meis, eu acho que eu já fiz na faixa de mais de 1000 barco (pausa), nesse tempo que eu to aqui dentro,...eu tiro alguma hora pá, pá algum lazer, né, no caso "vamo jogá um baralho, depois vem: "ah! tamo trabalhando assim "oh acabô minha linha" "pois é eu tamém não tenho cola" pô to.... outro colega assim que faz outro tipo de artesanato, "ah então vamo joga um baralho" "vamo, vamo jogá" vamo joga umas duas, três partidinhas aí depois a gente inventa alguma coisa prá fazê ou pega tinta vai lá, pinta um monte de tela, então é assim o dia todo, o dia e noite, tem dia que é dia e noite trabalhando, não só o dias, a noite tamém (pausa) a gente junta o dia e a noite pá...fazê as coisas né." (B. 29 anos).

"Eu fico eu fico a maioria do tempo assim trabalhando. É serviço dá, ajudando assim né, na administração da galeria, né ali, né ali a gente procura preencher o tempo com esse serviço né, de limpeza, organizando. É e tem que também, tem que também de manhã até o meio dia com a comida, a gente paga comida pra eles a noite e também depois da tranca tem aquela hora que a pessoa fica ali só prá ajudar, gente fica na rua um pouco mais tarde né e aí a gente vai ajudando também, uma hora, uma hora e meia de tranca vai que eles precisam, a gente procura ajudar né. E no tempo que está mais vazio, a maioria do tempo é pensando muito né, pensando em casa, pensando na família. E também acontece de pra não fica pensando muito procurar serviço, procurar alguma coisa prá fazer, jogar uma canastra, assistir um programa de televisão, ver um jornal que é muito importante, escutar até uma música pra tentar pelo menos se distrair um pouco. Eu prefiro me ocupar, né, porque a partir do momento que eu to me ocupando, talvez até tenha, esteja fazendo alguma coisa diferente que eu não sabia fazer que de repente aprende né. E acho legal prá mim, pro

corpo, pra mente, acho que é melhor você do que tá, tá bem relaxadão o dia todo." (C. 32 anos).

"Eu levanto por volta das 7:30 e to estudando, to. Tem uma, uma escolinha no presídio, então eu to passando, a manhã eu ocupo com os estudos, eu tiro a minha manhã pra estudá, conversá né. E a parte da tarde eu trabalho com tapete, né. E..... pensamento na família, né, na rua, nos momentos que a gente tinha na rua. (H. 25 anos).

Eu ocupo meu dia a dia na prisão trabalhando na reciclagem, né, no setor de papel que a cadeia pública tem né. pá passa o tempo nós temo as 4ª feira, que é liberado né o futebol prá nós né, prá quem trabalha, e o mais eu leio e vejo televisão é o meu passatempo na cadeia né, e conversa com os colegas. (I. 47 anos).

"De manhã eu estudo, a tarde eu só procuro treina, estuda mais ou joga bola né." (E. 22 anos).

"Fico conversando, vo jogar um baralho, jogar uma bola, vê uma televisão, trocar umas idéia com os amigo. Sou regalia, faço vários, várias funções na cadeia." (L. 28 anos).

"Po tempo passa escrevo umas carta pá mulhé e jogo bola. Essa é minha ocupação". (M. 31 anos).

"Eu tento (pausa), eu tento não lembra muito da rua né, apesar que a gente lembra, apesar que a gente lembra, mas eu tento faze o máximo possível prá tentá esperá né, não se, as vez eu faço né, ou, que as vez um, tem gente, que as vez eu lavo a ropa prá um, ganho cigarro né, faço, faço uma coisa prá sempre tá distraído, prá não tá muito pensativo né, as vez tá parado, tá pensativo, tá...tá pensando na rua i...é ruim" ( J. 19 anos).

"Eu to estudando, to trabalhando, tô me ocupando do jeito que eu quero me ocupa na rua, só que na rua eu acho que não vô continua o estudo, mas trabalha eu vô," (K. 25 anos).

"Na primeira cadeia era pátio, eu estudava, participava da religião e assistia um pouco de televisão. Na minha segunda cadeia que é essa que eu estou agora eu, a primeira parte dela eu pegava pátio, eu lia muito, assistia um pouco de TV e na metade da minha cadeia prá frente eu comecei a trabalhar". (F. 27 anos).

"Eu trabalho.....oro muito, pedindo ajuda a Deus pá mim pode superá os meus pobremas. Trabalho na reciclagem, e quando as veiz quando cabo de trabalha, já me apego mais na bíblia.(N. 33 anos).

"Daí eu fico: "Po, mas eu não posso voltá, eu não posso voltá porque é o seguinte, eu vo vendo, vo vendo, vo vendo, que a gente vai envelhecendo dentro da cadeia e não tem um futuro definido, né. E tirando o tempo que eu tô passando aqui a polícia tá mudando, assim passa na minha cabeça né, pô agora quando eu fô pá rua, e já não ta mais aqueles fulano lá no DEIC, o DEIC já num vai mais me persegui, né, o Arruda tá lá no "segundo", lá no segundo eu não vo mesmo porque é a minha família que mora lá. (A. 35 anos).

"Você tem que analisa, o tempo aqui ...eu hoje eu vejo assim, o camelo (risos)prá atravessa o deserto ele se abastece de água né...ele fica 6 meses até sem toma água, então a prisão pode ser, pode ser! não to dizendo que seja, pode ser prá algumas pessoas, uma fonte de energia prá atravessa o deserto da vida lá fora, desde que ela tenha todos assessoramento que eu falei antes, pode ser isso. (G. 35 anos).

### *A sobrevivência na prisão.*

"aí eu chegava perto dele, pensava, eu falava assim "pô o cara tá há 15 ano, ele vai saí daqui, vai saí, vai saí como: matando, roubando, destruindo". Que nada, a idéia dele é totalmente diferente, a mente do cara muda muito, ele...me deu bastante conselho sabe dona D., ele falava: "J., o J., vo te falá....cara a gente tem que dá muito valor nossa liberdade, tu chega na rua, chega pá lá, pá tu sai daqui roba, matá, destrui lá fora, não vai não... não vai não, olha prá mim, eu so teu espelho" falando prá mim né, " Ó já to preso aqui 15 ano, há 15 ano que eu to preso aqui, to cheio de cadeia....se você saí lá fora...tive oportunidade de i embora, saí lá fora, tu pratica as coisas errada, tu vai voltar, certamente tu vai voltar, tu vai volta, se não for pro cemitério", falo prá mim né, aí ele: " e quanto tu volta, tu vai volta com muita cadeia, aí tu vai vê... como é ruim" (N. 33 anos)

"Ali é o tipo dum, duma família, né...e a gente vai levando né, a vida é assim, né. Todo mundo respeita, um respeita o outro, tem que respeita a criança como o mais velho, todo mundo, aqui é uma casa de família. Se a senhora entrar ali, a senhora viu, a senhora entrou ontem ali, a senhora viu, a, como a rapaziada te tratou . Eu acho que ali também se tem, se tem união né, união, respeito, em 1º lugar tem que ter respeito" (L. 28 anos).

"aí algum diz prá mim. "sim B", (meu apelido é B.), tu vai se caretão" " o cara, deixa minha vida", alguém vê e cutuca, " o que que é, porque tá pagando", "não to pagando, cara, não quero, não quero, não quero", aí outro dia ainda fui dize prum detendo , que não vô cita nomes, que disse prá ele assim: " o cara, eu pretendo reconquista minha família de novo e saí dessa vida" aí sabe o que que ele me disse: "já tais no buraco, tu não sai dessa" eu disse "olha" aí pensei comigo, pensei em pensamento "só Deus qui sabe", fiquei quieto no meu canto. Eu prá eles so uma pessoa qui, eu to descartado do meio da roda deles por eu ter parado ca maconha, muitos me culpam, me julgam, acham que eu estou errado (K. 25 anos).

"No meu caso eu já tive, eu já troquei de cubículo um...., eu já troquei de galeria uma vez, eu já troquei de cubículo 2 vez. No momento agora eu to numa boa, eu to numa boa, eu moro com uma rapaziada boa, com uma rapaziada que não, não tá muito cheia de cadeia.... são todos com uma mente assim, oh, todos eles tem família e pensam na família na rua, não pensam como eu em fugi... nós entramo pela porta da frente, nós vamo saí pela porta da frente. Então eu acredito que eu não poderia tá melhor, em matéria de coleguismo numa cela, porque eu sempre tive essa preocupação de morá com alguém que, que eu não vá prejudicá essa pessoa e que eles não vão me prejudicá, né..."(H. 25 anos).

"A cadeia tá virando uma creche, não é mais aquela cadeia como eu conheci "as vezes se tá

dormindo assim ó(olho aberto outro fechado) , que é o certo, dentro da cadeia se dorme com um olho aberto e outro fechado, né, É assim, a faca debaixo do travesseiro. Não tinha outra maneira .Então eu to me acordando agora, eu não quero que amanhã ou depois venha pessoas passar o que eu to passando, o que eu passei, eu acho que não vão consegui passar né, O sofrimento, o espancamento, né, de de repente tá sentado na janela na hora errada, eles entra assim por dentro do cubículo assim já dando chute, né., tem de parar no hospital ou ir pa enfermaria com sequelas né." (A. 35 anos).

"A penitenciária, que eu puxei maior tempo de cadeia foi na penitenciária. A penitenciária ela simplesmente, você tinha aqueles direitos: "era não senhor, sim senhor, café da manhã", ela não te dava mais nada. Você via um assistente social, no tempo que era a Dra. R. a situação era mais, assim constante, você conversava mais com as pessoas, logo depois ela saiu, assumiram outras assistente social na penitenciária e o trabalho se degenerou, você só via de 4, 5 mês, e o psicólogo só de 6 em 6 meses, ou de ano em ano, é, fazê avaliação pô semi-aberto..."(G. 35 anos).

"Sê bom prá todos eles, e não falá de ninguém (pausa) se eu sô bom pá, pá pessoa, a pessoa não vai se ruim prá mim, ela vai se boa tamém, ela vai tentá retribui né, iii então se chega ela aqui, vamo supor, vo chegá aqui principalmente pá senhora vo dize "ah fulano de tal é isso e aquilo" eu não, não so desse lado, " ah que fulano de tal..." "não o cara prá mim é uma pessoa boa, ó não sei se ele tem problema com outros ou com alguém da direção, mas prá mim é uma pessoa boa, sendo uma pessoa boa prá mim eu não posso falá mal dele, né, i eu trago em assim e vê tamém aqueles lado assim ó tal tal vai dá uma briga assim que é por coisa banal, estilo um cigarro, ou que seja uma carteira: "oh deixa prá lá, pega aqui ó o cigarro, eu do o cigarro prá ti né, aperta aí" so prá não vê aquele, aquela guerra entre dois, porque os dois não vão ganha nada caquilo ali né, aí chegava prá eles e conversava ali" (B. 29 anos).

"Pretendo jogá o jogo deles, enquanto eu tivé preso, eles conversam coisas que eu não posso dizer nada, por exemplo, "B., que qui tu acha de quando saí daqui, tu i prá tal lugar é, é...numa casa de alguém traficá, ganha um dinheirinho limpo e...prá eles é honesto, tráfico prá eles é honesto, um dinheirinho fácil e...tranquilo, não qués trabalhá com nós, digo "é cara, talvez", eu entro no jogo deles, que senão eles vão batê na gente, eles maltrata a gente! então eu jogo o jogo deles, aonde é, quem é, como eu faço, que que eu faço, i daquele dia em diante eles vão: "O B., daí, pá, tudo bom", eles trata a gente bem , porque? , porque a gente entro no jogo deles, agora se a senhora vai dize: não cara, não quero mais essa vida" eles tratam a senhora como um...como eu vo dizê, um...indigente dentro da cadeia, como alguém que não tem ninguém, por ele, o pau pega toda hora, que é isso, não!, tem que faze o jogo deles, eu tô preso, tanto é que as vezes eu chego do colégio, eles cumprimentam todo mundo, ó o caretão, eu eles me chamam assim, mas tudo bem eu baxo minha cabeça e vo pro cubículo, faço os deveres, deito na cama, tô até aprendendo chamá de jega, é. i o dia a dia é isso ai."( K. 25 anos).

"É eu procuro né, coordena né, procurá conversá prá amenizá né o sofrimento que a gente tá passando, então eu procuro conversar, organizar da melhor maneira possível, pá gente , que a gente possa né, ir vivendo até a justiça acha que a gente tem que ir prá rua né. Eu procuro leva da melhor maneira possível né, não procurando me alterar, procurando

sempre... conversar, que eu acho que é o melhor do que a agressão, essas coisas assim né, eu acho que uma boa conversa eu acho que é tudo né, eu acho que o conviver bem é o dia a dia de cada um e cada um cuida...né de sua vida né, então o mais é só conversas e procurar conversas boas prá não né, não levá prá outro lado". (I. 47 anos).

"Primeiro lugar tem que ter humildade, em segundo, reparti quando tem sobrando, um pão, um...qualquer coisa que seja né, fruta, é isso que acho que é o principal no dia dia né, humildade, quando tivé alguma coisa que possa reparti é ótimo, né mas primeiro lugar é humildade,, ajuda a vive bem, quanto menos fala melhor também né, escuta mais e falá menos é melhor" (D. 26 anos)

"O que tem prá resolve, eu resolvo, eu mesmo, não conto pos outros, sempre conto comigo. Não, ali sempre foi, ali vai primeiro po regalia, nós levamo po....antes de acontece algum negócio nós falemo co regalia, prá eles, se fizemo ou não fizemo entendeu, dividimos.....nós dividimos....nos falemo co regalia primeiro, faze tal coisa.....é sempre falado com ele.....pega um memorando, tem que passá por ele, se tivé alguma coisa escrita, tem que passa por ele primeiro, antes de caí na mão de vocês. Se vai prá frente ou se não vai, e aí nos vamo.....é uma galeria muito unida, isso é .....isso é o mais importante, galeria muito boa, ninguém nunca fala mal entendeu , só que a gente não vão aceita certos tipo de pessoa ali dentro....(M. 31anos).

"É que nem dentro da galeria tem um monte, que apanha ali e chegou aqui, que que foi? ah. aí eu...por exemplo eu peguei dois de pau, aí eu passo a mão e digo ó fulano: "tu e tu, se eles baterem na porta querendo sabê quem foi que bateu no cara" chegam lá já vão assumindo" "Ah tá limpo V.! é o que eles vão faze! mas eles vão faze aquilo com medo ditora "Se não faiz nós apanha" É o mundo, é o mundo de cão". (A. 35 anos).

"Sim minha opinião é válida muito, né., que eu sô um dos mais velho na galeria e eles perguntam sobre muito minha opinião, é sobre visita, ou de repente alguém ou outro que discuti com outro, a gente senta e conversa com eles e chega um acordo né, aí é onde eles aceitam minha opinião é sempre o lado favoritivo né" (E. 22 anos)

"A regra que tem é a pessoa..... tentá se dá bem com os colegas..... os outros detentos e, tem muita regra, tipo assim, você não pode fazê o jogo dele, tem que ficá do lado do preso. Prá ti se dá bem numa, num presídio, prá ti, não, não arruma briga, ou até mesmo temê a vida, a própria vida da gente, a gente tem que botá limitações. Conversá com eles mais.....o mínimo possível com os administradores da cadeia, o mínimo possível....pode havê uma tentativa de fuga, aí, se aquela fuga dá errado, aí o preso, vamo faze um tipo o preso vai muito lá prá frente, esse preso já é o número um da lista.....aí eles vão te que arruma um culpado, as vezes tu não fez, mas sobrá prá ti. Eu, eu to dizendo porque já aconteceu comigo né, tava na máxima, na máxima eu fui acus..., eu perante aos presos eu fui um delator, mais eu to com a minha consciência que não fui eu . Não fui eu que derrubei, mas porque, porque é o meu jeito, eu procuro me dá bem com eles, converso com eles e so, so, é, se ele sorri prá mim, eu sorrio pra ele, não so um cara fechado"(H. 25 anos).

"É sempre e ó mais velho no barraco que, que mantém né, que fala, é o primeiro que fala e o último que dá a opinião sobre o que é e o que não é errado no cubículo... limpeza, isso e

aquilo, quem faz a limpeza, quem não faz...não é muita responsabilidade, se a gente tá num local desse, sempre tem que te um que deve, deve, deve mantê organizado a limpeza no barraco, senão o cara vai mora num chiqueiro, acho que nós não samo porco, não samo nada... todo mundo respeita. Tento não arranja encrenca né, conversando com as pessoas, mantendo a paz de, acho que é importante né." (O. 28 anos).

"Vê e não pode fala nada, porque quem, quem fala alguma coisa no nosso meio, tem a punição, então a gente..." (F. 27 anos).

"Ah, eu, eu tento, tento faz o que, o que...tem umas normas da lei na cadeia né, tento, tento segui essas normas prá não...prá tentá não sai fora da linha né....ah., eles já tinham me dito né, e eu ...a gente é obrigado a fazer prá não, como diz o ditado prá não pisá né, (risos). Vamos supor quem tá dentro da cela, um quando tá comendo não pode i...no, no banheiro né, quando..., o pátio agora eles disseram lá que não pode mais cuspi no pátio, sabe que as vez entra visita e uma criança ou outra pode sentá no pátio i...é... prá dia de visita não pode, não pode ficá dentro da cela, tem que fica no corredor quem não tem visita né, quem...não pode tá andando no corredor tá, tá atrapalhando as visita dos outros, não pode tá olhando prá visita dos outros, só se for convidado. O que que pode? (pausa), dia da visita não pode nada (risos) só, só cumê, só na hora da comida e...aí pode pega seu prato e fazê, pode cume no pátio né, , aí durante a semana é livre, aí pode, pode ficá a vontade depois. Graças a deus...as vez a gente...erra um pouco, mas daí, as vez eles corrige "o', não é assim, não é assim, né", mas eles tem um certo limite, avisá até um certo limite, se persisti no erro, aí , aí a coisa pode piora." (J. 19 anos).

"Prá ficar bem aqui dentro? É, eu sou muito sincero, o que eu tenho prá falar eu falo prá pessoa mesmo, entende? Se uma pessoas chega me pedi alguma coisa, dependendo da pessoa eu digo que tem e digo que não vou dá, se eu acho que a pessoa merece eu dou. E, isso aí constrói é, e um certo, um certo, proteção, se a pessoa sabe, tem pessoas que nunca me pedem nada porque sabem que eu não vou dar, e eu não vou mentir que não tenho, eu vou dizer que tenho e que não vou dar. Entende? então ela sabe que você tá agindo certo, de certa forma, e também não tá agindo errado. Não vou dizer que isso é certo e isso é errado porque se for medir ambas as partes não vai chegar num ponto comum. To conseguindo conviver bem dessa forma porque você demonstra que você não teme nada errado, você não tem nada errado, porque, é no mundo que nós vivemos ali dentro se você adula muitos as pessoas, se você se desfaz de algumas coisas que você tem prá dar pra essas pessoas , ela acha que você tá devendo alguma coisa, que você tem alguma coisa errada. "Não, ou tem alguma coisa errada, porque ele agrada muito, eu peço alguma coisa ele me dá, ele me manda isso, ele me dá isso, ele me dá aquilo, então tem alguma coisa errada". Não que eu não dê, por incrível que pareça, eu até do, mas de livre e espontânea vontade, sem a pessoa me pedi e, sem ela esperar, ela recebe. As vezes a pessoa nem tá esperando, eu chamo ela: "ó fulano vou mandá um negócio prá ti aí", mas ela não tá esperando e jamais vai estar esperando que eu vou mandar alguma coisa prá ela, dessa forma." (F. 27 anos).

"Simpatia né, sou um guri assim calmo né, desabafam, eles pensam qui... se der é o seguinte, bate no cara, manda andá, tu não deixa o cara toda hora tá dando no cara, zoá o cara na cadeia não, comigo não é, eu já vou parar, já separo, ou mando o cara sair. E funciona né dona D., a cadeia tá boa ali, nosso cubículo ali, a galeria nossa tá boa, não tem

muita briga, tu vai levando tipo assim né, não penso mais em violência, eu brigava todo dia dona D. na cadeia. Todo dia, uma briga de manhã, uma briga a noite. Todo dia, mudei, briguei com o H. aquele dia só por aquele, aquele fato ele achava que era o tal cara, zoa, não vai vim com espeto fura que eu não vo deixar, mais covardia, é bandidão! nesses bandido a gente dá um jeito né, só isso" (L. 28 anos)

"No começo a cadeia nunca me proporcionou nenhum trabalho, nenhuma terapia nem nada, você tinha que... sobreviver dentro do sistema, né. Todo dia era uma batalha prá você se manter vivo, não perde sua dignidade, não perde seu respeito, não perde seu próprio espaço que era difícil de ser conquistado. A penitenciária era horrível, (p) a penitenciária é um sistema totalmente horrível, se tem 2 horas de pátio, para 22 de tranca, na penitenciária você tem que sobreviver.....na penitenciária você tem que sobreviver." (G. 35 anos).

"Só que na cadeia, se você é bom, você é esnobado, você é abusado, você é jogado, é maltratado, não, você tem que ter aquela...elas acham que a gente tem que andar sempre de cara fechada e ser o que eles querem, brigá, fumá maconha, chera cocaína, as vezes eu nem saio de dentro do cubículo, fico dentro do cubículo, não tô acostumado com isso ah, não to, mas o que eu posso fazer, as vezes um me pede prá lavar um... uma camisa, só não vo lavar a zorra do cara, eles pedem eu lavar porque, porque vem chuta a gente " que que há rapaz, tá pensando o que", são pessoas bandida, como diz, bandido não existe não senhora, não existe, é pessoas que tem...sei lá. Não compensa, não compensa não só o sofrimento e o envolvimento com as pessoas aí dentro também a senhora sofre muito, tratamento que eles tratam a senhora, ter que lavar uma roupa pra um homem, que é isso Dona D., eu lavar, você faz o que, só obrigado a lavar, se eu não lavar vo apanhar" (K. 25 anos).

"Porque vamos dizer assim, se eu for pra dentro da galeria, eu vo fazer o que, vo fazer uma quadrilha. Vo escolher 5 ou 6 cabeça e nós vamos comandar ela, então nós respeitamos nos 5, o resto, vai se submisso, né, pessoas inocentes desses novatos que chega agora, como é que diz é, os novatos. Os novatos a gente vai tirar pra bom, é volte e meia vai levá eles lá limpar o cubículo, toma um monte de tapa, né, um jeito de se soltar a neurose, ou de quem ensina né." (A. 35 anos)

"Ah! eu, a gente conversa, a gente brinca, a gente dialoga, a gente....a gente joga baralho, a gente joga um dominó, a gente assiste uma televisão, um documentário, a gente se dá bem, não é todo mundo, é difícil se dar bem, se dá bem com 6 pessoas, é impossível, dizer que numa cela de presídio todos são amigos, amigos, amigos, sempre tem algum que tu não simpatiza, né..." (H. 25 anos).

"Na cadeia de Itajaí. eu nunca tive briga com ninguém, mas o clima de lá é mais pesado de que aqui, lá o clima é mais pesado do que aqui, eu não sei, lá...eu acho que vem da cadeia mesmo, o pessoal, não é que lá tem mais bandido do que aqui, são todos iguais, mas o clima lá da cadeia né, a gente não pode por exemplo, qualquer pisadinha é um motivo pra uma surra, um monte de espeto." (D. 26 anos).

"Isso aí, que ele faz isso aí numa cadeia lá...numa cadeia grande no Rio....ele vai apanhar que nem cachorro...vai apanhar...vai apanhar. Uma vez, lá a visita lá no Rio dona D., nós tava todo mundo na visita, aí o cara....chegou: "trouxe dinheiro pra mim hoje", falando pra

mãe dele né, a mãe dele: "não filho, sabe que a situação lá fora tá fe...tá ruim", "que tá ruim o que, vai trabalha...vai te prostituí, pá traze dinheiro pá mim", e deu uma banda na mãe dele, ah. prá que...foi a pior coisa que ele fez na vida dele, foi a pior coisa, a velhinha...mãe dele...deveria ter uns 50 ano, mas já tava bem uma coroinha né, aí cabô a visita, cabô a visita, entro pá galeria, quando ele foi pá galeria e já entro apanhando, os próprio conselheiro bateram nele, e corre vagabundo.....quando ele entro pá dentro da cadeia nem era prá deixa o cara entra, mas sabe como que é né, aí deixo o cara entrá prá dentro da cadeia, apanhô dona D., mas como o cara apanhava, só não mataram mesmo porque não deixaram matá né, mas que apanhô, apanhô pá caramba, apanhô muito." (N. 33 anos).

"Eu criei uma história que respeitava, não o P. C., mas o C. Porque é que respeitava o C.? porque o C. tinha uma, uma índole lá fora já na violência, era ligada a violência, quando eu fui preso, teve...e uma reação com a polícia, dentro do sistema nunca... fui de tá engolindo coisas erradas no sistema, que eu sei que tá errada, que a lei não prevê que façam, que tá errado, sempre bati de frente com isso. Quando você bate de frente com o sistema, o sistema é arcaico, você sabe que ele tá errado, você prova que tá errado, porque tem a lei prá ti prova que ele tá errado, o sistema não gosta de você e você fica visto, cria um nome em torno de você, uma aura e que influí da seguinte forma com os companheiros de dia a dia, eles te respeitam, não porque tu é uma pessoa, mas porque tu é um nome, a partir do momento que você perde esse nome, você não tem mais o respeito." (G. 35 anos).

"Deus tem me dado força prá seguir, os problemas surgem, porque as pessoas já não te respeitam mais, procuram tomar o teu espaço, começam já... a formar grupinhos, porque tu te afastô do grupinho deles, então daí, já cria outra coisa, você não é mais o C., você é só mais um. Comecei a trabalha um outro lado, comecei a trabalha o lado que eu tinha que... tentá apaga aquela minha imagem que eles tinham em mim né, de um mal, de um cara que não engolia nada, deixa de ser arrogante. Então eu tenho que tá me cuidando." (G. 35 anos).

"Agora quando eu recebo notícia assim, eu não demonstro, que eu acho que não adianta demonstrá tristeza né, num local desse, nem na rua. Mas é o seguinte eu vo ganha ponto, á porque o V., o V. é, e do morro, o V. é traficante, o V. é isso, o V. é aquilo, então aqui a senhora não é, não tem valor, só tem valor seu, seu sobrenome ali né, a atiqueta que ela tá nas costas. O C., a senhora pode vê, a senhora não vai vê ele um dia sujo aqui dentro, a senhora não vai vê um dia é, sem a barba, com a barba não feita, o cabelo grande, nada, porque aqui ele tem um sistema, aqui ele é o "C.", ele tem, de se, como é, um malandro, pá pá pá pá si próprio e pá comunidade que ele é malandro, "ah não, eu tenho que mostrá prá eles que eu sô malandro, Então quer dize, fica esse negócio assim de eu quere me mostra. " (A. 35 anos).

"só se a senhora tivé ali dentro pá senhora sabe mesmo o que aprende de ruim ou vê...só vivendo, vivendo, que aqui é um ambiente, aqui onde que nós tamo, passo do portão prá lá é tudo diferente. Muda completamente, a gente, a gente não muda, a gente é o que a gente é, a gente é o que a gente é, mas o sistema de vivência, o sistema de vive, o sistema de conversa. Tem que tê, sempre tem a, o, a lei da cadeia, a lei da cadeia existe né, lei da cadeia se chama, que se você vê alguma coisa errada, não sabe, não viu, é mudo, cego e surdo. Boca fechada, esses sobrevivem dentro da cadeia, quem fala demais se atrapalha." (

O. 28 anos).

"O que passou daquela porta lá prá dentro é um sistema só. É tudo unido, é não e pronto. É que nem eu digo prá senhora e torno a repeti e espero que a senhora um dia vai fazer ainda. É pegá esses novato que tão chegando, novato, piolho velho não adianta, piolho velho já sai doutrinado e vai voltá mais doutrinado ainda. Esses novatozinho assim, esses guri novo que tão chegando né, e a senhora tentá conhecer ele naquele momento, no momento da fraqueza, porque depois que ele vai pela porta e já não é mais, já não vai se mais réu primário, ele vai se laranja lá dentro e de laranja ele vai se transformando em bandido." (A. 35 anos).

### *Para quê serve a prisão.*

"A prisão existe, prá mim, existe pá recuperá as pessoa né, as veiz as pessoas erra, mas erra, até mesmo por causa do erro que elas vem pará aqui dentro, aqui pode refleti melhor o que elas, o que elas fez, prá que não volte...não venha erra mais, não venha voltá prá esse lugar aqui., eu vejo já diferente, eu vejo que aqui é um lugar, é um lugar, poxa que pessoas, tem pessoas que as veiz, que faz tantas coisa ruim lá fora, as veiz eles, eles tem uma oportunidade de, de mudá de vida. ,não tem, porque...existe uma força ruim que não deixa a pessoa enxerga, e aqui dentro a pessoa sofre, sofre, sofre depois ele fica pedindo a ajuda de Deus e num momento ele se entrega. Educa a pessoa, tem pessoas que muda mesmo, tem pessoas que muda., tem pessoas que muda, mas tem umas pessoas, as pessoas que não muda, são as pessoas fraca, que não qué sabe, a pessoa que não gosta mesmo, assim...de trabalha mesmo. Eu vi né, ali eu vi que a cadeia educa, sai muitas pessoas boa aqui da cadeia tamém, que muda de vida." (N. 33 anos).

"...a cadeia ela é feita pá educá as pessoa, não pá fazê um local do crime, porque, poxa se cadeia fosse coisa assim pá senhora fazê o crime, já era um criminoso... já voltava a se um criminoso de novo pá rua...". (N. 33 anos).

"Isso aí é um bem que vem prá mal, essa cadeia prá mim, foi a vida da prisão...eu mudei...ajuda, ajuda porque a pessoa para pá pensá, digamos.....se a pessoa pará pá pensá e se ela quisé voltá....é porque ela gosta....ela gosta diiii..de sofre. Porque desde a hora que a pessoa primária passa aqui dentro, ele caiu ali dentro, se ele refleti bem ele nunca mais volta, ele nunca mais volta. Através dos amigo ajudam também né...os amigo dão bastante conselho.....e isso é muito importante né, a na hora de mágoa eles vão lá, te ajudam, tentam subi né...mudá teu astral, que ali dentro a senhora sabe né, a gente só pensa besteira, mesmo sendo...fiel e tudo, mas sempre vem...só vem carga ruim né dona D....aquí só vem negativo....sómente negativo.....mas eu peço muito a Deus né...mas vê por um lado até foi bom, por um lado assim até foi bom, porque nessa época, eles dizia que eu tava cherando muito entendeu.....Não cherava todo dia, mas quando cherava era demais, , aí onde veio isso aí....e até hoje...vai fazer um ano e pouco.....é um ano e um mês faz agora.....que eu to aqui, eu ando beleza, dorme melhor, faz um plano ca pessoa mais melhor, fala ca pessoa de frente a frente, tas falando ca pessoa pura, tas falando ca pessoa de cara, e você de cara tu fala bem, agora se você já....aparência já melhora, já melhora bastante, ali um cara disse que eu tava moço. " (M. 31 anos).

"Se a gente vem prá cadeia, a família vem, traz compra, não deixa falta nada, a pessoa se sente...a vontade, não a vontade porque tá preso, mas não falta nada, tem o apoio da família, tem amor com a mulher, na cadeia tem conjugal, tem tudo, comida dá boa, então quer dizê, a pessoa vem presa, só fica pensando "ai, não vejo a hora de eu saí, prá continuá de novo", não, então a gente ganha um desprezozinho, prá mim tá sendo ótimo, ótimo, ótimo, uma terapia mesmo., Então quer dizê, eu venho prá cadeia , eu to na rua eu to aprontando, mas eu não tenho aquele grande medo, qui se eu voltá prá cadeia, minha mulhezinha vai tá lá, aí vô vê as criança, eu vô ter compra, eu vo te cigarro pra mim fuma, vo fica de perna prá cima vendo televisão e tomando banho, comendo de graça, então...não é isso, ela tá fazendo ótimo, ela tá me ensinando qui... isso não é vida, aos poucos eu to aprendendo bastante, eu larguei a maconha aqui dentro, era o único vício que eu tinha , então prá mim tá sendo bom, eu tenho certeza, qui pode ser...até uma benção de Deus, se eu tivesse na rua, eu podia tá morto, podia tá...não sei o que teria sido de mim, aconteceu, to bem graças a Deus de saúde, tá...to estudando, trabalhando, vo sai daqui bem, tenho certeza que eu vo saí daqui bem. As vez eu parava pensava, mas não refletia como eu to refletindo, esse momento aqui dentro prá mim tá sendo ótimo, porque eu to tendo tempo prá pará, pensá e quando eu saí, eu vê que a vida não era aquilo, vivê atrás de uma grade, grade, se é que existe, é prá cachorro, prá animal, que nem prá isso, nem prá eles eu quero isso, vo lhe se sincero, pô passá quinze horas atrás de uma grade senhora, atrás de... só grade, aí a senhora saí 9 horas da manhã e voltá as 5 da tarde, 5 e meia, isso não é vida prá ninguém não, pô, ainda se eu não tivesse..."(K. 26 anos).

"Porque as pessoa que chega na cadeia, começa a coisa assim é... porque tem mente fraca né, tem mente fraca, porque ó, fui preso, eu to preso, eu vim pá cadeia, vo fica botando ainda mais coisa ruim dentro do meu coração, "ah. vo saí daqui, vo matá, vo robá, eu vo me envolve com crime", com o crime de novo, não, não porque a pessoa que, que faz isso assim, dona D., que pensa em saí lá fora lá e continua na vida do crime lá, porque eles já não...assim, eu... vejo que não sofreu nada ainda" (N. 33 anos)

"Eu era magro, eu me considero uma pessoa, hoje eu sou forte, bastante saúde, eu não sei se tava hoje aqui vivo na cadeia ou tava na rua morto. É, eu acho isso." (L. 28 anos).

"Só que tem uns que é 40% 30%, talvez até tenha um pouco de..., esteje mais, assim enxerga mais, que já tá ali mesmo pelo erro que cometeu. Pensam de se organizar quando sair, pensam em fazer coisas diferente, pensam em ser outra pessoa. 30% bem mesmo, pensam mais isso."( C. 32 anos).

"De modo geral eu acho que eles, todos eles acham a prisão ruim, todos os presidiários" (C. 32 anos).

"Acredita que é ruim aquele que, que optou pela opção do crime, aquele que optou pelo crime ele acredita que é ruim. E a pessoa que tava na rua com a vida totalmente desnorteada, tipo, tá sem. sem vínculo, a vida já tá indo pro esgoto, se ele cai aqui, ele tira algum proveito daqui, com certeza ele tira. Eu, eu pelo, eu to tirando um proveito." (H. 25 anos).

"Mas é que nem aquele tal negócio, ninguém gosta da cadeia, mas porque que a gente vive dentro dela? é um refúgio, Então qué dizê fica num sistema meio assim né, então eu, é um refúgio, tanto prá mim, com pá 90% daqui é um refúgio.(A. 35 anos).

"Prá mim no caso, eu acharia que essa cadeia aqui era bem pior né, a mulher, a dotora que me prendeu. A. P., ela falô que nem tinha lugar prá....eu falei em colchão, aí ela disse que nem tinha lugar prá coloca colchão né, ela disse que tinha que ficá na parede. Pensei que era bem pior, mas assim que eu vim aqui sempre me dei bem com o pessoal, tive só um problema, mas tá legal. (D. 26 anos).

" É reclamo de um que tá trancado, otros é por causa da família, otros é, as veiz até do, do ambiente mesmo ou as veiz até da alimentação que se vem, as vez um, a família esquece aqui dentro, ele se sente desprezado, aonde ele acha que é ruim. É torturoso fica aqui, fica aqui entre grades imaginando a família lá fora não é bom, então a gente só espera que a comunidade pense no lugar da gente." (E. 22 anos).

"Eu acho que ninguém acha uma prisão uma coisa boa, porque é ruim fica aqui dentro né, acho que todo mundo gosta de tá na liberdade, de tá andando, caminhando, podendo andá com a família né."( O. 28 anos).

"A prisão é ruim em qualquer sentido; ela é ruim porque é...uma parte psicologicamente é se, a pessoa se torna privada de tudo né, bem dize quase tudo né, porque olha lá prá fora lá, qué tomá um refrigerante, mas é o maior trabalho aqui prá tomá uma refrigerante, se toma refrigerante mas é uma vez por semana né, e fica isolada, isolada do que tá acontecendo, do que se passa lá fora e familiares, assim, assim pá ficá sabendo é só quando chega a visita que aí transmite: "ó ele foi soltá pipa e corto o pé" e aí fica sabendo que o filho foi solta pipa, corto o pé, aí já fica naquela ali, crista caída, de tá aqui dentro preso, não pode faze nada, porque se tivesse lá junto, tava junto com o filho, então não teria acontecido aquilo, então se sente, a pessoa se sente, assim como se diz (pausa) é um inútil, por uma parte um inútil né, por não pude tá lá fora ajudando quem ele gosta né". (B. 29 anos).

"Claro, é indiscutível, só se a pessoa tivé uma, uma faculdade mental sadia, porque se não fosse assim a pessoa tentava saí dela, mesmo que seja ou fugindo ou pela frente mas qué saí, qué saí porque a situação é ruim; hoje em dia o que eu vejo é...criações de monstros prá morde-los mais tarde, tão criando monstros dentro da cadeia, prá mordê mais tarde. " (G. 35 anos)

"Vo fala sério, a maioria não gosta, mas tem gente que já gosta, Porque que gosta? gosta porque não tem família na rua, não tem família né, pá cuidá deles aí o, o destino deles é aqui, é andá na rua e dá rua pá cadeia, talvez até goste mais de ficá aqui dentro, que é mais tratado que na rua, eu acho, na minha opinião.....porque tem pessoas qui não tem família pá dizê: "meu, como é que tas passando, tas bem, tas mal" tem pessoas, então eu acho assim que, acho que a família deles, deles é aqui, que aqui eles são bem tratado, tomam banho tudo na hora certa, almoça, não tem preocupação de nada, é a maioria gosta...." (M. 31 anos).

"É...tem uns que, que eu já ouvi aqui que quando chegou o alvará de soltura dum, não

queria ir embora, não quis i.. embora, no caso que essas são, são pessoas qui...não tem, não tem onde ficá na rua, não tem o que come, então prá ela a cadeia, dá comida, dá ...né," (J. 19 anos).

"Porque ela se, elas estão em situação lá na rua pior do que aqui dentro. Aqui dentro elas, de certa forma, elas comem bem, quando vem a comida da família, porque a comida do presídio não é boa. Elas dormem bem, elas praticam esporte, elas tem cigarro, porque dificilmente um nega um cigarro pro outro. E, tem televisão, tem abrigo, tem cobertor, roupa é o que mais tem, porque sempre gente que vai embora deixa roupa. E, ela tem o que ele não tem lá na rua. Então, lá na rua tá jogado e não tá, tem que lutar pela sua sobrevivência, e aqui dentro pode ficar no seu canto" (F. 27 anos).

"Porque existem pessoas que as veiz pará aqui é até bom, dá até graças a Deus porque tá preso, que hoje ele pode enxerga, enxerga as veiz até a família que ele não enxergava na rua, hoje está enxergando, aqui dentro o quanto a família deles ama eles, o quanto a família tá tão, tá sendo tão importante prá eles, e a gente são muito importante prá elas também.(N. 33 anos).

" muitos gostam muito da cadeia. porque não tem ninguém por eles lá fora, e roubam mesmo porque tem que rouba, prá eles, não querem sabe de serviço, " serviço prá mim não existe", "que é esses canalha aí da alta sociedade que tem (com todo respeito) se f " e..., falam coisa que não tem nada a vê, então, aqui eu como, bebo, durmo, fico de papo pro ar, assisto televisão, como, gozo da vida deles, faço esses porco vim trabalha prá mim. (K. 25 anos).

"Tem muitos ali qui, qui não tem amor a vida, não tem ninguém por eles não senhora. Tem uns que se marcá, eles metem, como eles dizem, o espeto na gente í cortam de cima em baixo, mas tem muita gente boa de coração aqui dentro. (K. 25 anos).

"Então tem, que ter um serviço dentro da prisão. Não só prá uma galeria, tem que ter prá todas galeria, pá não ter confusão entendeu, tem que ter uma escola pá nois também dona Deise. Tem muito analfabeto aqui, tem que ter uma escolinha pá botá esses rapazes aprende, quando saí daqui já saí com...com estudo, com outro pensamento. (M. 31 anos).

"O que tá faltando aqui é divulga o serviço do detento, ele com isso ia se incentiva mais, ia dá mais valor a ele, ia continua trabalhando, né. (B. 29 anos).

"mas aqui dentro ainda é plausível de ter um acerto,, é...muito mais lucrativo para o estado investi nesse pequeno grupo aqui de 270 homens, do que quer investi lá fora...lógico que tem que pensa nos maiores e nos menores que tem lá fora, tem que trabalha com tudo isso , mas eu vo falá do grupo que eu to, o importante é isso, que é uma sequência daquele grupo que já não foi atendido lá fora. (G. 35 anos).

"eu quando entrei na cadeia também entrei; teve uma época que eu entrei assim, sem uma sandália, cas, cas pernas cortada, arreventada, machucada, cas costa machucada, não tinha uma toalha pá tomá um banho, um pedaço de sabonete, um pedaço de sabão. (B. 29 anos).

*A prisão como dificultadora da reabilitação.*

"Acho que pessoas que tá aqui dentro, pode ter muitos de mal cabeça mas, como tem pessoas boas, pessoas trabalhadoras, que nunca entraram numa prisão, tá entrando agora. " (O. 28 anos).

"Nem todo mundo pensa igual na cadeia né. Ah! tem o tipo de pensamento, que né, que é, é vamos dizê assim, não sei, um pensamento mais agressivo, né e tem outros que procuram naquele pensamento de, de de cordialidade de, de conversar de fazê amizade, outros não, outros já né, é um pensamento mais agressivo, talvez por ter, talvez por problema mental ou sei lá, ou convivência na rua, sei lá, não foi muito boa prá ele, então fica naquela mente muito, com se diz, poluída né. Tem muitos na cadeia e que não deveriam estar, gente que tá sendo condenado por crime que nem sequer cometeu, e ta aí pagando uma pena de 2, 3 anos já na cadeia, i i é inocente né." (I. 47 anos).

"É, as pessoas costumam muito, algumas pessoas costumam muito mascarar o que elas tem prá não se desfazer do que ela tem. tem pessoas ruim aqui dentro, tem pessoas mesmo que tão aqui só pra prejudicar outras pessoas, tanto aqui dentro como na rua. Isso é incrível como acontece isso.. Elas não ficam contente quando você tá na sua, não ficam contente quando vem alguma coisa prá você e pelo que você tem. Se puder fazer alguma coisa pra prejudicar, em geral todo mundo, e ela própria. É uma revolta que eu acho dificilmente algum dia algum, algum ser humano vai conseguir explicar. Acho que é mais um mistério do céu e da terra que alguém possa imaginar né?" (F. 27anos).

"Alguns , alguns até quando saem prá rua voltam, voltam a criminalidade, mas outros já, se com...já entram prá realidade, não voltam a, a faze o que fazia antes." (J. 19 anos).

"Alguns presidiários são muito revoltado, porque fica assim preso e acha que não devia tá preso, sempre acha que ele não tá tão errado, que a pena dele devia ser menor, ou talvez até nem devia tá preso, achava que as pessoas, até as autoridades deviam dar outra chance, sempre acontece isso né". (C. 32 anos).

"Aqui dentro ainda tem gente boa, as vez tão aqui as vez até pelo um, pelo um erro mesmo pá pode enxerga, que as vez a pessoa pensa que ela não é nada, mas aqui dentro ela vem enxerga que ela é alguma coisa diante de Deus. E outra eu sei qui essas pessoa, a pessoa geralmente a pessoa que sai dá cadeia ela dá muito valor ao trabalho, ainda mais quando a pessoa dá uma, uma oportunidade, ela sabe que aquilo ali é uma oportunidade que ela tá tendo na mão né, di di cresce né. A pessoa que tá presa dentro da cadeia ela tem coração, ela tamém ela sente dor, ela tamém tem sentimento, todos nós temos sentimento, não é porque a gente erramo não, a gente tamém tem que dá valor a vida tamém né, as veiz até por causa de uma erro mesmo, um erro nosso a gente cai aqui dentro, mas através desse erro todo a gente vem a refleti tamém, por causa de um erro nós. Geralmente, geralmente muitos jovem as veiz caí na vida do crime porque não tem o amor assim da mãe, do pai né, porque as veiz poxa, a mãe, as veiz tem um filho, aí ela não tem nada, não tem como

assim...ajudá o filho né...pode dá uma coisa melhor prá ele, aí jovem acaba mesmo saindo de casa, pá pode conquistá alguma coisa, só conquista o que? só...só droga, entra po vicio da droga, pá cai dentro de uma cadeia." ( N. 33 anos).

"É esse o sistema, o nosso sistema mesmo, ele obriga nós se assim. É o brigão, é o fujão, porque nois não temo uma estrutura. Não temo a estrutura definida assim, pô, ó, como agora eu tô quase dois anos aqui dentro. Eu to numa, eu to, eu to, pá ir pá rua, mas só tem uma porta aberta, né. Eu acho que, o que merecia mesmo era te um tipo assim dum grupo, esperando já, não tem, nem que fosse prá trabalha de jardineiro, ou pedreiro, ou qualquer coisa, mas que a pessoa saísse da cadeia já saísse com alguma coisa né, que não adianta nós... que nem eu ontem eu tava conversando com os guri assim, pô, eu to jogando a minha cartada toda nesse aqui, né, que é o sapato, que é a, né que eu tô aprendendo com a senhora, vô convivendo, vo vendo os colegas vindo. Mas depois vem aquela pergunta, pô e se o cara voltá ou se o cara não ti dé uma oportunidade, o que vai fazer lá na rua.... "(A. 35 anos).

"Porque é aquele sistema, então eu sei que a situação da minha família é péssima, se eu for pedi pros meus cunhado, o dinheiro já vai vir de um local fácil. Ele vai chegar vai dizê: ah, isso aí, leva prá ti, mas aquilo dali pra mim já vai ser um meio de eu ficar grampiado nele. Porque amanhã ou depois ele vai tá necessitando, ele : "Po V., só tu mesmo prá dá uma força prá mim, aí eu não vô pode dizê não. Porque se eu disser não ele vai dizê "porra quando precisasse de mim eu te ajudei e agora que eu preciso de ti não pode me ajudar?" Então que dizer eu não quero dessas partes se for prá se desse jeito aí e é o seguinte,so mais de chega na rua, diz assim não. Vou arrumar o dinheiro, dá licença, vo lá pego minha cocaína, ou pego o revolver , ou vo fazer uma assalto, ou vô, vo fazer alguma coisa pra arrumar dinheiro. Se eu fiz isso, eu vo tá fazendo o que, eu vo tá endossando a vida. Porque enquanto a senhora não toma café a senhora não sente o gosto, mas se a senhora tomá um cafezinho, não vem dizê prá mim que não , que vai pará que num para, dotora, não para , eu to muitos anos nessa vida prá sabe. Então qué dizê, se eu não quero eu não posso comer. Se eu comê eu vo te que quer mais. Aí po, vo desce pro centro aí tem tomado cafezinho, desço pro centro qual é o grau de estudo? Ah. 3º ano primário, que que sabe fazer? ah. não sei fazer isso, não sei fazer aquilo. Até eu acha um serviço que eu queira, ou que venha né, ou servente ou pedreiro. Até eu acha um serviço desse, a pedra já tem corrido né , a pedra já tem corrido, a necessidade já tá apertando né, então qué dizê, a mulher vai começar a cobrar, porque é o automático, as criança" ah. porque não tem comida, que não tem isso, não tem aquilo, tu não vai arrumar um serviço",Não vai fazer nada pela hora do Brasil." Então quer dizê o que que acontece,: ah já vo arrumar já, para aí daqui a meia hora já trago dinheiro , já trago comida, já trago tudo, aí qué dizê então ou saio apoiado, como eu digo prá senhora: a cadeia em si ela não resolve, mas se o sistema tivesse um campo de arrumar um serviço eu acho que tinha resolvido". (A. 35 anos).

" A maioria que sai daqui o que que é, é pedindo um passezinho é chega ali na esquina ali, olha, bota a mão no bolso, não tem nada, chega na frente do morro da casa dele ou qualquer lugar , num tem aquele dinheiro, num tem nada, já vai a primeira coisa que vai fazê, ou vai tomá uma birita "ah, eu vo tomar uma cachacinha pá vê o que é que eu vo fazê, ah vo fumar um baseadinho, é um baseadinho num vai dá nada" Dá sim, dá porque ele já vai se deprimi, já tá deprimido, já tá no sufoco, pô o que é que vo fazê meu Deus do céu, e agora e agora,

e aí vai e fuma um baseado, "aí se senta fica alegre" "oh fulano não vai fazer nada, não, depois eu vo" pronto, não vai mais dotora, se não sai já na.., por isso que eu digo, senão sai já arrancando, não arranca mais, porque quando chegá no morro ou chega na área que ele tem, se for traficante ou se for ladrão, se for ladrão já sai daqui robando, porque ele mesmo diz prá ele, ah não so parasita, se eu volta depois mais não dá nada, mas eu não vo fica parasitando, e é a mesma coisa o que aconteceu comigo, acontece com qualquer um, não qué sai daqui, não qué ficá dependente de ninguém.. (A.35 anos).

"A gente passa, a gente se envolve com muitas pessoas de diversos lugares, de diversos artigos. Porque a cadeia nesse Estado principalmente, eles não....eles divide, preso cum preso, artigo cum artigo, primário cum primário, eles botam tudo junto. Então é reincidente cum preso que nunca teve numa cadeia. (H. 25 anos).

"Nois, todos nois temo um lado trancado. É esse o sistema, o nosso sistema mesmo, ele obriga nós se assim. É o brigão, é o fujão, porque nois não temo uma estrutura. Não temo a estrutura definida assim, pô, ó... A maioria que tão aqui é aqueles que não tem uma casa, é s que vive direto ali na praça, ou aqueles que...10% aí é aqueles que tem uma mais ou menos uma vida estável assim, é por causa do conflito dentro de casa, eu digo que 90% de nós que tamo aqui é conflito dentro de casa. Nois samo assim, se a senhora der arrego demais ele abusa, é como eu digo prá senhora, nos temo um, um negócio errado, nois samo como é abusado, se a gente ganha uma bala, já quer o saco de bala todo, ....então quer dize, é aquele sistema, num lado são tudo adulto, mas ficam muito frágil. Nois somos aquela minoria que somo excluído, tem muitos aqui que tem aqui dentro que não sabe estuda, não sabe ler, não sabe escrever, mas, todos eles sabem aprender, todos serviço que a senhora trouxe aqui pra dentro da cadeia, desde qualquer tipo de serviço. O mais difícil serviço que tem lá na rua, que seja impossível para nós, aqui dentro nós aprendemo"(A. 35 anos).

## TRABALHO

### *A aprendizagem do trabalho*

"Eu, na faixa de 12 prá 13 anos...eu comecei carregando tijolo, cimento, concreto, tálba, ajudando meu pai ...aí comecei logo em seguida fui aprendendo a profissão, a profissão do meu pai né de...armado... a família já tinha um dom pá pá serviço né, então eu já tinha um conhecimento. Era tudo olhado no projeto na planta aí era só tira e corta, ninguém ensinou o mais era tudo de cabeça memo né, de cabeça e pelo papel né, pela planta".(B.29 anos)

"Eu. Eu comecei a trabalhar muito cedo. O meu pai, meu pai era caminhoneiro...trabalhei, com 8 ano, 7 ano, 8 ano eu já viajava com ele, já ajudava ele no mato, carregava tora, trabalhava com ele, estudava e ajudava minha mãe também e de vez em quando trabalhava com algum emprego, não conseguia arrumar porque era muito difícil contratar menor, né, porque a justiça dá muito em cima, né.. Eu graças a Deus, depois eu tive meus 12 ano, meus 13 ano, eu trabalhei numa casa de esporte, trabalhei numa marcenaria". (F. 27 anos)

" Eu comecei a trabalha com 7 anos, engraxava sapato (pausa), eu aprendi com, em casa já

né, meu pai diz que o melhor serviço era, o melhor jeito de ganha dinheiro era trabalhando, onde me sugeriu a idéia de eu vim engraxa sapato, onde comecei engraxa sapato até os 9 anos. Aí comecei a trabaia já de servente (pausa) ajudando meu próprio pai né. Trabalhei até os 14, depois dos 14 trabaiei de armador daí. Daí eu trabaiei por firma memo,." (E. , 22 anos).

"Dentro de casa eu criei meus irmão todo né, desde pequeno eu criei meus irmãos, lavava roupa, fazia comida, né cuidava dos meus irmãos , fazia o trabalho doméstico. E não tinha lazer, que eu so uma pessoa que eu digo prá senhora, eu nunca tive infância, não sei o que é uma infância, não sei e nunca vô sabê, porque eu acho que passou passou, eu tiro a infância minha pelos meu filho, pelas minha filha, volta e meia eu to sentado brincando com elas de carrinho, boneca, né. Mais então, meu serviço foi assim, trabalhava dentro de casa. Aí depois quando nois viemo aqui pro jardim Atlântico foi quando eu fugi, aí eu comecei já a rouba." (A., 35 anos).

"Desde novinho Dona D., eu quando tinha, quando eu vinha da escola, com 8/9 anos, o pai, já botava capiná varge e.. milho, ele colocou, trabalhei desde novinho na roça, sempre trabalhei na roça., até montar o ferro velho." (D. 26 anos).

"Eu comecei trabalha com 16 anos, até os 20 anos eu trabalhei, depois eu comecei a me perde né, me perdeu de uma certa forma, to pagando pelo que fiz. " (K. 25 anos).

"Eu, com 15 . Eu era contínuo, office boy, já fui auxiliar de padeiro, já fui é, é auxiliar de escritório, já fui chapista em lanchonete, já fui despachante, já fui barman e garçom. Tudo isso". (H. 25 anos)

."...mas comecei a trabalhar com minha idade de 10 anos de idade, já fui cobrador de ônibus né, venho trabalhando desde dessa idade em diante né e usando droga também. , trabalhei de cobrador até fazê 18 anos, meu pai sempre foi motorista também, eu já dirigia desde moleque também né, e com os motoristas de ônibus coisa e tal, fui me aperfeiçoando né, passei a motorista né, fui motorista de ônibus, dá, dá de turismo e coletivo interurbano né, fui carreteiro 6 anos né, trabalhei com o caminhão truck também, então quer dizer, eu tirei a minha carteira de motorista com 18 anos né, com 47 dá 28, por aí né, então eu sô esse tempo todo motorista, e sou 25 anos camelô, porque eu juntava as duas coisas, camelô com motorista. (I. 47 anos).

"Foi com 10, eu já tinha trabalhado desde pequeno com 10 anos, desde pequeno. Eu trabalhei como atendente de lanchonete, né, que tipo assim, um caixa de lanchonete né. Já fui militar, 4 anos, fui cabo do exército í engangei mais 3 anos, fiz curso de cabo, fiz um monte de coisa lá né, fiz curso de telefonista e, aprendi a mexer com rádio, essas coisas assim, essas coisas assim. Já trabalhei como , promotor da lacta, já trabalhei como também repositor de loja de supermercado, né trabalhei também como, com confecção, eu trabalhei na Hering do shopping Itaguaçu, , já fui professor de dança de salão." (C. 32 anos).

" Com 12 anos eu trabalhava de "marrequinho!, marrequinho! trabalhava no bulevar de... leva compra, trabalhava na caixa de embrulha compra né, eu trabalhava ali, trabalhava de do...,di... na caixa mesmo de embrulha, de leva compra pás pessoas né, no carrinho as veiz

levá compra em casa né, pas pessoa, e ali eu ganhava um dinheirinho também né. (N. 33 anos).

"Com 12 anos, trabalhei de frentista, posto de gasolina, trabalhei de garçom, de engraxate. Aprendi sózinho mesmo, sózinho, vendo né, só via e já aprendia. Tive, tive, tive poucos meses na, naquela, na O., negócio de limpeza de vidro, aquela firma que tem aí, nela eu trabalhei bem pouco, depois saí também, acho que foi no 17 pá 18 que eu fui, fiquei pouco tempo, não gostava de ser...mandado. Daí não, não, aí já, aí só trabalhei, trabalhava de estacionamento de carro, ia ali cuidava dos carro, lavava carro. No exercito né fiquei dois anos, depois dei baixa, aí não quis mais nada...era um soldado bom ali, nunca tive reclamações de mim..."(M. 31 anos).

"Eu trabalhei desde os 14 anos, trabaiei em mecânica e em , em marcenaria. Eu comecei trabalha na Fucabem, eu comecei trabalha na marcenaria e serralheria né, daí que eu passei para mecânica, tudo na FUCABEM...fiquei dois anos, dos 14 aos 16. Arrumei emprego, eu trabalhei na C., em Lages, fábrica de grampo e marcenaria. (O.28 anos).

"Com 13 anos eu trabalhava, com 13 anos eu roubava, só que os trabalhos que eu tinha, era esses trabalho, saí vendendo picolé, eu vendia...uma banana, vendendo salgadinho, era esse tipo de trabalho, engraxava, vendia amendoim, me virava no meu dia a dia. Aos 15 anos eu fui cobrador de ônibus, da R., aí nessa época eu trabalhei uns 6 meses." (G. 35 anos).

"...com carteira assinan...eu comecei a trabalha desde os...eu comecei a trabalha desde di menor né, mas carteira assinada mesmo desdos 14 anos, comecei trabalha...trabalhei no I., trabalhei na Promenor, eu trabalhei com advogado, trabalhei na Aflov; eu trabalhei na Promenor na reciclagem de papel né, trabalhei reciclando vidro, coisas, aí eu comecei fazer curso de office boy que a Promenor."(J. 19 anos)

"Na rua só sabia, trabalhava só de servente, só de carrega massa Eu tinha uns 18 anos , quando saí do quartel, do serviço do quartel, trabalhava de, de batedor de caixa de caminhão de bebida, trabalhava ali distribuindo bebida né, caminhão de bebida, depois que saí do quartel" (L. 28 anos).

### *Para quê serve o trabalho.*

"Já fiz de tudo nessa idade que foi perciso já né pá safa a fome e pá não passa frio, já fiz pior e melhor né. A se de repente a gente precisa prá se alimentá tem que trabalha, então tem que corre atrás, se qué se vesti bem tem que trabalha, então tem de trabalha mesmo. Olha em serviço prá mim eu nunca temi né, qualqué serviço é serviço... A gente é obrigatório a ter um trabalho prá se mantê né, pá comê e te a honra de, pelo serviço né, a gente pode ganha, onde põe o nosso sustento, o alimento (pausa), a honra de chega num comércio e comprá, pôde comprá um crediário, fiado, sempre te a ficha limpa né, eu era, o serviço prá mim olha, sem o serviço eu acho que a pessoa não sobrevive no mundo, qualquer um tem uma matéria de atividade prá trabalha né (E. 22 anos).

"Pô eu tava trabalhando direitinho, levava... eu que pagava a luz, eu que pagava água, eu

que pagava tudo eu. Adoro atender as pessoas, sorri, conversa com as pessoas, sabe que as pessoas estão gostando que eu estou atendendo, me sinto bem. Trabalho eu acho que é tudo né, eu achava que não era nada, achava que sem trabalho também se vivia, trabalho é muito importante, muito importante, importante pra senhora sobreviver e também tem uma dignidade de ser uma pessoa honesta, ser conhecido por outras pessoas "quem é aquele rapaz lá", aquele rapaz é uma pessoa boa, trabalha" (K. 25 anos).

"É...trabalhando lá fora ninguém vai falar "ó o fulano de tal tá...tá fazendo isso, fazendo aquilo. Ó, o fulano de tal, esse não", e vice versa se tiver trabalhando "fulano de tal mudou, tá trabalhando assim, assim né, valoriza né e vão incentivando então a gente incentiva até da força pra gente continuar, cada vez mais trabalhando, né." (B. 29 anos).

", trabalhava com solda, soldador de carro, porque eu gosto daquela profissão, é a que eu me sinto bem né. Trabalho é pra manter a família, é pra ficar tranquilo lá fora, pra poder andar, pode caminhar assim, não tem que tá se cuidando da polícia, eu acho isso né." (O. 28 anos).

"Ah! eu..., sempre quis ter a minha, minha liberdade né então eu comecei a sair muito cedo, 13 anos eu já saía. Aí eu arr...ah. tipo a minha mãe me dava o que eu queria, tipo se eu quisesse uma roupa, tinha e ela que escolhia e me dava. Então a gente gosta de comprar o gosto da gente, então eu fui trabalhando. Eu nunca, eu nunca fui de pedir dinheiro pra família, porque eu sempre tive a minha liberdade, né. Minha, como é que se diz, eu sempre quis ter as minhas coisas (independência). A minha independência, né? .... eu sempre trabalhei pra mim comprar as minhas coisas, pra mim não depende de ninguém." (H. 25 anos).

"Eu acho que a pessoa tem que fazer aquilo que ele se sente bem, no qual ele acha que vai ser mais, mais rentável, que ele vai, o trabalho dele vai ser mais produtivo. O trabalho.....dignidade e respeito, dignidade... e respeito. Todas as pessoas que eu vejo que trabalham, que realmente trabalham realmente, elas tem muita dignidade pelos outros, muito respeito, e ainda tem muito respeito pelos outros". (G. 35 anos)

"O trabalho é tudo né dona D., o trabalho em si ele é fundamental, né pra sobrevivência de qualquer um né, e uma meta que você tem também, é o dia a dia do ser humano né, sem trabalho ninguém vive né. É uma meta, todo mundo se forma pra tentar ser um médico, um dentista, em busca do quê?, em busca de uma vida melhor, de uma situação melhor né, quanto mais formado melhor o seu poder aquisitivo né...É, aí tem mais dificuldade né, a...sobrevivência dele já é mais pesada né, já vai ter que batalhar melhor porque não quis estudar né, não teve, não tem aquele, aquela, aquele acesso né, como se diz, na sociedade maior né" (I. 47 anos).

"Eu vim de uma família muito pobre, né, e minha mãe, meu pai não tinham condições de manter a gente porque era muito filho, era 11. Então eu me virava, ajudava, como o meu irmão também, como meus outros irmãos pequenos né, engraxava sapato, vendia laranja, vendia picolé i..., fazia uma série de coisas, assim né. Eu acho que o trabalho é a fonte de tudo, o trabalho ele, ele é o que empurra a família, faz todo mundo crescer, que faz, é uma coisa muito precisa, né, é o momento do trabalho que a gente leva a vida né, trabalhando e

construindo família, construindo enfim, assim tudo, eu acho que o trabalho é a fonte de tudo eu acho que não tem, tudo tem que ter trabalho. (C. 32 anos).

"Queria sempre te uma calça, uma camisa. prá comprar meus negocinho, um radinho que eu gostava de escutar sempre música, minha família não tinha pá dá. Trabalhei de servente, de pedreiro, ajudando ele né, na melhoria né.....nóis trabalhava unido, unido né, família unida né., com a minha família ali né, a gente sabia ali que todo mundo entendia a gente néé o dinheiro, vem vem suado., trabalhando é bom, cabeça erguida. (L. 28 anos).

"A minha casa, a minha casa bem diz, ela todinha, quase toda né foi bem dizê eu que alevantei e fiz, a casa onde eu moro hoje em dia. Né, não precisei paga prá ninguém a único, a único, meu único, meu gasto foi com material que tive que compra né. Até aliás teve um patrão meu que de tanto que eu trabalhei com ele chegou na época que era pá enche a lage, essas coisas, ele pegô i... ele valorizo o meu serviço e disse "não pode i.. lá encontrá uns pessoal prá fazê o concreto que eu do o dinheiro e já vo liga pro G. prá compra a brita, o cimento e a areia prá ti concretá a tua lage". Foi, teve um patrão meu que valorizo o meu serviço e até hoje eu agradeço muito ele né porque me ajudou bastante, por causa das duas crianças não tinha onde mora né, tava morando de aluguel e mora de aluguel, sabe como que é né , é mema coisa que sustenta duas famílias né, a metade do dinheiro ia pro aluguel, só prá comida mesmo e mais nada." (B. 29 anos)

"Só que (pausa) a maioria não, não me valorizo, não valorizô o meu serviço e eu vi que tava trabalhando demais, enchendo o bolso pros outros e não tava ganhando nada, tava pô trabalhando como se fosse um escravo aí eu digo não, vô pará, vô ficá em casa, eu era solteiro ainda na época e, se pintava um biscate, capiná ou qualquer coisa aí eu me meto, caso contrário eu não ia trabalhá, a não ser se eles me aumentassem meu serviço né, que eu produzia muito e ganhava pouco, a gente trabalhava contrato, era autonomo né." (B. , 29 anos).

"Trabalhei com a minha tia numa distribuidora de gás também, trabalhei muito tempo, foi o que eu mais trabalhei. Só que eu trabalhava lá e ganhava muito pouco, porque a minha tia era minha tia, irmã da minha mãe ela achava que tinha que me pagar muito pouco. Então se eu, se eu não me engano, o salário na época era 90 cruzeiros, ela me pagava 42 cruzeiros, 32 cruzeiros, pagava bem pouquinho, só porque eu era parente dela, ou seja, era minha tia." (F. 30 anos).

"Depois, depois que eu saí da cadeia ,depois que eu saí da cadeia , o que mais me agradô mesmo foi quando eu tava trabalhando com meu....meu padrasto, comecei trabalhá com ele, dali eu fiquei olhando como que é bom trabalha.... aprendi muita coisa. Tava trabalhando com ele de... de servente, ele fazia casa ele, faz casa, ele trabalha, ele faz tudo ele né, aí eu tava trabalhando com ele, eu gostei muito, uma profissão muito boa, eu acho a profissão muito boa, a pessoa podê, pô faze a própria casa, pode trabalha de...pedreiro, pode... construi né, pode construi, então, Pô trabalho é muito importante prá mim, trabalho." (N. 33 anos).

"trabalho significa a vida da gente né, a vida da gente é um trabalho, que, por causo que...se a gente não trabalha, a gente não sobrevive, então a gente precisa do trabalho prá sobrevive,

só se, só se ganha na ,na sena acumulada, só prá não trabalha mais né." (J. 19 anos).

"Trabalhei, trabalhei no I. por 1 ano. Eu era office boy. Isso ali foi, a gente tava, quando eu tava no morro né, aí tava muito pedido, nós tava pedido, nois era de menor mas nós tava pedido prá caramba lá. Então eu tava com muita bronca, né, que a gente fica visado né, aí eu fui na casa da mãe e falei com a mãe, disse prá mãe que eu precisava arruma um serviço urgente, que era prá min pode ir no juiz né, me apresentá. Ai a mãe mandou eu ir aqui na O. , né, daí fui e arrumei um serviço." (A. 35 anos).

"Aí tá, 1º mês maravilha, 2ºmês a maior maravilha, 3º mês a maior maravilha. Mas acontece que o dinheiro no bolso tava sumindo, as economias que eu tinha dos assalto, de roubo, de tudo isso aí, tava sumindo. Eu chegava no morro, a rapaziada tava tudo né lá, fumando maconha, é, um contando dinheiro. Chegava no final de semana eu não saía de casa, né, tava cansado. " (A. 35 anos).

"Que mais me satisfaz é motorista né, é tá no sangue né, tá no sangue, inclusive antes de eu vir preso há 8 meses atrás eu estava na estrada, eu tava trabalhando com uma 1519 do meu cunhado. É a que mais me agrada mesmo, é duas que me agrada, é comerciante i motorista né, mas a que corre no sangue mesmo é motorista, isso é indiscutível né, so obrigado a pegá porque tá no sangue, i eu fico doente se eu não pega né, é fico doente...é o que tá no meu sangue, é trabalhá no caminhão.(I. 47 anos).

### *Trabalho e crime.*

"Só fazia assaltos, dos 15 anos aos meus 19 anos só vivi no crime, vivi no crime, dos 15 anos aos meus 19 anos eu só vivi no crime. Hoje! eu posso dizer quiiii., se for encarar daqui..... sim, mas não encaro como uma profissão, encaro como uma aventura, uma rebeldia contra o sistema, esse sistema que em si era torto. Se vê com a calma que eu tenho hoje, sim, dava prá você pensa que eu vivi 4 anos daquilo, vivi 4 anos daquilo. Não, eu não encaro como profissão, como é que você vai encara como profissão uma coisa que você sabe que vai te traze prá cadeia, isso não pode ser profissão, então você tá muito errado, eu vou, se olhar do ponto de vista financeira como você vivia, sim é uma profissão, um meio de vida, mas não é profissão".( G. 35 anos)

"Construi até 19 anos, mas eu os perdi depois que fui preso, o crime te dá, e te toma muito rapidamente. (G. 35 anos)

Já, já sobrevivi....Já, já consegui, já fiquei desempregado e o que me agüento nesse tempo que eu fiquei desempregado, realmente foi fazendo o tráfico né...o tráfico geralmente é quando a gente tá na, numa ruim, né Dona D., aí quando apertava de vez mesmo, que não tinha solução, que via que ia passa fome, então aí você tinha que apela né, aí onde entrava o tráfico...até que chegou um dia que não deu, aí tive que apela também, pro tráfico, e aí endireitou um pouquinho a vida, montei o restaurante e parei". (I. 47 anos)

" é nas horas difíceis né, a gente pedia um auxílio né.... É, sem emprego, situação financeira as vezes, as vezes as coisas não se encaixavam, não corria as coisas como a gente gostaria

que corresse né, então tinha, você tinha que procura uma injeção de algum lugar né!, então as vezes, e a maneira mais fácil de você e mais rápido de arruma um dinheiro é através do tráfico.... pá você não passa né...por mau pagador ou por outras coisas mais, então você apela para um outro lado, sem prejudicar o próximo né. Então a melhor maneira que eu achava, sem prejudica...sem machuca o próximo, era o tráfico." (I. 47 anos).

"Há quem viva do tráfico, mas tráfico não é profissão né, é um meio de sobrevivência, né. É um meio de sobrevivência, mas só que .....não se pode comparar um serviço, vamos dizê, legalizado, prá um serviço que não é legalizado. A diferença é que um dá cadeia e o outro não dá. Os dois são meio de vida, os dois são meios de sobrevivência né. Eu só mexia com tráfico na época que eu tava desempregado né,..." (I. , 47 anos).

"Olha, fala a verdade o que eu construi até hoje foi tudo honestamente, que o tráfico até hoje nunca me deu nada, o que adquiria, perdia....sei lá, é um dinheiro que talvez entra fácil e sai fácil né, então a gente não consegue distingui o porque que ele entra fácil e sai tão fácil..., ele vai e a pessoa nem sente né, não sei se é a facilidade de ganha ele ou é porque é um dinheiro desonesto, sei lá, Deus castiga (sorrindo), eu não sei, só sei dizê, sei que ele não rende, rendê ele não rende (rindo)." (I. 47anos).

"Então com o decorrer do tempo, então você vai analisando melhor e vai vendo que aquilo ali não era o caminho certo, então você procura a ir trabalhar, inventa outras coisa né....Mas aí parei, trabalhei honestamente, tava trabalhando honestamente até ser preso, então, sempre trabalhei honestamente." (I. 47 anos).

"dinheiro que eu tinha, é um dinheiro a gente...pega com uma mão, sai pela outra, é um dinheiro amaldiçoado mesmo, eu sei, sempre sube que é um dinheiro....esse dinheiro era amaldiçoado, (N. , 33 anos).

"As veiz, e as veiz não dá o sustento, as veiz só traz o que nos tamo passando agora né, humilhação numa cadeia. Isso aí que traz, as consequência é essa, não é, acho que não vale a pena, não, não vale, mesmo que renda dinheiro, é uma coisa qui, se a gente ganha, vamô supor, que ganhe 10 mil hoje, num dia, perde tudo de volta. porque vem fácil e vai fácil, aquele ditado: , o dinheiro que não é, que não é trabalhado sempre acontece, veio fácil, vai fácil, e o dinheiro que a gente ganha com o suor da gente, se ganha 100 real, é difícil gasta ele, é a mesma coisa a senhora, a senhora ganha, vamo supor que a senhora ganhe 200 reais, a senhora sabe no que gasta aquele dinheiro, e o dinheiro que vem fácil, a gente não sabe no que gastá, gasta em qualquer coisa".(O. 28 anos).

"Não, não é uma profissão. Eu acho que é um, é um meio de eu consegui mantê a minha família, e mais, e de ganha dinheiro fácil, profissão eu não acho, eu acho que não é profissão. Só que eu adianto prá qualqué pessoa que ache que traficá é fácil, não é fácil. É muito mais trabalho que qualqué outro trabalho que a pessoa vai desenvolvendo, porque você vai tá 24 horas pensando que você tem tantos kg. de cocaína, que você tem que cuidá, que ninguém vai te rouba. Que fulano, ciclano, beltrano tem um dinheiro pra te deve, que você tá devendo a maior fortuna pra quem você pego a cocaína, que você tem que pagá, e que aquilo ali não pode pará. E se alguém deixa de pagá, você tem que desdobrá, e você tá correndo o risco 24 hs. de sê preso também, de alguém que você entregou a cocaína se

preso e te entregá. "(F. 27 anos).

" Olha geralmente na boca de muitos é, ah qual qué um que se acha que merece vai lá e faz e "ah, fiz algum serviço e ganhei um dinheiro", aí já é prá ele um serviço né, mas eu não considero muito né. É . difícil né, muitas coisa pode rola, acontecê né. Além de ser um ato errado né e ganha um dinheiro mexendo no que não é da gente, aonde pode arrisca leva um tiro ou gente tira a de um ser humano na hora do crime Tem, tem vários riscos né, de morre ou mata né. "( E. 22 anos).

"Não, não considero como profissão não, não considero porque a vida do crime é assim, se a gente trabalha um ano, vai se um ano de..., um ano prá ganha dinheiro, prá fazê festa, vai te mulhé, vai te tudo de bom, mas o máximo que a gente consegue trabalha é um ano, daí prá frente já começa a vim pulícia, vai te que gasta com advogado ó... , acaba não sobrando nada do mesmo jeito. Eu acho que trabalho é... tem, tem que te um trabalho né, prá sobrevivê, eu pensava assim ó, mesmo que eu fazia os meu trambique mas eu trabalhava, sé, eu fazia meu trambique, trabalhava certo também, si, si vive só de roubo (pausa) eu acho que não (pausa) que vida que vai levá, vive só de robo, só do roubo (pausa)vai voltá prá cadeia rápido, o serviço é importante, tanto aqui como na rua, pode até faze seus trambique, mas tem que te serviço né".(D. 26 anos).

"Não, acho que não, trabalho, trabalho, trabalho assim, não, acho que não é trabalho não. (Pausa) Pois e agora (risos), que que é? é uma coisa que...sei lá, eu não sei explica o que que é, não sei explica, uma coisa que a gente não..., a gente, por causa que tra... a gente trabalha, e não, não consegue né, então foi uma maneira mais fácil de ganha dinheiro foi essa, foi essa né, muita gente, muita gente tenta uma maneira mais fácil de ganha dinheiro e eu busquei essa maneira, mas essa maneira não é correta...mais é...foi o que eu...trabalho foi né, que eu tentei busca por essa maneira, mas essa maneira não é correta, eu acho né." (J. 19 anos).

" é porque as veiz... a pessoa vai levando mais na...cada veiz que a pessoa vai levando na resposta, que a pessoa...o cara assim, o cara tá no tráfico de drogas né, aí pô, ele fala não "vo leva na resposta que eu vo cresce de cargo né", então ele começa leva mais na resposta ali, tudo certinho, aí dali o cara vê que ele tá levando mesmo na resposta, que não tá dando volta, não tá fazendo nada, sempre ali certinho, aí o cara começa a enxerga ele, e ali ele começa, sobe de cargo, as veiz que ele é um vapor, que ele é um vapor e sai de vapor e virá chefe de segurança né, dali ele vira o gerente, começa leva mais na resposta vira o gerente." (N. 33 anos,).

"eu achei que foi, me empolguei né, me empolguei naquilo que eu tava fazendo, muito fácil, uma maneira de vida né, meu mundo né." (José, 28 anos).

### ***O trabalho na prisão.***

"O trabalho na prisão é fundamental. É fundamental porque é uma terapia, uma terapia, o preso se ocupa, enquanto o preso tá ocupado, não...não acontece nada de errado tanto com aquele que tá trabalhando como com os outros que não trabalham que querem puxar briga

com preso, principalmente, eles não vão puxar com quem tá trabalhando. É, eles vão puxar com quem não tá trabalhando, agora com quem tá com a mente ocupada ela se levanta de manhã cedo pensand...é uma responsabilidade...é uma ocupação..." (B. 29 anos).

"Tem, tem até, alias eu... eu, de tanto que fiz barco aqui dentro eu, ai eu encontrei uma pessoa lá fora, começô a divulgá e hoje, hoje em dia né, nessa cadeia que eu tô pagando de 1 ano e 4 meis, eu acho que eu já fiz na faixa de mais de 1000 barco (pausa), nesse tempo que eu tô aqui dentro, sempre teve mercado, sempre teve saída, agora principalmente que ó, essa semana eu tô lá cummm...3 já pronto, eu voltei foi 6ª feira (este em saída autorizada por 7 dias), no Sábado de manhã já tava cá minha cadeira, cá mesa pro lado de fora fazendo os barcos (pausa)mas a minha cabeça naquilo ali entertida, naquilo ali, é que cada barco daquele ali que eu fazia eu tava ajudando um filho meu, a minha esposa." (B. 29 anos).

"Já aconteceu assim fatos do meu tempo que estou preso aqui, que já vi isso né. Como algum presidiário que eu conheci aqui né, algum colega de galeria que não tinha profissão e de repente aqui aprendeu até cum outro e foi melhorando, melhorando, aperfeiçoando que até hoje faz a coisa muito bem., assim como fazer tapete né, é já vi assim presidiário que não sabia fazer aprendeu com o que já tava preso aqui né..." (C. 32 anos)

" tá aqui dentro trabalhando, acostuma ganhá aquele dinheirinho né, e se virando, acho que na rua tamém vai te que faz isso, vive com poco dinheiro é, a vive com poco dinheiro é, trabalhá prá, sei lá, pra acostuma a vive com poco dinheiro né, prá essas coisas. vive com mais poco tamém né vive com mais poco é melhor do que tá aqui na cadeia sofrendo um monte," (D. 26 anos).

"Acho importante. Eu acredito que se tivesse mais opções de trabalho, como botá umas oficina na, no presídio, que dê, que vá gerá um salário mínimo, ou uma quantia quase igual, eu acredito que eu, eu não precisaria tá preocupando minha família, tipo, a minha família me manda dinheiro todo mês, então era uma coisa a menos. A minha família já se preocupa em me mandá a roupa, em pagá advogado prá mim, em sabê se eu to bem na cadeia, se eu to sendo bem alimentado. Então, seu eu tivesse uma opção melhor de trabalho prá ganha um pouco mais pá pode sustentá, e eu não tenho vício, então prá mim seria só área de limpeza e minha higiene pessoal, ou seja, justamente seria uma terapia nesse sentido, né." (H. 25 anos)

" Se eu saísse pá rua e tivesse uma profissão, na cadeia eu aprendi torneiro mecânico, provavelmente na rua eu teria uma chance melhor de arruma um emprego como torneiro mecânico, né. Mais muita gente tá na cadeia mais pela necessidade, trabalhar aqui, saí prá rua vai roubá de novo, trabalha ali só pá, pá enche os olhos dos próprios, próprio, da própria carceragem, pá iludi ele que tu tá se recuperando, né. A maioria tá no trabalho não porque pá, é pá te um beneficio melhor, porque tu trabalha, a justiça vai te dá uma chance prá quem, pá quem trabalha, prá quem estuda, ou prá quem faz alguma coisa, agora aquele que fica parado no presídio, só comendo, bebendo e dormindo, a hora que ele for ganha o beneficio dele, não qué dize que ele num vai ganha. mais vai puxa a ficha dele, " po, ele não fez nada, fico 5 ano na cadeia e esse cara nunca fez nada na cadeia", que acontece, não é verdade." (H. 25 anos).

" É importante né., que tem muitas pessoas que não tem, não tem família, são de fora i não tem como se mantê, pá te um sabonete, prá tê um papel higienico, pá te uma pasta de dente; se você tem um dinheiro, você pode comprá, não carece você tá pedindo pros otros, tá se humilhando (p), então o trabalho dentro da cadeia é bom, bom que você mantém a calma e tem o que fazê, você tá direto 24 horas numa cela, não tem o que fazê, é só oiá pá parede, ou assisti ou escuta rádio." (O. 28 anos).

"É uma terapia a mais né, você passa o seu dia trabalhando, então que dizê, a mente trabalha de outro sentido né, não fica dentro da galeria maquinando coisas ruins né, então você distrai a sua mente com, com trabalho, com conversas mais sadias né, que a sra. sabe qui num grupo de, de trabalho sempre as conversas são mais sadias né do que dentro de uma galeria né, então fica tudo bem mais fácil né, é os caminhos ficam mais abertos, as portas se abrem melhor né, então é mais um, como se diz, um voto de confiança ao preso, um trabalho dentro da cadeia". (I. 47 anos).

" É muito importante, importante, que muitas pessoas podem larga essa vida e talvez acha, vê, enxerga com os próprio olhos dentro de uma cadeia, qui pô, se eu preso to trabalhando, porque que na liberdade eu vo procura minha, a minha prisão de novo, se eu posso trabalhá na liberdade, ganha um dinheirinho suado, honesto mas, é um dinheiro que eu não vo voltá prá cadeia.... tem muitos que vão trabalha pá, pá é claro prá esquece um pouco da cadeia, mais tem muitos que tão trabalhando ali, mas tão com a cabeça lá fora pensando "pô, to aqui dentro, ó, preso, sem pode vê a minha família, vejo lá uma vez por semana, pô to trabalhando prá eles, tá certo que eu to ganhando o meu, mas porque que eu não faço isso na rua" (K. 25 anos).

" eu acho que o serviço prá mim é muito importante, na cabeça de otros eu também acredito que sim né, eu já to muito tempo na prisão, já ouvi muitos falá que o serviço prá eles é muito importante. É uma atividade boa po, pos prisional né qui dali, dali ele ajuda a família lá fora, e se mantém aqui dentro né, e tem a mente ocupada, quanto mais atividade o preso tem, mais a cadeia dele passa e mais tem acho que ele pode voltá pá sociedade mais direito, mais rapidamente né.... O comportamento, principalmente e a, e a educação, como se trata né, geralmente né, sabe conversa quas pessoas e mais calmo né, só pensando na liberdade e na família sempre, aonde eles arrumam atividade e ficam sempre, no, quietos, no canto deles " (E. 22 anos)

"É uma necessidade que todos os presidiários, eu particularmente achando que todos os presidiários tem uma precisão muito grande disso né. Porque talvez alguns não tenham estudos, mas é através do tempo que passa aqui ele aprende fazer uma coisa que ele não teve condições de aprender até na rua, por talvez até falta de atenção, ou de dedicação alguma coisa assim, E aqui como já tá preso, às vezes aprendeu e, e assim de repente quando saí até pode ter uma profissão lá fora né...aprende a se gostar mais, a dar valor mais às coisas e sabe que pelo menos tá ficando um pouco melhor, tá melhorando. Eu acho que isso é uma coisa que dá prá notar, até na expressão né que a pessoa fica até com mais vontade, de frente assim, de peito prá vida." (C. 32 anos).

"Acho, acho muito importante, porque o trabalho na prisão é muito bom., porque tem

peessoas as veiz, né dona D. que não tem uma oportunidade lá na rua né, aí vem pá prisão, aí começa... assim que ele tá...levando direitinho a cadeia, não tá aprontando, então ele vai te uma oportunidade, assim como eu tive uma oportunidade de trabalha, então, a gente trabalhando a gente vê que a gente samo são muito importante, quando eu...quando eu...me chamaram prá mim trabalha foi a coisa mais maravilhosa na minha vida , eu me senti muito importante, porque trabalha, trabalha eu sei qui, qui ali eu tava aprendendo, poxa e aprendendo muita coisa através do meu trabalho né." (N. 33 anos).

"A gente se ocupa, com cinta, barco, agenda, fazer uma oração, um bauzinho, tenta se ocupar assim pá passar o dia né. Prá não ter guerra , tem que traze mais apoio. Uma harmonia mais forte né, sempre vem de bastante astral, não vive em baixo astral, reclamando da cadeia." (L. 28 anos).

"Na prisão é... pá passa o tempo, pá refleti mais. Quando você vê o tempo já passou. É pa se ocupa, ocupa mais o tempo né, que você vive parado.....só fica pensado besteira, se você tá mexendo com alguma coisa tua cabeça não tá com pensamento lá fora, é só dedicando aquilo ali, o serviço." (M. 31 anos).

"Alguns se tornam mais sociáveis, outros se tornam mais responsáveis, né, alguns realmente buscam mudanças, outros buscam preencher um tempo, mas o resultado em si sempre é positivo." (G. 35 anos).

"Se aqui num tivesse nada que prestasse num saía produção né, não teria esse empenho de se mostra pras pessoas que a gente tem um lado que a gente nunca foi explorado, né aquele lado de trabalho, um lado de esforça mesmo , de, de, no começo até tem de, de cutucá e adepois a senhora deixa aí que ele mesmo vai, ele mesmo vai se modificando." (A. 35 anos).

" É muito bom porque, uma que a galeria que o preso trabalha já pode, a senhora pode vê que não dá tanta confusão, antes de alguém dá um soco no outro, vai pensá "mas se eu briga vô perde o serviço", ajuda em casa, na família né, ajuda a tranquiliza (pausa) assim por exemplo, a mente, a gente não pensa tanta besteira, ta aí trabalhando né, tá trabalhando e não pensa em fugi, ajuda um monte , o serviço é muito bom na cadeia.... Eles ficam mais quieto, si ...antes eles brigavam (pausa) por algum xingamento, depois do trabalho eles evitam e daí por diante, é eles ficam mais calmo né, vem trabalha, já sai da galeria, num escuta tanta fofoca, não escuta tanta mentira, tá aqui na frente trabalhando, já não , já sai , já daquela rotina né... é assim." (D. 26 anos).

"Se a pessoa tá parada, tá com a mente desocupada, pode pensá em muita coisa. Pode pensá em fuga, pode pensá em, em prejudicar alguém, pode pensá em briga, a pessoa fica muito nervosa, qualquer coisinha já é motivo de briga, né." (H. 25 anos)

"Eu acho importante, eu acho trabalho importante, muito importante, mas eu acho que tem pessoas que não pode trabalhá. Então prá colocar uma pessoa no trabalho, tem que ser um trabalho que tem que sê, um trabalho muito sério. Vocês vão te que contá com a ajuda de presidiários, pessoas que vocês possam confia, tá entendendo? As pessoas que começam a trabalhar, entre elas, o relacionamento entre elas é muito melhor, do que as outras que não

trabalham. Se relaciona melhor, trata melhor, porque elas vêem que, embora elas não desenvolvam o trabalho dela, elas vêem você trabalhando, então aquilo, em certos momentos, não todos os momentos, em certos momentos, ela pensa assim: "pô eu não to trabalhando legal, mas o cara tá se desdobrando em trabalhar. Então elas ficam um pouquinho melhor. É igual uma firma, numa firma quem briga? por mais que a pessoa tenha desavença, ali dentro da firma ninguém vai briga, tá entendendo? E na rua pode se até que eles briguem na rua, porque eles tão indo prá casa, mas na cadeia eles não vão tá indo prá casa, eles não tá vivendo igual, então não vai pode have briga, não deixa o cara pensar em outras coisas, em ou fugir, ou brigar, e desgasta o preso, preso tem que ser desgastado, ele tem que tá cansado, ele tem que chegá no final do dia só tem que pensá numa coisa, eu quero dormi que eu tô cansado, tenho que trabalhá amanhã. Só isso, porque ficá numa galeria trancado sem fazê nada é, é, acho é terrível. Então o regime vai melhora e muito." (F. 27 anos).

"...tem pessoas que não querem trabalhá, são aquelas pessoas que não querem trabalhá na rua e não querem trabalhá na cadeia. E que eles tão ali exclusivamente pra estragá com o trabalho, que é uma das coisa boa, entende...tem aquela mentalidade, "eu não vim pá cadeia pa trabalhar eu não tenho que trabalha eu acho que aquelas pessoas que não trabalhavam e que não queriam trabalhar, não vão trabalhá. Pode até sê que, em determinado tempo, as atitudes dela mude, mas o que tá na tua índole, não vai mudá. A hora que ela tivé oportunidade, a ocasião faz o ladrão." (F. 27anos).

"Por causa que daí ele começa a trabalhar e começa a ter medo de, de perde aquele servicinho. Então a senhora pode faze uma pesquisa assim, dentro da, dessas oficinas nossa que nós temo aqui, e a senhora pergunta prá eles assim, que que voce acha do serviço, tu qué saí desse serviço? no que eles vão dize: não, não, não, é que eu necessito desse dinheirinho, é que eu necessito daquilo ali, e isso vai dá bom a remissão, então. O serviço ele é um tipo dum refúgio do medo, né porque se a senhora tivé trabalhando, a senhora tem que tê medo, no serviço a senhora se preocupa: "pô, eu tenho a roupa prá lava, mas eu tenho aquele serviço prá faze, então a senhora fica preenchendo e tirando o que não presta." (A.35 anos).

" eu por exemplo to assim, coisa que eu não, que eu não fazia, que eu não tava fazendo na rua, to fazendo dentro da cadeia, tá sendo ótimo, fazendo sapato, eu mesmo vô paga meus dentes." (K. 26 anos).

"A gente sente que o preso se alegra, se alegra, se alegra porque, uma que também, já vai te uma rendazinha final do mês que pode ajuda ele também né, que a gente aqui na cadeia, tem muitos presos que não tem visita, que não tem ninguém por si, então esse dinheirinho também ajuda, ajuda muito né, além da terapia que é prá cabeça da gente né... porque você fica "tem que fazê aquilo ali, eu tenho que fazê tal coisa lá" então aquilo ali vai desbaratinando a mente da pessoa né, você vai se enturmando no trabalho, i é por aí afora". (I. 47 anos).

"Não vou dizê que eu trabalho, porque esse dinheiro aqui num faz falta! faz falta, tanto é que eu prefiro trabalha e morá onde eu to, mas esse dinheiro me faz falta, porque me faz falta? porque é o dinheiro que ás vezes eu pago o telefone, que eu ligo prá minha casa ou

eu compro alguma coisinha pro meu xadrez que falta, e eu, eu, eu evito que a minha família traga alguma coisa prá mim que eu possa pagá, a maioria gasta, gasta dinheiro com cigarro, gasta dinheiro com porcaria, tá entendendo? e, e por aí, mas esse dinheiro me faz falta, me ajuda muito, tira minha cadeia, muito bem." (F. 27 anos).

"Por causa qui a gente tem, como tem uma, uma renda né, e tem como se mantê também em melhores condições né, e também tem uma ocupação né, tem trabalho, não fica pensando besteira, tá fazendo uma coisa né, não tá parado. Porque quem tá parado pensa besteira e tá trabalhando não, não tem tempo de, de pensa besteira né." (J. 19 anos).

"Através do trabalho a gente passa a enxerga tamém a nossa família, é o duro que elas dão do lado de fora. Esse trabalho tá servindo pá muita coisa, o dinheirinho que a gente ganha já ajuda a família tamém né, já fica até uma coisa muito mais legal ainda e a mudança que a pessoa qué mudá, qué mudá, que a pessoa tivé uma chance lá fora de chega e mudá, assim de arruma um emprego, eu sei que vai mudá né." (N. 33 anos).

"Não porque não tem continuação dotora. Aqui começa e aqui para. Ó tem pessoal lá de cima, lá na C, eles trabalham por gostar de trabalhar, porque lá na rua eles não tem como trabalhar. Se ele vai trabalhar lá na rua de tapeçaria, ele não tem como começar, vai começar de que jeito, vai roubar. Prá pode adquirir o material ele vai tê que rouba. Mas não só aqui dentro né, não é só aqui, ah. eu puxei 10 ano, como eu puxei aquela vez lá, puxei 8 ano trabalhando direto, desde o 1º dia que eu entrei na cadeia trabalhando, trabalhando, trabalhando. Aí saí da cadeia não tem mais serviço então qualé a tendência é voltá a delinqui." (A. 35 anos).

"Eu vo aproveita essa oportunidade, eu vo trabalha, vo trabalha, como eu falei eu pretendo ser um mini empresário pá pode ajudá meus companheiros que tá na cadeia, meus companheiro saí, eu pode, pode...se subé que eles tão saindo, pode pega eles e botá prá trabalha junto comigo que eu sei que aí eu to ajudando...um companheiro saindo dessa vida. Eu penso assim dona D. ." (N. 33 anos)

### *Trabalhar no quê?*

"Tipo, eu eu prá mim se despachante hoje, eu já não vo pode se mais quando eu saí da cadeia. Porque? porque eu tinha uma ficha limpa na polícia. Pá tu pode se credenciado, tu tinha que se limpo. Então hoje já so um, não so condenado, naturalmente vo se um condenado. Eu não vo pode faze o que eu vo faze, vo arruma um serviço prá mim, um serviço perante ao...comércio bom assim, progredi, se eu não for um autonômo, ou abri um próprio negócio meu, vai se muito difícil eu progredi na vida, a partir de hoje vai sê quase impossível." (H. 25 anos).

"Ah. eu logo saindo, por exemplo agora eu já tinha, eu já consegui dois serviços, que eu to pra sair novamente né e agora... trabalhar num serviço com um irmão meu e, esse meu irmão eu vo trabalha com obra, prédio, vô volta prá construção. Vô volta prá construção. Depois final de semana, durante a noite fazê artesanato que eu tô com bastante saída de

barco, essa coisa álias eu to vendendo bastante então, é tipo de forma de ganha um dinheirinho a mais né." (B. 29 anos).

"Consegui sim, tanto é que a 1ª vez eu saí e a minha sogra mesmo me deu uma banca de doces, foi onde eu comecei a trabalhar." (K. 25 anos).

"Porque eu to com 35 anos vo faze 36 ano, já pa trabalha numa carteira profissional, já é uma distância muito grande pá um futuro, ainda sem estudo, né, sem um grau, por exemplo um curso, ou nada, então a tendência é trabalha ou de servente ou de pintor, ou de faxineiro qualquer coisa mesmo serviço assim que é serviço de pobre mesmo como se diz né." (A. 35 anos).

"Eu penso de forma diferente, eu acho né, trabalho é bom, eu não tive também oportunidade de estudá prá ter um bom emprego, eu acho que deve ser difícil trabalha de empregado algum dia, eu to acostumado a ganha um poco mais de dinheiro, vô trabalha aonde sem estudo? meu negócio é continua com ferro velho mesmo né." (D. 26 anos).

"...porque eu não subê lê, num sube escreve, ter mais estudos.....isso aí um dia eu...eu não di importância quando era jovem. Falta. Falta de estudo, da profissão, de ter uma profissão, boa." (L. 28 anos).

"Saí da cadeia com várias proposta de emprego... quando eu botei o pé na rua desapareceram, ninguém mais queria me dá emprego, as pessoas que queriam me dá desapareceram, os outros que queriam sumiram, então eu naquela época, eu já tinha muito conhecimento no tráfico, porque eu era visto como uma pessoa muito boa, eu comecei a traficar rapidinho, quando saí da minha 1ª cadeia (F.27 anos).

"Fui trabalha com meu padrasto. Eu ia trabalha com meu...meu cunhado, meu cunhado era engenheiro, marido da minha irmã, então tava tudo tramado já pá mim pode trabalha com ele, ia trabalha em Angra dos Reis, com meu cunhado né, porque eu tava no....tamém tinha tomado a decisão di...trabalha né, de trabalha, arruma uma família, mas com isso tudo, meu cumprade aqui né, Florianópolis, aí telefonou.....mandou a carta prá lá prá mim vim prá cá, que aqui era legal tal, aí eu vim, eu vim prá cá, aí foi quando aconteceu isso tudo, essa tragédia toda qui...mataram ele.... (N. 33 anos).

" Eu fui trabalhar de pintor por conta própria, aliás, minto, eu saí, e no outro dia tava trabalhando com meu cunhado de ajudante de electricista, aí saí do meu cunhado, fui trabalhar com meu irmão mais velho, pintá uma empresa com meu irmão mais velho, que era, era a empresa T., cabei de pintá essa empresa, arrumei emprego na mesma empresa, fiquei..... 1 ano e pouco, quase dois anos, trabalhando ali, tinha ganho confiança do pessoal." (G. 35 anos).

"eu consegui um atestado de antecedentes criminal totalmente limpo, pessoas que me ajudaram, viram o meu esforço e me deram..." (G. 35 anos).

" Fiquei 1 ano e 4 meses na rua. Por conta própria, só por conta própria, nós trabalhamos com roupa, vendendo roupa né, i inventando essas coisas assim de autonomo né, coisinhas

do Paraguai, e sobrevivendo, até que chegou um dia que não deu, aí tive que apela também, pro tráfico, e aí endireitou um pouquinho a vida, montei o restaurante e parei.." (I. 47 anos).

"Eu no caso foi assim, eu saí da cadeia em Itajaí e aprontei um monte, fiquei um ano fazendo trambique, aí voltei ao normal, a te o que eu tinha antes, as minhas coisas né, meu carro bom, minha casa, voltei a te o que eu tinha e parei, e parei, aí depois de uns 6/7 meses que eu parei é que onde que saiu a preventiva prá mim voltá. Eu continuei no ferro velho, mas daí eu já tava comprando peças novas, com nota né, eu dei aquela pegada assim, eu me alevantei, eu parei, me estabilizei e parei né, parei com medo de voltá prá cadeia que eu sei que a cadeia é uma solidão danada, e eu parei, mas não adiantô mais, vim prá cadeia do mesmo jeito."(D. 26 anos,).

"Porque se a gente i atrás de emprego, i dizê que é uma carta de emprego prá leva pro Juiz, se tá em condicional ou um sistema assim, é difícil quem dá uma carta de emprego, eles pensam que vão roba, que vão apronta ali dentro, alguma coisa eles pensam, a dificuldade é essa que nós vivemo. Tem que volta a vida do crime (p). " (O. 28 anos).

trabalhei durante 4 anos, bem certos, eu não queria mais voltá para o crime, mas eu perdi trabalho em cima de trabalho por causa que eu era ex presidiário...o que me levou a ter que cometer crimes, daí eu casei, tive um filho e eu tinha que ter..., tinha responsabilidades com minha família, eu não minto, a R. tá aí, a senhora pode perguntar, eu cheguei, pedi ajuda prá ela, prá não rouba, cheguei a pedi ajuda prá ela, então você pode pergunta prá ela." (G. 35 anos)

## **A RELAÇÃO DE QUEM ESTÁ FORA COM QUEM ESTÁ DENTRO**

### *O que pensa o outro lá de fora sobre nós, que estamos aqui dentro.*

" Eu não consegui, procurei um tempo, não consegui, as coisas começaram a apertar, eu fui até a R., ela me cedeu uma vez uma, uma cesta básica, a senhora pode perguntar prá ela, a Lúcia também, uma vez me cedeu, que eu não queria voltá ao crime, chego um ponto que eu me cansei, não é, não vê hora de escape, que é coisa que é sua de direito, você quer trabalhar, você não qué mais nada, você começa a pedi, aí comecei te um desajuste, comecei usa droga, conversei com eles, tudo bem, vamos lá, um lance lá..., eu cansei, "pô, não querem um cara que trabalhe, eles querem um cara que róbe, então vô rouba".(G. 35 anos).

"Geralmente ele sai lá fora a comunidade se renega em aceita ele na sociedade, aonde ele entra a volta no mundo do crime, ou as veiz tá cum fome, ou vê um filho que tá com fome... Comigo foi quaje mais ou menos assim né, eu tinha saído e cometi um crime em legitima defesa, mas nunca tive intenção de volta ou prejudicá alguém né, na sociedade eu sempre procurei serviço, alguns davam, alguns não davam, mas de carteira assinada ninguém alcança prá gente né."(E. 22 anos)

"Eles fazem mais do que não é né dona D., , eles discriminam muito, né, a sociedade..., a maioria é...eles metem o pau, e um pouco tentá ajudá."(B. 29 anos).

"Pensam que aqui dentro é um bicho de 7 cabeças, que a prisão só tem maus elementos, mas não é nada disso. A sociedade né, que a senhora pode vê, se passa uma reportagem na TV, que a primeira coisa que eles falam, é marginal, é isso, roubô, roubô, matô, só eles não vê, eles não vê pô, o lado humano da pessoa, ele só vê pelo lado contrário, em vez de pará e pensá, e estudá o preso, eles não param, eles não escutam." (O. 28 anos).

"Ah! pá sociedade em si a...quem tá na cadeia é marginalizado né, então eles não distingue, os crimes né, prá eles qualquer um é marginal, desde a hora que está dentro de uma cadeia pública prá eles é marginal, não tem distinção, prá eles, todos é marginal, basta tá preso, é não importa se é inocente, se é culpado, eles não querem saber, tá preso...é marginal". (47 anos).

" eu acho que, eu acho não, eu tenho certeza, acho que, até o próprio ser humano age assim. Os que tão lá fora se sentem melhor que os que tão aqui dentro, muito melhor." Ah eles erraram, tanto é que tão pagando", entende. Mas se for averiguar do começo da vida da pessoa o que que levou ela a fazer isso até ela chegar aqui, vão ver que a situação não é por aí. E, a maioria das pessoas pensam que o que tem aqui dentro é só pessoas que não prestam. Muitos se engana, muitos se engana, e se engana erradamente porque, teve várias situações que eu vi até pessoas da carceragem tudo, senti mesmo prá pessoa ir embora. Depois que a pessoa passa a conhecer o, a realidade de algumas das pessoas que tem aqui dentro, que você..." (F. 27 anos).

"Ah, eles acham que quem é preso é...é bandido, é...marginal, não serve prá nada, sempre quando um diz, se fala em quem "Ah você ...lá na prisão lá na cadeia, na masculina né", sempre é ...ele diz que, eles não entendem a...a própria sociedade ela pensa que a gente não, não não não sabe fazer nada só, porque a gente tá aqui a gente é bandido não, não, não sabe fazer nada, i..então, pelo contrário, quem...muita gente que tá aqui sabe fazer bastante coisa ii...i..tem bastante conhecimento também, di...di...de profissão, de profissão né. (J. 19 anos)

" Eu acho que a maioria das pessoas que estão lá fora pensam daqui, da prisão, eu acho que é totalmente diferente do que o próprio preso daqui vê. Assim tipo. Ah! o presidiário, já tá preso mesmo, porque é um vagabundo, porque cometeu um erro, tem que ficar lá mesmo pagando e, (pausa) assim eu acho que ela quase, tenta até esquece mais às vez parece que mais que esquecida assim. Eu acho que é, pelo que eu já vi, pelo que eu já senti assim que, eu acho que mau visto assim, não tem bem como, muitas vezes lembrar de um presidiário. Digo isso talvez até de uma pessoa que não seja de uma família de um presidiário, né. Por elas, eles deixavam mais, esqueciam mais o presidiário." (C. 32 anos).

" muitos pensam que a prisão aqui é um inferno né, mas não, vai mudá porque as veiz a pessoa já é presa, a pessoa já fica assim desconfiada né, mas não, não tem que te desconfiança, tem quem dá oportunidade porque todo mundo merece uma oportunidade, merece uma oportunidade de mudá, poxa." (N. 33anos).

"Eu acho que eles pensam que é o bicho. Assim né, homem com homem transando, aquelas barbarias que eles pensam, que diz que aqui no fim aqui é o fim de um homem....Outra

forma, não é aquele clima que eles pensam na rua, lá é o terror, seu eu entrar lá vão me matar. Não é nada disso." (L. , 28 anos).

"É eles acham que o preso além de ter cometido o crime fica numa boa, não é assim..." (E. 22 anos).

"Eles pensam que aqui é um lixeiro. Isso aqui , isso aqui é aonde que a sociedade joga aqueles que eles não compreende. Aqui só vem quem não compreende." (A. 35 anos).

"A gente tem as visita de, da pastoral carcerária, da pastoral da igreja né, carcerária. Então, não é muitos mais tem muita gente que pensa em ajudá o preso, que o preso deve te uma segunda chance, e muitos acreditam que não, que o preso tem que pagá até o fim, pelo que ele fez né, então é uma coisa relativo, eu acredito que a maioria deve, deve ser a favor ao sistema, não ao preso né, ao sistema porque o preso mesmo, o próprio preso ele, ele fez, ele fez para que a população acredite dessa forma, ele mesmo criou essa situação, a pessoa sai da cadeia e, e rouba um vizinho do lado, então não adianta acredita e eu, eu não tiro a razão dele, eles tem que mais é procurá a segurança dele." (H. 25 anos).

"Deve acha muitas coisas ruim , coisa boa eles não vão pensá...isso é de certeza...Uma que jamais uma pessoa lá fora vai pensá o que se passa aqui dentro de uma cadeia, a senhora acha que na cabeça delas vai vim coisa boa? Prá mi, prá mim não passa, prá mim só vem coisa mal na cabeça, como é que eu vo lhe falá, (pausa), sim, por motivo de briga, pôr mais certas coisas que já passa na televisão né, tem um bocado de coisa que passa na televisão, então eles já sabem mais ou menos. (Pausa) Eu acho que sim, por mais que eles falam, o motivo..... se eles falam ééé...eu acredito que sim, é como eles pensam. Como eu pensei que jamais , eu tava até com medo de vir prá cá.....prá aquele lugar, eu prá mim eu nunca entrei, eu prá mim era um lugar perigoso, mas não é aquilo tudo." (M. 31 anos).

"AH! eu não vo dá emprego praquele ali porque ele é um drogado, de repente pode vir trabalha comigo aqui, me robá ou vem vende droga aqui dentro, ou a polícia batê aqui". é um lado das pessoas que a gente tem que respeitá, é o lado do medo, é o lado da... "Ah. mais porque eu paguei minha dívida com a sociedade", não tu pago com o juiz prá o promotor, mas pá sociedade a senhora nunca vai paga, fica esse coisa né, fica um peso grande, porque todo mundo vai cobra da senhora. No jornal o que que diz" ah fuga no presídio masculino", pá, aí no jornal na televisão quando cai um preso, "mais um marginal fora da sociedade" (jornal TV), mas ele não sabe porque aquela pessoa veio pa essa vida do crime." (A. 35 anos).

"Acho que elas pensam que..., pela gente tá preso, acho que elas pensam tudo de ruim né, não tem porque pensa algo bom, já tá preso, alguma coisa fez, e por essa alguma coisa que fez, é um mal elemento, todos acham assim. O que eu acho é o seguinte, que as pessoas que tão na liberdade são honestas, todos prá elas que tão preso, aqui dentro, cometeram delito pá tá preso, então, portanto, por ter cometido esse delito ter passado pelo lugar que tá passando, é um mal elemento. (K. 25 anos).

"Aí aconteceu um crime e prá sociedade ele é muito bárbaro né, envolveu a morte de um médico: "ah! porque teu crime é é bárbaro, teu crime é muito perigoso....Porque eu já vejo

que todo mundo, muita gente com chance, a justiça ela dá, dá chance mesmo prá quem , pra quem tem dinheiro, pobre mesmo é poucos que tem chance, é pouco. Eu acredito que no futuro vai te que mudá, vai se mudado, né, e não adianta eles criá crimes hediondo, percebe, porque não vai recuperar ninguém, não vai recuperar" (H. 25 anos).

""Porque a partir do momento que já tem uma culpa, que é errado, tudo que acontece cai prá cima das costas (pausa) dá gente, então o que que a gente tem de fazê, é tentá mostrá que tamo inocente, né. Prova! principalmente não é só o mostrá, é o prova, ai provando que tá inocente, aí como fica aquela pessoa que acuso você? que boto todo mundo contra você? hã? quer dize que essa pessoa tamén não tem um julgamento? não tem uma condena?, né por calúnia ou difamação?, quer dize, tudo bem a gente é errado, cometeu um delito, uma vez foi preso, saiu, depois aconteceu alguma coisa : "Oh eu acho que foi fulano de tal, fulano de tal saiu da cadeia" né, mas de boca, porque prová não consegue, aí sabe como é que é...boatos rolam, boatos rolam, quem já teve aqui já sujô já...fica sendo ele e aí enquanto não acha o culpado, não acha quem.... fez....tá frito. (B. 29 anos).

" a gente se sente discriminado né, porque se a pessoa que i acha um emprego, qué vive uma vida honesta, ninguém dá uma oportunidade prá essa pessoa, só sabe recrimina, eles não sabem explica o que a pessoa tem prá dizê. As vez tem que menti, que tem muitas pessoas que, fala, eu cheguei em ambiente assim, em algum bar, em bar principalmente dá minha cidade, e as pessoas tá falando de C. na cidade, e ninguém me conhece, não sabê que era eu, mas sabe que é um mau elemento, prá eles era um mau elemento, mas não é nada disso,e eu ficá e escutá sem pode faze nada., isso é o ruim da pessoa, a pessoa se sente humilhado né, se sente humilhado, se sente rebaixado né, eu acho assim né, penso assim né. (O. 28 anos).

"tu acha que uma, uma, um pai de família vai quere contratá, uma, uma empregada que foi ex-presidiária. Tá difícil pá botá, tipo, a pessoa tem um filho pequeno dentro de casa, tem esposa, tem os filhos, vai botá uma presidiária que passo envolvimento por droga ou por homicídio, é difícil." (H. 25 anos)

"A pessoa sabe que a gente já foi preso né Dona D., fica aquela desconfiança né, pô arrumei um trabalho, aí aquela desconfiança né...o pessoal desconfiando, uma desconfiança. porque acontecesse lá....iam botá a culpa em cima de quem, em cima de mim né, e aquele negócio, já fui preso, como é que eu vo prová, que o único ex presidiário lá era eu né, eu falei, eu vo saí...foi quando eu saí, mas deram a firma e assaltaram, assaltaram a firma, sorte que eu não tava lá né, e os cara que tava , que tinha dado pá assalta a firma, tudo trabalhando lá, tudo gente honesta da sociedade". (N. 33 anos).

"Difícil né dona D. todo mundo desconfia né, várias pessoas já desconfiam, não dão serviço porque o cara era preso né, vagabundo, diz que é vagabundo, desconfia né. Se dão serviço já dão desconfiado né E assim a gente trabalha com, com mau gosto, insatisfeito porque tem uma pessoa cuidando da senhora, a senhora já foi detento. (L. , 28 anos).

"Porque eu já, por exemplo, uma vez perdi de trabalha num restaurante de ajudante, o moço queria muito um ajudante e eu fui lá, a hora que eu cheguei lá ela pediu minha ficha corrida né, a hora que ela viu minhas passagens, ela disse., "ó, ex presidiário nós não pegamo não",

ela bem assim "por mim eu até aceitava, mas a dona ela discrimina ex presidiário", aonde eu só baixei minha cabeça e aquilo fico guardado na mente e saí né, cabeça baixa, logo chegô outro cidadão e arrumo serviço né, no mesmo local." (E. 22 anos).

"A senhora, pode sair daqui, a senhora como psicóloga que é pode sair daqui um dia, e ir na empresa, procura um emprego, a hora que a senhora for fazer a ficha, a senhora minta, diga que e ex - presidiária (p), a senhora vê só qual que é a reação: "Ah, não temos mais vaga", " a vaga já foi preenchida", ou até deixam você preenche a ficha, mas nunca vão te chamar" (G. , 35 anos).

"Por que acontece aqui, ó, são tudo preso, né então já fica só o fato de se preso já tem uma mancha, uma sequela no corpo, e o que acontece, essa sequela lá na rua ela vai, ela vai dá resultado, ela vai aparece as mancha... ficou um, uma marca muito, uma sequela muito grande, né, todos os efeitos, por mais que eu seja honesto, que venha a modificar, eu prá eles eu nunca vou modificar. Quem é traficante, é traficante pra sempre, quem é ladrão é ladrão pra sempre, né É como aconteceu, de eu tá indo pra casa, descendo o morro com a minha filha, eles tava subindo, é o seguinte, eu de short, sem camisa eu fui encostado na parede pá "V. encosta na parede aí" "encosta na parede" e tem que enconstá, aí vieram, meteram a mão no bolso, tiraram dinheiro, "de quem é esse dinheiro?" eu assim, "esse dinheiro é meu". "Aí, a não, vamo ve aí", pá, passaram a mão nas parte, bá, passaram a mão em todo canto, não tinha nada". (A. 35 anos).